



Volumes publicados:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — OLIVEIRA VIANA: Raça e Assimilação.
 8 — OLIVEIRA VIANA: Populações Mestiças do Brasil.
 9 — NINA ROBERTSON: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado.
 22 — E. ROQUETTE-PINTO: Ensaio da Antropologia Brasileira.
 27 — ALFREDO ELLIS JÓNSEN: Populações Paulistas.
 30 — ALFREDO ELLIS JÓNSEN: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
 188 — ALFRED RAMOS: O Negro Brasileiro — 1.º volume — "Etnologia Religiosa" — 2.ª edição ilustrada.

ARQUEOLOGIA E PRÉHISTÓRIA

- 31 — ANTONIO COSTA: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.
 137 — ANÍBAL MATOS: Pré-história Brasileira — Vários Estudos — Ed. ilustrada.
 145 — ANÍBAL MATOS: Peter Wilhelm Leoni no Brasil — Problemas da Paleontologia Brasileira — Ed. ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — PAULINA CALÓGERAS: O Marquês da Barbacena — 2.ª edição.
 11 — LUIZ DA CÂMARA CASARDO: O Conde d'Eu — Vol. ilustrado.
 107 — LUIZ DA CÂMARA CASARDO: O Marquês de Olinda e seu tempo — (1793-1879) — Edição ilustrada.
 18 — VISCONDE DE TAUNAY: Pedro II — 2.ª edição.
 20 — ALBERTO DE FARIA: Mamã (com três ilustrações fora do texto).
 54 — ANTONIO GENTINO DE CARVALDO: Calógeras.
 65 — JOÃO DOMINGOS FILHO: Silva Jardim.
 73 — LÓCIA MIGUEL-PEREIRA: Machado de Assis — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição ilustrada.
 70 — CHAVEZINO COSTA: O Visconde de Sinimbué — Sua vida e sua atuação na política nacional - 1810-1889.
 81 — LEMOS BRITO: A Gloriosa Sotahada do Príncipe Imperial — Frei Caçoca — Edição ilustrada.

- 85 — WANDELEY PINHO: Cotegino e seu tempo — Ed. ilustrada.
 88 — HÉLIO LOBO: Um Varão da República: Fernando Lobo.
 114 — CARLOS SOUSAZINA DE MENEZES: Sílvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.
 119 — SOD MENEZES: O Precursor do Abolicionismo Luiz Gama — Ed. ilustrada.
 120 — PEDRO CALMON: O Rei Filósofo — V. da de D. Pedro II — 2.ª Edição ilustrada.
 123 — HEITOR LYRA: História de Dom Pedro II - 1825-1891 — 1.ª Vol.: "Ascensão" — 1825-1879 — Ed. ilustrada.
 133-A — HEITOR LYRA: História de Dom Pedro II — 1825-1891 — 2.ª Vol.: "Fustígio" (1870-1880) — Ed. ilustrada.
 133-B — HEITOR LYRA: História de Dom Pedro II — 1825-1891 — 3.ª Vol.: "Declínio" — 1880-1891 — Ed. ilustrada.
 135 — ALBERTO PIZANNO JACOBINA: Dias Carneiro (O Conservador) — Ed. ilustrada.
 136 — CARLOS FONTES: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) — 1830-1875.
 140 — HERMES LIMA: Tobias Barreto — A Época e o Homem — Ed. ilustrada.
 143 — BRUNO DE ALMEIDA MACALHÃES: O Visconde de Albuquerque — Ed. ilustrada.
 144 — V. CORRÊA FILHO: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do grande Naturalista Brasileiro — Ed. ilustrada.
 153 — ANÍBAL MATOS: Machada de Assis — (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). — Ed. ilustrada.
 157 — ORÁVIO FARQUINHO DE SOUSA: Evaristo da Veiga — "Homens da República" — Ed. ilustrada.
 169 — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADE E SILVA: O Patriarca da Independência — Dezembro 1821 a Novembro 1823.
 177 — JONATAS SERRANO: Farfão Brito — O Homem e a Obra.
 182 — ARONSO SCHMIDT: A vida de Paulo Eiré — Seg. da de uma Coleção de suas Fœccias organizada por José Gonçalves.
 183 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: A gloria de Euclides da Cunha — Edição ilustrada.
 198 — FELIX CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE MELLO: Memórias de um Cavaleiro — Introdução de Gilberto Freyre — Edição ilustrada.

BOTANICA E ZOOLOGIA

- 71 — E. F. HOARNE: *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e Contribuições).
77 — C. DE MELO-LEITÃO: *Zoo-Geografia do Brasil* — Edição ilustrada.
99 — C. DE MELO-LEITÃO: *A Biologia no Brasil*.

CARTAS

- 12 — WANDERLEY PINHO: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão do Cotegipo* — Ed. ilustrada.
38 — RUI BARROSA: *Mocidade e Exílio* (Cartas inéditas prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. Ilustrada.
61 — CONDE D'EU: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleiss) — Edição ilustrada.
109 — GONÇALVES RANDEZ: *D. Pedro II e o Conde de Goheneau* (Correspondência inédita).
142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: *Euclides da Cunha e seus Amigos* — Edição ilustrada.
194 — PE. SCHAFFIM LEITE: *Novas Cartas Jesuíticas* (De Nóbrega a Vieira).

DIREITO

- 110 — NINA RODRIGUES: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com um estudo de Prof. Afrânio Peixoto.
165 — NINA RODRIGUES: *O Aliequeto no Direito Civil Brasileiro* — 3.ª Edição.

ECONOMIA

- 60 — ALFREDO ELLIS JÚNIOR: *Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Edição Ilustrada.
100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: *História Econômica do Brasil* — Ed. Ilustrada em 2 tomos.
152 — J. P. NORMAND: *Evolução Econômica do Brasil* — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Peixoto Rodrigues e L. Bráulio Teixeira.
155 — LEMOS DUTRA: *Pontos de Partida para a História Econômica do Brasil*.
160 — LUIZ AMARAL: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 1.º Volume.
160-A — LUIZ AMARAL: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 2.º Volume.
162 — BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA: *O Pau-Brasil na História Nacional* — Com um capítulo de Artur Neiva e parecer de Oliveira Vianna — Ed. Ilustrada.

183 — OSÓRIO DA ROCHA DENTZ: *O Brasil em face dos Impertalismos Modernos*.

- 184 — GERALDO ROCHA: *O Rio São Francisco — Fator precípua da existência do Brasil* — Edição Ilustrada.
187 — MANUEL LURAMBO: *Capitais e Grandeza Nacional*.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º Volume — 1823-1853.
— PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º Volume — Reformas do Ensino — 1854-1888.
121 — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e o Império* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume — 1854-1889.
147 — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º Vol. Das Amazônias às Alagoas.
147-A — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1825-1889 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.
147-B — PRIMITIVO MOACIR: *A Instrução e as Províncias* (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º Volume: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
98 — FERNANDO DE AZEVEDO: *A Educação Pública em São Paulo* — Problemas e Discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1920).

ENSAIOS

- 1 — BATISTA PEREIRA: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição.
6 — BATISTA PEREIRA: *Valores e opiniões do Brasil* — 2.ª edição.
26 — ALBERTO RANDEL: *Humos e Perspectivas*.
41 — JOSÉ-MARIA BELO: *A Inteligência do Brasil* — 3.ª edição.
43 — A. SÁBOLA LIMA: *Athetto Torres e sua obra*.
50 — CHARLES EXPILEY: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e notas de GUSTAV PENNYLVA.
70 — AFRONSO ARINOS DE MELO FRANCO: *Conceito da Civilização Brasileira*.
82 — C. DE MELO-LEITÃO: *O Brasil visto pelos Ingleses*.
105 — A. C. TAVARES BASTOS: *A Província* — 7.ª edição.
151 — A. C. TAVARES BASTOS: *Os males do Presente e as esperanças do Futuro* (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano TAVARES BASTOS.

- 116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: Estudos Plausíveis — Edição ilustrada.
150 — ROL NATH: A Conquista do Brasil — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.
160 — E. ROQUETTE-PINTO: Enxergas Brasileiras — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

- 30 — E. ROQUETTE-PINTO: Kondôia — 3.ª edição (a primeira é ilustrada).
34 — ESTEVÃO PINTO: Os Índios do Nordeste — "Com 1.ª gravuras e mapas" — 1.ª Tomo.
112 — ESTEVÃO PINTO: Os Índios do Nordeste — 2.ª Tomo (Organização e estrutura social dos índios do nordeste brasileiro).
52 — GENERAL COSTA DE MAQUALLES: O selvagem — 4.ª edição completa, com texto original Tupi-guarani.
60 — EMÍLIO RIVAZZANI: A vida dos índios Guaicurus — Edição ilustrada.
75 — AROSCO A. DE FREITAS: Vocabulário Nheungatá (vermelhada pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).
92 — ALMIRANTE ANTÔNIO ALVES CAMARA: Enxerga sobre as Construções Navais Índias do Brasil — 2.ª edição ilustrada.
101 — HERBERT BALBUS: Enxergas da Etnologia Brasileira — Prefácio do Alonzo de E. Taubay — Edição ilustrada.
139 — AVACOME COSTA: Migrações e Cultura Indígena — Enxergas da arqueologia etnológica do Brasil — Edição ilustrada.
284 — CARLOS FR. FRILL VON MANNICH: Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1834) — Trad., Prefácio e Notas de Pirajá da Silva. — Ed. ilustrada.
163 — MAJOR LIMA FLORENTINO: Índios do Brasil — Prefácio do General Rondon — Edição ilustrada.
156 — EMÍLIO WILLEMS: Assimilação e Populações Marginais no Brasil — Estudo sociológico dos migrantes germânicos e seus descendentes.

FILOLOGIA

- 26 — MÍNIO MARROQUIM: A Língua do Nordeste.
46 — RENATO MENDONÇA: A Influência Africana no Português do Brasil — Edição ilustrada.
104 — BERNARDO JOSÉ DE SOUSA: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.ª edição da "Oronômica Geral da Geographia Brasileira".
178 — ANTON NETVA: Estudos da Língua Nacional.
179 — EDUARDO SANCHEZ: Língua Brasileira — 1.ª Tomo.

FOLCLORE

- 67 — FLÁVIO RODRIGUES VALE: Elementos do Folclore Musical Brasileiro.
103 — SOFIA CALMON: Mitos Africanos no Brasil — Edição ilustrada.

GEOGRAFIA

- 30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: Pelo Brasil Central — Ed. ilustrada, 2.ª edição.
33 — J. DE SAMPAIO FERREZ: Meteorologia Brasileira.
35 — A. J. SAMPAIO: Fitogeografia do Brasil — Ed. ilustrada — 2.ª edição.
53 — A. J. DE SAMPAIO: Biogeografia dinâmica.
45 — INSTITUTO DE MAQUALLES: Exponção Geográfica do Brasil Cultural.
63 — RAIMUNDO MORAIS: Na Planície Amazônica — 5.ª edição.
89 — OSVALDO R. CAVALI: Santa Catarina — Edição ilustrada.
85 — ADELINO PINHEIRO: A Margem do Amazonas — Edição ilustrada.
61 — CELSO M. DE CARVALHO: O Rio da União Nacional e o São Francisco — Edição ilustrada.
97 — LIMA FLORENTINO: Oeste Paranaense — Edição ilustrada.
104 — ARAÚJO LIMA: Amazônia — A Terra e o Homem (Introdução à Antropogeografia).
198 — A. C. TAVARES BASTOS: O Vale do Arinos — 2.ª edição.
138 — GUSTAVO DORT: Descrição dos Rios Paraíba e Gurupi — Prefácio e notas do Gustavo Bastos — Ed. ilustrada.

GEOLOGIA

- 102 — S. FÉLIX ALVES: A riqueza mineral do Brasil.
174 — PANDIÁ CALMON: Geologia Econômica do Brasil (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º — Distribuição geográfica dos depósitos auríferos — Edição refundida e atualizada por Djalmá Guimarães.

HISTÓRIA

- 10 — OLIVEIRA VIANA: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição ilustrada.
13 — VICENTE LOPES CALMON: A margem da História do Brasil — 2.ª edição.
14 — PEDRO CALMON: História da Civilização Brasileira — 4.ª edição.
42 — PEDRO CALMON: História Social do Brasil — 1.ª Tomo: Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição, 1.ª tirada (com 13 gravuras).
53 — PEDRO CALMON: História Social do Brasil — 2.ª Tomo: Espírito da Sociedade Imperial — Edição ilustrada — 2.ª edição.

173 — PEDRO CALMON: *História Social do Brasil* — 3.º Tomo: A Época Republicana.

176 — PEDRO CALMON: *História do Brasil* — 1.º Tomo: "As Origens" — 1600-1600.

18 — PANDA CALÓGERAS: *Da Regência à queda de Rozas* — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

42 — PANDA CALÓGERAS: *Formação Histórica do Brasil* — 3.ª edição tem 3 mapas fora do texto.

23 — EVARISTO DE MORAIS: *A escavidão africana no Brasil*.

36 — ALFONSO ELLIS JÚNIOR: *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano* — 2.ª edição.

37 — J. P. DE ALMEIDA PRADO: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (2.ª edição ilustrada).

47 — MANUEL BOMFIM: *O Brasil* — Com uma nota explicativa do Carlos Maul.

48 — URSINO VIANA: *Bandeiras e sertanistas Ruínas*.

49 — GUSTAVO BARROSO: *História Militar do Brasil* — Ed. ilustrada (com 50 gravuras e mapas).

78 — GUSTAVO BARROSO: *História secreta do Brasil* — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — 3.ª edição (ilustrada).

84 — GILBERTO FREIRE: *Sobrados e Mucumbos* — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.

69 — PRADO MAIA: *Através da História Naval Brasileira*.

69 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: *As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil*.

93 — SERAFIM LIXTE: *Páginas da História do Brasil*.

94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: *O Fico* — Minas e os Mitocondes da Independência — Edição ilustrada.

108 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA: *Por Brasil e Portugal* — Serões esmaltados por Pedro Calmon.

111 — WASHINGTON LUIZ: *Capitanias de São Paulo* — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.

117 — GAUBIEL SOARES DE SOUSA: *Traçado Descritivo do Brasil em 1507* — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª edição.

123 — HERMANN WÄTZEN: *O Domínio Colonial Holandês no Brasil* — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celes Uelha Cavalcanti.

124 — LUÍZ NORTON: *A Corte do Portugal no Brasil* — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.

125 — JOÃO DONNAS FILHO: *O Padrao da Igreja Brasileira*.

127 — ERNESTO ENNIS: *As Guerras nos Palmares* (Subsídios para sua História) — 1.ª Vol.; Domingos Jorge Velho e a "Tropa Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

128 e 128-A — ALACRANTE COSTA: *Jose de Melo, O Governo Provisório e a Revolução de 1893* — 1.º Volume, em 2 tomos.

132 — SEBASTIÃO PADANO: *O Condo dos Arcos e a Revolução de 1817* — Edição ilustrada.

140 — AUGUSTO PINZ: *Homens e fatos do meu tempo*.

149 — ALVARO VALADÃO: *Da aclimação à malariedade* — 1822-1840 — 2.ª edição.

168 — WALTER SPALDINO: *A Revolução Farrapoilha* (História popular da grande decisão) — 1835-1846 — Edição ilustrada.

159 — CARLOS SEIGLER: *História das Guerras e Revoluções do Brasil, de 1825-1835* — Trad. de Alfredo de Carvalho — Prefácio de Sílvio Cravo.

163 — PADRE FERNÃO CARDIM: *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* — Introduções e Notas de Batista Cantano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.ª edição.

170 — NELSON WERNECK SODRÉ: *Panorama da Segunda Império*.

171 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: *Estudos do História do Brasil*.

174 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: *O Café* — Na História, no Folclore e nas Belas-Artes.

180 — JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES e JOAQUIM RIBEIRO: *Civilização Holandesa no Brasil* — Edição ilustrada.

181 — CARVALHO FRANCO: *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo*.

185 — WALTER SPALDINO: *A Invasão Paraguai no Brasil* — Documentação inédita — Edição ilustrada.

189 — ALFONSO ELLIS JR.: *Feljó e a Primeira Metade da Século XIX*.

191 — CRAVEIRO COSTA: *A Conquista do Deserto Ocidental* — Subsídios para a história do Território do Acre — Edição ilustrada — Introdução e notas de Abguar Bastos.

MEDICINA E HIGIENE

79 — JOSÉ DE CASTRO: *O problema da alimentação no Brasil* — Prefácio do prof. Pedro Escudora — 2.ª edição.

61 — OTAVIO DE FREITAS: *Doenças oftálmicas no Brasil*.

120 — AFRÂNIO PEREIRO: *Clima e Saúde* — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLÍTICA

3 — ACCÍDIO GENTIL: *As idéias de Alberto Torres* — (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.

7 — BATISTA PEREIRA: *Discursos de Rui Barbosa* — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.

21 — BAPTISTA PEREIRA: Pelo Brasil Maloz.

16 — ALBERTO TÔRRES: O Problema Nacional Brasileiro — 2.ª edição.

17 — ALBERTO TÔRRES: A Organização Nacional — 2.ª edição.

24 — PANDIÁ CALÓGERAS: Problemas de Administração — 2.ª edição.

67 — PANDIÁ CALÓGERAS: Problemas de Governo — 2.ª edição.

74 — PANDIÁ CALÓGERAS: Estudos Históricos e Políticos (Res Nostra. .) — 2.ª edição.

31 — ARYEDO AMARAL: O Brasil na crise atual.

80 — MÍRIO TRAVANÇOS: Projecção Continental do Brasil — Prefácio do Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.

65 — HILDEBRANDO ACCIOLY: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.

131 — HILDEBRANDO ACCIOLY: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 9 capas fora do texto.

84 — ORLANDO M. CARVALHO: Problemas Fundamentais do Município — Edição ilustrada.

90 — OSÉRIO DA ROCHA DINIZ: A Política que convém ao Brasil.

115 — A. C. TAVARES BASTOS: Cartas do Solitário — 3.ª edição.

122 — FERNANDO SABOTA DE MENEZES: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.

141 — OLIVEIRA VIANA: O Idealismo da Constituição — 2.ª edição aumentada.

169 — HELIO LONO: O Pan-Americano e o Brasil.

172 — NESTOR DUARTE: A Ordem Fevada e a Organização Política Nacional — (Contribuição à Sociologia Política Brasileira).

192 — VISCONDE DE CARNAXIDE (Antonio de Sousa Pedrosa de Carnaxide): O Brasil na Administração Pernambucana — (Economia e Política Externa) — Prefácio de Afrânio Peixoto.

VIAGENS

5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda Viagem ao Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822) — Trad. e prefácio de Alfredo de E. Toulouy — 2.ª edição.

68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem à Província de Santa-Catarina (1820) — Trad. de Carlos da Costa Pereira

68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Fran-

cisco e pela Província de Goiás — 1.ª tomo — Tradução e notas do Cláudio Ribeiro de Lessa.

73 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.ª tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.

72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.

126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas do Cláudio Ribeiro de Lessa.

107 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azevedo Posa — 2.ª edição ilustrada.

19 — ARONSO DE E. TAUNAY: Visitantes do Brasil Colonial (Séc. XVI-XVIII), — 2.ª edição

28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: Viagem ao Araguaia — 4.ª edição.

32 — C. DE MELO-LEITÃO: Visitantes do Primeiro Império — Edição ilustrada (com 10 figuras).

62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.

95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ: Viagem ao Brasil — 1865-1868 — Trad. de Edgar Sössekind de Mendonça — Edição ilustrada.

113 — GASTÃO CAULS: A Amazonia que eu vi — Obidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Requette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.

118 — VON SPIEX e VON MAITIOS: Através do Belo — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

130 — MAJIA FREDERICO RONDON: Na Rondônia Ocidental — Ed. ilustrada.

145 — SILVEIRA NETO: De Guairá aos Saltos de Iguaçu — Ed. ilustrada.

159 — ALFRED RUSSEL WALLACE: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Tôres e prefácio de Helio de Magalhães.

161 — REZENDE RUDIM: Reservas de Brasilidade — Edição ilustrada.

196 — CEL. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES: Pelos Seteais do Brasil 2.ª edição ilustrada.

197 — RICHARD F. BURTON: Viagens nos Pinnáculos do Brasil (1866) — 1.ª Tomo — Do Rio de Janeiro a Morro Velho — Tradução de Américo Jacobina Lacombe — Edição ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da *Companhia Editora Nacional*

RUA DOS GUSMÃES, 639 — SÃO PAULO

CARLOS RUBENS

*

PEQUENA HISTORIA
DAS
ARTES PLASTICAS
NO BRASIL

*

EDIÇÃO ILUSTRADA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — FORTIL-ALEGRE

1941

OBRAS DO AUTOR

PUBLICADAS

- Resurreição* — Contos e crônicas.
Versos de Glaura — (Edição íntima).
Impressões de Arte — Pintura e Esculptura.
J. Baptista da Costa — Perfil de um artista.
Tarantula — Contos.
Ramo de acácia — Trechos de prova.
O que as mulheres não contam — Contos.
As artes plásticas no Brasil — (Resumo histórico
Anderson — pae da pintura paranaense.

INEDITAS

- Sedra verde* — Vários escriptos.
O amor e as mulheres — Novellas.

BIOGRAPHIAS

- VICTOR MEIRELLES, sua vida e sua obra.*
Vida e gloria de JOÃO BAPTISTA DA COSTA.

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

PRIMEIRA PARTE

Prefacio

Esta pequena historia não occupará, a meu juizo, logar na bibliographia nacional, nem siquer tentará ser um esboço da actividade artistica no Brasil de hontem ou de hoje. Tem muito de pretensão e vaidade no titulo.

E' evidente que sobre a materia, anda quasi tudo esparso e obscuro e, afinal de contas, ignorado. Perderam-se sob o indifferentismo dos administradores, alheios sempre á educação artistica das massas, thesouros de arte de todos os tempos, não sendo facil o conhecimento dos nossos artistas, alguns mesmo de diminuta obra e escassa referencia.

Sem criticos profissionaes ou imprensa especializada e num meio de ordinario hostile ao seu florescimento, as artes plasticas sentiram de continuo a falta de historiadores e criticos de profissão, de conhecedores e apaixonados, donde o ingente labor dos que se dedicam a sem fins ao seu estudo, procurando descobrir informes, encontrar producções, deparar livros que elucidem e orientem.

Não se conclúa dahi que possamos comprovar a ausencia absoluta de historiadores e commentadores de lei, tantos foram os que sem preoccupações de escolas e sem dogmatismo, procuraram comprehender e sentir a arte, viram-na como resultado do ambiente social contemporaneo, fixaram-lhe as tendencias, examinando-a como manifestações individuaes na sociedade em formação ou de demorado evoluir.

Verifica-se mesmo que a critica nasceu com Manoel de Araujo Porto-Alegre que nos legou preciosissimos elementos de orientação, resultado de meticulosas pesquisas e directas observações desde os pintores do seculo XVII, nas paginas do *Ostentor Brasileiro*, do *Iris*, da *Minerva Brasiliense*, da *Guanabara*, da revista do Instituto Historico e em publicações dispersas.

E' elle quem inicialmente trata de Frei Ricardo do Pilar, dos pintores coloniaes e revela es artistas que surgem no seu tempo, deixando testemunhos de primeira mão, sem os quaes a historia da arte seria ainda mais mofina — sua critica imprimindo uma orientação louvavelmente brasileira.

A Porto-Alegre succedem, no commentario, na chronica e na biographia, homens de letras como Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Sebastião Ferreira Soares, Moreira de Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Marques Pinheiro (F. B.) Bettencourt da Silva, Padre Silverio de Souza, Felix Ferreira, Barão Homem de Mello, Antonio da Cunha Barbosa, Rangel S. Paio, que escreveu uma obra sobre a *Batalha dos Guararapes*; Jacy Monteiro, José Leão, Carlos de Laet, Laudelino Freire, Moreira de Vasconcellos, João Luso, Victor Viana, Chermont de Britto, Angyone Costa; na critica profissional, Gonzaga Duque, Carlos Americo dos Santos, M. Nogueira da Silva, autor de *Pequenos estudos de arte e Artistas de hoje*; Raul Pederneiras, Flexa Ribeiro, Mattos Cardoso, Julio Medeiros, Tapajoz Gomes e Terra de Senna — todos acompanhando a vida dos artistas, dizendo-lhes das exposições, ouvindo-lhes as queixas e os sonhos, estimulando-os, assistindo-lhes o martyrio sem consolo e a gloria ephémera.

De somenos importancia não foi a contribuição dos que nos esclareceram quanto á arte dos indios haibeis de Marajó, sobre os que levantaram os templos

jesuitas em missões, sobre os artistas holandezes — e de outros que na cathedra, em jornaes, monographias e conferencias se occuparam do assumpto, destacando-se dentre elles João Maximiano Mafra, Mello Moraes, Eduardo Prado, Emilio Rouéde, Araujo Viana, Affonso d'Escragnolle Taunay, Cardoso de Almeida, Luiz Guimarães Junior, Max Fleiuss, Antonio Parreiras, Frei Pedro Sinzig, Basilio de Magalhães, Ronald de Carvalho, Gastão Penalva, Argeu Guimarães, F. M. Mascarenhas Annibal Mattos, Jarbas de Carvalho, Adalberto Mattos. . .

Seguem-se-lhes, chegando seus nomes até nós, fulgurantemente, Manoel Querino com um livro raro, *Artistas bahianos*, e seus conterraneos Carlos Chiacchio, Accacio França, Sílio Boccanera Junior e Raphael Barbosa; Sotto Mayor, F. A. Pereira da Costa, Ayres Gama e Oliveira Lima, de Pernambuco; *Joafnas*, João Affonso do Nascimento e Alfredo Souza, do Pará; Rodrigo Brêtas, biographo do *Aleijadinho* e Diogo de Vasconcellos, de Minas, e alguns mais que indicaram roteiros, apontaram caminhos, deram ensanchas a investigações e confirmações, orientaram e ensinaram, prestando auxilio a mais e mais a quem se proponha a conhecer e estudar de fito as artes nacionaes.

A esta altura já é tempo de voltarmos a Gonzaga Duque. Este foi o mestre por excellencia, da critica de arte. De actividade fecunda e benefica. Orientador e constructor. Artista, com um vivo sentimento do Bello, retoma no crepusculo da Monarchia a penna de antecessores preciares e investiga, analysa, revela, censura, enaltece, escreve sobre quadros e esculpturas durante annos á farta, na imprensa e no livro e traça a historia da arte num volume que ninguem diz expurgado de falhas (tanto a nossa obra é humana!), mas que todos podem affirmar ser a melhor e quasi unica sobre as

artes plasticas no Brasil até o fim do segundo reinado. (1).

Foi na aprendizagem desses historiadores, escriptores e criticos; seguindo-lhes o rumo e as pégadas, tomando-lhes as lições, vendo e ouvindo, colligindo, joeirando, reunindo e estudando, que compuz este livro. Procurei, tanto quanto possível, concorrer para maior divulgação dos nossos artistas, facilitando indicações e pesquisas, avivando traços, recompondo figuras e destacando valores.

Só o proposito de servir á arte, animou-me a emprehendimento tão digno de melhor realizador. Certo estou de que não fiz obra perduravel.

E' possível, porem, que alguma vez, supprindo deficiencias de informação ou lapso de memoria, ella não seja de todo inutil e talvez até (ainda vaidade minha!) possa justificar o titulo.

Talvez.

Rio de Janeiro de 1938.

CARLOS RUBENS.

(1) LUIZ GONZAGA DUQUE-ESTRADA. Rio de Janeiro, 1863-1911. Deixou: *Art. Brasileira* (1888), *Graxes & Frangos* (1910) e *Contemporaneas* (publicação posthuma, 1929). Livros que publicou sobre o titros assumptos: *Dina de casa* (1893), *Revoluções Brasileiras* (1898), *Mocidade morta* (1899), e *Horto de maguas* (publicação posthuma, 1915). Fundou e dirigiu varias revistas de arte e lettras, destacando-se como notavel escriptor symbolista. Patrocina duas cadê'tras, uma na Academia Amazonense de Lettras, occupado pelo esplendoroso talento de Pêrcles Moraes e outro na Academia Carioca de Lettras, obscuramente occupada pelo autor deste livro.

Origens

A arte brasileira nasceu do elemento aborigene. Sem velhas civilizações como as do Perú e do Mexico, resurrectas ainda contemporaneamente, tinha de surgir na espontaneidade ingenua do proprio rudimentarismo.

A manifestação da arte dos indios não podia deixar de ser a architectura, como expressão da imperiosa necessidade de abrigo ou de repouso na morte e a qual serviu de base a pesquisas dos estudiosos sobre o homem prehistorico. A arte repontou das cavernas, das habitações rudes e primitivas de que nasceu a architectura. Da necessidade de defesa creou o selvicoia o primeiro tecto e o tumulo.

Não se preocupando com a decoração da moradia, revelou gosto artistico, destacando-se na arte plumaria, em que fixou primores, fazendo do mesmo passo armas guerreiras, instrumentos sonoros e utensilios domesticos, assim como mostrou evidente inclinação para a musica, a dança e o canto. Desconhecendo o metal, fabricou os seus artefactos com madeira, osso, pedra e argilla.

Vendo-se a arte plumaria dos nossos selvicos, avalia-se bem o gráo de intelligencia que possuíam e se encontra justificação á sympathia que os sabios e indios tinham, por exemplo, pelos Tupis, Caribas e Nuaruaks.

Seus trabalhos revelam sentimento do bello tão accentuado que nenhum outro ramo indigena da America o sobrepuja.

A riqueza do colorido inspirou-os evidentemente e forneceu-lhes uma gamma admiravel de tons, sendo a aza da arara a sua palheta por excellencia. Não só pela vibração clara das complementares e todos os contrastes, se destacam as obras primas da arte plumaria indigena, mas tambem pelas nuances intelligentemente combinadas, pela noção incontestavel dos tons, dos valores. Além disso é de notar que a personalidade, ao menos tribal, de accordo, aliás, com a psychologia collectiva dos selvagens, que nellas se accentuam. Assim distinguimos o estylo dos Uaupés-combinações de tons claros e contrastados, com muito amarello; o do alto Rio Negro, que encerra mais verde e é menos rico de côr; o dos Mundurucús, que tem a mais marcada peculiaridade, já no colorido sombrio, mas de tonalidades variadas, já na materia de aspecto duvidoso e nas fórmias de gorras com borlas e pingentes. Dos Aráras, lembrando o estylo dos Mundurucús pela vibração de tons e pela materia, e o do alto Amazonas, pela riqueza e vibração das cores, tem o Museu Nacional admiraveis exemplares, alguns, infelizmente, accusando, na fórmula e motivos, influencia civilisada».

Isso quanto á pintura. Por outro lado, estudiosos de polpa, trazendo contingente precioso á archeologia brasileira atravez de investigações no valle amazonico, desvendam os encantos da ceramica de Pacoval, na ilha de Marajó.

Ahi depararam os sabios, pratos, potes, urnas funerarias, ou igaçabas, ornamentadas com figuras gravadas ou pintadas e desenhos representando, de o dinario, animaes. Orville Derby faz notar que os objectos mais perfeitos são as igaçabas que foram enterradas

com especial cuidado e dentro das quaes se encontravam esqueletos e objectos, possivelmente pertencentes ao morto. Ehrenreich e Goeldi attribuem as antigas ceramicas paraenses aos Araks; M. Uhle ás Chibchas, não se podendo precisar «que grupo ou grupos ethnicos produziram esse notavel attestado de cultura artistica», nem epocha definitiva do seu florescimento.

Ladisláu Netto estudou as cabeças de idolos e adornos anthropomorphos da ceramica marajoára, sem poder descobrir a que typos predominantes pertenciam, tantas e differentes eram. As cabeças possuíam fórmulas diversas, por vezes grotescas, de ordinario fazendo parte de vasos. Tinham semelhanças com os Maias e os Umáuás. Acharam-se tambem cabeças de animaes, donde a pergunta do sabio: «Teria esse homem conhecido o animal de que deixou o perfil ou foi o seu trabalho pura phantasia, por acaso revestido de singular coincidência?».

As urnas funerarias eram curiosissimas. De fórmulas varias. Representando animaes como o jaboty, a lhamma, a anta, a tartaruga. Os idolos não eram menos singulares, pela fórmula e ornamentação, dando á louça uma tão bella revelação artistica, que o monge Gaspar de Carvajal a dissera: «la mejor que se ha visto, em e mundo, porque la de Malaga não se iguala com ella». Hartt achava encontrar no meio dellas «typos naturaes ou verosimeis de diversissimos povos, e será bem difficil dizer-se em que paizes habitavam e a que idade da historia humana pertenciam».

«Os caracteres symbolicos da gente aruã, comparados aos caracteres symbolicos dos hindús, dos chinezes, dos mexicanos e dos egypcios, trazem logo á memoria de quem investiga estes casos, um contacto effectivo e millenar entre marajoáras e nações longinquas».

Declara o portentoso prosador do *Amphitheatro Amazonico* (1) que os archeologos remarcam uma nota originalissima na ceramica de Marajó: a tanga de barro da mulher. E, mais do que isso talvez: os caracteres symbolicos nessa tanga. Só a oleira marajoára fez e usou esse escudo de argilla e nelle imprimiu todos os seus recursos plasticos. «Modelada nas linhas dum triangulo revestido de esmalte, a tanga recebia então o flo-reio ornamental duma paleographia mysteriosa», que ninguem ainda decifrou.

«Nas antiguidades de Mycenae, que o Dr. Schliemann expoz á luz da sciencia historica, foram encontrados numerosos fragmentos de vasos onde os adornos, figuras symbolicas ou de pura phantasia, se manifestam em avultada copia, sobresahindo de modo notavel as cruces inscriptas em losangos, tão communs nos vasos de Marajó».

O illustre archeologo paulista, professor Jorge W. Tybiriçá, interpretador consciencioso dos symbolos na louça de Marajó, já mostrou o contacto da gente da ilha de Pacoval com os povos do Mediterraneo, abrindo, com os seus estudos, «clarões magnificos na penumbra ceramista dos aruãs».

Raymundo Moraes chega á mesma conclusão, afirmando:

«Dos vasos domesticos aos vasos mortuarios, dos alguidares ás panellas, repontam physionomias representadas nas sensacionaes linhas architectonicas de embarcações. O sentido navegante da tribú, a indole do inquietado nauta avultam e se reflectem em cada vasilha».

E depois:

«Aquelles exquisitos hieroglyphos da sua nómade paleographia, cinzelados ou pintados na urna funera-

(1) RAYMUNDO MORAES.

ria ou no vaso religioso, na tanga ou na panella, representam a escrita tradicional mal guardada na memoria desde os fundos nevoentos da pré-historia. Basta confrontar esses caracteres symbolicos com os caracteres symbolicos egypcios, mexicanos, hindús, chinezes, para logo se ver a semelhança, e, pois, probabilidade do indio ter vindo de um desses pontos do globo, oriundo assim de povos longinquos e adeantados».

No alto e baixo relevo, na gravura e na pintura de Marajó, por outro lado, nem tudo era facil, havendo «figuras symbolicas e especimens de uma convencionalidade tão subtil ou tão velada, que não alcança entendel-a nenhum espirito estranho á iniciação das leis completamente extinctas que a prescreveram».

Revivem uma estranha mythologia advena ou singular idealisação. Os caracteres symbolicos foram exaustivamente estudados pelo archeologo alagoano (2) e bem serviram á Heloisa Alberto Torres procurando «estabelecer os canones da velha e esquecida civilisação aruaque».

Como Ehrenreich e M. Uhle, Frederico Hartt estudou-os tambem, ficando «realmente surprehendido ao ver na antiga louça amazonica, gregas espiraes e outros ornamentos perfeitamente identicos a algumas das fórmas classicas da Grecia», o que revelava um apreciavel desenvolvimento na arte indigena.

De qualquer fórma, foi da estylisação marajoara que nasceu a arte brasileira ou della se parte para o estudo das artes plasticas no Brasil.

(2) LADISLÁU NETTO.

Pintores holandezes

A primeira manifestação de pintura esplende com a missão artistica do Príncipe João Mauricio de Nassau, governador do Brasil holandez, no periodo que vae de 1637 a 1644, missão «que, por invejavel fortuna — diz o Sr. Argeu Guimarães — assegurou ao Brasil, no conjuncto da civilização americana, fóros de gloriosa prioridade».

Em 1581, o throno de Portugal passara ao dominio de Hespanha. Como a Hollanda estivesse em guerra com aquelle paiz, pensou conquistar o Brasil, sob o dominio lusitano, para isso organisando a Companhia das Indias Occidentaes, que operaria na America, como a das Indias Orientaes operava na Asia.

Equipou a Companhia uma esquadra commandada pelo almirante Jacob Willekens, trazendo para governador das terras conquistadas Joan van Dorth. Chegaram os holandezes á Bahia a 8 de maio de 1624, de onde só foram expulsos em 1625; dois annos depois voltava á Bahia a expedição de Pieter Heyn, derrotava a esquadra portugueza, ia a Cabo Frio, ao Espirito Santo, retornando á Bahia e á sua patria. O sonho de conquista perdurava na Hollanda.

A arremettida agora é contra Pernambuco, que o invasor sabe ser rico, mais perto da Europa e valer um reino. A 15 de fevereiro de 1630, achava-se a frota flamenga no porto pernambucano, tendo desembarcado e

tomado Olinda e Recife, iniciando a luta para dominio absoluta das armas hollandezas no Brasil.

O Principe João Mauricio, Conde de Nassau, chegou a Pernambuco em 1637, com enorme reforço de guerra. Trouxera seu cortejo de naturalistas, physicos, astronomicos, architectos, medicos e prelados, meia duzia de artistas illustres da Hollanda, de todos se conhecendo e destacando o valiosissimo trabalho documentario de Franz Post, G. Van Eckhout e Zacharias Wagner.

Diz Garcia Junior que «todos deleitaram-se em estudar o Brasil com interesse: é «Piso de Leyde, medico e naturalista, é o seu companheiro Marcraft tão illustre quanto elle, é o mathematico e geographo Crallitz; é o capellão Francisco Plante poeta e orador; é Pieter Post, architecto, autor do plano da construção de Mauritzstadt e da remodelação do Recife; é o seu irmão Franz Post que tem tambem a lhe correr nas veias sangue de artista, pois é pintor, e ambos descendentes de velho pintor de vidraças de Harlem, João Post; é A. E. Van Eckhout, pintor notavel que dizem sob a orientação de Nassau, enche os palacios de «Vriburg», e Boa Vista, de télas magnificas, onde os motivos brasileiros andam a toda hora surpreendendo os convivas; é o joven Zacharias Wagner de Dresden, que seguindo as pegadas de Eckhout e Post pinta indios, frutos e flores do Brasil e vê ainda sobrar-lhe o tempo, para organizar un album de costumes de indios, etc. que está hoje na bibliotheca de Dresden; é Joannes de Laet que foi como um chronista da Companhia das Indias Occidentaes, afóra muitos como Richsoffer, Baers e tantos outros que a despeito das vicissitudes da guerra, tinham ainda tempo para tomar notas e de voltar á Hollanda, atirar á curiosidade dos seus conterraneos noticias dos acontecimentos do Brasil de 1624 a 1655. Tão proficua foi a missão de Nassau que até mesmo entre os militares, não ha apenas os que

são notáveis pela bravura ou heroísmo, revelados; entre elles contam-se mesmo excellentes engenheiros, alguns dos quaes no entender de Sotto Mayor, encheram a Mauricéa e o Recife, de construcções importantes, como foram a «Casa de ver o peso» e o Palacio Supremo do Conselho, obras igualmente muito elogiadas por Montanos e pelo autor do «Bred Byl».

Iniciam no Brasil joven a obra extraordinaria de fixação da nossa natureza e da nossa gente, ainda não plasmadas na têla. Seus olhos assombrados com a maravilha do scenario tropical, fixam frementemente, com segurança e admiravel vêrismo, indios, negros, mulattos, judeus, praias, pontes, fortalezas, flôres, frutos, aúmaes, palacios — tudo quanto puderam vêr, sentir e apprehender no ambiente pernambucano durante o periodo do dominio hollandez.

Post pinta com intenso poder de realidade a natureza, a gente e a fauna; Eckhout e Wagner os indigenas. Assim, Nassau faz os seus pintores eternisarem toda a terra de Pernambuco, enquanto Pieter Post traça o plano da construção da Mauritzstad e da remodelação de Recife; o capellão Plante faz poemas inspirados na natureza ensoarada e Joannes de Laet toma nota para a chronica de todos os acontecimentos da época.

«Tudo que pintaram Gerbrandt Van Eckhout, Franz Post, e Wagner, pôde ser identificado, ao primeiro golpe de vista, painéis e gravuras immorredouras, onde apparece desde o tapuio bravo, typicamente envaidecido dos seus tropheus de victoria ou petrechos de guerra, até a nossa fauna multiforme, a nossa flora aspera ou graciosa, ou mesmo a nossa paisagem nordestina, nimbada de uma aridez e nostalgia, que ninguem dirá possa existir cutra equal, a não ser no Brasil».

«Isoladamente ou em conjuncto pintaram as surpresas da vegetação, desmedidas folhagens de bananeiras, palmeiras de airoso capitel, jaqueiras em pujança

te frutescencia, cactos, cipós, cajueiros, detalhando em naturezas inortas as frutas decorativas — o cajú, o abacaxi, o cajá, a pacova. Reproduziram a imagem de fascinantes borboletas e animaes desconhecidos para elles, como saguis, preguiças, tamanduás, capivaras, pacas, tatús, preás, caranguejos, guyamuns, onças, cobras, jacarés, siriemas, lagartos, antas, innumerous outros, bem como se esmeraram em copiar as tintas ricas de plumagem de beija-flores, gaturamos, perequitos, papagaios, araras, tucanos».

Depois vinham as praias lindas e immensas, o mar verde, engenhos de assucar, cannaviaes sussurrantes, arbaldeles e palacios «de sabia architectura, a qual a renascença hollandesa imprimira mimos ornamentaes nos baixo-relevos, medalhões, cariátides, arcadas, pilastras, columnatas e decorações plenas de motivos e influencias pernambucanas».

A Post, Eckhout e Wagner cabem assim a prioridade de ter fixado «physionomias americanas especimens da flora e da fauna do Novo Mundo», deixando-nos documentos de indiscutivel valor ethnographico e historico.

Franz Post, talvez o maior pintor da missão, nasceu em Harlem, em 1612, sendo filho do pintor de vitraes Janz Post, Sot o Mayor considerando-o «fundador da pintura brasileira», Argeu Guimarães chamando-o de avô della. Post pintou innumerous quadros a oleo e á aquarella, tendo deixado numerosos desenhos, crayons e esboços. Alfredo de Carvalho presume que muitos trabalhos tenham ficado entre os milhares de hollandezes que não puderam regressar á patria e que se dispersaram pelas provincias limitrophes de Pernambuco. O que se tem como certo é que muitissimos delles se perderam em incendios, outros se espalham por museus e galerias do mundo, attestando uma actividade ininterrupta de quarenta e dois annos (1637-1679).

«Durante trinta e seis annos, desde o regresso aos penates até á morte, continuou pintando e variando os mesmos themas pernambucanos, com a retina inundada de luz tropical.»

Post falleceu na mesma terra de nascimento, em 1680.

De Eckhout, (1) «o mais antigo e illustre pintor da natureza humana», a historia não guarda muita coisa, pensando-se que tenha sido discipulo de Rembrandt. Recordam-no, porem, os trabalhos de importancia documental ethnographica e as pinturas de natureza morta. O Instituto Historico possui seis copias de quadros seus, representando tapuias, um tupy, dança tapuia, mulata e mulher tupy.

Zacharias Wagner, natural de Dresde, partiu para o Brasil aos vinte annos, engajado na marinha, tendo sido aproveitados por Nassau os seus serviços de calligrapho e desenhista.

Nassau conseguiu quanto poude da capacidade de Wagner, mandando-o pintar animaes, plantas, costumes e paisagens.

De volta á Hollanda publicou o «Tierbuch», excellente codice contendo desenhos illuminados, para os quaes aproveitou *croquis* seus e dos companheiros, levados do Brasil. Depois de exercer varias missões, falleceu em Amsterdam como vice-almirante da frota holandea, em 1868.

Sempre que se estuda o periodo da dominação, allude-se á existencia de possiveis alumnos dos: pintores bätavos, não só em Pernambuco como na Bahia,

(1) ARIBU GUIMARÃES, que tanto procurou identificar a existencia das obras dos pintores holandezes na Dinamarca, escreve o seguinte: «A Eckhout, seja dito de passagem, não tem nenhuma offinidade com Gerbrandt van der A Eckhout, o outro holandez, discipulo meior de Rembrandt, nascido em Amsterdam em 1621 e morto em 1674; nem com Antonio van der A Eckhout, flamengo, nascido em Bruges em 1636, portanto depois da missão de Nassau, e que viajou pela Italia e falleceu em Lisboa em 1695. Resalve-se a identidade e semelhança dos nomes, para prevenir confusões».

onde Posto teria por muito tempo se dedicado ao estudo «da natureza sobre o cabo de Santo Agostinho», conforme assevera Humboldt.

Nada, porém, se poderá afirmar sem receio de contestação, havendo, apenas quem cite Antonio Sapulveda e seus filhos Luciano, Lucinda e Veronica, como discípulos dos pintores holandeses em Pernambuco.

De qualquer modo, na historia das nossas artes plasticas, devemos levar em grande apreço a obra importantissima que os artistas de Mauricio de Nassau realizaram na fixação da vida pernambucana no primeiro quartel do século XVII e pelos elementos de estudo que reuniram e espalharam pelo mundo sobre o Brasil.

Dos pintores holandeses a Pinacotheca Nacional de Bellas Artes guarda apenas *Retrato do Conde Mauricio de Nassau-Siegem* (0.95 × 1,25) e *Paisagem pernambucana* (0.40 × 0.60).

A Escola Fluminense

Enchem o periodo *Manifestação* das nossas artes, os artistas do Brasil-colônia.

Descoberto o paiz em 1500, retardada a colonisação systematica, sem artistas que viessem do Reino ou de outros paizes para se aclimarem na terra formosa e exuberante, sem sociedade definida, assaltado por aventureiros e piratas, o Brasil não podia animar as manifestações artisticas que o meio fecundamente despertava. Producto do ambiente, nascida ao influxo da religião catholica no meio ainda barbaro, a arte foi rebentando dos templos e dos claustros, casta e ingenua, producto da intelligencia irrequieta e da fé.

«As condições mesologicas do Brasil colonial, explica o Sr. Laudelino Freire, não permittiram a appareição de uma arte superior. No senso da sociedade que se formava com um conjuncto de elementos heterogeneos, e por um processo de colonisação cuja materia eram os condemnados, judeus deportados, criminosos que se occultavam depois de comnettidos os seus delictos, indios escravizados, negros da Guiné, dirigidos por homens subordinados aos peiores preconceitos da Edade Média e egualmente aproveitados e explorados pela ganancia, crueldade, intriga e fereza da epoca - - scria inadmissivel a existencia de grandes artistas». A arte floresceu nesse meio hostile, soffreu-lhe incontinenti as consequencias deleterias, inexpressiva e molle, canhesta e incaracteristica, sem vãos altos na concepção e

sem pujança na materialização plastica. Para isso concorria a Metropole, que ao mesmo tempo que impedia a abertura de typographias, a criação de associações litterarias e scientificas, o estabelecimento de livrarias, obstava todo o progresso das artes e das industrias. Tinha ciumes e receiava que, com esse desenvolvimento — assevera Cunha Barbosa — estivesse o Brasil se preparando para a sua emancipação politica.

Mas vale a pena fixar o vôo desses primeiros artistas, mostrar as tendencias de cada um, o rumo que seguiram até o alvorecer de melhores tempos.

O primeiro pintor que se conhece é Frei Ricardo do Pilar, quinquagesimo mortal que entra para o Mosteiro de S. Bento. Professa a 24 de maio de 1695, sendo natural de Colonia, na Flandres. Viveu recluso mais de trinta annos, cuidando de Deus e da sua arte. Contam que nunca vestiu camisa, alimentava-se com legumes e os proprios provimentos repartia com os pobres. Cobria-lhe o corpo um simples habito. Foi «secular sempre recolhido, sempre mortificado e penitente», fallecendo a 12 de fevereiro de 1700.

Emquanto Frei Domingos da Conceição esculpturava, Frei Ricardo se revelava um artista inspirado, pintando paineis não só para o Mosteiro como para varios templos da cidade. E' autor dos quadros do tecto e paredes lateraes da capella-mór da igreja dos Benedictinos, representando os factos principaes da vida de S. Bento; da imagem do Salvador do altar-mór da sachristia, de «traço correcto, vigoroso e feliz»; das imagens do tecto da capella-mór e suas paredes e do painel da portaria.

Sobre a imagem do Salvador, escreveu Manoel de Araujo Porto-Alegre :

«Muito além de Giotto e Cimabue aquella imagem produz em nossa alma a mais elevada inspiração religiosa; ha nella uma magia incomparavel de expressão e

harmonia : a sublimidade da poesia mystica e a crença só poderiam produzir semelhantes maravilhas, e sem estes sentimentos angelicos a Terra não possuiria o retrato do Salvador por Andréa del Sarto, o *Ecce Homo*, de Cigoli, e o *Nascimento de Jesus Christo*, de Siqueira».

Araujo Vianna dizendo que não se classifiquem de obras primas as produções de Frei Ricardo, affirma que elle, aproveitando natural aptidão, se prestou, na falta de outro, a ornar paineis do templo, tornou-se pintor. Diz mais :

Observando-se os trabalhos de Frei Ricardo, vê-se a principio o desenho fraco, colorido ora infantil, ora indeciso, em alguns paineis, melhorando consideravelmente como no quadro *O Salvador*. Ahi se revela como, no Rio de Janeiro, até então ninguem o conseguiu.

Na figura de Christo, o pintor beneditino procurou evidentemente inspirar-se na maneira de Fra Angelico. Não se conclua dahi que se possa estabelecer parallelismo artistico entre o beneditino e o dominicano, celebridade universal na Pintura sacra».

Gonzaga Duque, depois de descrever a concepção do painel, diz :

«Falta ao desenho dessa figura, incontestavelmente importante, um traço mais seguro — falta-lhe vigor. E', antes, correcto, vagaroso e feliz, fazendo perceber um pulso fraco e tímido, uma persistencia enorme para vencer o contorno, uma predilecção superior pelo acabamento. Desconta-se em consideração a epoca e ao meio em que a obra foi executada, a incorrecção do relevo que nota-se da bacia aos pés, incorrecção disfarçada pelas dobras do manto, porem perceptíveis á vista experimentada. Comtudo, o tronco, o braço, a physionomia são feitos com talento e habilidade ; e tal é a felicidade no acabamento dessas partes que faz suppor ter Frei Ricardo do Pilar estudado desenho na sua terra natal,

onde, muitos annos antes de elle vir á Colonia, Franz Floris, Mabuse Coxie e Van Orley imitavam com notabilidade o estylo italiano».

Cunha Barbosa disse que «nessa imagem ha primor de sentimento, expressão na figura e severo respeito de perspectiva linear e aerea».

Depois do precursor, o artista que se conhece é José de Oliveira, nascido nesta cidade em 1700 e tantos. Affirma-se que foi mandado ao Reino para aprender com os artistas de lá, porque só assim seria possível a revelação das qualidades excepçoes que mostrou nos seus paineis.

Araujo Vianna diz que elle foi discipulo de Frei Ricardo, tendo excedido ao mestre. Operoso e de merito, deixou decorações no rectabulo e no tecto da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, a segunda considerada «maravilha de arte decorativa mural», na capella Imperial e na sala d'armas da fortaleza da Conceição.

Na sala das audiencias do Palacio Imperial fez o *Genio da America caminhando para o templo da Humanidade* ao mesmo passo que o sol fazia o giro do oriente para o occidente. Esta obra, considerada a melhor de José de Oliveira, foi substituida por uma allegoria de Manoel da Costa, «especie de Gongora acromatico, apostolo dos delirios barrocinicos, mas habil na scenographia».

José de Oliveira, chefe da Escola Fluminense de Pintura, foi um talento excepcional.

«Ha nos seus trabalhos uma certa correção irreprehensivel de desenhos, sinceridade e vigor no colorido, e uma conclusão admiravel dos detalhes, sem ter cahido no amaneirado e pretencioso. As suas pinturas attrahem logo a attenção pela bem combinada harmonia de unidade e de effeito de luz».

Sobre a decoração do tecto da igreja da Ordem Terceira, escreveu Porto-Alegre :

«Quando na minha mocidade volvia na imaginação esses sonhos elysios, germinados pelo entusiasmo das artes, e interrogava meu mestre sobre as obras dos nossos patricios ; o benemerito ancião me conduziu á Egreja dos Terceiros de São Francisco, para que admirasse com elle aquella obra, que elle julgava ser de algum italiano. A sciencia da perspectiva, a valentia, o claro escuro, e uma riqueza de imaginação formam o apanagio daquella grande obra.

Uma escriptura de contrato entre a Confraria e Caetano da Costa Coelho, em que a Ordem se obriga pagar-lhe 6:100\$000 pela pintura do tecto e dourado da igreja, podia excitar grandes duvidas sobre o ser ou não de José de Oliveira aquella obra : a tradição constante das testemunhas oculares e dos discipulos que sobreviveram a este mestre, desmente o documento.

Os douradores eram os empresarios da obra, e estes chamavam naquelles tempos os painelistas ou figuristas para as obras de superior execução.

A Ordem Terceira, empuxada pela sedicã rotina de furia dos retoques, numa restauração que fez na igreja, obrigou a João Antonio Turco, empreiteiro, a chamara José Gonçalves, o aleijadinho, para devastar aquella grandiosa producção».

José de Oliveira conseguiu fazer discipulos como João Florencio Muggi, scenographo e João de Souza, «fundador da classe dos coloristas». Si do primeiro se sabe que deixou attestado de seu valor na Casa da Opera, deste citam-se paineis no claustro dos Carmelitas, a *Virgem do Carmello* no altar da portaria do Convento do Carmo, que é obra de valor, e um retrato do general Silva Paes, existente na Candelaria.

Já se disse desse trabalho do quarto representante da Escola Fluminense : «E' bem difficil se tirar um re-

trato a oleo, e a principal difficuldade consiste no expectador não confundir o retrato com um outro. O retrato do general Silva Paes parece ser original e de uma graça especial».

João de Souza deixou um discipulo que o sobrepujou: Manoel da Cunha, quinto representante da Escola Fluminense.

Filho de um portuguez, que o despresou, e de uma africana, escrava da familia do conego Januario da Cunha Barbosa, tendo demonstrado inclinação para a pintura, assim que se libertou, partiu para Lisboa afim de «perfeiçãoar-se. «Dotado de um robusto talento — diz-nos Antonio da Cunha Barbosa — de uma avidez de tudo saber e de uma actividade invejavel, conseguiu com o seu genio trabalhador tornar-se um distincto artista e legar á sua patria um nome honroso».

Regressando de Lisboa, procurou aprimorar-se com João de Souza, «com quem pintou todos os paineis das paredes da igreja dos Carmelitas».

Fez a pintura do tecto da capella do Senhor dos Passos, na alludida igreja, trabalhou por conta propria, ensinou o desenho, pintou casas particulares. Aquiriu dinheiro e com o auxilio da familia Dias da Cruz conquistou a aiforria. Executou varias decorações para igrejas e conventos e retratos.

Sua pintura é larga, solida e sem pretensões. Seu desenho, firme e facil. No tecto da sala das audiencias do Palacio Imperial executou um painel que representava o reino unido sustentando a corôa de Portugal. E' trabalho seu o dourado da capella do noviciado de S. Francisco de Paula e os paineis dessa mesma capella, consagrada á N. S. da Victoria, mostrando os milagres de S. Francisco.

Manoel da Cunha, que foi tambem esculptor, fundou uma escola de pintura, frequentada por alumnos que muito se distinguiram.

A melhor das suas obras é o retrato do Conde de Bobadela (Gomes Freire de Andrade), pertencente á Camara Municipal. O painel do Descimento da Cruz na antiga Capella Imperial, Santo André Avelino que existiu na igreja de São Sebastião do Castello, os paineis da Capella de N. S. da Victoria da igreja de São Francisco de Paula, são trabalhos primorosissimos.

Manoel da Cunha, «o melhor retratista daquelles tempos», falleceu a 27 de abril de 1809.

Discipulo de Souza foi tambem Leandro Joaquim que unia a de pintor as qualidades de architecto. Apresentou projecto para a edificação da igreja e Recolhimento do Parto, pintou dois paineis sobre o incendio e a reconstrucção do referido Recolhimento e um retrato do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, «desenhado com harmonia e expressão», e conservado na mesma igreja.

«Com a farda vermelha e ouro, pescoço curto, labios finos direitos, cabello puxado á nuca, olhos azues espertos, tal foi a physionomia daquelle magnanimo vice-rei, perfeitamente reproduzida no estylo simples e correcto, despido do amaneirado, e desenhado com harmonia e expressão».

E' a seguinte a legenda do painel representando o incendio: «Fatal e rapido incendio que reduzio a cinzas em 23 de Agosto de 1789, a igreja, suas imagens e todo o antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto, salvando-se unicamente illesa dentre as chammas a milagrosa imagem da mesma Senhora».

A do outro é esta: »Feliz e prompta reedificação da igreja e todo o antigo recolhimento de Nossa Senhora do Parto, começada no dia 25 de Agosto de 1789 e concluida em 8 de Dezembro do mesmo anno».

Segundo Porto-Alegre ao pincel de Leandro Joaquim se deve o retrato de Santa Cecilia e os demais quadros dos altares do referido templo. Em obediencia a uma promessa, pintara ainda os ultimos momentos da Se-

nhora da Boa Morte, que está na igreja do Hospício. Encarregou-se de todos os ornatos do Passeio Publico para as festas do casamento do Principe D. João com a Princeza D. Carlota, da Hespanha. Nos antigos pavilhões lateraes do terraço, Leandro Joaquim pintou varios paineis com motivos ruraes e panoranicos, assim legendados: 1) Vista das minas de ouro e diamantes; 2) Vista de uma plantação de canna de assucar e de um engenho; 3) Vista de uma cultura de preparação do ani; 4) Vista de uma plantação de catus opantia e do modo de se extrahir a cochonilha do mesmo; 5) Vista dos differentes processos de preparação da mandioca; 6) Vista de uma plantação de café.

Leandro Joaquim, tornando-se o retratista famoso da côrte de D. João VI, era, no parecer de Gonzaga Duque, um pequeno Velasquez da burguezia do tempo. De sua autoria, ainda no conceito do critico, é o melhor retrato de D. João que existe no paiz (Convento de Santo Antonio). Não se precisa a data nem do seu nascimento nem da sua morte, o autor da *Arte Brasileira*, tentando fixal-as em 1738 e 1798.

Na epoca, surge Raymundo da Costa e Silva «par-do», de estatura elevada e corpulenta. Aprendeu com o pae o officio de esculptor-entalhador, não se sabendo com quem aprendeu a pintura».

Apareceu com um cabeça de São João Baptista e a decoração de uma vidraça na capella do Livramento, «onde armava presepes», aliás os mais famosos do tempo.

Destacou-se como colorista, de cuja escola foi um dos fundadores, fazendo obra sagrada e profana, de sua autoria sendo o *São Sebastião* da igreja do Castello, a

(1) Despeza registrada no livro de Receita e Despeza do Senado da Camara — 1803 a 1808, fls. 131, lançada em 3 de Junho de 1807: «51\$200 pagos pelo Theouro do Senado ao meue pintor José Leandro, da arrematação (sic) que fez dos paineis do martyr S. Sebastião e do Ilmo. e Exmo. Sr. Conde de Bobadello, Governador e Capitão General, que foi deste Estado».

Ceia da Capella Imperial, o Baptismo de Christo, da igreja do Sacramento e numerosos retratos.

Raymundo da Costa e Silva decorou a varanda da coroação de D. João VI e deixou trabalhos notaveis em esculptura e toreutica.

O pintor mais importante da epoca surge na figura de José Leandro de Carvalho. Trabalhador e estudioso, decorou o tecto da varanda da acclamação de D. João VI, pintou o altar-mór da Capella Imperial e da capella-mór do Bom Jesus, a *Virgem do Monte Carmello*, representando a familia do principe regente em adoração aos pés da Virgem e que os patriotas exaltados de 7 de abril de 1831, forçaram o proprio autor a apagar, tendo sido restaurado em 1850 pelo scenographo João Cactano Ribeiro.

Esse painel mede 32 palmos de comprimento e 16 de largura. «Na parte inferior figuram os retratos, em corpo inteiro, da rainha D. Maria I, conduzindo pela mão o principe D. Pedro, e o de D. João VI e os da rainha D. Carlota. A parte superior representa a Senhora do Carmo, cercada de anjos, um dos quaes segura *uma palma e outro um escudo com a legenda: Sub tuum presidium confugimus*. Os outros anjos guardam a familia real, um delles sustentando uma esphera com a inscripção: *Nostras deprecationes ne despicias*».

«No tempo do reinado, foi José Leandro o mais notavel pintor historico, e o mais fiel retratista da epoca; vendo qualquer individuo, uma só vez, tomavalle todas as feições e ia depois retratal-o fielmente; os melhores retratos que existem de el-rei D. João VI, são devidos ao pincel de José Leandro».

O pintor nasceu em Muriguy, districto de Italahy, Estado do Rio, pouco depois de 1700; aprendeu com Leandro Joaquim e Raymundo da Costa e Silva e após o golpe soffrido com o attentado ao seu quadro da *Virgem do Carnello*, retirou-se desgostoso para Cam-

pos, onde morreu em 1835, segundo Gonzaga Duque. Moreira de Azevedo diz, porem, que elle morreu a 18 de novembro de 1834, sendo inhumado na catacumba n. 42 da igreja de S. Francisco de Paula, na qual exercera cargo na Ordem Terceira dos Minimos.

«Oliveira e Manoel da Cunha trouxeram dos estudos do Reino o conhecimento das perspectivas e as leis da composição; José Leandro aprendeu-as aqui e, sem conhecer mais do que as obras dos seus contemporaneos e predecessores, foi vencedor do italiano Argenzio num concurso para a pintura do retabulo do altar-mór da capella real, depois imperial e hoje cathedral do arcebispado do Rio de Janeiro».

Aos precusores vem reunir-se ainda Manoel Dias de Oliveira Brasiliense, *O Romano*, assim chamado por haver estudado na Italia, fundador da aula de desenho, primeiro professor dessa disciplina e o primeiro que estabeleceu a escola de nú no paiz.

Escravo, foi mandado estudar em Lisbôa, na Casa Pia; passou-se á Academia de Castella, completando os estudos em Roma, sendo discipulo de Pompeo Battoni, da Academia de S. Lucas.

Quando regressou ao Rio foi nomeado professor regio de pintura. Executou varias decorações, pintou excellentes naturezas mortas e motivos sacros. E' autor dos quadros representando o nascimento de S. Francisco, esse santo recebendo as chagas, ambos no Convento de S. Francisco da Penitencia e de *Nossa Senhora da Conceição*, (1813), na Pinacotheca. Bom desenhador e colorista, morreu obscuramente em Campos, em 1831, como professor de primeiras letras.

Na pintura decorativa destaca-se admiravelmente Frei Solano, natural de Macacú, e pertencente á Ordem de Santo Antonio. Não teve mestres. Aprendeu por si mesmo. No convento executou quadros de santos,

illustrou trabalhos botânicos do sabio Conceição Velloso (2), a quem acompanhou numa viagem ao interior do paiz, fez os paineis S. Carlos offerecendo o seu poema á Virgem d'Assumpção, Santa Ismeria e o Senhor da Paciencia do tecto da sacristia do convento e considerada a sua mais perfeita producção.

«Ao derredor do monge franciscano destacou-se um grupo de artistas mais obscuros, como Domiciano Barreto — que pinta as portas do oratorio no coro da igreja dos 3^{os}. de S. Francisco de Assis e José Vidal, que deixou na portaria do Convento de Santo Antonio o painel da morte de S. Francisco».

Frei Solano teve a sua phase de mais intenso labor, quando em 1790 regressou da peregrinação com Conceição Velloso. «Ao principio sua pintura limita-se aos ornatos, imita os damascos nas taboas dos altares da capella e a porcellana da India em vasos de madeira. Logo depois emprehende a pintura de figuras, ou composições sacras».

«Não era nem podia ser um grande mestre ; nunca um sabio do Brasil ; não teve a educação artistica das academias, nem a frequencia de pintores abalisados ; nos seus quadros adivinha-se e sauda-se o genio : notam-se porém ao mesmo tempo os senões devidos á falta de de escola, aprecia-se a belleza do colorido, ás vezes re-

(2) JOSÉ VELLOSO XAVIER, filho legitimo de José Velloso do Canno e de Rita de Jesus Xavier, nasceu na freguezia de Santo Antonio, villa de S. José, comarca do Rio Mortes, Minas Geraes, em maio de 1742. Em 11 de abril de 1761 abraçou a vida claustral, tomando o habito no convento de S. Boaventura na villa de Macacó (E. do Rio). A 12 de abril de 1762 fez voto solemne de renuncia á vida mundana, passando a ser Frei José Marlianno da Coacção Velloso. Nomeado pregador do Convento de Santo Antonio, no Rio, em 68 exerceu ali varios cargos.

Em 8 de maio de 79 foi nomeado lente de rettorica em S. Paulo, em 25 de janeiro de 86 mestre de Historia Natural e em 27 de julho de 71 instituido confessor dos seculares e parante de geometria. Partindo para Lisboa, foi nomeado director da Typographia Litteraria do Arco do Cego, creada em 1800. Acompanhou a familia real portugueza ao Rio de Janeiro e falleceu a 13 de julho de 1811 no Convento Santo Antonio. Da sua obra extraordinaria de botânico avulta a *Flora Fluminense*, escripta em 1790.

para-se em alguma desproporção das formas das suas figuras. Entretanto é impossível deixar de reconhecer talento, e inspiração nas obras de sua palheta».

Frei Solano, que era filho de Jorge Antonio Costa Mendonça, occupou os mais altos cargos da sua ordem, chegando a ser ministro provincial em 1814 e tendo, então, por secretario durante o triennio, Frei Sampaio.

Os ultimos representantes da Escola Fluminense de Pintura foram Antonio Alves, autor do retrato em tamanho natural de D. João VI, vendo-se ao fundo a entrada da barra do Rio de Janeiro, pintado em 1814, existente na Escola Nacional de Bellas Artes e Francisco Pedro do Amaral, discipulo de Manoel da Costa e Debret. Amaral decorou o tecto da sala principal da Bibliotheca Nacional, o palacete da marquezia de Santos, no qual deixou «trabalhos irreprehensíveis», as carruagens destinadas ás festas nupciaes de D. Pedro I e de D. Amelia de Leuchtenberg, algumas salas da residencia imperial na Quinta da Boa Vista; ornou a residencia de Plácido de Abreu, no Rocío e o consistorio da igreja da O. do Carmo. Foi architecto, scenographo, pintor, chefe e director das decorações da Casa Imperial e fundou em 1827, a Sociedade de S. Lucas, composta exclusivamente de pintores.

Francisco Pedro do Amaral publicou em 1829 um folheto — *Explicação allegorica da decoração dos coches de Estado de S. M. o Senhor Dom Pedro I* — descripção minuciosa do seu trabalho de ornamentista.

Contam — diz-nos Araujo Vianna — que Amaral abandonou a aula de Manoel da Costa por uma brincadeira, resultando-lhe por isso muitas sympathias. Aproveitou fazer surpresa no momento em que Manoel da Costa depois do jantar dormia profundamente no sofá. Usava este chinelo, os deixou no soalho, ficando descalços os pés. Amaral os escondeu, e tratou de pintar outros admiravelmente eguaes no mesmo lugar.

Despertado, Manoel da Costa sentou-se e lutou para encaixar os pés nos chinellos, arrastando-os debalde no chão, tal era a semelhança de pintura».

O artista carioca falleceu em 10 de novembro de 1830.

O ultimo representante da Escola Fluminense desaparece com a morte de José Leandro, occorrida em 1831, como se disse acima, dezeseite annos depois da fundação da Imperial Academia de Bellas Artes. Deixou um filho, também José Leandro de Carvalho, que «foi paisagista e pintor de flores de algum merecimento». (3).

A característica da pintura colonial nesse periodo da Escola Fluminense foi a expontaneidade, accentúa Gonzaga Duque. «Seus trabalhos, inspirados pela maior parte na Religião Christã, são feitos com unidade de vista, singular semelhança no desenho e sentimento de côr».

Foram elles mesmos e reflectiram de algum modo o ambiente do tempo, além de terem fixado uma etapa na historia da arte nacional.

(3) *Relato MOREIRA DE AZEVEDO* o seguinte facto: «Estando José Leandro a pintar um painel da Conceição, disse para um amigo que lhe observava o trabalho:

— Agora só faltam as flores.

— E por que as não pintaes? — perguntou-lhe o amigo.

— Nada, isso fica para meu filho, que em pintar flores ninguém o ganha».

A Missão Lebreton e a Imperial Academia de Bellas Artes.

Não havia ensino official de desenho antes de 1816.

Coube ao Conde da Barca (Antonio Araujo de Azevedo), ministro de D. João VI, suggerir-lhe em 1815, a fundação do ensino das bellas artes, conseguindo que o governo mandasse contractar em Paris, pelo narchez de Marialva, Encarregado dos Negocios de Portugal na França, um grupo de artistas competentes.

A queda de Napoleão, agitando o paiz, creando descontentamentos, forçando a emigração de innumeros cidadãos, facilitou sobremodo o exito da missão de Marialva, que conseguiu reunir varios artistas de nomeada, sob a direcção de Joaquim Lebreton.

Lebreton nasceu em Saint Meem, na Bretanha, a 7 de abril de 1760, de uma familia humilde, o pae sendo ferrador de cavallos. Depois de estudos no collegio dos Theatinos, entrou para a Ordem, resolvendo fazer-se clerigo, recebendo o diaconato e receberia o presbyterato se, explodindo a revolução, elle a não adherisse. Abandonando o habito, seguiu para Paris, defendendo suas idéas com bravura e exaltação. Filiou-se aos jacobinos. Não era figura destacada, mas já publicara em 1789 *A logica adaptada á rethorica*; em 1891, o pamphleto, *Concordancia dos verdadeiros principios da Igreja, da moral e da razão, com a constituição civil do clero pelos bispos constitucionaes*. Casou-se com uma filha de

Darcet, chimico illustre, director da Manufactura de Sévres e inspector da Casa da Moeda e membro do Instituto de França. Senador. Protegido pelo sogro, Lebreton entrou para a Administração Publica, sendo nomeado chefe de secção dos Museus, Conservatorios e Bibliothecas. Fez-se amigos de escriptores e artistas, a muitos destes prestando serviços durante os dias do Terror. Batalhou pela reconstrucção da França, escrevendo, proferindo discursos; pertenceu ao Instituto, de que foi secretario perpetuo, cuidando do Louvre com extremado carinho, proclamando que Paris estava fadado a ser a metropole universal das artes, lettras e sciencia. Foi director da secção de Bellas Artes do Ministerio do Interior, fez parte do Tribunato, notabilisou-se. Era homem de animo decidido e voluntarioso. Combateu David, chefe da escola renovadora e que o cdiava. O discurso de 28 de outubro de 1815, no Instituto, contra a restitução das obras primas exigidas após a segunda invasão, concorreu para a sua demissão de secretario perpetuo, cargo que ha 13 annos exercia e a sua derrota.

«Assim, pois — diz o Sr. Affonso d'Escragnolle Taunay — quando o Marquez de Marialva, recebendo instrucções do Conde da Barca, a elle se dirigiu, pedindo-lhe que o auxiliasse na composição da missão artistica destinada ao Brasil, lembrou-se logo o grande naturalista de Lebreton, feliz de o ajudar nesta emergencia».

Lebreton convidou, então, artistas seus amigos para a colonia que embarcaria para o Brasil e adquiriu 54 quadros de Lebrun, Lesueur, Poussin, Canaetto, Carlo Dolci, Jouvenet, Guercino, Maratti, Sebastião Bourdon e copias de varias telas italianas e que serviram para o inicio da Pinacotheca da Imperial Academia de Bellas Artes.

A missão embarcou no Havre a bordo do navio *Caple* em 22 de janeiro de 1816 e apartou ao Rio de Ja-

neiro a 26 de março, desembarcando ás 6½ horas na rampa do caes do Pharoux.

Na mesma tarde Lebreton conferenciou com o Conde da Barca, já o governo tendo preparado commodos para os artistas, »ordenando que fossem servidos e alimentados á custa do Estado».

O famoso padre Luiz Gonçalves dos Santos, o *Perereca*, nas suas *Memorias para servir á historia do reino do Brasil* (1821), refere-se aos acontecimentos do mez de março, dizendo :

«No dia 26, em o navio americano *Calbe*, chegado do Havre de Grace a este porto do Rio de Janeiro, para residirem nesta apital, varios francezes, alguns com as suas familias, dos quaes os artistas de profissão são pensionados de Sua majestade e destinados para o novo Instituto de Artes e Sciencias que se projecta fundar. Os mais são officiaes de officios fabris, os quaes, pela sua industria e saber, muito hão de concorrer para propagar entre os brasileiros o gosto das Bellas Artes e aperfeiçoar o mechanismo das manufacturas. Na frente destes se acha mr. Lebreton, secretario perpetuo da classe das Bellas Artes do Instituto Real de França. El-Rei Nosso Senhor recebeu a todos com benignidade, e mandou que fossem aposentados e tratados á custa da sua Real Fazenda».

A missão compunha-se de :

Joaquim Lebreton, chefe ; João Baptista Debret, pintor de historia ; Nicolau Antonio Taunay, pintor de batalha ; Augusto Maria Taunay, esculptor ; Simão Pradier, gravador ; Francisco Ovide, mechanico ; João Baptista Level, ferreiro ; Nicolau Magliori Enout, serralheiro ; Pelite e Fabre, curtidores ; Luiz José Roy e seu filho Hyppolito, carpinteiros ; Francisco Bonrepos, esculptor ; Carlos Levavasseur, Luiz Ueunier, Augusto Henrique Victorio Grandjean de Montigny, ar-

chitectos e Marcos Ferrez e Zeferino Ferrer, que chegaram depois.

Recebidos pelo Conde da Barca e pelo Marquez de Aguiar, primeiro ministro de D. João VI, viram promulgado em 12 de agosto o decreto creando a Escola Real de Sciencias, Artes e Officios, cabendo a direcção suprema a Lebreton.

O estabelecimento não teve, porem, vida profiqua nem duradoura. Acontecimentos politicos no Rio da Prata, o reaparecimento de Napoleão na França, parece que tanto preocupavam o governo como os artistas.

Emquanto a Escola vegetava, morria o Conde da Barca, protector dos artistas que passaram a contar com a sympathia de Francisco Bento Maria Targini, Barão e depois Visconde de S. Lourenço, que conseguiu a promulgação do decreto de 12 de outubro de 1820, estabelecendo uma Real Academia de Desenho, Pintura, Esculptura e Architectura civil (1).

Esta viveu tanto quando a primeira, ou não chegou a viver realmente. No mesmo anno, a 27 de novembro, era publicado novo decreto e nomeado lente de desenho

(1) O projecto é do theor seguinte: «Tendo em consideração o que as artes de desenho, pintura, esculptura e architectura civil são indispensaveis á civilisação dos povos e instrucção publica dos meus vassallos, além do augmento e perfeição que podem dar nos objectos de industria, physica e historia natural: *Hel por bem estabelecer, em beneficio commum, nesta cidade e Côrte do Rio de Janeiro, uma academia, que se denominará — Real Academia de Desenho, Pintura, Esculptura e Architectura Civil — e que deija tenha a inspecção o Presidente do meu Real Erario, proponda-me para occuparem os logiares de professores e substitutos de cada uma das aulas das sobreditas artes reunidas e seus respectivos ordenadas, não somente os artistas estrangeiros que já recebem pensões á custa da minha Real Fazenda, mas todos aquelles dos meus fiéis vassallos, que se distinguirem no exercicio e perfeição das referidas artes e as mais pessoas que forem necessarias para o ensino, progresso e adiantamento dos alumnos da mencionada academia, cujos trabalhos e ensino serão feitos em conformidade dos estatutos que com estes baixam assignados pelo meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino. Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, de meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino Unido, encontrando da presidência do meu Real Erario, o tenha entendido e faça executar com os despachos necessarios, sem embargo de quaosquer leis, regimentos ou disposições em contrario. Palacio do Rio de Janeiro 12 de outubro de 1820. — Com a rubrica de El-Rei».*

o mediocre artista portuguez Henrique José da Silva chegado de Lisboa, e mandado effectivar outros professores para as demais disciplinas.

Assim :

Lente de Desenho, Henrique José da Silva	800\$000
E como Director das aulas	200\$000
Secretario da Academia, Luiz Raphael Soyé	480\$000
Lente de Pintura Historica, João Baptista Debret	800\$000
Dito de Paisagem Nicolau Antonio Taunay	800\$000
Dito de Esculptura, Augusto Taunay.	800\$000
Dito de Architectura, Augusto Victorio Grand- jean de Montigny	800\$000
Dito de Mecanica, Francisco Ovide.	800\$000

Pensionarios de Desenho e Pintura :

Simplicio Rodrigues de Sá.	300\$000
José de Christo Moreira.	300\$000
Francisco Pedro de Amaral	300\$000
Dito de Esculptura, Marcos Ferrez.	300\$000
Dito de Gravura, Zeferino Ferrez.	300\$000

Henrique Silva tentou instalar o estabelecimento, o que não foi possível, em virtude dos successos politicos de 26 de fevereiro de 1821 e outros.

A Academia não conseguira ainda ser realidade, contando apenas com cinco membros da missão inicial, agora reduzidos a tres com a retirada de Nicolau Taunay e o fallecimento do irmão escultor.

Quatro annos depois, Debret e seus companheiros elaboravam nova organização, á cujo comprimento

Henrique Silva, protegido do Visconde de S. Lourenço, de quem viera illustrar a traducção dos *Ensaíos sobre o homem*, de Pope, pôz entraves, negando salas para as aulas e impedindo as exposições.

A 5 de novembro de 1826, graças ao ministro do Imperio, Estevão Ribeiro de Rezende, Conde de Valença e ao Visconde de S. Leopoldo, foi installada definitivamente a Academia, inaugurando-se as aulas no mesmo dia, com a presença do Imperador.

«Com auxilio effectivo do governo, favorecida pelo bispo do Rio de Janeiro, d. José Caetano da Silva Coutinho, e pelo marquez de S. João da Palma, a Academia foi logo procurada por alumnos. Tantos e tão esforçados se revelaram na avidez de aprender que, em 1829, embóra em character privado, a Academia realisava a primeira exposição. Davam-lhe trabalhos a secção de pintura, dirigida por Taunay e Debret, a de escultura a cargo de Marcos Ferrez, a de architectura obedecendo a Grandjean de Montigny. Só na secção de architectura a Academia exhibia mais de 100 trabalhos, quinze devidos ao mestre abrindo exemplo a discipulos. Laboriosa sobre auspiciosa pois a primeira exposição artistica no Rio de Janeiro. Realisou-se na significativa travessa das Bellas Artes, no fim de sceptro de D. Pedro I, amigo e cultor de artes e artistas, d'estes na musica imperial collega».

Em 1827, quando se matricula Manoel de Araujo Porto-Alegre, Debret, desgostoso com a má organização e as impertinencias do famigerado director que «não podendo ferir os mestres feria o ensino», publicou o projecto tres annos antes feito com os companheiros, o que irritou ainda mais a Henrique Silva, que fez publicar uma algaravia — «Reflexão abreviadas sobre o plano para a Academia Imperial de Bellas Artes, que se diz composto pelo Corpo Academico».

Em 30 de dezembro de 1829 inaugurou-se a primeira exposição de bellas artes (2), graças a energia de Pedro I, na do anno seguinte apparecendo mais concorrentes, figurando entre estes Domingos José Gonçalves de Magalhães, mais tarde Visconde de Araguaia.

Devido a Henrique Silva, Simão Pradier havia se retirado para a Europa (1818), enquanto Lebreton, retrahindo-se, ia residir numa casa afastada do centro, na praia do Flamengo, onde morreu em maio de 1819.

Em 30 de dezembro de 1831, porem, era publicado decreto mandando executar a reforma — Debret.

Escragnolle Doria historia :

«Em 1831 o partidario tornou turbos os dias da Academia ; entretanto, ás vezes d'ella o corpo discente lhe cortava a disciplina. Embóra sempre grato premiar e desagradavel se necessario corrigir, a Congregação, apoiando o director, chamava á ordem um outro alumno excedido na mocidade. Pendia para a indulgencia quando paes ou responsaveis pediam desculpas dos desacertos de filhos ou recommendados.

Desagradavam á Congregação as quebras de disciplina. Igualmente não lhe aprouvera imposição do promotor publico da Regencia quanto á modificação nos distinctivos de D. Pedro I na frontaria do estabelecimento. Poderia este dizer ao propoente, á classica : isto vos importa só porque me deu de rosto a fortuna ?

A Congregação Artistica modificava, mas por conta propria. Assim Grandjean collocára no corpo central do edificio da Academia plano seu de 1826, portão de ferro com ornatos de bronze. Baixos relevos na archi-

(2) Nessa primeira exposição figuram 47 trabalhos de pintura historica, 106 de architectura, 4 do professor de paisagem, Felix Emilio Taunay e 4 bustos em gesso de Marc Ferrez.

volta representavam os genios das artes, lendo-se na parte superior a inscripção :

Academia Imperialis Bellarum Artium.

Resolveu a Congregação substituir *Bellarum* por *Liberalium*.

Incumbiram collegas a Marcos Ferrez de executar em barro, por 30\$000 cada um, seis capiteis das columnas do frontispicio. Forneceria a instituição para a obra o enxofre, os circulos de ferro e a pintura a bronze, declarando por fim Ferrez não querer empreitada nem a 50\$000 cada capitel.

Em 1840, anno de Brasil todo esperanças pela Maioridade, o director das Bellas Artes, Felix Emilio Taunay, pediu ao governo a transformação em geraes das exposições artisticas até então particulares da Academia, providencia de importancia para esta e de prompto attendida».

Com a morte de Henrique José da Silva a 29 de outubro de 1834, foi nomeado director interino Grandjean de Montigny, que passou o cargo a Felix Emilio Taunay, professor de paisagem (os ultimos que restavam da Missão, pois Augusto Taunay morrera em 1824, Debret e Nicolau Taunay haviam voltado para a Europa em 1831), e que, esquecendo resentimentos que perseguições e injustiças de Henrique Silva haviam avivado, revelou a maxima operosidade e dedicação, ensinando proficientemente, formando discipulos que foram não só os primeiros alumnos fundadores da escola de pintura, como os primeiros pintores brasileiros que surgiram na phase organica, preparados pela Academia (3).

(3) Em 1835, o director Felix Emilio Taunay faz a primeira distribuição de medalhas aos alumnos da Academia, na seguinte ordem:

Na aula de Pintura Historica — Grande medalha: Carlos Luiz do Nascimento. Pequena medalha: Luiz Ramos de Azevedo.

E eram Francisco Pedro do Amaral, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Francisco de Souza Lobo, José da Silva Arruda, professor de paisagem, fallecido a 28 de fevereiro de 1833 e José Carvalho dos Reis, brasileiros; Simplicio Rodrigues de Sá (4) e José de Christo Moreira, portuguezes; e Affonso Falcoz, francez e que ensinou pintura em Porto Alegre.

A permanencia de Montigny na direcção, foi breve. Escolhido effectivo, resignou o cargo, sendo nomeado seu substituto Felix Taunay, que dirigiu até 1851, quando tambem resignou e foi jubilado. Substituiu-o, interinamente, Job Justino de Alcantara, que não querendo continuar, passou as funções a Porto-Alegre, que as transmittiu, ainda em 54, ao Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

De 1831 a 1834, o ensino de bellas artes transcorreu sem incidentes, normal e obscuramente. Nada de notavel registra.

«Tratado o caso das medalhas, outro preoccupou a Congregação da Academia, a criação da aula de modelo-vivo. Bem mais arduo achal-o que abrir curso. Após demora afinal se apresentaram dous candidatos ao cargo, de nudez, virar e paciencia. Um dos modelos fôra descoberto pelo professor Ovide, outro pelo porteiro da Academia. Mãos fados perseguiram os candi-

Aula de Pintura e Paisagem — Grande medalha: Manoel Gonçalves Villela. Pequena medalha: José Maria Rubello.

Aula de Architectura — Grande medalha: Antonio Baptista da Rocha. Pequena medalha: Miguel Francisco de Souza.

Aula de Esculptura — Pequena medalha: José Bernardo Santarém.

Aula de Desenho de Modelo Vivo e Gesso — Grande medalha: Manoel Joaquim de Mello Tupynambá. Pequena medalha: José Vieira Souto.

(4) SIMPLICIO RODRIGUES DE SÁ, nasceu na Ilha Grande, tendo chegado ao Rio em 1820, sendo nomeado substituto da classe de pintura historica, do corpo docente da primeira organização da Academia de Bellas Artes. Discipulo de Debret, substituiu-o na aula de pintura, em 1830. Em 1834 passou a effectivo. Foi pintor da Imperial Camara e dos principes. Deixou varios retratos, a Pinacotheca guardando delle *Retrato do Marquês de Itahambupe* e *O irmão pedinte*. Falleceu a 9 de março de 1879, á beira do seu tumulo, no Sacramento, falando Taunay, director da Academia e Porto-Alegre.

datos : o de Ovide sahio da cidade, o do porteiro enfermou gravemente. Mais tempo decorreu até apresentar-se por si mesmo novo modelo vivo, embora parecendo morto tal o seu estado physico.

Encruou até março de 1834, (Moreira de Azevedo diz que a aula de modelo-vivo foi inaugurada a 2 de maio de 1835), a aula de modelo-vivo, só n'aquella data encontrado um modelo, «acceito por necessidade, máo de rosto, mediocre nas partes superiores do corpo». Porsaria a dez tostões por sessão. Por tal preço impossivel obter siquer parte do antebraço do Apollo do Belvedere. Na velha Academia, aliás, a questão do modelo vivo masculino seria sempre continua. Do feminino não havia falar. Costumes da época, nem mesmo entre necessitadas, o produzia ou autorisava. O prego do dinheiro não valia o do pudor femine.»

Sobre o ensino se occupavam os ministros do Imperio, mas nem sempre com sympathia.

José Lino Coutinho, por exemplo, no seu relatorio de 1832, declarava que a «Academia de Bellas Artes, creada para aptoveitar a mocidade brasileira nas obras de imaginação e de gosto, para as quaes tem grande queda, estava, por assim dizer, em perfeita nullidade, sem estatutos nem plano de estudos theoricos e praticos ; nem os mestres ensinavam, nem os discipulos aprendiam». E alludia, após, ás providencias do governo organisando um plano de estudos, marcando obrigações a professores e empregados.

O Ministro Nicolau Vergueiro, em 1833, dirigia-se ao Corpo Legislativo, assim se exprimindo : «A Academia das Bellas Artes é um estabelecimento que não pode apresentar grande prosperidade em um paiz «onde estão em atrazo as que são mais necessarias á vida», comtudo é frequentada por quatro alumnos matriculados e muitos amadores, entre os quaes alguns se notam com grande aproveitamento».

Veiu depois outro *Ministro da Regencia, Chichorro da Gama* e pediu a reforma do ensino, fazendo varias sugestões.

Em 1835, o *Ministro Joaquim Vieira da Silva e Souza* pedía ao governo autorisação para dar premios nas aulas de desenho e de modelo-vivo.

Já no relatorio de *José Ignacio Borges*, no anno seguinte, apparece referencia os aproveitamento dos alumnos ; em 1837, *Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté*, pede a creação da cadeira de gravura de medalhas ; em 1839, *Bernardo Pereira de Vasconcellos* considera pequena a verba da Academia e *Francisco de Paula Almeida e Albuquerque* desapropriava predios para a formação da praça semi-circular em frente ao estabelecimento e abria a rua *Leopoldina* (assiin chamada desde 16 de outubro de 1846), depois *Barbara de Alvarenga* e, por fim, *Imperatriz Leopoldina*.

Cogitava-se, então, das exposições geraes, concorrendo alumnos e artistas de fóra, o que o *Conselheiro Manoel Antonio Galvão* mandou executar em 1840, concedendo premios aos melhores expositores.

Só no primeiro ministerio da *Maioridade* foi que se realizou o primeiro *Salão*, determinado na *Regencia*.

«Nem ficára a Academia indifferente ao successo da *Maioridade*, elegendo a *Congregação Grandjean, Zeferino Ferrez e Porto-Alegre* para em companhia do director e do secretario apresentarem cumprimentos ao antecipado imperador.

Correspondeu o juvenil soberano ás felicitações, mal as tendo recebido visitando a exposição geral da Academia, então novidade. Acompanharam-o as irmãs *D. Januaria e D. Francisca*, discípulas de desenho do director da Academia. Nenhum quadro escapou á observação de *D. Pedro II*, desejando conhecer os autores das tēlas, interesse para com elles completado pela amabilidade das princezas.

A exposição de 1840 fez época e na seguinte de novo o imperador e as irmãs compareceram na Academia, publicamente reconhecido ser o desenvolvimento da instituição devido ao prestante director d'ella, Felix Emilio Taunay.

Varios foram os trabalhos de attrahir especial exame na exposição de 1841. Na precedente expuzera Grandjean bello projecto de Bibliotheca Publica. No salão de 1842, Grandjean mostrava o edificio em córte longitudinal, peristyllo interior aberto sobre jardim, re-puxo ao centro para irisar de aguas estatuas em recreio de vista.

Na exposição de 1842, podia D. Pedro II encontrar em tela successo no qual fôra primeira figura, a sua *Coroação*. Francisco Moreau, discipulo de Gros, o pintor dos grandes quadros pro Napoleão, representára D. Pedro na Capella Imperial, de joelhos, a receber corôa.

Já na exposição seguinte da Academia, o imperador comparecia tendo ao lado a recente imperatriz D. Thereza Christina. O sabbado 7 de Dezembro de 1843, no qual de tão tempestuoso parecia o céu vir abaixo, não impedio aos soberanos descerem de S. Christovão só por vir á Academia».

Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy, Ministro do segundo gabinete da Maioridade, no seu relatorio accentuava o progresso da Academia, o estimulo que o governo dispensava aos artistas, laureando-os e suggeria novas medidas para aperfeçoamento dos alumnos.

Por fim, Almeida Torres, Visconde de Macahê, Ministro no gabinete de 2 de fevereiro de 1844, mostrava os fructos do incentivo official, animando os artistas.

O Premio de Viagem foi creado em 1845, conquistando-o, inicialmente, o alumno Raphael Mendes de Carvalho.

Sobre a instituição de premios escolares, escreveu o sr. Escragnolle Doria :

«Mas a Congregação da Academia não se occupava só em proteger recrutaveis, tambem desejava recompensal-os. D'ahi cogitar de medalhas destinadas a premios escolares, incumbindo disto Zeferino Ferrez, outr' ora encarregado da medalha commemorativa da inauguração da Academia.

Por voto d'esta deveriam as medalhas de premio trazer de um lado a effigie de D. Pedro II com a legenda *D. Pedro II Bras. Imp.* e do outro lado a inscripção *Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro* circuldada por corôa de louro acima da qual se leria *Ao Genio E A' Applicação.*

Zeferino Ferrez executou incumbencia offerecendo a numismatas um *Pedro II* adolescente, de peito a veneras, de pescoço apertado em gola bordada, ao hombro dragona larga onde o ouro não fôra poupado. Na medalha Ferrez. *D. Pedro II* parece sorrir, ainda na quadra da vida em que esta tambem sorri promettendo».

A vida academica proseguia normalmente.

Em 14 de maio de 1845, o Ministro do Imperio Couto Ferraz (Luiz Pedreira de), dava nova organisação á Academia, dividindo-a nas quatro secções seguintes :

1.ª) desenhos geometricos, de ornatos, architectura civil ;

2.ª) esculptura de ornatos, gravuras de medalhas, pedras preciosas-estatuaria ;

3.ª) desenho figurado, paisagem, flores e animaes, pintura historica e modelo-vivo ;

4.ª) mathematica applicada — anatomia e physiologia das paixões, historia das artes, esthetica e archeologia.

A actividade das artes plasticas no Brasil, abrangendo varias epochas, terá que ser, para um estudo racional, dividida em periodos, afim de poder-se fazer melhor selecção de valores e para completo conhecimento da sua genese e seu desenvolvimento.

Segundo Laudelino Freire, a pintura brasileira apresenta duas grandes phases — a precursora e a historica.

A primeira se estendendo desde 1637, com o advento do governo de Mauricio de Nassau a 1816, até á chegada da Missão Franceza; a segunda começando nesse anno, vindo até os nossos dias.

Se a phase precursora não offerece delimitação de etapas, desordenada que transcorreu sempre, apezar das valores incontestaveis, alienigenas e autochtones, a phase historica divide-se em duas epochas fundamentais — a de Formação e a de Desenvolvimento, segundo ainda Laudelino Freire, a primeira partindo de 1816, vindo até 1860, subordinando-se a tres periodos:

a) de 1816, anno em que chegaram ao Brasil os artistas francezes contratados pelo marquez de Marialva, a 1826, data da fundação da Imperial Academica de Bellas Artes;

b) de 1826 a 1840, anno em que se tornaram geraes as exposições da Academia e foram creados premios para os expositores que mais se distinguissem;

c) de 1840 a 1860, data em que começaram a surgir Victor Meirelles e Pedro Americo.

A segunda epocha é a do Desenvolvimento, que começa em 1860 e se estende até o presente.

Gonzaga Duque acha, por sua vez, que «a pintura brasileira abrange tres periodos distinctos, correspondentes aos progressos moral e material da nação». O primeiro que denomina de MANIFESTAÇÃO vem de 1695,

com frei Ricardo do Pilar, a 1816, com a fundação da Academia; o segundo de 1830 e que chama do MOVIMENTO, com o inicio da Missão Franceza até 1860; e o terceiro, o de PROGRESSO «que tenta exprimir unicamente a estabilidade do ensino academico e o maior numero de produções e productores» que «seguiram, pouco mais ou menos, a corrente de inspiração que seguiram os antecessores».

A affirmação do preclaro historiador da *Arte brasileira* não exprime absolutamente a verdade, porque não será possível ver nos pintores que vieram de 60 para cá, a mesma e unica orientação dos artistas de 1695 ao advento de Victor Meirelles e Pedro Americo. Mesmo estudando-os somente até o fim do seculo passado.

Se não se libertaram totalmente de influencias extranhas e não rumaram para um profundo sentido brasileiro, nem por isso «seguiram pouco mais ou menos, a corrente de inspiração que seguiram os seus antecessores»

A libertação, que o aperfeiçoamento europeu retardou sempre, tinha de ser feito paulatinamente. E assim aconteceu, sem que com isso — aqui concordemos com o insigne critico — forjassemos, definitivamente, uma arte nacional, com todas as características supremas e da nossa terra e da nossa gente.

Caminhamos certamente para alcançar esse objectivo.

Na epocha de Formação é indiscutivel o serviço prestado ás artes plasticas no Brasil pela missão franceza. A ella deve-se tudo.

Debret, illustre pintor de historia, discipulo de Louis David (1778-1828), orienta a formação dos nossos pintores, secundado por Taunay (Felix Emilio), professor de paisagem desde 1824. Ensina-lhes a arte com sinceridade e sabedoria, abre-lhes rumos seguros á in-

telligencia e á emoção e auxiliados depois pelos artistas que conseguem fazer apresentam ambos um segundo grupo de pintores, do qual se destacam Augusto Muller Agostinho da Motta (1824-1878), José Correia de Lima (1814-1857), Maximiano Mafra, Leão Pallière, Poluce-no e Rocha Fragoso.

«Aos seus esforços se deve a primeira exposição; pintou quadros e decorações, além de ter desenhado com indicações do primeiro Imperador, a primeira bandeira brasileira, as armas imperiaes, as ordens honorificas, a indumentaria imperial e tudo mais que reclamava a sua collaboração competente».

Enquanto elle leccionava, Grandjean de Montigny, architecto, dirigia a Academia e começava a querer pôr em ordem o cahos da architectura nacional, impondo bom gosto.

Debret é severo, trabalhador, probo e tudo faz pelo nosso desenvolvimento artistico. Bom desenhador, sem qualidades de colorista, minudente, conhecedor da sua arte, pinta a enorme tela *Sagração do Imperador D. Pedro I Desembarque da Imperatriz Leopoldina*, o excellentre retrato de D. João VI (Pinacotheca Nacional), *Fundação da Academia de Medicina*, *Grande revista na Praia Grande, em presença da Corte Imperial* e illustra a *Flora Fluminense*, de Conceição Velloso.

Retirando-se do Brasil a 25 de julho de 1831, após prestar tão inrecompensavel serviço, levou em sua companhia Manoel de Araujo Porto-Alegre e Nicolau Antonio Taunay. Escreveu-se, então, que elle partira «tendo perdido 16 annos de sua vida em um paiz que o não soube aproveitar, e que desconheceu todo o alcance do seu merito, e o quanto aquelle virtuoso varão, honra da nação franceza, poderia influir para o progresso das Bellas Artes em um paiz, que elle amava, como um artista costuma amar a gloria perduravel.

Em Paris, Debret escreve e desenha a importantissima *Voyage Pittoresque et Historique au Bresil* (Ed. Didot, 1834), em 3 volumes de 508 paginas e com 156 gravuras de Pradier.

Nicolau Taunay, que com elle seguira, paisagista e pintor de historia, gloria da pintura franceza, era «a mais accentuada individualidade de artista que faria parte da colonia».

No Rio de Janeiro deixou *Os pastores da Arcadia*, de uma grande delicadeza poetica, *Morte de Francia* e o *Correio D'Amiens*, em todos os trabalhos mostrando o mesmo desenho correcto, o mesmo colorido sem exhuberancia, mas justo, o mesmo movimento e realidade. Nascido em Paris em 1768. Já morreu em 1845.

PROGRESSO

Emilio Taunay, Cicarelli, Corrêa de Lima, Barandier, Francisco Moreaux, Luiz Augusto Moreaux, Augusto Muller, Luiz Stalloni, Reis Carvalho, Buvelot, Hildebrandt, Viriato de Freitas e João Baptista Borely.

Filho do emerito pintor Nicolau Taunay, Felix Emilio Taunay, nascido em Montemorency, (1795-1881), 2.º barão de Taunay, em 1821 assumiu a cadeira de professor de paisagem na Academia e por morte de Henrique José da Silva foi nomeado director, servindo no cargo de 1834 a 1854, jubilando-se como professor em 1851. Ensinou e trabalhou. Na Pinacotheca existem de sua autoria duas paisagens, tres quadros de historia e um retrato. As paisagens revelam muita procura de exactidão, mas *tambem falta* de sentimento da nossa côr. Pecou por vezes pela minudencia. Dos seus trabalhos destacam-se *A morte de Turenne* (1), *Descoberta das aguas thermaes de Piratininga* e *O caçador e a onça*, facto occorrido, segundo a tradição, no Estado do Rio. Gonzaga Duque prefere o ultimo, aliás dizendo que a figura do caçador se apresenta núa, quando está de

(1) O professor CUNHA MELLO, referindo-se aos quadros attribuidos a Taunay em 1879, pertencentes á Pinacotheca, levanta restricão quanto ao *A morte de Turenne*, achando que este não é de autoria do emérito pintor.

calça e nua apenas da cintura para cima. Do retrato de Pedro II (1835), considera a cabeça bem modelada e colorida por mão de mestre, o que é verdade. Araujo Vianna exalta-o como delicadissimo e primoroso trabalho de pintura.

O autor da *Arte Brasileira* achou Taunay «sobrio no colorido, e quasi sempre correcto no desenho». Ha quem o proclame fundador da paisagem brasileira.

Na igreja da Gloria do Outeiro ha um importante quadro de Emilio Taunay, allusivo a uma queda que levara D. Pedro I, proximo do Paço de S. Christovão. «No meio do quadro vê-se o Imperador, que tinha cahido do cavallo que montava, sustentado por um anjo, o qual ao mesmo tempo afugenta a morte, que tenta approximar-se do monarcha; á esquerda a Imperatriz D. Leopoldina a cavallo invocando a protecção de N. S. da Gloria, no alto, entre nuvens».

Embaixo, do quadro, lê-se :

— Hujos operis (cum equiti rabiem indomiti Petrus I Brasilici Imperii Conditor pene salvus evasisset) primam disposuerat adumbrationem A. M. Taunay, sculptor Parisiensis. Mors intercepti... carissimi avunali nobile propositum hãc tabulã vivis expressit coloribus Emilius Taunay. Anno Domini M. DCCCXXVII. Ex voto.

Taunay prestou, incontestavelmente, relevantissimos serviços ao ensino artistico.

Foi quem creou a Pinacotheca e primeiro cuidou de enviar artistas brasileiros á Europa. Embora tendo suggerido a medida na sessão do Conselho de Professores de 17 de março de 1841 e na sessão publica de 3 de novembro do mesmo anno, só a viu acceita annos depois, com o decreto n. 368 de 19 de setembro de 1845, sancionando a resolução da Assembléa Legislativa

Não será demais accrescentar que dez dias depois, D. Pedro II ordenava a abertura de concursos annuaes

para premio de viagem. O primeiro realizou-se a 20 de outubro do anno citado.

Coube ainda a Taunay lembrar ao governo, em 1849, a creação do ensino de historia das artes o que se fez na direcção de Manoel de Araujo Porto-Alegre.

Alexandre Cicarelli, que chegou ao Brasil em 1840, figurou no *Salão* de 43 com retratos e paisagens de valor secundario. Em 1846 pintou o *Casamento de S. M. a Imperatriz e Senhora D. Thereza de Napolis*.

José Corrêa de Lima (1814-1857), discipulo de Debret, revela bom desenho e colorido apreciavel, sendo autor da *Magnanimidade de Vieira* (1841), *Retrato do marinheiro Simão* (1853), bravo carvoeiro do vapor *Pernambuco*, que a 9 de outubro de 1853, em Laguna, salvára tres pessoas; do *maestro Francisco Manoel da Silva e suas enteadas* (1856), na Pinacotheca Nacional; da *Abnegação de D. Maria de Souza e de A Santa Virgem*.

O quadro *Magnanimidade de Vieira* representa a famosa queima dos cannaviaes mandada atear por Vieira, no tempo do dominio de Nassau. «O governador general, no intuito de arruinar as possessões hollandezas, ordenou aos mestres de campo na Varzea, lançassem fogo a todas as plantações de cannas em Pernambuco, sem reflectir que os portuguezes e não os hollandezes estavam senhores do paiz, e que dai resultava grandes prejuizos para o exercito patriota.

Existiam, então, em Pernambuco, 150 fazendas e engenhos de assucar que empregavam 3.750 homens. Vieira perturbou-se ao receber esta ordem que não quiz referendar, mas como testemunho de obediencia mandou por fogo aos seus proprios cannaviaes, com o que soffreu uma perda de duzentos mil cruzados. Eis o thema do quadro» Foi cathedratico da Academia em 1849, succedendo a Debret. Araujo Vianna dil-o, natural de Minas.

Na exposição de 1843 appareceu Claudio Barandier, francez, com retratos que se recommendavam, genero em que se destacou, tendo tambem feito composições como *A filha de Jephthé* e *Durante o massacre das prisões em Paris no anno de 1793*. De sua autoria é um bom retrato do commendador Manoel Machado Coelho, Syndico da Ordem de S. Francisco de Paula de 1822-1862, pintado em 1856. Falleceu em 1867.

O meio vae já attrahindo pintores, que as exposições geraes estimulam.

Chegam os irmãos Moreaux. Francisco, fallecido em 56 e discipulo do Barão de Gros, apresenta *A coroação de S. M. D. Pedro II* (1842), de bom colorido, mas de desagradavel desenho, merecendo o Habito da Ordem de Christo. Delle são tambem *David triumphante*, um painel da familia imperial, *Proclamação da Independencia do Brasil*, *Retrato de Menina* e *A visita do Imperador aos doentes de cholera-morbus*, talvez «a melhor de suas obras». Bethencourt da Silva, depois de elogiar o pintor fixando a scena do Imperador descendo do alto do throno até ao leito do misero escravo atirado na enxerga de um hospital, e, piedoso, como um verdadeiro pae, conchegar a coberta ao corpo do pobre enfermo — diz :

«Em conclusão, um quadro que obteve os sinceros elogios, que captivou a attenção dos artistas, entre os quaes nos é grato citar os Srs. Muller e Motta, que não são suspeitos nem lisongeiros, pode sem receio ser collocado a par desses paineis que se recebem como frutos do talento e do estudo».

Luiz Augusto Moreaux (+75), que nunca tentara a historia, preferindo o retrato, em 43 expôz *Jesus Christo no Monte das Oliveiras*, no qual encontram reminiscencias de Signol, no anno seguinte apresentando *Alta de mineiros*, que consegue successo, pela realidade e emoção com que interpretava a noite tropical polari-

sada de luar. Moreaux faz ainda *Scenas de Walter Scott*, retratos do Imperador, Alvares Cabral, Affonso de Albuquerque, Vasco da Gama e da actriz Lagrange, na opera *Norma* e que é das suas melhores obras. Foi pintor distinctissimo.

Francisco e Luiz Morcaux deixam numerosos desenhos representando aspectos urbanos e dos arredores cariocas.

Natural de Baden, Allemanha, onde nascera em 1815, Augusto Muller veio para o Brasil, fazendo aqui a sua educação artistica. Matricula-se na Academia a 20 de novembro de 1829, alcança premios na exposição de alumnos de 1834. Mediante concurso é nomeado lente da cadeira de paisagem a 26 de março de 1835, passando a cathedratico a 1 de setembro de 1851, com a aposentadoria de Felix Emilio Taunay. Jubilou-se em 1860.

Augusto Muller surge dotado de uma «grande energia de toque, de uma exquisita paixão pela força, pela vida, pelo n'». Professor probo, destacou-se como retratista e pintor historico. Grandjean de Montigny, feito por elle, é obra definitiva.

O mestre Corrêa dos Santos é bom; *Jurgutha no fôssô de Tulia*, inspirado em Tito Livio, revela «solidez e simplicidade de colorido». Quando exposto deu ao autor a commenda do Habito da Rosa. *Por do sól* é uma paisagem recommendavel.

Affirma Laudelino Freire que Augusto Muller era de genio exquisito e retrahido. «De uma feita, endereçando-lhe Porto-Alegre, então director, algumas reflexões acerca do seu programma de ensino, apresentado á Congregação, em sessão de 29 de outubro de 1855, lhe respondeu desta forma: «Sou artista — os encomios obtidos na exhibição de meus trabalhos, assegurarão-me de há muito. Sou professor — a preferibilidade conseguida n'um concurso, affirmou-me: Devo ser respei-

tado : esse triplice quesito garante semelhante invulnerabilidade. . . «Os nossos artistas devem ser americanos». E' assim que se exprime o Sr. Director sobre o meu programma. Ora, porque os discipulos copiem quadros europeus para entrar na mescla das tintas, não obsta a que se nacionalisem na arte; os principios elementares da arte têm uma só patria, e essa é o Mundo; e para refutar essa proposição, basta-me apontar o Sr. Motta que, não só estudou a paisagem na Europa, como também principiou pelo systema rotineiro, e no entanto é artista Americano e pinta o nosso paiz com verdade ! ! Em quanto ás razões apontadas pelas mesmas reflexões, em favor da pratica da pintura em aguarela, não me convencem, sendo até um falso systema para o artistico e desfavoravel para reprodução das fórmãs, e sem se prestar convenientemente no que respeita ao aerie da paisagem, só servirá de embaraço ao alumno na sua carreira artistica. — «E' necessario que o professor de paisagem, para que seja perito, tenha noções geraes de botanica, geologia e metereologia». Mesmo quando fosse isto uma verdade, cuja hypothese não admitto, seria inconveniente diz-lo a quem tem, por meio dos seus trabalhos, conseguido, sinão uma reputação artistica de Claude Lorrains, ao menos uma capacidade bastante a descalçar a luva e atiral-a em pleno concurso aos seus censores. Convenho que a sciencia d'esses principios, apontados pelo Sr. Director, seja vantajosa, mas não ao paisagista, como meio de sua perfectibilidade; sinão a todo o individuo que pretender os fóros do encyclopedismo, para divagar constantemente, embora superficialisado em tudo».

Em 43 estréa Luiz Stalloni, professor honorario da Academia de Napoles, apresentando retratos bons no começo e em seguida (1844) com tamanha ausencia de arte, que fal-o retirar-se do Rio — diz Gonzaga Duque. Pintou um soffrivel retrato do Monsenhor An-

tonio Vieira Borges (1852), que está na igreja de S. Pedro, outro de Marinangeli e um quadro fixando o Largo do Paço em 1865, que possui «fundo regular, mas figurinhas detestáveis».

Carlos de Laet, contestando o autor de «Arte Brasileira», afirma que Stalloni não sahio do Rio, morrendo aqui á rua de Santa Luzia.

Aparece ainda Reis Carvalho, que se dedica á natureza morta e ao retrato. Na exposição de 1865 obteve medalha de ouro.

«As flores do Sr. José dos Reis Carvalho confirmaram sua reputação de primeiro pintor de flores da nossa escola ; não é possível maior limpeza de tintas, nem mais exacta imitação da verdade» — dizia o director da Academia ao entregar os premios aos laureados.

Reis Carvalho fez *Vista do Boqueirão de Lavras, do Ceará*

Homem de Mello referiu-se a um trabalho seu : «O grupo de flores brasileiras está executado com uma paciência e uma perfeição admiráveis ; o artista colheu essas flores em todo o seu viçoso frescor e as fixou na téla, guardando como por encanto os vívidos matizes na natureza».

Não será demais citar-se aqui o nome de Buvelot (Abraham Louis Buvelot), suíço, nascido em Morges aos 3 de março de 1814. Estudou pintura em seu paiz, tendo sido discipulo de Arlaud, em Lausanne. Chegou ao Rio em 1840, apparecendo no Salão de 1843 com duas paisagens, demorando-se aqui pelo espaço de quinze annos, pintando, sobretudo, a cidade e os suburbios. Pintando bem. Casado já, voltou á Suíssa, retornando ao Brasil em 1864. Partiu depois para a Australia, fallecendo em Melbourne, aos 30 de maio de 1883. De Buvelot pode-se admirar na Pinacotheca Nacional o quadro *Vista da Gambôa* (0.38 X 0,45).

O pintor *alemão* Eduardo Hildebrandt, nascido em Dantzig, Alemanha, em 1818, empreendeu varias e longas viagens ás expensas de Frederico Guilherme VI. E como Ruçendas, Oureley e outros, veio parar a estas plagas, aqui chegando em março de 1844. Visitou depois S. Paulo, voltou ao Rio, seguindo para Bahía e Pernambuco, rumando em outubro para os Estados Unidos.

No Rio, que visitou por duas vezes, não pintou pouco. Fixou praças, chafarizes, igrejas, typos de rua, os nossos arredores, como o interior fez frutos, arbutos, flores, animaes e indigenas. Pintor a oleo e aquarelista, era neste genero que revelava qualidades incomuns. Joaquim de Souza Leão Junior disse: «A arte de Hildebrandt vive nas aquarellas, pela sua extraordinaria virtuosidade manual que resolve os mais intrincados problemas com admiravel ligeireza de toque, tão vibrantes de luz como os do celebre Turner, seu visivel inspirador».

De Hildebrandt, que fôra discipulo de Isabey (1767-1855), em Paris, e morreu em 1869 em Berlim, ha na «National Galerie» dessa cidade, innumer as aquarellas feitas em nosso paiz.

Concorria para o movimento artistico contemporaneo, Francisco Viriato de Freitas, que no Salão de 66 expunha quatro retratos, merecendo menção honrosa. E' de sua autoria o do Corrector Graduado e Syndico José Machado Coelho, existente na igreja de S. Francisco de Paula e feito em 1865.

João Baptista Borely, pintor francez, introduz em 1849, o pastel. Até então predominava a pintura a oleo. No tempo, parece que não foram alheios ao processo entre outros, o francez Gensollen.

Borely fez uma grande exposição que mereceu comentarios de Porto-Alegre. Citam-se d'elle um retrato do Dr. Joaquim Caetano da Silva, reitor do Collegio

Pedro II, outro (1850), magnifico, do conselheiro Thomaz Gomes dos Santos, 5.º director da Imperial Academia, ora na sala da directoria da Escola de Bellas Artes (2) e *Um parque real no reinado de Luiz VI ou os grandes senhores da epoca.*

O saudoso mestre Araujo Vianna conheceu Borely, em 1876, residindo no arraial do Taboleiro do Pomba, Minas, a pintar, não «pelo processo do pastel, mas retratos a oleo, a torto e a direito, de toda a gente do arraial e adjacencias, e a todo preço...» Por vezes não assignava as têlas que considerava inferiores. Entregando-se ao vicio da embriaguez, nos momentos de lucidez pintava quadros que eram admirados e admiráveis. Diz Araujo Vianna que quando o conheceu (1876), apparentava quarenta e poucos annos.

Borely morreu em Minas.

(2) THOMAZ GOMES DOS SANTOS nasceu no Rio a 17 de abril de 1803, de paes pauperrimos. Revelou em creança intelligencia vivissima. Inlo para a França, bachardou-se em lettras em Paris e em medicina na Academia de Montpeller. Voltando ao Brasil, foi em 1834 nomeado lente de clinica interno da Escola de Medicina, sendo depois, a 13 de dezembro, escolhido para medico do Imperador. Fielto deputado á assemblya geral de 1845 a 1848, governou a Provincia do Rio de Janeiro, cuja instrucção dirigiu, como a Academia Imperial de Bellas Artes, desde 1859 até 10 de julho de 1874, quando falleceu. Em 1851 o *Reformador*, periodico liberal, teve-o como redactor-chefe. Joaquim Manoel de Macedo disse que elle era: «Talento descommunal, illustração vastissima, imaginação fulgurante, espirito feliz e radiante de inspiração, encyclopedta viva, criterio e bom senso, memoria prodigiosa, coração patriota».

Barros Cabral, Mendes Carvalho, Mello
Corte Real, M. Mafra, N. Bautz, Freire,
J. M. Heaton, Krumholtz, Antonio Nery,
Alves de Britto e Caetano Ribeiro.

Com o inicio das exposições geraes em 1929 começa o desenvolvimento do meio artistico. O publico já frequenta as exposições, interessa-se por trabalhos de arte ; artistas estrangeiros vêm-nos conhecer de perto, fixam o nosso ambiente.

A arte é ainda completamente alheia ao espirito nacional, não tem nenhuma feição nossa. Reflecte as influencias da arte de que surgiu.

A Academia possui artistas brasileiros de merecimento que vão expondo e que se habilitam para o ensino.

Joaquim Lopes de BARROS CABRAL Teive, nascido no Rio a 8 de fevereiro de 1816 e matriculado na Academia na aula de Debret e de pintura (1833), estrêa na amostra de 43, eternizando a sua melhor obra em *Interior de um casebre*. Executou *Passagem do Exercito Brasileiro no Rio Negro*, fronteira do Estado Oriental e deixou por concluir *Naufragio de Medusa* que expôz em 42. Substituiu Corrêa de Lima na cadeira de pintura historica, em 1857 e falleceu a 6 de novembro de 1862. Fez o genero, a historia e a scenographia. No tecto e nas paredes lateraes da capella-mór de N. S. Mãe dos Homens pintou, além de quatro Evangelistas, a An-

nunciação e a Ascensão, offerecidos á Irmandade em 1861. Deixou discipulos como Frederico de Barros.

Mendes Carvalho, alumno da Academia, destaca-se no retrato e ensina o desenho. Expõe no Salão, apparecendo em 42, Pinta o *Desembarque de Pedro Alvares Cabral em Porto Seguro*, *A deposição de Christo*, «obra regularmente feita» e um esboço da *Plantação da Cruz pelos selvagens*.

Manoel Joaquim de Mello CÔRTE REAL, matriculado na Academia em 1837, apresenta-se com o quadro *Nobrega e seus companheiros*. E' um valor que se affirma. Não trabalha muito, porém, visto como inorre tres annos após a estréa, a 5 de setembro de 1848. E' de sua autoria o *desenho das torrés da igreja do Carmo*, á Rua 1.º de Março.

João Maximiano Mafra deixou *Thomaz Gonzaga no carcere*, *Caim amaldiçoado*, *Morte de Socrates* e alguns retratos como o de Alexandre Dias de Rezende, (1), Bemfeitor Medella e padre Francisco da Motta, na igreja de São Pedro, dedicando-se melhor ao professorado na Academia, da qual foi secretario desde 12 de agosto

(1) ALEXANDRE DIAS DE REZENDE — conta Moreira de Azevedo — «era de côr parda, nito, de olhos grandes; soffria de estrabismo, tinha um pequeno signal no rosto e as pernas inchadas, era homem rico, est'ado de todos, pertencendo a muitas Irmandades. Capitão do terço dos pardos, reformou-se como sargento-mór e teve o habito da ordem de Santiago da Espada». Querendo fazer parte da Irmandade de S. Pedro, enviou-lhe uma petição que foi indifferida, «por ser pardo». Desgostou-se com o facto, mas não bravear.

Alexandre de Rezende, que morava proximo á igreja, tinha um visinho que o ridicularizava por ser de côr e, para contrariá-lo, mais maltratava um escravo que era mulato, repetindo esta palavra em voz alta para que elle ouvisse. Em represalia ao aryano — é ainda Moreira de Azevedo quem nos revela o caso — comprou um cavallo russo e quando avistava o visinho ou o sabin proximo, gritava aos escravos:

— Apanhem o branco, deem-lhe o selim, que por andar manhoso o branco precisa de trabalho e de castigo.

Obedeciam os escravos e Alexandre de Rezende mostrava, gallardo, no branco.

Fallecendo a 9 de agosto de 1812, abriram-lhe o testamento, vendo-se, então, que Rezende deixara para a Irmandade de S. Pedro duas moradias, «para esto tomar logo conta dellas e fazer assistencia aos reverendos sacerdotes que se acharão enfermos, sem poderem celebrar, fazendo-lhes uma mesada a arbitrio da mesma Irmandade». Em 1852, propoz o padre Agostinho José da Silva que se fizesse o retrato do «instituidor do patrimonio dos clerigos pobres», sendo encarregado de fazel-o Maximiano Mafra.

de 1854 até aposentar-se. Flataram-lhe emoção e colorido, para uma obra mais vívida e brilhante. O autor da *Arte Brasileira* acha que «o desenho não lhe sahe puro do lapis — ou para melhor dizer — não tinha qualidades que o notabilizassem, mas, em geral, não peccava em proporções». Como professor e secretario da Academia tornou-se utilissimo ás artes e aos estudiosos. Em 1839 fundou uma associação para mandar vir da Europa colonos que servissem de modelo na Academia — diz Moreira de Azevedo. Foi elle quem ministrou a Araujo Vianna, em 1907, com mais de oitenta annos e quasi cego, informações preciosas sobre os personagens que figuram na «Coroação», de Porto-Alegre e explicou as razões porque o quadro não chegou a ser concluido. Coube-lhe traçar a quadricula e os primeiros delinea-mentos da tela. Duas cabeças foram pintadas por elle, para todas tendo posado os modelos. Certo dia, a Associação Commercial exigiu a sala onde se fazia o quadro. Enrolada a tela e levada para o almoxarifado do Palacio Imperial da cidade, nunca mais terminou-a Porto-Alegre. No concurso realizado em outubro de 1855 para os projectos do monumento a Pedro I, coube o primeiro logar a Maximiano Mafra, então professor de pintura historica. Escreveu Araujo Vianna que «quem estudar as Bellas Artes no Brasil, se certificará da influencia benefica e protectora de João Maximiano Mafra que, como alumno da Academia, obteve os melhores premios, sendo um delles proposto por Grandjean de Montigny». Cunha Mello diz que «o seu secretariado marca o inicio de uma nova era para as bellas artes, devido a sua acção patriotica e altruistica». E Gama Rosa, depois de salientar as suas qualidades de critico de arte, conclue: «Como administrador foi a mais celebre individualidade da Imperial Academia: synthetizando-a, consubstanciando-a, por longos annos». Mafra, aposentado na Academia em 1890, foi tambem pro-

fessor da Escola Polytechnica e do Instituto de Surdos Mudos. Falleceu a 24 de maio de 1908.

Vêm a seguir Napoleão Bautz, que foi bom retratista; Freire, J. M. Heaton, que faz aquarella com certo brilho; Ferdinand Krumholtz, hollandez, pintor da Viscondessa de Iguassú, na Pinacotheca e de quem Gonzaga Duque encontrou num retrato de Porto-Alegre, «estyllo de mestre, desenho que pôde ser taxado de rigoroso ou irreprehensivel, colorido claro e exacto e expressão admiravel pela naturalidade», autor de retratos do imperador, (2) da imperatriz e filhos e que viveu no Rio de 43 a 56; Francisco Antonio Nery, nascido em 1828 e pensionista do Estado na Europa de 49 a 51, tendo cursado a Academia de São Lucas, em Roma, fazendo o genero e a historia e deixando *Lavrador da Pharsalia*, *Telemaco* e *Philoctetes* e *Retrato do professor Minardi*, seu mestre. Morreu louco em 1866.

Alves de Britto estuda apaixonadamente a natureza, fazendo a paisagem e pintando flores e frutas.

Caetano Ribeiro faz-se retratista, decorador, scenographo e o restaurador admiravel do painel de José Leandro, no altar-mór da Capella Imperial. Nelle sobrepuzou o scenographo. Um dos seus trabalhos recommendaveis foi o scenario do drama «Ghigi», de Gomes de Amorim, feito com João Ignacio da Silva Freitas. «Companheiro inseparavel de Barros Cabral nas decorações do Theatro Provisorio».

No tempo, aparece Carlos Fontana, scenographo italiano, encarregado de pintar para o Theatro Lyrico, uma das scenas do *Trovador*, representando um claustro e o scenario de uma cantata dedicada ao Imperador, sendo, nesses trabalhos, auxiliado por Barros Cabral.

(2) Sobre o retrato do Imperador, escreveu MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALICAR: «Incontestavelmente é este o retrato do nosso soberano o melhor que se tem feito: desenho, colorido, força, e sobretudo caracter physiognomico formão um conjunto admiravel: está proprio, está vivo, como uma obra de mestre».

Grandjean Ferreira, Poluceno Manoel,
Delphim da Camara, Tirone, Rocha Fra-
goso, A. Souza Lobo, A. J. da Rocha,
Agostinho da Motta, Taglibue, Picozzi
Biard e Carlos Nascimento.

Os assumptos biblicos e as allegorias foram a fascinação de LEÃO PALLIÈRE Grandjean Ferreira, nascido nesta cidade. Alumno da Academia, premio de viagem em 1849, esteve na Europa de 1850 a 54, fazendo-se pintor de retratos, de historia e decorador. «A decoração do tecto da bibliotheca da Academia, uma *«Allegoria ás artes»*, é obra que no gcnero só tem confronto com a decoração da sala do Thesouro (Q. da B. Vista), feita por Bragaldi», em 1860. Com o mesmo cuidado artistico e a mesma sabedoria de composição, fez *Fauno e Bacchante*, *Jesus Christo em Ghetsemani*, *Descimento de Jesus Christo e Sertorio com a sua corça*. Retirou-se do Brasil em 1850, não mais voltando ao paiz. Foi artista instruido e prohiboso. Neto de Montigny.

POLUCENO Pereira da Silva MANOEL, «artista franco, porem muito trabalhador e honesto», premiado em 1860 e Delphim da Camara, este varias vezes premiado na Academia, dedicam-se ao retrato, que fazem sem vitalidade. O melhor de Delphim da Camara, que nasceu em Magê, a 31 de julho de 1834 e que em 65 abandonou os pinceis para ir defender a patria e em 70 vol-

tara capitão, é o retrato do conselheiro Leoncio de Carvalho (S. Paulo). Poluceno fez em 68 um notavel retrato de Motta Maia, depois conde desse nome.

No convento de Santo Antonio podem ser vistos varios retratos de Tirone, nenhum revelando as qualidades exigidas no genero. Mais do que elle fazem Rocha Fragoso e Antonio Araujo de SOUZA LOBO, nascido em Campos, a 26 de feveiro de 1840, alumno varias vezes laureado na Academia. O primeiro fez em 1866 dois formosos retratos de Henrique e Anna Trindade, que são conservados com carinho pelos distinctos artistas architecto Nestor Figueiredo e Sarah Villela de Figueiredo, esta descendente da retratada. São dois excellentes trabalhos. Da autoria de Rocha Fragoso são ainda retrato de Pedro II na Prefeitura de Petropolis, o do conde de Bomfim, o do Barão de Mesquita, e o do esculptor Padua e Castro, na igreja de S. Francisco de Paula e que são bons trabalhos. Quando exposto no salão em 1866, o ultimo mereceu medalha de ouro e estes conceitos do director da Academia. ao fazer a entrega dos premios :

«Um retrato do Sr. Padua, executado pelo Sr. Joaquim da Rocha Fragoso, obteve igual premio. Toda esta obra foi bem estudada ; a semelhança physica do rosto é perfeita, porem, o que mais impressiona é a gravidade digna, e a viva intelligencia que caracteriza a physionomia do illustre esculptor, fielmente trasladadas na tela. O Sr. Fragoso expoz mais cinco retratos e uma cópia ; são estes trabalhos dignos de estima».

Rocha Fragoso falleceu em 1893.

O segundo, Souza Lobo, abandonando a Academia em 1860 (na qual se matriculara em 1854), em virtude de injustiça soffrida, quando concorreu ao premio de viagem, fez-se scenographo, trabalhando no Theatro Provisorio, com Lopes Cabral e Caetano Ribeiro. Foi depois ajudante do restaurador da Pinacotheca, Car-

los Luiz do Nascimento, com este trabalhando até 1874. Um anno após fundou com o esculptor Almeida Reis e o architecto Rodrigues Monteiro, o Acropolis, que se tornou um centro de convívio e ensino artistico de 1867 a 1874. Por falta de auxilio, deixou apenas em esboço, que expoz, os quadros *Viagem do imperador aos Estados Unidos* e *A triplice Alliança*. Executou um retrato de Pedro II existente na Escola de Bellas Artes; *S. Narciso*, *Christo*, *S. Pedro* e *S. Paulo*, na igreja da Lapa dos Mercadores; um retrato de Floriano Peixoto, tamanho natural, para a Prefeitura de Florianopolis e que foi o seu ultimo trabalho. Exerceu o professorado no Lyceu de Artes e Officios, no Collegio Pedro II e no *Asylo de Menores Desvalidos* (Instituto Profissional João Alfredo), desde a sua fundação em 1876. Photographo e lithographo habilissimo. Falleceu a 1 de fevereiro de 1909.

Os melhores trabalhos que produziu, foram: *O Bombardeio do Forte de Itapirú*, premiado com medalha de ouro em 68, *Retrato* (1872) e *Vista da Bahia do Rio de Janeiro*.

Antonio José da Rocha, de quem quasi nada se sabe e de quem não se conhece trabalho, expõe na exposição de 1870 duas miniaturas e na de 1876 quadros inferiores aos primeiros.

AGOSTINHO JOSÉ DA MOTTA, nascido a 18 de junho de 1824 e fallecido a 21 de agosto de 1878, consegue ser premio de viagem da Academia em 1851, professor em 59 e cathedratico com a morte de Jules Le Chevrel, a 16 de abril de 1872.

Quando regressou da Europa trouxe varios trabalhos. Não sendo de muito operosidade, antes moroso e sem pertinacia na elaboração das suas obras, trabalhou pouco. Foi, porem, um artista.

«Tinha a fibra dos grandes artistas. Sabia ver e interpretar a natureza, apprehendendo-lhe toda a me-

lancolia poetica». O temperamento de Motta — disse o mestre de *A ironia de Rops* — não lhe permittiu ser creador e arrojado, mas brando, manso e delicado, e, por isso, a feição mais terna e suavemente poetica que existia na natureza brasileira, elle apanhou e traduziu como ninguem ainda, até em nossos dias, a tem comprehendido e interpretado com maior saber e igual talento» (1880).

«A vista da cidade de Saquarema pelo Sr. Motta, — escreveu critico eminente — exprime com muita verdade o character da paisagem brasileira, e predomina a sobriedade em todo este trabalho.

Araujo Vianna, dizendo-o ironico, pilherico e mordaz, considera-o «delicioso paisagista, o melhor que tivemos naquella época». Deixou *Vista de Roma, Fabrica, Barão de Capanema, Paisagem italiana* e *Serra de Petropolis*, o seu quadro mais notavel, encommendado pela Imperatriz, varias naturezas mortas e um unico retrato.

«Quando em julho do anno passado — disse Bethencourt da Silva em 1856 — tratando, no *Brasil Illustrado*, do lindo painel da vista de uma parte da *Serra da Estrella* que então havia pintado o Sr. Agostinho da Motta, diziamos que a bella arte de Claudio Lorrain, de Gaspar Poussin e de Frimaldi começava a apparecer entre nós, não nos enganavamos.

O brilhante colorido desse quadro, o effeito magico de luz que nelle sobresahia de modo a fascinar o espectador, não era senão o ensaio, pode-se assim dizer, de uma obra de maior vulto, qual a difficil vista da *Serra de Petropolis* até a barra do Rio de Janeiro, que o mesmo artista acaba de apresentar ao publico, e que lhe havia sido encommendada por S. M. a Imperatriz, ao mesmo tempo que a da *Serra da Estrella*, acima mencionada, e outras.

O Sr. A. Motta, cujo talento e vocação artistica não pode ser negada nem mesmo pelo seu mais acerrimo inimigo, está sem duvida destinado a ser o creador da verdadeira escola nacional.

E com razão, porque o pincel que reproduz tão fielmente o dilatado panorama que se estende á vista do viandante que do alto do *Petropolis* olha até á entrada da nossa formosa bahia, não pode deixar de formar o typo caracteristico da paisagem brasileira».

«Foi o precursor — disse o autor das *Artes plasticas no Brasil em geral e na cidade do Rio de Janeiro em particular* (1) — de João Baptista da Costa na interpretação brilhante da nossa luz, das nossas mattas, dos nossos rios, das nossas serras e das nossas aguas, emfim da nossa natureza. No que deixou se observa a revelação não de uma habilidade commum, porem, de uma technica magistral, manejada por um grande talento».

Com a companhia lyrica do maestro Giannini chegaram em 1850 dois scenographos e decoradores de valor: Calixto Taglibue e Sylvio Piccozzi, tambem aquarellistas eximios. Decoraram uma sala do palacete do Marquez de Abrantes, feito no estylo Sciorati.

«Conhecimento perspectivo, vigor de toque, feliz disposição de luz, taes são os predicados dos Srs. Taglibue e Piccozzi.» — escreveu Porto-Alegre.

Ambos morreram de febre amarella no mesmo anno em que chegaram.

Demorou-se no Rio, durante os annos de 1858 e 1860, Francisco Augusto Biard, nascido em Lyon, em

(1) O DR. CLAUDIO VELLO DA MOTTA MATA formara-se recentemente. Prestou tão relevantes e abnegados serviços aos moladores da frequência de S. José durante violenta epidemia, que elles mandaram em reconhecimento Poluceno Manoel fazer-lhe o retrato em tamanho natural. Amigo e medico da Imperatriz, a quem acompanhou até a morte, o Conde da Motta Mota fo. um medico notavel, sobre brasileira das mais dignas.

(2) DR. ERNESTO DA CUNHA DE ARAUJO VIANNA.

1798. Discipulo de Reveil, conquistou varios premios e a commenda da Legião de Honra, em 1838, quando estreou no Salon. Percorreu varios paizes. Em 1860, com o titulo *Deux années au Bresil* escreveu impressões de sua permanencia aqui, para o *Le Tour du Monde*. Foi pintor de genero, historia e retrato. E' autor de *Bom gendarme*, *Mal de mer*, *Apprenti Barbier* e outros quadros, verdadeiras caricaturas, donde resultou chamar-lhe um critico francez — o Paulo de Çocú da pintura, pela sua indole sarcastica. No Rio pintou o retrato da familia imperial e residiu no Paço da cidade, tendo sido professor honorario da secção de pintura da Academia, nomeado pelo Marquez de Olinda a 13 de agosto de 1858.

Visitou varios Estados, justificando a fama de «Judeu Errante da palheta» e falleceu proximo de Fontainebleau, França, em 1882.

Carlos Luiz do Nascimento, nascido nesta cidade, a 12 de outubro de 1812, foi discipulo de Debret e professor de pintura da Academia.

Na exposição de 1864 foi premiado com o Habito de Christo, merecendo do director, conselheiro Thomaz Gomes dos Santos, estas referencias: «Dois retratos do sr. Carlos Luiz do Nascimento primam pelo desenho e pelo colorido; o desenho é correctissimo, o colorido cheio de suavidade: são obras de um mestre experimentado, o qual deve as suas brilhantes e solidas qualidades ao proprio talento e ao seu acurado estudo dos melhores paineis da Galeria Academica.

Este habilissimo artista tem feito relevantes serviços á arte brasileira, restaurando com summa felicidade os quadros dos grandes mestres que adornam a Pinacotheca e que, por certo, não existiriam hoje sem a sua admiravel pericia». Já tinha sido premiado em 1845.

Na exposição de 1870, Carlos Luiz do Nascimento reaparecia com dois retratos e sete painéis restaurados. E' autor das medalhas do zimbório da Misericórdia. Falleceu obscuramente, em 2 de Dezembro de 1876.

Entre os pintores que de 1840 a 60 aportaram ao Rio, destacou-se Jules Le Chevrel, professor da Imperial Academia. Concorreu a varias exposições geraes e realizou trabalhos importantes. Foi premiado com medalha de ouro na *amostra* official de 1868. Pintou o portão da Casa da Moeda, que Amocdo repintou em 1902. O director da Academia, Thomaz Gomes dos Santos, assim se referia ao envio de Le Chevrel á exposição de 1868: «O quadro em que o Sr. Le Chevrel representa os ultimos momentos de Bussy d'Anboise é notavel pela excellente ordem da sua composição: o heroe domina a scena e sobresahe naturalmente nos dois grupos que separa: é profunda a impressão que causa o contraste da figura resoluta e nobre de Bussy com a dos seus assassinos, em cujas physionomias se vê a hedionda expressão das paixões mais baixas». Chevrel é ainda autor de um retrato de D. Pedro II, de *Baccho implorando o soccorro de Neptuno contra os Lusitanos*, inspirado no canto 6.º dos «Lusiadas» e um quadro sobre Diogo Alvares e Paraguassú.

Nicolau Facchinetti, Arseno Silva, Vinet,
Henrique Fleiuss, Eduardo De Martino,
Perret, Leoncio Vieira, Steffen, Carlos
de Lacerda e Agostini.

NICOLAU ANTONIO FACCHINETTI foi um dos pintores mais laboriosos e illustres da phase pré-Meirelles-Pedro Americo. Chegou ao Rio a 17 de novembro de 1849, após o fracasso da revolução do anno anterior na Italia, sua patria. Nasceu em Treviso, 7 de setembro de 1824. Quando chegou, e logo se tornou um amoroso leal da nossa terra, fazia o retrato, a scenographia para festas, theatros e carnaval, lecionando italiano e desenho.

«Antes de pintar, elle ia no local, estudava o *ponto*, esquadrinhando todos os detalhes. Depois tracejava o motivo em separado, numa pagina de album, numa folha de papel, que lentamente completava. Preparado com esse exacto desenho, decalcava-o na tela, a carvão, cobria-o com graphite e terminava fixando-o com tinta, por meio de aguda penna de aço.

.....

An lado do rude George Grimm, aquelle inolvidavel barbaças loiras que produziu Parreiras, Vasques, Caron, Castagneto, e França Junior, foi Nicolau Fac-

chinetti quem mais concorreu para o estudo da paisagem brasileira *d'après nature*».

Premiado na Academia, procurando interpretar a natureza, meticoloso e sincero, Facchinetti tornou-se um nome respeitado, especializou-se na pintura a óleo, tendo a preferência dos imperantes.

A exposição official, as galerias de Bernasconi, Moncada e Wilde apresentavam trabalhos do artista que os poderosos e entendidos adquiriam e cuja elaboração o povo acompanhava seguindo o artista nas suas excursões pelos nossos arredores. Theresopolis foi um recanto de eleição para Facchinetti, como aliás de toda a terra que elle amava e exaltava como se aqui tivesse nascido. Fez-se miniaturista impat.

O estudioso honesto e apaixonado de tudo quanto é nosso, que é Escragnolle Doria, traçando o perfil de Facchinetti, escreveu :

«Mudava muito de atelier : em 1866 o tinha na rua da Quitanda, noutra epocha no Retiro da Guanabara, noutra na rua de S. Clemente. Explica-se talvez a situação do atelier de Botafogo pelas encommendas dadas a Facchinetti, encommendas do conde e da condessa d'Eu, aquella a princeza imperial D. Isabel havia pouco regente do Imperio.

Pintou então Facchinetti a praia de Copacabana tomando-a do Arco do Leme, aproveitando o ponto para vista do Hospicio de Pedro II, de Nictheroy e da Serra dos Orgãos.

Na epocha, 1871, em satisfação de encommenda do sr. Harrah, aboletou-se Facchinetti no morro de S. João, nas cercanias da fortaleza, para pôr em tela as praias da Saudade e de Botafogo, esta cheia da graça de curva natural.

Figuraram todas essas telas no salão de 1872».

.....

Madrugador, como todo o artista deseioso de surprehender aurora no nascedouro, infatigavel andarilho, Facchinetti para pintar tanto acampava no Grande Hotel de Santa Thereza d'ahi reproduzindo a parte occidental da cidade dos cariocas como ia a Paquetá vèr do sacco do Catimbáo a serrania dos Orgãos, depois a bispar o Rio de Janeiro da estrada de Petropolis ou da lagôa de Rodrigo de Freitas caminho da Gavea».

Conhecedor do desenho, bom colorista, deixou trabalhos recommendaveis — trabalhos de «um paisagista de largos traços, febril e impressionista, como o chamou Felix Ferreira em 84, estudando *Vegetação de Adorno*, á sèpia. Dentre elles contam-se *Vista da Bahia do do Rio Janeiro, tomado do Alto da Boa Vista em Theresopolis, Da janella do meu Atelier, Ponta de Itanhanga, Ilha de Brocoió, Lagôa Rodrigo de Freitas e Fazenda do Ribeirão-Dourado*, em cujo reverso o artista escreveu esta declaração :

«*Fazenda do Ribeirão-Dourado. Quadro pintado fielmente do natural, de Julho a Agosto de 1889, encomenda do Illmo. Snr. Dr. Elias Antonio de Moraes proprietario da mesma fazenda (effeito da manhã) Nota do autor Nicoláo Facchinetti*».

Falleceu em 16 de outubro de 1900, no Retiro da Bocca do Matto.

Miniaturista, tambem apreciavel, foi Arsenio Silva, nascido em Pernambuco, a 29 de abril de 1833. Apòs os primeiros estudos em Recife partiu para Roma, onde demorou tres annos. Forçado a regressar, retornou pouco depois á Europa, onde aprendeu a pintura a *gouache*, ainda não conhecida no Brasil. Chegou ao Rio em 1860, entrando de pintar *gouache*, «onde difficil é separar a garridice do toque, a quentura da côr, da ligeireza e habilidade do traço, da elegancia e fidelidade do desenho». Tanto apresentava pittorescos as-

pectos orientaes, como do Rio, que pintou tambem a oleo. O seu melhor trabalho no genero é *Arredores de Paris*. Sua epocha de maior producção foi de 61 a 64. Em tudo que fazia punha uma nota de profundo sentimento, de sinceridade e de tristeza, advinda talvez dos desencantos que a vida artistica lhe trouxe. Consideravam-no um talento talvez unico no genero «gouache», Afastou-se do Rio e foi morrer longe, na Bahia, a 11 de fevereiro de 1883, tendo antes fixado numa grande tela, a Cachoeira de Paulo Affonso.

Dos estrangeiros que procuraram interpretar a nossa natureza com fidelidade, destacou-se Henrique Vinet, que tambem fez o retrato. Nascido na França a 9 de setembro de 1817, discipulo de Corot, chegou ao Rio em 1856. Foi premiado em varias exposições, morrendo aos 14 de março de 1876. Subia morros, varava as mattas adjacentes, admirava a *agua corrente dos rios*, os crepusculos mansos, fazendo paisagens que evidenciam a preocupação do acerto e um profundo sentimento da natureza. Num quadro nosso de Vinet apreciamos detalhadamente suas qualidades. A Pinacotheca Nacional delle possui *Cascatinha da Tijuca, Entrada do Rio de Janeiro, Vista sobre o Rio de Janeiro, Cascata da Tijuca e Cantagallo*.

Um dos nomes mais vinculados ás artes e á vida brasileira é o de Henrique Fleiuss. Nascido em Colonia, Prussia, a 28 de agosto de 1823, chegou ao Brasil em 1858, entrando logo a cooperar para o nosso desenvolvimento artistico, pintando *aquarellas*, primeiro no Norte, depois no Rio. Foi um propulsor das artes graphicas, fundando aqui o Imperial Instituto Artistico. Deve-se a Henrique Fleiuss o primeiro cartaz illustrado no Rio, feito para annunciar a sahida da *Semana Illustrada*, jornal de caricaturas e de humorismo, fundado e dirigido por elle e publicado de 1860 a 76. O cartaz era a ampliação da capa do primeiro numero da in-

teressantissima revista, em que o lapis trefego e esplendido de Henrique Fleiuss creou o typo do cabeçudo Dr. Semana, do moleque e da negrinha, «personagens que aproveitou para seus desenhos criticos e humoristicos de scenas, mas sem aggressões e diatribes.» A *Semana* acompanhou com interesse todos os factos da vida nacional, mostrando a intelligencia e a verve do precursor da caricatura no Brasil. Creou a primeira escola de xilographia e foi o decorador da nossa primeira exposiçãõ nacional (1861).

Henrique Fleiuss, que fundou tambem a *Illustração Brasileira* (1876-1878), era um aquarellista precioso, tendo deixado trabalhos de valor como o que representa a sessão solemne do encerramento do Parlamento (1859), *Scena religiosa em Maceió* e *Uma sessão imperial*, representando uma das tres sessões imperiaes que tiveram logar no Paço do Senado, durante o ministerio de 10 de agosto de 1859.

Descrevendo esse quadro escreveu na *Renascença* o sempre lembrado historiador Vieira Fazenda :

«Simple bosquejo, talvez, de algum quadro historico, a estampa representa uma das tres sessões imperiaes, que tiveram logar no Paço do Senado, durante o ministerio de 10 de agosto de 1859. De facto, distinguem-se perfeitamente as physionomias de Angelo Ferraz, Cunha Paranaguá (hoje Marquez de Paranaguá) Sinimbú (hoje Visconde do mesmo nome) de Almeida Pereira Filho, de Paes Barreto, de Sebastião do Rego Barros, do Presidente do Senado, Barão de Pirapama, que exerceu o cargo de 1854 a 1860, e de alguns outros senadores e deputados. Sobre o throno, de pé, revestido das roupagens de realca, corõa na cabeça e empunhando o sceptro o imperador parece pronunciar o classico Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação l... - A' esquerda do throno, nota-se o mordomo-mór sustentando o competente bastão symboli-

co, tendo ao lado pequeno grupo de camaristas. No fundo, na primeira tribuna estão a Imperatriz, e sua dama, sentadas, e de pé o vereador da semana. Na segunda tribuna, destinada ao Corpo Diplomático estão também sentados os representantes de diversos paizes. Aqui e ali, por detraz das filas, os senadores e deputados, e porteiros do Senado com suas capas e voltas. Todos parecem guardar silencio e profunda attenção ao solemne acto que ia ter principio».

Henrique Fleiuss falleceu nesta capital a 15 de novembro de 1882 e era pae do erudito Dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Nascido em Meta, costa de Sorrento, Italia, Eduardo De Martino, marinista, chegou ao Brasil em 1868, apparecendo na Exposição Geral de 1870. Os almirantes Barroso, Tamandaré e Alvim encarregaram-no de pintar os feitos da marinha nacional no Paraguay, para onde foi, assistindo as batalhas de Curupaity e de Humaytá. Tendo pertencido á marinha italiana, possuia um conhecimento perfeito de todo aparelhamento nautico, dahi pintar tudo com muita exactidão. O Barão Homem de Mello delle disse: «Este artista tem o pincel rapido e é muito fiel na reprodução das aguas fluctuantes do mar, e de scenas navaes». Revelou-se tanto como compositor, como pintor secundario, principalmente nos quadros de guerra. Fez *A Passagem de Humaytá*, *Bombardamento de Curuzú*, *Aprisionamento da corveta «Bertioga»*, *Ataque dos encouraçados Barroso e Rio Grande*, *Combate de Riachuelo*, *Ataque da Fragata Imperatriz*, *Noite de Luar*, *Alto Mar*, *Esquadra Inglesa em Stromboly* e o *Encouraçado Independencia*.

De Martino casou-se no Brasil, partiu para a Inglaterra, «levando louros e celebridade aqui alcançados merecidamente», tendo deixado 343 telas. Falleceu em Londres, em cujo bairro dos artistas, St. John's Wood,

o fôra encontrar residindo, em 1886, o historiador Oliveira Lima.

No mesmo tempo floresceu LEONCIO da Costa VIEIRA. Nascido nesta capital a 18 de julho de 1852, matriculou-se na Imperial Academia, fazendo brilhantemente todo o curso. Na exposição de 79 obteve a 2.^a medalha de ouro. Em 1881 foi nomeado por concurso professor de paisagem, flores e animaes, fallecendo no mesmo anno, a 28 de setembro.

Leoncio Vieira nasceu fadado a ser um grande artista. Para isso não lhe faltavam qualidades. A morte, porém, cortou-lhe cedo o fio de ouro da vida. A obra que deixou foi pouca, mas brilhante. Delle a Pinacotheca possui *Orchidéas e Melancias e Flôres*.

Ao Brasil chegou em 1874, o artista surdo-mudo Uleich Steffen, que fez o *Estado Maior do Príncipe Conde d'Eu*. Figurou em varias exposições, nas de 1875 e 76 conquistando medalhas de prata.

CARLOS Augusto de LACERDA nasceu em Nazareth, Bahia, a 7 de abril de 1866. Revelando gosto pelo desenho, seu par fel-o embarcar para Paris em 1887, onde ficou estudando até 1893, tendo sido alumno de R. Collin e Bouveret.

Regressando á Bahia, não achou o meio capaz de lhe proporcionar o que ambicionava e veiu para o Rio, surgindo na exposição geral de 1895 com tres paisagens recommendaveis.

Não conseguiu, porém, vencer. Tudo lhe foi hostile.

Um dia abandonou os pinceis e ingressou na burocracia, num lugar de desenhista das Officinas do Engenho de Dentro, da Central do Brasil.

Angelo Agostini foi dos estrangeiros que muito concorreram para o nosso desenvolvimento artistico ou «para a nossa orientação artistica», no dizer do Sr. Laudelino Freire.

Agostini nasceu em Vercelle, no Piemonte (Italia), a 8 de abril de 1842, sendo filho de Antonio Agostini e d. Raquel Agostini. Ainda pequeno foi para a capital franceza, onde fez os primeiros estudos e se dedicou á pintura. Em 1858 veiu para o Brasil, fixando residencia em S. Paulo. Agostini, apesar dos seus dezeseite annos de idade, vinha imbuido de ideas democraticas.

— «De grande vocação para a pintura, — diz-nos Bricio Filho — e ainda de extraordinario espirito em seus trabalhos, que foram logo procurados, Angelo Agostini photographava com as côres do imprevisto os acontecimentos de successo, dando uma graça flagrante, um chiste maravilhoso, fixando homens e traduzindo factos.

Com Luiz Gama, o grande abolicionista paulista, e Sizenando Nabuco, fundou o «Diabo Côxo» (1864), que em São Paulo fez grande e extraordinario successo. A força da sua graça e o seu grande espirito ahi se manifestaram. O «Diabo Côxo» (não sabemos por que), mais tarde, foi substituido pelo «O Cabrião», com igual programma, tendo então Angelo Agostini como seus auxiliares, tambem Antonio Manuel dos Reis, Americo de Campos e outros.

Dessas revistas semanarias, logrou elle um fruto: a perseguição atroz de politicos em evidencia e da Policia».

Fugindo a vinganças materiaes que não tardariam, veiu para o Rio, onde fundou a *Vida Fluminense* (1868-74) e fundou o *Mosquito*, depois redigido por Bordallo Pinheiro, notavel artista portuguez (1846-1905) e Manoel Carneiro.

Em 1876 fundou ainda a *Revista Illustrada*, que viveu até 1891, tomando parte em todas as campanhas brasileiras, fixando os costumes, que corrigia despertando o riso e fez-se o figurista engraçado das scenas do *Zé Caipora*.

A abolição da escravatura muito ficou devendo ao caricaturista, que foi um dos obreiros mais ardorosos da obra gloriosa de 88. Joaquim Nabuco escreveu que a *Revista* «foi a Bíblia abolicionista do povo, que não sabe ler».

Theophilo de Andrade acha que «Angelo Agostino foi a mais perfeita organização de artista do lapis que tivemos nso ultimos annos do Imperio. Porque, além de genial como desenhista, era possuidor de uma vasta e larga cultura, de uma «verve» extraordinaria, de uma fantasia inesgotavel, de uma ironia causticante e de um conhecimento completo do seu meio e de sua epocha. Espirito formado na escola franceza liberal do seculo XIX, conhecia a fundo a nossa vida politica, commentando-a semanalmente em seus «bonecos» de linhas puras, que continham a critica mais audaz e mais cruciante do nosso incipiente liberalismo politico, fraco e paradoxal, de vez que a estrutura economica e social do paiz se baseava na negação mesma da liberdade, que era a escravidão».

Victoriosa a campanha, a Confederação Abolicionista offereceu um grande banquete a Agostini, em 26 de agosto de 1888, sendo orador o escriptor de *Minha formação*, que terminou o seu arrebatado discurso fazendo um appello para que o artista se tornasse brasileiro :

«Angelo, em nome dos teus companheiros de luta, em nome da liberdade, em nome do Brasil, declaro-te brasileiro».

Agostini prometteu naturalizar-se. E naturalizou-se dias depois, merecendo ainda de Nabuco estas palavras : «O seu titulo é a mais alta adopção que se possa imaginar : a de uma raça que adopta um dos seus redentores, a de uma patria que perfilha um os seus creadores».

Estudando os quadros de Agostini na exposição do Lyceu de Artes e Officios em 82, Felix Ferreira destacava *O Gaucho*, dizendo :

«O touro que corre no verdor da campina, perseguido pelo adextrado laço do campeiro, é um animal que Rosa Bonheur não duvidaria firmal-o com seu nome universal ; o cavallo e o cavaalleiro são tambem tratados com muita arte e sciencia de formas».

O mestre dos *Contemporaneos* delle escreveu : «Eu prefiro como physionomista o Sr. Angelo Agostini. Os seus retratos são detalhados, amaneirados, mas pintados com observação e ricos de côr. Angelo Agostini é um colorista opulento. A sua palheta tem as mais bellas, as mais claras, as mais transparentes, as mais puras tintas. Os quadrinhos que expôz em 1882, no Lyceu de Artes e Officios, não primavam pelo desenho, primavam pela belleza das tintas».

Angelo Agostini, cujo talento artistico se perpetúa na pintora Angelina Agostini, falleceu a 23 de janeiro de 1910.

Zeferino da Costa, Almeida Junior, Rodolpho Amoêdo, Decio Villares, Aurelio de Figueiredo e Benedicto Calixto.

Victor Meirelles e Pedro Americo abriram novos runos á pintura brasileira, deram-lhe nova expressão. Productos da Academia, embora tendo ambos se aperfeiçoado na Europa, o que ainda hoje fazemos e trazendo nem sempre influencias recommendaveis, educam gerações num sentido mais nosso, fazem discipulos que por sua vez se notabilizam e enriquecem a arte independente da tutela alienigena.

Victor Meirelles volta da Europa com idéas reformadoras, desejando a integração da pintura na alma e na vida brasileira. Dão-lhe, por isso, como o seu creador, visto essa preocupação ter escapado a Pedro Americo.

Laudelino Freire escreveu que a elle «estava reservado o papel de crear a escola verdadeiramente brasileira, integralisando a nacionalisação do ensino, de forma a tiral-o de mãos extranhas, onde só occasionalmente poderia voltar, e confial-o á competencia de brasileiros».

Accresce que os dois, que iniciam a phase chamada de *Progresso*, ascendem á alturas inacessiveis a todos os outros que vieram depois. E como se verá, a obra de ambos é de maravilhosa belieza e lintensa pulsação

cívica, evocando desde o alvorecer da nacionalidade com o Descobrimento até a victoria do heroísmo nas reftregas do Paraguay, até mesmo nos desejos de *Paz e Concordia* para o trabalho de hegemonia e grandeza do Brasil

Aos dois maximos pintores cabe, mesmo na Academia, preparar e revelar talentos excepcionaes.

Surge no tempo João Zeferino da Costa, nascido a 25 de agosto de 1840, nesta cidade. Matriculado na Imperial Academia em 1857, fez um curso dos mais brilhantes. Entre outros premios conseguiu: pequena medalha de prata em 1859, grande medalha de ouro, 1860 e grande medalha de prata em 1866. Dois annos depois, por concurso, alcançou o premio de viagem á Europa, partindo em 1869. Um anno depois frequenta a Insigne Pontificia Academia de Bellas Artes de Roma (São Lucas), conseguindo o 1.º premio no curso de composição em pintura, motivo porque o Governo Imperial lhe concedeu um premio de 1.000 francos. Em 1871 alcançou novo premio no curso plastico de nú, ficando o seu trabalho, como o anterior, pertencendo á Galeria de S. Lucas. Outra vez deu-lhe o Governo Imperial 1.000 francos. Prorogado a pensão, em vista do seu aproveitamento, por mais tres annos, Zeferino da Costa só regressou ao Brasil em agosto de 1877, sendo aceite professor honorario da Academia, exercendo interinamente a cadeira de pintura historica, como depois exerce a de paisagem, substituindo Agostinho da Motta (1878) e a de desenho figurado. Retorna á Europa em 1879, voltando ao paiz para substituir Pedro Americo e Victor Meirelles em 1881 e 1887.

Em 1890 foi nomeado effectivo de modelo-vivo, em 1890 nomeado vice-director e em 1911 professor extraordinario por cinco annos, exercendo o professorado até a morte, em 24 de agosto de 1915, depois de quarenta annos de magisterio nobilissimo.

Zeferino da Costa foi artista fulgorantissimo, mestre incontestavel e professor exemplar.

«Circumspecto e competentissimo na Bella-Arte que abraçou. Foi o nosso grande pintor mural, ninguem o excedeu, ninguem o igualou. Mestre na verdadeira acepção do vocabulo, artista de raça, pintor por temperamento. Estudioso e observador até a quasi despercebidas minudencias».

Sua pintura é lucida e larga, exultante de mocidade, vivendo numa pujante technica. Desenho impecavel, conhecimento integral de perspectiva, visão precisa dos assumptos — eram qualidades de que se opulentava a sua arte.

Ercole Cremona (1) chamando-o «mestre dos mestres», disse: «Como mestre, elle era um verdadeiro modelo; amigo de seus discipulos, sentia verdadeira satisfação, quando qualquer delles o procurava em casa, para se livrar de uma difficuldade de momento; tudo fazia para que o discipulo sahise satisfeito. Nunca regateou conselhos a quem os solicitava; o seu grande coração, sempre aberto, estava perfeitamente de accordo com o seu saber».

Zeferino da Costa deixou numerosas telas de genero, historia e de retratos, tendo-se publicado depois da sua morte, *O Mecanismo e a proporção da figura humana*. Foi dos maiores pintores do Brasil. Sua obra prima é a decoração do tecto da Candelaria, a cuja administração foi apresentado pessoalmente por Pedro II, para fazel-a.

«A composição em seu conjuncto não tem rival no Rio de Janeiro — escreveu o professor Araujo Viana — quanto á magnitude dos assumptos tratados com uma technica admiravel, quanto ás reconstituições ar-

(1) Pseudonymo do laureado gravador de medalhas, professor Adalberto de Mattos.

chcológicas constantes dos paineis da nave, quanto ás difficuldades de perspectiva vencidas nas concavidades ou curvaturas dos tectos, naturalmente por estudos previos em cartões, onde Zeferino da Costa seguiu á risca as lições dos mestres da Pintura historica».

Os paineis têm a seguinte historia : um navio sob o commando de Antonio Martins da Palma sulcava o mar de Hespanha, quando o surprehendeu violentissima tempestade. Perdidos todos os recursos, Palma promete erguer um templo á Mãe de Deus sob o titulo de Candelaria, na primeira terra onde aportasse salvo. O porto de chegada foi o Rio. Palma e a mulher, Leonor Gonçalves, mandaram, então, edificar a igreja da Candelaria. São seis os paineis maravilhosos : *A partida de Palma, a Tempestade e a Invocação, Arribado ao Rio de Janeiro, A inauguração da Primeira Capella, o Lançamento da pedra undamental e a Sagração de 1810.*

José Ferraz de ALMEIDA JUNIOR nasceu em Itú, aos 8 de maio de 1850. Matriculou-se na Imperial Academia em 1869, fazendo-se discipulo de Le Chevrel e de Victor Meirelles. Durante o curso conquistou sete medalhas, inclusive a de ouro. Partiu para Paris em 1876, matriculando-se na Ecole des Beaux-Arts, onde teve por mestre Cabanel (1823-1889), sendo recebido no Salon em 1880. Estudou na Europa tambem ás expensas do Imperador. Fez sua primeira exposição ao regressar, no Rio, em 1882, onde expoz com successo o *Descanço do modelo*. Felix Ferreira proclamou : O Sr. Almeida Juniot não é mais uma bella esperanza como daqui partiu ainda bem moço, mas um artista notavel.

Tudo ali é muito para ver-se e admirar-se, desde uma cabeça de mulher posta de perfil, que se vê á esquerda da entrada, até a *Fuga para o Egypto*, a tela que ali mais avulta, tanto pelas dimensões como pela con-

cepção ; até mesmo nas produções de somenos valia, o observador lá encontra um traço tenue e fugitivo, mas fulgente e bello, que denuncia mão adextrada que o produziu e alma inspirada que o dictou».

Retirou-se após para S. Paulo. Na exposição de 1898 teve a medalha de ouro de 1.^a classe. Morreu assassinado em Piracicaba aos 12 de dezembro de 1899. Foi um dos maiores pintores de retrato, de historia e de costumes. Era modesto, retrahido e tímido. Cai-pira. No tempo de estudante, chamavam-lhe — um «bicho». Foi sempre assim. Na fala e nas maneiras. Mas um grande, excepcional artista, com uma visão extraordinaria das coisas, um raro sentido da belleza e uma interpretação do meio brasileiro como ninguem picturalmente revelou ainda com tamanha pujança. Nunca a realidade viveu tanto numa pintura, como na de Almeida Junior. Sua palheta é límpida e fúlgura. Sua composição e seu desenho, admiráveis. O caboclo brasileiro não conheceu melhor interprete. Sua exposição revelou um grande artista, ainda hoje não estudado. Um «pintor brasileiro, brasileiro no sentir e no vibrar de todas as suas telas».

Flexa Ribeiro o considera o maior pintor brasileiro e diz que elle foi o primeiro que sentiu a nossa vida, que encontrou no ambiente os surtos iterativos correspondentes á sua sensibilidade. E accrescenta que dos pintores brasileiros só elle encontrou o estylo proprio aos nossos assumptos.

«Quando se lhe fizer a justiça, que tarda, — escreveu o autor de *Rubens e os flamengos* — ver-se-ha como elle marca ponto central da pintura brasileira, sendo, ao mesmo tempo, o primeiro artista que determina, pela sua factura e pelo seu sentimento, a formação organica de uma arte nacional».

Da obra vasta e fulgurante do eminente pintor, destacam-se: *Descanço do Modelo, Remorso de Judas, Cai-*

piras negaceando, Fuga para o Egypto, Descanço do lenhador, Partida da Monção, Saudades, o Derrubador Brasileiro e outros.

Estudando-lhe o que mandara á Exposição de 1884, onde «Almeida Junior valia por grande parte dos expositores que ali figuravam», commentava Gonzaga Duque :

«Os quadros de Almeida Junior se inculcam antes pela simplicidade do assumpto e pela maneira por que foram pintados, do que pela preocupação da escolha. E' o assumpto que llic commove e impressiona que vae para a tela. Não jocira, não mira e remira o sujeito, com intento de fazer bonito e parecer agradável. Ha de ser a impressão que recebeu, a scena que observou, a idéa que se coordenou na sua imaginação, a causa de trabalho. Poderia escrever na porta de seu atelier o aphorismo attribuido á Alberto Dürer. — Toda preocupação da belleza é inutil na arte».

As opiniões abalisadas são unanimes na glorificação do celebre artista ituano :

«Não alludo ao apuro que põe no seu desenho, ao cuidado com que prima em decompôr o seu colorido, ao equilibrio em que dispõe os seus grupos, á precisão com que surprehende uma physionomia, á felicidade com que copia ás formas, á arte na escolha de uma paisagem, á tenacidade em que gradua e illumina o conjuncto. Os seus estudos de physionomia são incomparaveis em cada uma das telas animadas pela presença do homem, do nosso caboclo, que se contenta com a natureza que o cerca contra as tentações da civilização que o provoca.

No *Violeiro*, no *Caipira pitando*, no *Amolação interrompida*, no *Caipiras negaceando*, no *Caipira picando fumo*, e em alguns dos sertanejos mais em saliencia, na mais movimentada e grandiosa de suas creações, A

Partida da Monção, o typo do caboclo resalta num magistral relevo de desenhos e côres, e, como que um arrepio de vida percorre naquellas figuras tão suggestivas, tão variadas, mas tão nossas, com os musculos robustecidos pelo trabalho, a tez requeimada, o olhar apurado pelos perigos vencidos, a actividade accentuada nos gestos, a coragem adivinhada na attitude».

Em 14 de outubro de 1888, escrevia Ezequiel Freire em *A Província de S. Paulo*: «o que impressiona nos *Caçadores negaceando* é a revelação de uma indole artistica até agora a meio sopitada pelas tradições academicas, mas que subito se afirma de um modo definitivo e magistral numa obra de larga inspiração e largo folego; quebrando todos os liames que lhe impeciam a livre expansão da originalidade, desoprimindo-se de todos os constrangimentos do tradicionalismo das escolas».

Outro disse:

«No sertão se encontra, dizem os sociologos, o cerne da nacionalidade. Na obscuridade da vida selvatica medra o mais pujante esteio da raça. O caboclo, com suas inexcediveis qualidades de resistencia physica, valor moral, intelligencia e amor á terra, é o verdadeiro symbolo da patria forte não assimilada pelo genio estrangeiro.

Nelle reside a seiva ethnica mais genuina e vigorosa do Brasil. Almeida Junior teve o raro merito de amar esse Brasil desconhecido e robusto, construindo todo o seu ideal plastico sobre os mesmos pelinthos em que assenta a obra immorredoura de um Eucluydes da Cunha. As telas são documentos de psychologia, de ethnographia, de patriotismo. Cada uma das suas figuras evoca um desses typos do matto, tão calumniado e não obstante dotado de tão raras virtudes. E a evocação é sempre perpetuada com os recursos de uma arte soberana, que não desmerece o ensino de Cabanel e Lepage».

Rodolpho Amoêdo nasceu na Bahia aos 12 de dezembro de 1857, filho do actor portuguez Luiz Carlos Amoêdo (antes ourives filigranista). Fez os primeiros estudos no collegio Sebrão. Vindo para o Rio, aos 11 annos de idade, matriculava-se no Collegio Victorio, passando no anno seguinte para o Pedro II.

Para auxiliar a familia, empregou-se na firma Castro Irmão & Brochado. Tempos depois, graças a um tal Cyrillo, gazista do Theatro S. Pedro e amigo do seu pae, arranjou um emprego com Albino Gonçalves, pintor de letras. Tomando gosto pelo desenho, em 1873 matriculou-se no Lyceu de Artes e Officios, que era na rua Larga, tendo como professores Costa Miranda, Souza Lobo e Victor Meirelles; em 1874 matriculou-se na Imperial Academia de Bellas Artes, estudou com Meirelles, Agostinho da Motta, Zeferino da Costa e Chaves Pinheiro, fazendo um curso no qual evidenciou grande aproveitamento, conquistando em 3 de outubro de 1878 o premio de viagem com o quadro *O Sacrificio de Abel*, authenticado com os dizeres: *Je ne suis pas*. No anno seguinte, aos 15 do mez de maio, partiu para a Europa, matriculando-se na Escola Nacional e Especial de Bellas Artes de Paris, sendo discipulo de Alexandre Cabanel, Paul Boudry e Puvis de Chavannes (1824-1898). Expôz no Salon a *Marabá, O ultimo tamoyo* (1883) e *A partida de Jacob* (1884). Depois de uma permanencia de oito annos, regressou ao paiz. Em 1888, por proposta assignada pelos professores Moreira Maia (ao tempo director da Academia), Bettencourt da Silva, J. Medeiros, Maximiano Mafra, Rodolpho Bernardelli, Rozendo Moniz, Theophilo das Neves e Domingos Araujo e Silva, foi indicado para professor honorario da secção de pintura da Academia de Bellas-Artes, de accordo com o artigo 124 dos Estatutos; em 1890 foi nomeado professor de pintura e reconduzido em 1901. De 1893 a 1894, em 1896 e em 1899 exerceu o cargo de

director da Escola. Em 1918 foi chamado novamente para professor de pintura, sendo jubilado em 1935. Realisou varias exposições e figurou no Salão Official, conseguindo os seguintes premios: Medalha na Exposição de Chicago (1893), Grande Premio na Exposição de 1908 e Medalha de Honra na Exposição Geral de 1917.

A proposito de *Christo em Capharnaum e Narração de Philetas*, assim diz o relatorio de 2 de maio de 1888, do conselheiro Moreira Maia, director da Academia:

«Aquelle, de assumpto religioso e severamente tratado, pertence ao Estado, porque foi para executal-o que ao seu autor se concedeu prorogação do prazo da pensão; o segundo, produzido nos intervallos da execução do primeiro, é um quadro de assumpto agradável, inspirado do tão explorado romance attribuido a Longus — «Daphnis e Chloé», pintado com tanto esmero, que tem sido julgado senão superior, pelo menos igual ao primeiro em merecimento artistico. Convém que este bello painel fique, mediante rasoavel retribuição, propriedade da Academia; porque elle, como o de *Jesus Christo em Capharnaum* attestam a capacidade de seu jovem autor e justificam a Congregação dos Professores, tão injustamente invectida pela Imprensa da Côrte, quando em 1878 o preferiu a seu contendor Henrique Bernardelli. Injustiça aquella aliás lançada frequentemente sobre esta corporação, que, afastando-se desse prurido de pretenciosas innovações nos dominios da Arte, e cingindo-se ao fiel cumprimento do seu dever, contraria alheios interesses, julgando sobre materia de que em nosso paiz poucos entendem, mas muitos se acreditam conhecedores».

Rodolpho Amoêdo não é só dos maiores artistas do Brasil contemporaneo, como das mais cultas, conversando com muita malicia, verve e seducção. Pintor de figura e de historia, tendo adoptado aqui o processo da

pintura a ovo, o fixador do *Grupo de Litteratos* mereceu de Gonzaga Duque elogios como estes :

«A evolução do seu espirito conduziu-o a uma arte finamente expressora e menos materialista, em que exsudava a dominante das suas predilecções consubstanciadas num requinte mundano de existencia ou seja, para mais dizer — um certo epicurismo elegante... Elle já nol-o tinha demonstrado com a — Pensativa — uma meia figura de menina pobre, impressionantemente dolorida no seu abandono ; e veio accentual-a numa obra bellissima que, por si só, vale todo o trabalho de um artista. E' a — Partida de Jacob — d'uma tocante simplicidade que nos penetra a alma e nos relembra aquella dulcissima passagem biblica do eleito do Senhor. Os seus recursos de arte constroem a scena por uma maneira inedita. Mostra-nos Jacob na sua humilde condição de pastor, á porta da choupana, recebendo o osculo da mãe cuidadosa. E' ao descer da noite. O orvalho cae, e num lindo céu de opalas diluidas, o crescente brilha. O braço materno destende-se para a frente a abençoar o filho. Foram abertos os apriscos e o rebanho se recolhe ao grito costumeiro do zagal. Ha como uma benedicção em tudo — o exprimir intraduzivel das cousas que auguram a gloria desse dia eterno. Essa pagina biblica foi para Amoêdo a suggestionadora da — Narração de Philetas — onde está toda a força creadora do artista e todo o seu saber de pintor... E em cada parte dessa obra o seu talento inflamou bellezas, que se não esquecem».

Entre os seus trabalhos de decoração, salientam-se os da Bibliotheca Nacional, paineis *Memoria e Pensamento*, Palacio Itamaraty, Casa da Moeda, Casino, residencia particular do Sr. Juca Rocha, Supremo Tribunal Federal, Conselho Municipal e Supremo Militar. Foi professor da Escola de Bellas-Artes pelo espaço de dezeseite annos, sendo numeroso o grupo de seus

discipulos. Entre estes figuram: Baptista da Costa, E. Visconti, Latour, Fiuza Guimarães, Raphael Frederico, Macedo, Joaquim Fernandez Machado, Evencio Nunes, Puga Garcia, Rodolpho e Carlos Chambelland, Lucilio de Albuquerque, Bracet, João Timotheo, Regina Veiga, Maria Pardos, Adelaide Gonçalves e Sylvia Meyer.

Suas principaes telas são: *Narração de Philetas*, (1886), *A partida de Jacob* (1885), *Jesus Christo em Capharnaum* (1889), *Marabá* (1882), *Sacrificio de Abel*, *Estudo de Mulher*, *Meia figura*, *O ultimo Tamoyo* (1883) *Tronco de Mulher* (1885), *Dominó*, *Retrato de Souza Lobo*, *A captiva*, *Retrato de Arthur Napoleão*, *Oração*, *Retrato de Modesto Brócos*, que figurou no Salão de 1904, *Más Noticias* (1895), que figurou no Salão de 1905, *Grupo de Literatos*, que pertence á Galeria Jorge, *Eros e a Noite*, *Jesus no Jardim das Oliveiras e Saudades* (1905).

Grande pintor e grande professor, fez-se igualmente um dos nossos maiores aquarellistas.

Delle se disse: «... Rodolpho Anicêdo, uma natureza, um temperamento e uma emoção de artista nato, corporificados num tecnico consummado na sciencia do desenho e na apropriação perfeita da côr. Pintor de idéas, compositor, desenhador consciencioso e colorista, a summa destas qualidades affirmadas na sua obra fel-o desde os primeiros estudos serios na Academia de Bellas Artes, de Paris, como seu alumno victorioso do concurso de admissão, uma radiosa esperanza que pouco depois se confirmou em mestria adquirida e proclamada».

DECIO RODRIGUES VILLARES foi orgulho da sua geração. Nasceu no Rio de Janeiro a 1.º de dezembro de 1854, matriculando-se na Academia em 1868. Quatro annos depois partiu para a Europa, onde estudou em Paris com Alexandre Cabanel e em Florença com Pedro Americo. Regressou ao Brasil em 1881, voltando pouco ainda para o Velho Mundo. Destacou-se dos con-

temporaneos não só pela fecundidade como pela singularidade do seu pincel. A exemplo de Pedro Americo, foi no começo um apaixonado pela Bíblia, onde encontrava facéis motivos para interpretar. *A Fugida para o Egypto*, o *S. Jeronymo em Oração*, *A filha de Jefhte* e o *S. Jeronymo traduzindo os livros hebraicos*, são quadros admiravelmente pintados, com um notavel vigor de toque e precisa exatidão de linhas, mas sem novidade de concepção. Foi um excellente colorista e um desenhador primoroso. Ninguem como elle fixou certas physionomias de mulher, certas craturas aristocraticas nimbadadas de graça espiritual. Gonçaga Duque accusando-o de seduzido pela arte franceza do tempo, disse que elle fazia «retratos de coldcream e veloutine». Decio fez *Paulo e Francisca de Rimini* (exposta em Paris em 18847), numerosos retratos, paineis, Clotilde de Vaux e bustos representando os mezes do calendario positivista, na Igreja Positivista do Brasil, á rua Benjarrim Constant.

Colocado em 1.º lugar num concurso para professor na Academia de Bellas Artes de Paris, deixou de exercer o cargo por não querer naturalizar-se francez. Véron, sobrio em elogios, vendo *Paulo e Francesca* no Salon, disse que Decio Villares possuia «a envergadura de um grande idealista» e que elle conseguia «ser original depois de Sheffer e Ingres».

Como retratista — houve quem delle dissesse — Decio Villares não possui rival no Brasil e póde, sem o menor favor, ser comparado aos grandes mestres estrangeiros, em nada lhes sendo inferior. O pintor de «*Paulo e Francesca*» é, ao mesmo tempo, pelo sentimento, um verdadeiro poeta, e, por sua vasta cultura classica e philosophica, um sabio».

Morrendo a 4 de julho de 1931, Decio deixou inacabado o quadro *A epopea africana no Brasil*, «destinado a commentorar o concurso da raça africana para

a constituição do povo luso-brasileiro» e para cuja execução se fizera um appello ao povo, dada a precariedade de recursos do artista.

Os positivistas assim descrevem o esboço a óleo :

«O artista imagina que a sua evocação é contemplada de um ponto sufficientemente elevado do interior do Brasil. Dahi elle descortina uma parte da costa do norte e depois a corcülheira que se estende a beira mar até além do Rio de Janeiro. A bahia de Guanabara fica velada pelo morro do Castello que occupa a extrema direita do quadro. O solo é todo accidentado e o plano mais proximo figura uma estrada grosseiramente feita que passa por deante de um alpendre de sapê.

A esquerda do quadro e no fundo é noite de medonha tempestade ; á direita vem raiando a aurora.

*Um quadro antigo que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.*

Não se precisa manejar um pincel e dispor de uma palheta para imaginar os efeitos de colorido que o pintor pôde alcançar d'essa concepção.

Instituido o senário, vejamos como se encadêião naturalmente os epizódios na mais perfeita unidade e na mais esplendida variedade, ao mesmo tempo.

A esquerda, no fundo, descortina-se o navio negreiro sinistramente arrancado á escuridão da tormenta pelo fuzilar de um raio que estala perto.

A praia fronteira a elle está coberta dos infelizes votados ao cativeiro. Dahi seguem elles em lugubre prestito até a fazenda, cuja caza principiapl alveja sobre uma colina quasi no terço final da tela. Desse centro destacão-se os que hão pelear em defeza de uma pátria que lhe negão e de uma religião cujos ministros sancião-

não a sua opressão. O combate trava-se á vista da cós-ta de Pernambuco, esse teatro das glórias do preto Henrique Dias. Nesse momento a raça africana é figurada também na mais elevada fôrma da atividade teórica prestando o seu amparo á raça dos opressores: um sacerdote negro recebe os últimos alentos de um soldado branco.

Ainda partindo da fazenda e num plano mais anterior, dezenhãose os que se encaminhão para a cidade trazendo os produtos da vida agrícola, a atividade industrial característica das pátrias luzo-americanas. É um cortejo animado em que nem deixa suspeitar que aí vão. O espectador fica perpléxo para decidir onde o heroísmo da dedicação da infelís raça é maior: si morrendo valentemente no campo da batalha, si entregando-se resignada ás lides do trabalho. Naquelle episódio não ha só a glorificação da raça africana: o valioso concurso das especies animaes incorporadas á nossa também recebe uma digna comemoração.

Por diante do alpendre posto á beira da estrada ostenta-se a forma mais íntima do concurso da raça affectiva para a constituição do povo brasileiro. O esboço ahí indica apenas tres mulheres pretas, uma das quais amamenta carinhosamente o futuro senhor de seu filhinho. Este, deixado no chão, estende as mãos supplices como que reclamando os carinhos e talvez o alimento de que o deserdaram iniquamente. A scena, porém, será mais animada na tēla definitiva. Um grupo de meninos de várias idades e de diversas cores brincarã ali de parceria com vários animaes domesticos, sob a vigilancia das tres africanas.

A direita do quadro está o futuro. Por diante do morro do Castelo ergue-se a estátua do Patriarca de nossa independencia politica, o venerando José Bonifacio de Andrada. Nas tres aréostas visiveis do pedestal estão figurados: Tiradentes, o heróico precursor de nossa

emancipação nacional; Henrique Dias, a legendaria incarnação da colaboração da raça negra na defesa contra a invasão protestante; e Felipe Camarão, a synthese de coadjuvação americana nessa momentosa lucta. Em uma das faces perceptíveis, um baixo relevo idealiza o apoio prestado por D. Pedro I á obra de José Bonifacio; e na seguinte, outro baixo relevo figura a solene sessão em que, sob a presidencia da princeza regente, foi resolvido quebrar-se o ultimo laço politico que ainda nos prendia a Portugal, quando D. Pedro achava-se em S. Paulo.

Em torno do grandioso monumento derrama-se, fazendo ouvir entusiasticas aclamações, a raça brasileira unificada. Bandeiras de várias nacionalidades representam a fraternização de todas as Pátrias nessa solene homenagem. Do fundo do quadro vem decendo o morro do Castelo a raça occidental para incorporar-se á Posteridade em regozijo. Do primeiro plano da tēla para lá se encaminha a raça africana afim de congraçar-se com aquella. Este ultimo prestito é fecho por uma velha negra, derradeira representante da raça affectiva ainda não fundida. A' direita despontam os representantes da raça aborigene do Brasil».

FRANCISCO AURELIO DE FIGUEIREDO e Mello nasceu tambem em 1854, na Parahyba do Norte. Vindo para o Rio matriculou-se na Academia, sendo discipulo de Pedro Americo, seu irmão, e Jules Le Chevrel. Viajou muito pela Europa e trabalhou bastante, fazendo varios generos. Sem o arrebatamento e o genio tumultuoso do artista da *Batalha de Avaity*, deixou algumas obras que revelam um pintor de grande merecimento.

No *Encontro de Paolo e Francesca de Rimini*, que figura na Pinacotheca Nacional, estão observadas — disse Gonzaga Duque — todas as leis da unidade e da variedade». A tela inteira é de um brio magistral. A

physionomia de Francesca, orando, tem uma fineza exquesita, uma innenarravel expressão de crença e de devotamento. A pele é fresca, lactea e ruborisada; um pouco transparente. Ajoelhada sobre o pedestal do mausoléo dos seus antepassados, toda vestida de preto, *reza com fervor, apoiando os cotovellos sobre o tumulo, as mãos erguidas, os olhos azues levantados para o céo.* Do alto da cabeça redonda, pendem duas serpentes de ouro que repousam, voluptuosamente, sobre as suas espaduas envolvidas no velludo negro do vestido, cuja cauda, numa grande curva doce, como o lombo recurvo de um urso preto, descança em cima do primeiro degráo de marmore. A aia acompanha-a neste momento. Ajoelhada perto do tumulo, de costas para a frente do quadro, passa os olhos pelo livro de orações. Junto della arde o incenso em uma cacholeta de bronze. Ao fundo, no pateo do castello dos Srs. de Ravenna, está Paolo, em pé, em posição contemplativa, cercado de homens d'armas. Na frente dessa pequena turba, menos de uma corja, um pagemzinho, encantadoramente bello porem affectado na attitude, vem trazer á senhora e espada do cunhado que a contempla, enamorado e mudo».

Os quadros de Aurelio de Figueiredo demonstram expontancidade, meticolosa observação e uma palheta de côres jubilosas. Os seus melhores trabalhos *Pico do Itacolomy, Francesca de Rimini, O ultimo baile na ilha Fiscal (2) e Pateo da Casa dos Contos*, se acham na

(2) O ultimo grande acontecimento mundano da Monarchia, foi o baile da Ilha Fiscal (anteriormente ilha dos Ratos), a 8 de novembro de 1889, sete dias antes da proclamação da Republica. A maravilhosa festa em offerta á officialidade dos navios chilenos ancorados no porto. Os republicanos pensavam prender o Imperador e seu ministerio e proclamarem o novo regimen. O baile todavia realizou-se com o maximo esplendor. Historiadores politicos dizem que a exclusão de varios officinaes do exercito da lista de convidados, serviu para apressar a Republica. Exaltou os animos e fez-se o novo regimen. O que se quer consignar aqui, é este ultimo baile monarchico que deu ensejo ao pintor fixar na tela existente na Pinacotheca Nacional,

Pinacotheca e *Descobrimento do Brasil*, orna a sala de Directoria da Escola Nacional de Bellas Artes.

Aurelio de Figueiredo falleceu a 9 de abril de 1916.

A pintura de Benedicto Calixto impoz-se por um sadio impeto nacionalista e absoluto sentido religioso. Foi sempre, conscientemente, uma floração immaterial da intelligencia, do civismo e da fé.

Benedicto Calixto nasceu na Villa da Conceição de Itanhaem (S. Paulo), em 1853. Menino ainda, revelou inclinação para a arte, seguindo, muito joven, para Santos. Apesar de não ter estudos especiaes, começou de fazer decorações. Vendo um dia o seu trabalho *A fortuna*, Garcia Redondo conseguiu que elle fosse convidado a fazer a pintura do Theatro Guarany. O trabalho agradou e pouco tempo depois o Visconde Vergueiro o chamava para estudar em Paris, seguindo em 1881. Durante tres annos frequentou o atelier de Jean F. Raphael e Langerock e a Academia Julien, recebendo ensinamentos de Boulanger, Lefèbvre e Robert Fleury (1797-1890). Ganhou um concurso de pintura historica com o quadro *Longe do Lar* que foi exposto em Paris. Voltando ao Brasil, em Santos especializou-se na pintura historica e religiosa e na marinha.

Dedicou-se fervorosamente ao conhecimento da historia paulista e adquiriu tudo quanto dizia respeito á vida heroica e religiosa de S. Paulo e do Brasil. Tornou-se um crudito na materia.

Após estudos a que se entregou de 1893 a 1900, esboçou e executou a grande tela da fundação de S. Vicente para commemorar o Centenario da Descoberta do Brasil e que o Estado adquiriu. Trabalhou com obstinada preocupação de fidelidade e de manter a sua personalidade. Quiz sobretudo ser probo e exacto.

Fez varios quadros de santos, evocou os ultimos momentos de D. Camargo, executou *Arapuca* (1908),

Falquejadores (propriedade do governo do Pará), os retratos e painéis da matriz de Santa Cecília, em S. Paulo; *Pedro Corrêa no seu caminho de Damasco*, *Christo de pé entre os amigos de Emmaús*, na capella do S. S. Sacramento; telas consideradas obras primas na matriz da Consolação; o *Calvario*, na igreja do Carmo, em Santos; seis episódios da vida de S. Sebastião, na cathedral de Ribeirão Preto; *O propheta Elyseu*; *Oração de Jesus no Horto das Oliveiras* (consistorio da Irmandade dos Passos, em Santos); *A visão dos hollandezes em 1624 no morro da Penha*, *O milagre da secca em 1769* e *A chegada de Frei Palacios ao Espirito Santo*, em Victoria; *S. Paulo e Ananias*, *A caminho de Piratininga* e outros no Palacio de S. Joaquim desta capital. Para a cathedral de Santos, fez as suas ultimas telas: *Melchisedec*, *Noé* e *Christo entre dois apostolos abençoando-os na mesa de Emmaús*.

Gravemente doente, sentindo que a arterio-sclerose o abateria dentro em pouco, pintava o quadro de Emmaús, dizendo ao decorador Colozzi:

— «Meu amigo Colozzi, acho que não acabo este quadro; sei que morro breve».

Acabou-o, porem. E morreu um mez depois, a 31 de abril de 1927, seus restos mortaes sendo sepultados na mesma terra em que nascera.

Com a sua morte perdia o Brasil um dos maiores pintores sacros.

Em novembro de 1935, no Lyceu de Artes e Officios, inaugurou-se uma exposição de quadros e «croquis» deixados por V.S. Calixto em seu atelier de S. Vicente. Figuravam ahi *O Evangelho nas Selvas* (1893), «croquis (1892) da Fundação de S. Vicente, Anchieta e Cunhambebe, Na Cabana de Pindobussú (Episodios da vida do Padre Nobrega e Anchieta, quando no aldeamento dos Tamoyos, na praia de Yperoig, em Ubatuba,

foram negociar a paz com esses selvagens inímnigos ferozes dos portuguezes)» *No pouso, Bebedouro* (1950), *Longe do lar* (croquis do quadro pintado em Paris em 1883 para o Visconde Vergueiro), *Arredores de Paris* (1883), de propriedade particular e varios outros.

Na mesma exposição figuravam trinta quadros da pintora Pedrina Calixto Henriques, filha de B. Calixto.

Manoel de Araujo Porto-Alegre

Gonzaga Duque affirmou que para quem estuda o desenvolvimento da arte no Brasil, o nome de Porto-Alegre «é o mais sympathico e o mais importante que se lhe apresenta».

Evidentemente assim é. Elle exerceu uma influencia decisiva no progresso das nossas artes plasticas, já tornando iniciativas de enorme alcance didactico, já amparando artistas, já dando o melhor exemplo de talento e de operosidade.

Araujo Porto-Alegre nasceu em S. José do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, a 20 de novembro de 1806, sendo filho de Francisco José de Araujo e de Francisca Antonia Vianna. No tempo da Independencia, mudou para Manoel de Araujo Porto-Alegre, o nome que era Manoel José de Araujo. (1). Orphão aos cinco annos, educado pelo padastro, aprendeu as primeiras letras na terra natal. «Alumno mais instruido da Escola, gazeou pela primeira e unica vez, afim de ver pintar a illumina-

(1) Fazendo em setembro de 1937 uma excellente conferencia no Club Militar sobre *Os irmãos Porto Alegre* (Apelles (24-10-1850 — 6-7-1917), Achilles (29-3-1848 — 21-3-1926) e Apolinario (29-8-1844 — 23-3-1904)), o Sr. Waldemar de Vasconcellos escriptura:

«Antes do «Parthenon Literario» (academia de letras fundada na capital gaúchense em 1868), a provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul já havia affirmado triumphantemente, nos domínios superiores da intelligencia, com o autor do «Colombo», Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo, figura digna da Renascença, pela pujança multiforme do seu genio, e que não tem paratellesco com os Porto Alegre desta conferencia: com José de Araujo Ribeiro, Visconde de Rio Grande, autor de *O fim da criação*, obra traduzida para o francez e allemão, e inglez acompanhada de um prefacio de Darwin; com Joaquim Caetano da Silva, que escreveu *L'Oyapock et l'Amazonie*.

ção que a Camara da capital da provincia mandou fazer pelo nascimento do Principe da Beira. Seus pendorres o inclinavam ao desenho e ás sciencias naturaes, motivo por que frequentou os retratistas e pintores, que ali iam ter, mandando buscar á côrte estampas e livros elementares, que lhe abriam o caminho da arte. Foi quando viu a gravura do quadro sobre o desembarque da Imperatriz Leopoldina, sabendo que o mestre, que o havia pintado, se achava no Rio, chamando-se João Baptista Debret. Fixado lhe estava o destino».

Demonstrando inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, aos dezeseis annos escolheu a profissão de relojoeiro, começando de auxiliar o seu mestre, J. Jacques Rousseau. Aparecendo o desenhista francez François Ther, fazendo-se hospede de Rousseau, a elle se afeiçoou Porto-Alegre, tomando-o para professor, chegando em pouco tempo a excedel-o. O antigo mestre relojoeiro aconselhou-o, então, a seguir a pintura. Com o retratista Maciel Gentil e o encarnador de imagens João de Deus, aprendeu, vendo-os trabalhar, o manejo das tintas e começou de fazer paineis.

Pretendia vir para o Rio, aprender com J. B. Debret, de quem vira um trabalho em 1826, embarcando para a côrte, na sumaca EUROPA, com dois condiscipulos e pouco dinheiro. Debret recebeu-o com carinho paternal, iniciando-se «uma amizade entre o mestre e o discípulo, que só a morte embarçou». A 14 de janeiro de 1827 entrava para a aula de Debret, na Imperial Academia, frequentando logo depois os cursos de architectura e de esculptura, já na exposição de 1830 conquistando tres premios. Desejando tudo conhecer e aprender, frequentou os primeiros annos da Escola Militar, a aula de philosophia do frei Polycarpo de S. Gertrudes Maia; estudou anatomia e physiologia com o dr. Claudio Luiz da Costa; perspectiva com Debret e comsigo mesmo. Pintou alguns paineis para o Bispo

do Rio e o retrato do Imperador, que depois figurou na Camara da Duqueza de Bragança, em Lisboa. Em 25 de julho de 1831, partiu com Debret para a Europa, ás expensas de Evaristo de Veiga e do Monsenhor Soledade, em Paris matriculando-se na aula do Barão de Gros (1771-1835), discipulo, com Debret, de David (1748-1825), iniciando estudos de anatomia com o professor Emery, cujo preparador uma vez substituiu com mestria, merecendo louvores. Na convivencia dos Debret, João Baptista e Francisco, architecto, conheceu individualidades notaveis, inclusive Garrett (1833). Elle conta :

«Dias depois de sua chegada a Paris, em outubro de 1831, estando no boulevard des Capucines, a ver umas estampas, sentiu uma forte pancada no hombro, olhou e ficou attonito, vendo D. Pedro I a rir-se para elle :

«— Que faz aqui, Sr. Araujo, pois tambem emigrou ?

«— Não senhor, lhe respondeu o artista ; vim estudar a minha arte, e vim com Mr. Debret.

«— E como está o Sr. Debret? Debret é um homem virtuoso. Móro na rua da Pepinière n. 27, e comigo lá está o seu amigo o capitão Bastos.

O artista foi no dia seguinte visitar o Sr. Pedro I, que o recebeu alegremente e apresentou-o á senhora D. Amelia e rainha de Portugal».

Com o auxilio de Luiz de Menezes, pois se achava sem recursos como na occasião Domingos José Gonçalves de Magalhães, a quem ainda desejou soccorrer, visitou a Italia, estudando archeologia em Roma. Escreveu *Idéas sobre a musica, Contornos de Napoles, A voz da Natureza e A Semana Santa em Roma*.

De volta a Paris (1835), a convite do presidente do Instituto Historico de França, escreveu uma memoria sobre arte antiga e moderna ; visitou Lourdes e Bruxellas, regressando ao Brasil (1837), devido a inquietude

tação em que vivia com os cuidados pela mãe, no Rio Grande, onde recrudescia a revolução dos Farrapos.

Assim que chegou foi nomeado professor de pintura historica da Imperial Academia e tres annos depois da Imperial Camara.

«Proclamada a Maioridade, foi chamado a fazer o figurino das vestes imperiaes, executando tambem a varanda que serviu na acclamação de Sua Magestade e que se considerou arrojo,» porque não havia pintores e officiaes de obras artisticas, o que suppriu com alumnos que adextrou no theatro e allí mesmo foi formando». Encarregado de todas as festas da Côrte e dos trabalhos do Paço, dirigiu uns e outros por occasião do casamento de Sua Magestade com a Princeza de Napoles, deu os planos para a nova Escola de Medicina, do Banco do Brasil e do Casino Fluminense, e, como vereador supplente da Côrte, chamado a exercicio, desenvolveu acção atilada. Propoz a criação de escolas industriaes para a educação dos operarios, obtendo professores gratuitos, de que era o numero uni. E preparou um código de posturas, sendo de notar que no então vigente, com escandalo seu, não se encontravam sequer as palavras architectura e architecto».

Em 1848 foi nomeado substituto de desenho da Escola Militar; em 1854 director da Academia, permanecendo no cargo até 1857, exercendo desde 42 o cargo de director de uma das secções do Museu Nacional.

Como quasi todo artista no Brasil, Porto-Alegre teve a sua hora turva de desencanto.

A 14 de agosto de 1853, ao apresentar a Pedro II o projecto de aformoseamento do Campo de Sant'Anna, pediu-lhe o joven imperador idéas para uma reforma integral da Academia e «ainda para o desenvolvimento do gosto das artes no paiz. Mandara o soberano propor nas Camaras a criação de uma cadeira de Historia das

Bellas Artes, que lhe destinava, pretendendo tambem nomeal-o director da Academia».

Relutou Porto-Alegre, por não querer voltar ao estabelecimento do qual sahira por vontade propria. Achava que iria lutar debalde, para imprimir ao ensino novas normas, dar characteristics nacionaes á arte. E foi o que aconteceu. A nomeação de um professor levou-o a reagir e depôr o cargo. E no diario que escreveu, lá está :

«Procurei dar consideração á Academia e tinha fé de que daqui a cinco annos apresentaria resultados dignos da confiança do Governo ; mas no Brasil não ha Governo, ha ministros, ha pessoas que sobem ao poder sem se importarem com o passado e com as tradições dos que trabalharam antes delles».

Ao Ministro dos Negocios do Imperio, escreveu o seguinte, a 2 de outubro de 1857:

«V. Ex. sabe que, quem combate habitos de relaxação não é amado pelos madraços ; e quem é justo, soffre dos que contam com o poderio mysterioso do empenho e do patronato. Deixo a Academia das Bellas Artes muito melhorada em sua disciplina interna ; com professores novos, capazes de bem ensinar suas especialidades, e de infundir no coração da mocidade principios salutaes ; deixo-a com um fundo de bibliotheca precioso, e com modelos plasticos para o estudo classico da architectura, e o estudo do claro escuro e da forma, modelos que só podem ser avaliados pelos homens summos ; deixo-a circumdada de professores honorarios de merito superior nas sciencias e nas artes, e de membros correspondentes e honorarios, que me farão sempre justiça ; deixo-a com uma escripturação regular, sendo perfeita, e com a convicção de haver servido com lealdade e zelo através dos incommodos inseparaveis da vida de todo aquelle que chama os homens ao dever, ao estudo, e procura moralizar.

Por convicções que nunca renegarei, deixo aquella Directoria com a satisfação que todo o homem de brio encontra no cumprimento de seus deveres e muito mais quando altamente pugna pela causa da lei, da intelligencia e da moral».

Em 1857, a bordo do *Tyne*, partiu para a Prussia, na qualidade de consul geral do Brasil; serviu em Dresden, Allemanha (1860), sendo transferido para Lisbôa, onde serviu de 21 de agosto de 1866 até 29 de dezembro de 1879.

Além de varios condecorações recebidas de Pedro II, teve Porto-Alegre, em 1874, o titulo de Barão do Santo Angelo.

Adoecendo a 18 de dezembro de 1877, soffreu até 29 de dezembro de 1879, em cuja manhã falleceu de congestão cerebral. No seu testamento, liam-se estas palavras, que Helio Lobo, seu biographo carinhoso, disse poderem figurar, como synthese de sua vida, no marmore do seu tumulo: «Nunca provoquei lutas, porem a amizade me levou a campo muitas vezes, e o direito sempre. Nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobrementemente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mancha. Soffri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo. E de meus Paes, de meu Soberano, dos homens honestos, fui sempre respeitoso e dedicado amigo».

Guardado num jazigo em Lisbôa, seu corpo foi trasladado para o Rio de Janeiro a 13 de maio de 1922, graças aos esforços da Sociedade Brasileira de Bellas Artes e depois para o Rio Grande do Sul.

Como facilmente se verificará, Manoel de Araujo Porto-Alegre conseguiu ser um raro vulto de sua epoca. Pintor, architecto, professor, critico, poeta e diplomata, prestou enormissimos serviços á arte e á nação. Operosissimo director da Academia, creou varias aulas, «foi o primeiro que arrancou do esquecimento os

unicos documentos existentes sobre a historia da pintura brasileira» e o fundador da critica de artes plasticas no Brasil.

«Verdadeiro precursor do movimento romantico», escreveu o poema *Colombo* (2) e as *Brasilianas*, em ambos deixando «admiravel testemunhos da sua capacidade de versejar livre dos preconceitos classicos, dentro de moldes ineditos de forma e pensamento, nada comuns no seu tempo. Mas acima de tudo foi pintor. E só queria ser pintor. Por onde andava colhia impressões, desenhava, pintava. Sua preocupação dominadora era o pincel.

Na Santa Casa de Misericordia ha delle um retrato da benfeitora D. Luiza Rosa e uma composição. «A fama de desenhador incorrecto de que gosava Porto-Alegre esmorece deante desse excellent retrato, vivo, palpitante, e cuidadosamente concluido. A mão esquerda e a cabeça, emoldurada por um toucado negro, são primorosamente pintados, mas o ponto em que o artista mostra-se, não original, pessoal, é o horisonte onde procurou transmittir ao observador uma imagem da existencia da retratada».

Faz, a pedido de José Clemente, a *Céa* do zimbório da Misericordia; executa *Pedro I* (1829) «Visconde de Araguaya, paisagens e a grande tela *A Coroação de Pedro II*, descoberta em 1907 abandonada na Sociedade de Geographia, levada para a Escola Nacional de Bel-

(2) O supplemento do *Correio da Manhã* de 3 de outubro de 1937, uma secção *Córtex e Nodrias* falando do musico e compositor Domingos José Ferreira, disse: «Amigo de Manoel de Araújo Porto-Alegre, como já o lãra de Francisco Manuel, que o guinou, Ferreira, considerado artista notavel, trabalhou numa partitura para o poema *Colombo*, dando-lhe o mesmo nome». Ha evidente engano na affirmação. O *Colombo* musicado pelo autor da *Ace-Maria* em do menor foi um poema lyrico de Joaquim Nuberto, «composição de certo folego, de haberes transições, talhada em dois actos, obtendo margem a audacias genias, e «dos de distincta evidencia», como nos diz Mello Moraes Filho. Nem mesmo seria facil uma partitura para o *Colombo* de Porto-Alegre. De musica elle se contenta plenamente com a dos proprios versos.

las Artes, de cujos porões foi tirar para zelar e amar o Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

A respeito desse trabalho, escreveu o professor Araujo Vianna: «A composição commemorativa da imperial cerimonia é vasta, e, si tivesse sido concluida, contemplariamos a obra artistica de mais folego produzida por Porto-Alegre, não só pelas dimensões da superfície pintada, mas principalmente pelas complicações do scenario, e numeroso concurso de figuras.

.....

A composição representa o imperador, muito moço e imberbe, em pé, junto do throno, já coroado e empunhando o sceptro. A figura de Miguel Calmon du Pin e Almeida (marquez de Abrantes), por exemplo, incumbido da corôa, não poderia mais estar com ella. De José Clemente Pereira ha esculpturas para termo de comparação, e de Araujo Vianna (marquez de Sapucahy) dous retratos que o recordam com a physionomia que tinha nessa epocha, uma copia photographica pertencente a um dos seus netos, e o original que fôra pintado, ha muitos annos no Maranhão, em homenagem á sua presidencia e deve ainda se achar na capital daquelle estado do Norte.

.....

Resolvida a encommenda do quadro, cederam por emprestimo ao pintor, para atelier, uma sala do antigo edificio da Praça do Commercio, á rua Primeiro de Março.

O sr. Mafra (João Maximiano Mafra, professor da Academia e de quem Araujo Vianna recebeu informações sobre a tela) traçou a quadricula e os primeiros delineamentos da perspectiva do quadro.

Os retratos foram pintados deante dos respectivos modelos vivos. Porto-Alegre conseguiu-o, indo pessoal-

mente á casa de cada um delles. O Sr. Mafra pintou duas cabeças.

.....

O quadro mostra o ambiente da sala do throno da varanda, no momento da proclamação pelo arcebispo da Bahia, d. Romualdo, mais tarde agraciado com o titulo de marquez de Santa Cruz.

O throno e o docel estão por acabar. A figura do prelado apresenta a cabeça ligeiramente esboçada, e, como essa figura, se vê a que deve representar o condestavel, cujo papel coube ao primeiro marquez de Paranaguá (Francisco Villela Barbosa), ministro da Marinha.

Distinguem-se todos os demais ministros, alguns membros da Côrte e do clero.

Nota-se o predomínio das figuras de perfil, a do joven imperador está de perfil.

Dos ministros pintados ao lado do throno se percebe facilmente o de Extrangeiros, Aureliano de Souza Oliveira Coutinho (visconde de Sepetiba), por que traz o globo, mencionado no programma official da cerimonia.

A figura de Miguel Calmon du Pin e Almeida (marquez de Abrantes) se acha perto. Do outro lado um pouco á frente, se destacam o alferes-mór conde de Lages (depois marquez) empunhando o estandarte imperial, e juncto delle o ministro da Justiça Paulino José Soares de Sousa (visconde do Uruguay).

No plano posterior, em frente a dous moços fidalgos, estão Candido José de Araujo Viana (marquez de Sapucahy) e José Clemente Pereira. O commandante das Armas se acha nesse grupo em figura característica.

Araujo Vianna não usava da barba nesse tempo mais do que pequenas costeletas, e os cabellos se conservavam ainda todos pretos. E' um dos retratos que se pôde considerar quasi acabado pelo artista. Em grande maíor

ria as pessoas evidentes do quadro vestem casaca de Côrte e trazem o manto da Ordem honorifica de Christo.

O bispo do Rio de Janeiro de então, conde de Irajá, parece representado na tela, cingindo a mitra e empunhando o cajado episcopal. Dos retratados, além dos já referidos, devem estar os marquezes de Barbacena, de S. João Marcos, de S. João da Palma, de Itanhaém e outros titulares.

No primeiro plano, quasi no eixo vertical da composição, é interessante o grupò do mestre da capella, conego Moreira, e a do conselheiro Paulo Barbosa da Silva, mestre da sala. Porto-Alegre os pintou, um juncto do outro a concertarem ceremonias. . . Vultos das princezas d. Januarina e d. Francisca, irmãs do imperador, assistem de uma tribuna. Nos trechos em branco, o artista incluiria outras personagens. . .

A figura de Antonio Carlos defronte, lado opposto ao throno, basta para recomendar um pintor».

Porto-Alegre executou tambem o quadro da Fundação da Escola de Medicina (1826), mostrando D. Pedro I entregando ao director, Barão de Inhomirim (Vicente Navarro de Andrade) o decreto que criou o estabelecimento.

Na galeria do Lyceu de Artes e Officios da Bahia existe um retrato, em tamanho natural, do brigadeiro Antonio de Souza Lima, em frente ao seu acampamento, em Itaparica (1823), cuja autoria é dada a Porto-Alegre.

Assim, no panorama pictura brasileiro, a figura de Manoel de Araujo Porto-Alegre tem um lugar excepcional pelo que executou e por em pròl das artes plasticas nacionacs.

Augusto Rodrigues Duarte, Thomaz Driendl, Treidler e Jorge Grimm.

AUGUSTO RODRIGUES DUARTE nasceu em Nespereira, Portugal, em 28 de junho de 1848. Vindo para o Rio, matriculou-se na Academia em 1866, sendo discípulo de Victor Meirelles. Obteve a grande medalha em 1869, partindo para Paris em 1874, tornando-se discípulo de Gérôme e obtendo quatro medalhas, inclusive a 2.^a da Academia. Pintou a historia e fez o genero. No Salon de 77 expos *Interior da galeria de Appollo*. Era um verdadeiro artista, tendo deixado telas como *Lagôa á margem do Parahyba*, *Vista da Cascata Grande da Tijuca*, *Pitada*, *Militar Pensativo* e *Exequias de Atalá* (1878), que deve ser o seu melhor trabalho.

Numas notas ineditas de Gonzaga Duque, encontra-se o seguinte :

«A obra capital de R. Duarte é o *Enterramento de Atalá*, a que bem se póde chamar — uma obra franceza, por sua inspiração, por seu sentimento e feitura. E, mesmo por isso, é uma bella obra. As qualidades, que caracterizam a arte franceza do seculo XIX, são consideraveis por excellentes, reúnem todos os progredimentos do tempo á uma delicadeza, segurança e simplicidade pouco vulgar. Unicamente a escola em que foi cultivado o talento de R. Duarte estava muito adstringida aos moldes românticos da chamada grande ar-

te. Ainda se lhe encontra, na técnica uns tantos processos de pintar que só mais tarde foram substituídos.

Não obstante o seu quadro é bello e também bello foi o assumpto que o motivou. O artista o recebeu do romantismo de Chateaubriand, dessa encantadora narrativa dos *Martyres* que a tantos tem inspirado».

Rodrigues Duarte, »figura com justiça no grupo dos nossos grandes artistas. O que produziu teve sempre o cunho da superioridade do seu genio artistico». João Ribeiro disse que a »sua arte constitue uma nota singular na pintura brasileira». Falleceu aos 17 de novembro de 1888.

Thomaz Driendl, vindo da Allemanha, surgiu no Salão de 82 com a sua *Scena de Família nas Montanhas da Baviera*, continuou a expôr fazendo quadros que o tornaram famoso, dentre os quaes *Ferreira Viadma distribuindo crucifixos aos lazarus*.

O Sr. Driendl - disse um critico, — é um artista notavel, possui o fogo-sagrado; suas producções têm o cunho que imprimem o saber e a inspiração».

Felix Ferreira commentou: «O Sr. Driendl é um artista distincto, manja os pinceis como mestre que é; como pintor, quer de ornatos, quer de quadros, dispõe sempre de uma perspectiva que lhe dá invejaveis triumphos até nas ligeiras composições».

Um bom paisagista que appareceu no tempo, foi Benno Treidler, nascido em Berlim, a 11 de setembro de 1857. Na *Escola de Bellas Artes da sua patria* foi alumno de Christiano Wilberg e de Lechner, scenographo do Theatro Imperial. Expoz no Salão da capital allemã, em 1885, vindo após para o Brasil. Em 1891 realizou a primeira exposição e no Salão de 1894 obteve medalha de ouro. Era dono de um desenho solido e facil e de colorido apreciavel. Foi aquarellista de alto valor e professor de França Junior. A Pinacotheca da Escola possui delle *Bôa Vista* (Nichteroy). O Sr. Trei-

der — afirmou Gonzaga Duque, possui a arte de mandar, tem a justeza, a precisão do golpe de pincel dos antigos especialistas em aquarella, e, em grande parte, essa certeza e proceder vieram-lhe dos seus estudos de scenographia em Berlim». Treidler decorou o tecto do salão de honra do Jockey Club e falleceu em 17 de junho de 1931.

George Grimm nasceu em Hempton, Baviera, em 1846. Aprendeu desenho na Academia de Bellas Artes de Berlim e, vindo para o Brasil em 64, auxiliar o decorador F. Steckel, esterou na exposição de 1882, da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, com 128 trabalhos, no anno seguinte sendo contratado para professor de paisagem da Academia, cargo que exerceu até 1884, quando foi substituído por Victor Meirelles.

Duas cousas conseguiu aqui, segundo o autor da Arte Brasileira: reunir em exposição cento e cinco quadros e fundar escola! Os quadros foram traidos de Capri, da França, da Allemanha, da Africa, do Egypto e de Portugal e a escola surgiu com a sua maneira de pintar *au plein air*. Até então, o estudo da paisagem era feito na Academia. Grimm rompeu violentamente com a rotina. Quem quizesse aprender com elle tinha que seguil-o por valles e montanhas, abrir picadas na matta, surprehender o nascer das manhãs, ver o pôr do sol, sentir a natureza em todo o seu fremito e em toda a sua belleza. Os discipulos seguiram as pegadas do mestre e com elle desbravaram a mattaria, sentiram a verdadeira luz, aprenderam a interpretar o nosso verde.

Antonio Parreiras, seu melhor discipulo, disse-o «homem forte e bello, de character excessivamente honesto e franco». E conta: Grimm era extremamente bondoso para os pequenos; altivo, arrogante e até violento para os grandes. Entrava na Academia, quando della era o habil mestre da aula de paisagem, com o

chapéo na cabeça. Subia aos bulos a larga escadaria, batendo ruidosamente com a grossa bengala feita de um irregular galho de laranjeira.

.....

Tinha Grimm cabellos longos, alourados e finos, a cahirem-lhe sobre os hombros em desalinho e revoltos. A barba tambem ampla crescia-lhe em liberdade, espargindo-se no peito sobre grosseira camisa de algodão».

Para o mestre das *Sertanejas*, Grimm, que só leccionava d'*après nature*, não era um artista, sim um grande pintor.

Copiador minucioso da natureza, não tinha emotividade, não revelava palpitação emocional. Frio. «Os seus quadros pareciam pintados por um homem insensível».

Deixando a Academia, Grimm retirou-se para a Lagôa Santa, no interior de Minas, onde pintou retratos e paisagens.

Abandonou depois o Brasil, seguindo para Palermo (Italia), fallecendo numa Casa de Saude, aos 24 de dezembro de 1887.

Delle a Pinacotheca possui apenas *Vista do Cavallão*, Nictheroy.

Discipulos de Grimm

Dos seis pintores decididos a seguir o mestre Grimm, recebendo lições de paisagem ao ar livre, haveria de destacar-se Antonio Parreiras, dada a sua natureza arrebatada e cheia de impetos. Parreiras teria de ser «elle mesmo», como o foi Almeida Junior. O pintor bätavo exerceu, portanto, preponderante influencia senão na sua arte, ao menos na directriz que devia seguir para aperfeiçoal-a. Parreiras seguiu o mestre por toda parte, grimpeu morros, desceu vallados, atravessou rios, abriu mattas, galgou montanhas admirando e fixando a natureza na plenitude da sua maravilha.

Tirando o ensino da paisagem do cubiculo da Academia para a grande luz, George Grimm creou escola e fixou uma etapa na pintura brasileira. E deu-nos um pugilo de pintores renomados.

Parreiras, de quem falaremos destacadamente, foi o maior de todos.

DOMINGOS Garcia Y VASQUEZ, nascido em Vigo, Hespanha, foi o discipulo por quem Grimm tinha predilecção. Chegado aqui em 1876, matriculou-se na Academia em 1879 e começara de trabalhar, ganhando notoriedade. Era o melhor pintor de paisagens da epoca, seguindo Driendl.

Em 1883 as suas paisagens eram as melhores que appareciam nas exposições de pintura — disse Parreiras.

Talvez fosse a fidelidade com que reproduzia a natureza, a causa da estima que despertara em Grimm. Depois de viver entre nós, partiu para a Europa, fazendo-se alumno de Hanateau que o modificou de tal maneira que quando regressou, era de lastimavel mediocridade, futil, languido, amaneirado. Reagiu a custo e em 1903 resurgia fazendo boas telas. Retirou-se depois para Nítheroy, suicidando-se num cinema, em 1912. *A Pesca* é o quadro que a Pinacotheca possui de Vasquez.

Joaquim José de FRANÇA JUNIOR foi um amator de talento. A arte era para elle simples recreação. Sua nomeada fora feita nas letras, com os folhetins e as peças theatraes. Nada das incommodas caminhadas pelas mattas, de subir serranias e viver no campo. «Pintava elegantemente vestido, como se estivesse em um salão» — escreve Parreiras. Um empregado conduzia os apetrechos de pintura. Os logares escolhidos não eram os mais bonitos, porém os mais limpos. «Vaidoso, ironico, cruelmente ironico, chegando mesmo, algumas vezes á perversidade, era entre nós uma planta exotica» — diz o pintor de *Nonchalance*.

Seus quadros melhores são: *Morro da Viuva*, *Rua Taylor* e *Fortaleza da Boa Viagem*.

Na Galeria Couto, á rua da Quitanda, vimos em junho de 1938, a palheta de França Junior, na qual elle pintara uma formosa paisagem, datada de 1885.

França Junior que nascera na Bahia, aos 19 de abril de 1838, não deixou obra recommendavel. Era formado em Direito e falleceu em Poços de Caldas, aos 27 de novembro de 1890.

Ao contrario do famoso humorista, foi HYPPOLITO Boaventura CARON, nascido em Rezende, aos 27 de março de 1862. Discipulo de Grimm, fez o curso da Academia, obtendo 3 pequenas medalhas de ouro. Partin-

do para Paris, estudou com Hanateau. Creou individualidade.

Foi colorista espontaneo, desenhador elegante, sabendo lançar as massas, apprehender a côr, enchendo os quadros de equilibrio e de harmonia. Morreu a 15 de maio de 1892, em Juiz de Fôra, de onde viera, deixando uma obra que se pode admirar pela sinceridade e pela belleza. Durante o persionato expoz telas apreciaveis na Casa De Wilde (1882). Se elle não «morresse, como morreu, na flôr da idade, seria um grande paisagista».

Outro discipulo de George Grimm foi Francisco Ribeiro, portuguez. Era um applicado desenhista. Na forma pura tinha a sua sensibilidade. A côr não lhe despertava nenhuma emoção.

Typo grotesco, sem nenhum attractivo physico, com uma arte que não chegava sequer a agradar, Ribeiro arrastou uma vida infeliz, abandonando a pintura que não lhe dera nem alegria nem gloria.

Foram estes os discipulos de Grimm. De todos resta apenas um, o maior de todos: Parreiras.

Depois de Parreiras, o mais notavel discipulo de Grimm, foi João Baptista CASTAGNETO, um dos nossos artistas mais originaes, nascido na Italia, em 1862. Fundiu a sua gloria na interpretação voluvel do mar. Ninguem o igualou sequer no genero. Foi unico. «Filho de um velho lobo do mar, de um velho nauta emballado pelas vagas do Mediterraneo e do Jonio, João Baptista Castagneto nasceu artista e nasceu marinheiro». Chegando aqui em 1875, cedo entrava para a Academia de Bellas Artes, em 1884 obtendo a 1.ª medalha de ouro. Abandonando o ensino obsoleto, fez do mar o seu motivo de arte. Não houve agonia, desespero ou remanso de onda, mar azul em calmaria ou traslado da prata dos plenilunios, barco de vella panda á brisa fa-

gueira ou abandonado na praia, que elle não pintasse de maneira rapida e impressionante. E foi mesmo no mar, vendo o mar, dormindo e sonhando sobre o mar e na companhia de pescadores, que elle se tornou o marinhista inexcédível. Possuia o «braço rapido e certo, o toque-exacto e a vista perspicaz». E pintou com tudo e sobre tudo. Gonzaga Duque, visitando-lhe o atelier na praia de Santa Luzia, encontrou em meio de uma confusão de rêdes, arpões, tarrafas, remos e velas, »dependurado á parede, um bacalháu secco que lhe servira de tela para um lindissimo effeito de espumejo de onda sobre amontoado de pedras!»

A pintura de Castagneto era tão maravilhosa de espontaneidade e de belleza, como feita ás pressas, nervosamente, instantaneamente. Talvez por isso mesmo deixou uma obra immensa e originalissima. E disputada como poucas. Falleceu de arterio sclerose em 28 de dezembro de 1900, na Casa de Saude do Dr. Ferreira Leal, seu intimo, á rua S. Clemente.

Na Pinacotheca Nacional delle figuram *Praia de Mourillon*, *Marinha*, *Coqueiros á beira mar*, *Forte*, *Mãnhã de Setembro*, *Pedras e Praia de Santa Luzia*.

Victor Meirelles e Pedro Americo

I

Transposta a metade do seculo passado, faz-se mister distinguir dois nomes de marcada influencia no desenvolvimento artistico do paiz: Victor Meirelles e Pedro Americo.

Victor Meirelles de Lima, filho de Antonio Meirelles de Lima, portuguez e d. Maria da Conceição dos Prazeres, brasileira, nasce a 18 de agosto de 1832, na antiga cidade de Desterro, hoje Florianopolis, Santa Catharina.

Revela, logo em criança, propensão para as artes, tendo sido seu primeiro mestre de desenho o emigrado argentino D. Mariano Moreno. "Foi um velho cosmorama, cujas vistas, quando pequeno, no lar paterno, não se fartava de apreciar nas horas de folga, que o habilitou o graduar e educar a visão artistica, e a objectiva estereoscopica deu-lhe as primeiras noções da perspectiva, que é a alma do Desenho, e a impressão do movimento apparente das figuras".

Em 1846, graças á iniciativa do conselheiro Jeronymo Coelho e ás expensas de amigos do paiz, homeni chão e sem posses, é trazido para o Rio. após opinião lisongeira de Felix Emilio Taunay sobre um desenho seu, matriculando-se na Imperial Academia de Bellas Artes aos 3 de março de 1847.

Seu primeiro mestre é José Corrêa de Lima, que fôra discipulo de João Baptista Debret. Estuda com tamanho interesse e aproveitamento, que no anno seguinte, ao regressar de Desterro onde fôra visitar os paes, conquista uma grande medalha, e em 1849 inicia o curso de pintura historica, tres annos depois obtendo, após concurso, o premio de viagem á Europa, com o quadro *S. João no carcere*. (1)

Segue para o Velho Mundo aos 10 de abril de 1853, desembarcando no Havre, dahi seguindo para Paris, Marselha e Roma, onde cursou a conselho de Agostinho da Motta e Leão Palliere, as aulas do professor Minardi. Este achou Victor muito fraco no desenho, o que aconteceu perder o novo alumno.

Pouco depois parte para Florença e Roma, onde estuda com o professor Consoni, da Academia de S. Lucas. Pinta a *Flagellação de Christo*, percorre os grandes centros artisticos, durante tres mezes se detendo diante da maravilha de technica e colorido dos mestres da escola veneziana, da qual sente a influencia. Entremettes, no Rio, dá-se modificação que aproveitará a Meirelles: Taunay passa (1853) a direcção da Academia a Porto-Alegre, que revela idéas avançadas e uma preocupação sadia de brasileirismo. De volta a Roma, encontra carta do novo director. Estando a findar-se a pensão, Victor recebe comunicação de que ella fôra prorogada por mais tres annos. Na comunicação, Porto-Alegre aconselha-o a partir para a França onde poderá tomar Delaroche por mestre, lembra estudar as obras de Horace Vernet, copiar Salvátore Rosa, aperfeiçoar-se no desenho e na anatomia. Victor termina a *Flagellação de Christo*, faz a *Degolação de S. João*, copia varios pintores das escolas veneziana, bolonheza, flamenga e

(1) Concedido o premio de viagem a Victor Meirelles em 52, suspende-ram-se os concursos, que só recommçaram em 1850.

neerlandeza e os *frescos* de Andrèa del Sarto, em Florença. Segue depois para Paris em novembro de 1856 a estudar com Paul Delaroche, que morrerá poucos dias antes. Faz-se, então, alumno de Castaldi e pinta *Um satyro e uma bachante*. Frequenta com outros o atelier de Léon Cogniet (1794-1880) e envia estudos e copias como *Jangada de Medusa*, de Gericault (1791-1824); *Os pestiferos de Jaffa*, do barão de Gros e as *Mulheres Suliotas*, de Ary Scheffer (1795-1858).

Novamente a expirar a pensão (1859), impunha-se executar um trabalho original de maior vulto do que o primeiro para t-la prorogada.

Porto-Alegre, seu animador e amigo, vinha-lhe aconselhando que lesse muito a carta de Pero Vaz Caminha e terminava: «Ella o inspirará.» Victor não larga a carta do chronista da frota cabralia. Na Bibliotheca de Santa Genoveva, o sr. Ferdinand Denis proporciona-lhe a leitura de tudo que o ponha conhecedor absoluto do assumpto.

Esboça, então, a *Primeira missa*, que envia a Porto-Alegre e delle recebe considerações deste jaez: «A scena do segundo plano está disposta com bastante arte, mormente o grupo da esquerda junto ao altar».

Submettido o esboceto a apreciação de Robert-Fleury (Castaldi partira para a Italia) este o considera bom, aconselhando-lhe, porem, ligeira modificação.

Executado o quadro no periodo de 1859 a 1860, figura no *Salon* desse ultimo anno, merecendo os maiores elogios da critica franceza. E Victor obtem mais dois annos de permanencia na Europa.

A *Primeira missa*, a tela mais popular do Brasil, «trabalho de fina e apurada arte, foi tambem a primeira de artista brasileiro exposta no *Salon* de Paris. Só em 1862 figurou no *Salão* brasileiro.

Durante os oito annos em que esteve na Europa, Victor Meirelles só faz estudar, estudar e estudar. Porto-Alegre, director da Academia de 1853 a 57, estimula-o extraordinariamente. Orienta-o.

Em 1861, o joven pintor catharinense regressa ao Brasil. Traz idéas benéficas de reformas, que não o deixam executar.

No anno seguinte occupa interinamente a cadeira de pintura na Academia e em 1863 expõe *Moema*, revivendo um episodio do *Caramurú*, de Santa Rita Durão e que é a mais linda das suas telas.

O director da Academia, conselheiro Thomaz Gomes dos Santos, por occasião da entrega dos premios, proclamou :

«Obra de maior valor... Desenho, colorido, transparencia aerea, effeito de luz, perspectiva, exacta imitação da natureza nos seus mais bellos aspectos, elevam essa composição magistral á cathegoria de original de grande preço. O assumpto, todo nacional, é uma das nossas lendas mais tocantes. Diogo, o *Caramurú*, regressa á Europa em uma não franceza, levando em sua companhia a esposa amada, a formosa *Paraguassú*, e abandonando a outra, que talvez o amasse mais, a bella *Moema*. Lamenta a desgraçada tanto amor tão mal correspondido, solta sentidissimas queixas, chama clamorosamente o esposo que lhe foge : entretanto... impellida de um zephyro sereno, vae-se afastando a nao, que leva o ingrato, seu unico amor, alma da pura existencia, ainda ha pouco tão doce ; a infeliz, cega, louca de amor e desespero, se atremessa ás ondas, fende-as impetuosamente, a paixão que a arrebatá dá-lhe forças sobrehumanas, avizinha-se da não, pôde effim segurar-se ao leme, mas já exhausta, e quasi sem alento, com voz intrecortada, diz :

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fê rendia ao teu engano ;
Nem me offenderas a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano ;
Porem, deixando o coração captivo.
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor e desta sorte.
Paga meu fino amor tão crua morte?.....

.....

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo :
«Ah ! Diogo cruel !», disse com magua,
E, sem vista ser, sorveu-se n'agua...

O painel representa o final deste drama tão pathetico, omittido pelo poeta : as ondas restituem á terra o corpo gentil da infortunada Moema, que repousa sobre a areia de uma praia erma e silenciosa. Tudo nelle respira melancolia, mas tudo é grande e calmo ; o céu, limpido e sereno, sereno como rosto da mulher que soffreu muito, e já se não queixa. Na superficie do mar apenas se entrevê brando movimento ; leves crespos de agua veem lentamente, como que receiosos, beijar a victima de tal malfadado amor ; não se atrevem, porem, a fazel-o, e recuam sem tocar-a ; á direita e não longe vê-se um bosquesinho de arbustos com mui pouca espessura, e cujas ultimas ramas com difficuldade se deixam mover pelo sopro do terral ; á esquerda e defronte, o mar tranquillo ; a scena é illuminada pela claridade da manhã, tão branda e suave que

se harmonisa com a melancolia geral da composição, e a torna mais sentida. Moema sella a reputação do mestre, que despontára brilhantemente na primeira missa celebrada em terra firme do Brasil!"

Nos vagares do ensino, a que se entrega com fervor e dedicação, Victor Meirelles executa *Primeiros desterrados*, *Cabeça de velho*, esboços para a tela *O Imperador falando ao povo reunido no largo do Paço* (questão Christie), *Casamento da princesa D. Izabel* (1864) e numerosos retratos.

Por encomenda do então ministro da Marinha, Affonso Celso de Assis Figueiredo, depois Visconde de Ouro Preto (1837-1912), pinta as grandes telas militares, as primeiras que se fazem no Brasil: *Combate Naval do Riachuelo e Passagem do Humaytá*, colhidas no proprio scenario da guerra do Paraguay, para onde seguiu em 1868, installando-se a bordo do *Brasil*, navio-chefe da divisão.

Durante mezes esteve embarcado, assistindo aos bombardeios, vendo a rendição de Humaytá, em 25 de junho do anno alludido, estudando o local do combate naval de Riachuelo (11 de junho de 1865).

Regressando ao Rio, installou atelier em duas celas do Convento de Santo Antonio, terminando os quadros em 1872, por ambos recebendo 16.000\$000.

O *Combate Naval do Riachuelo* ora no Museu Historico (2) é considerada uma das melhores produções do probo mestre catharinense e fixa o momento em que mettido a pique dois navios inimigos, Barroso, erguendo vivas ao Brasil, manda içar no lais da verga o signal de sustentar fogo.

(2) A tela do Museu Historico, allás, não é a original, que foi destruida nos porões da Escola Nacional de Bellas Artes e cujo historio relateo no *Victor Meirelles, sua vida e sua obra*, ainda inedito.

Tudo quanto lhe foi possível fazer — diz Gonzaga Duque — tudo quanto dependia de conhecimento de arte: as perspectivas, as proporções de desenho, os efeitos de claro-escuro, ahí estão observados».

E' um estupendo *morceau d'art*.

O ministro do Imperio, João Alfredo Corrêa de Oliveira, por esse tempo, deante da impressão que lhe causavam as telas de Victor e Pedro Americo (a *Batalha de Avahy* tinha sido exposta na mesma epoca da do Riachuelo), convidou-os a pintarem novos assumptos nacionaes, incumbindo o grande pintor parahybano da execução da *Batalha dos Guararapes*. Pedro Americo preferiu, porem, a batalha de Avahy.

João Alfredo entregou, então, a Victor Meirelles, a incumbencia de fixar o episodio de Pernambuco.

O artista partiu para o norte, estudou o local do encontro, colheu documentos e informações e fez a tela que expoz ao publico em 1879 e se encontra na Pinacotheca Nacional.

A exposição da tela provocou controversias, acirrou odios e inveja, deu motivo a expansões de justiça e de odio, atirando-se Victor Meirelles contra Pedro Americo, que eram ao mesmo tempo, diminuidos e glorificados.

Por fim, serenados os despelto e os desentendidos propositaes, o que resulta é o reconhecimento do extraordinario valor das obras de Victor Meirelles e de Pedro Americo.

Georgi Vasari, na sua serena e segura analyse critica, conclue :

*São dois interpretes inspirados da poesia das cores e das linhas. Victor Meirelles pinta as melodias da perspectiva; Pedro Americo as harmonias do desenho. Um é o Mesquita, outro o Carlos Gomes da pintura.

São dois poetas diversos, um da forma, outro da idéa; um do repouso, outro do movimento; um do sentimento e do natural, outro da vida e do ideal. Um é Tycho-Brahe, outro é Copernico; um é Lucrecio, outro é Virgilio; um é Horacio, outro é Pindaro; um escreve a historia com a penna de Herodoto, outro a reanima com a fâisca de Prometheu!

Os seus quadros nacionaes e que são dos mais importantes que possuímos, marcam o apogeu da arte de Victor Meirelles, que mostrou como a pintura perde o seu character de estrangeirismo e se nacionalisa. Pela realisação independente e pelos assumptos. E os companheiros e alumnos da epoca, formam ao lado d'elle, seguindo-lhe o rumo. Victor Meirelles abre, desse modo longas perspectivas á arte brasileira. Torna-se mestre inconfundivel do retrato, ninguem o superando até hoje e faz depois, como ninguem ainda fez e quer igual, o panorama, que grandemente o notabilisou.

O primeiro (Victor tentara o genero quando tinha apenas 17 annos) fel-o em 1886, de collaboraçã, com o pintor belga H. Langerock, expondo-o com extraordinario successo em *Bruxellas*, a 4 de abril de 1887 e depois na Exposição Universal de 1889, em Paris.

De 1880 em diante a actividade artistica do eminente pintor decresce. Os desenganos as hostilidades do meio pouco sensivel ao estimulo das cousas de arte e as premencias materiaes, procuram abater-lhe o enthusiasmo

Mas Victor Meirelles reage ainda e esboça um immenso panorama da Descoberta do Brasil, partindo para a Bahia, afim de estudar o local que já ficara immorredouramente na *Primeira missa*.

Esse panorama, porem, é o seu canto de cysne. Enche-o de desgostos irreparaveis e o atira á miseria.

Já alquebrado, enfermo, quasi esquecido, Victor Meirelles fallece, num dia de Carnaval, a 22 de fevereiro de 1903.

«Victor Meirelles, que se tornou artista em Paris, — disse o erudito sr. Max Fleiuss — venceu, pode-se affirmar, por si só.

Foi o grande continuador de Porto-Alegre, e, com Pedro Americo, a mais legitima affirmação da Pintura no Brasil».

«Victor Meirelles de Lima — diz Araujo Vianna — reflectiu em toda a sua obra opulentissima a maneira do tempo em que viveu, é individualidade culminante e immorredoura na Pintura Nacional».

«A influencia de Victor — opina o sr. Laudelino Freire — sobreexcede a de Americo no ministrar o preparo tecnico, na dedicacão ao magisterio, no esforço em pról da formação de uma escola brasileira, assegurando a continuidade da cultura nos discipulos que preparara e que vieram a formar as gerações de 79 e 84. A nenhum outro pintor foi dado exercet accão mais significativa e preponderante».

Alumno de mestre brasileiro na Academia, professor ao lado de companheiros egualmente brasileiros, fazendo assumptos da historia nacional, os primeiros de guerra nacional, orientando-se no sentido de termos uma arte nossa, Victor Meirelles deixou, com uma obra formosa e admiravel, um singular exemplo de modestia e de probidade artistica.

Ao plintho da gloria a que se elevou, só chegaram Pedro Americo e talvez Almeida Junior, pela feição brasileira da sua pintura.

II

Ao contrario de Victor Meirelles, que nasce de paes pauperrimos e incultos, Pedro Americo de Figueiredo vem á luz em Arêas, na Parahyba do Norte, em 29 de abril de 1843, sendo filho de Daniel Eduardo de Figueiredo, illustre violinista e d. Feliciano Cirne, filha de um fidalgo portuguez.

Ainda muito creança começou de modelar bonequinhas com miolo de pão, sendo mais tarde instruido nas primeiras lettras e nos rudimentos da musica; aos sete já fazia o retrato de Frei Seraphim, que passava em missão por Arêas, como aos oito compunha comedias e dramas para um theatrinho «do qual era a um tempo constructor, empresario, scenographo, actor e director»; cantava no côro da matriz e era admirado como creança prodigio.

Em 1852, com menos de dez annos, tendo se revelado desenhador habil, tomou-o Louis Jacques Brunet, naturalista francez que andava em missão exploradora, como desenhista auxiliar. Durante vinte mezes seguiu o naturalista pelo nordeste, após o que partiu para o Rio (1854), sendo admittido no Collegio Pedro II por interferencia do Visconde do Bom Retiro. Matriculado na Imperial Academia de Bellas Artes (1855), dirigida por Porto-Alegre, fez resaltar toda a sua tendencia artistica, progredindo de tal forma que sahio victorioso em todos os concursos, obtendo quinze medalhas de ouro e prata, além de outros premios e louvores. O futuro Barão de Santo Angelo considerava-o «a gloria da Academia — e a maior esperanza da arte brasileira».

Pedro Americo evidenciava intelligencia extraordinaria, alem de grande applicação. Era vivo, irrique-

to, de expansividade incommum. Differente de todos quantos haviam passado pela Academia.

Tanto estudava como trabalhava, fazendo *O Jesus da canna verde*, *Mater Dolorosa*, *S. Miguel* e *S. Pedro Ressuscitando a filha de Tabira*.

Porque a Congregação da Academia não quizesse abrir concurso para «premio de Roma», requereu ao Imperador permissão e auxilio para ir á Europa.

Em 1859, a bordo do *Commerce de Paris* partiu o joven artista para a França. Na Cidade-Luz matriculou-se na Academia de Bellas Artes, no Instituto de Physica de M. Ganot e na Universidade da Sorbonna. Aperfeçoou-se com Ingres (1780-1867), León Coignet, Flandrin e Horace Vernet (1789-1863). A ancia de estudar e a intelligencia reveladas no Brasil, destacaram-no em França.

Conheceu a philosophia de Victor Cousin, nas sciencias experimentaes teve por mestres Claude Bernard, Despretz e Saint-Claire Delville, os dois ultimos seus examinadores na Sorbonna, onde chamavam-no — o philosopho. Na Academia de Bellas Artes encontrou collegas como Monchablon e Urbain Bourgeois. Escreveu em francez castico um protesto sobre a questão Christie, que mereceu essa opinião de Emile de Girardin: «— Fort bien écrit, en pur français; je ne berais pas mieux».

Conquistou dois premios de 1.ª classe na Academia e a carta de bacharel em sciencias naturaes na faculdade scientifica da Sorbonna; escreveu (1863) *La réforme de l'Ecole des Beaux-Arts et l'opposition*; executou o *Moysés sobre o monte Nelbo*, copias do *Rapto de Dejanira*, de Guido Reni (1575-1642), do *Naufragio da fragata Medusa*, de Gericault, estudos e impressões que offereceu a Pedro II,

Querendo regressar ao Brasil trazendo uma tela original, pintou aos 21 annos, a *Carioca*, «tomada pelos

entendidos por uma tela da escola veneziana, conquanto o desenho revele antes uma certa energia (*fierezza*) de todo *miguel-angesco*. Luiz Guimarães Junior disse que «na *Carioca* é onde se revela com mais belleza e defeitos o caracter primordial da musa de Pedro Americo. E' um pintor da natureza; pincel magestoso, que bebe a luz no ideal e nos quadros que o Creador profusamente espalha; procurando dessa combinação peregrina o typo da verdade e do sentimento; unica obra que affronta o tempo e moteja do poder dos seculos».

Cioso de tudo saber, temperamento fogoso e original, Pedro Americo frequenta as conferencias do padre Freppel e de M. de Pressensé, o curso de archeologia de Beulé, ouve as preleções de Faraday, Balard, Jules Janin e outros mestres da sciencia experimental. Escreve uma *Refutação á «Vida de Jesus»*, de E. Renan, que o Papa Pio IX lê, galardoando-o com as insignias da Ord m do Santo Sepulchro.

Depois de tres annos de estudos em Paris, foi visitar a Inglaterra, tentou uma viagem á Escossia, voltando a Paris, onde recebeu communicação, de haver cessado a pensão imperial.

Regressando ao Rio de Janeiro em 1864, disputou na Academia a cadeira de desenho, que obteve com a tela *Socrates afastando Alcibiades dos braços do vicio*. Pintou depois *Petrus ad Vincula* e deu os ultimos retoques na *Carioca*. Voltou á Europa (1865) e trabalhou com o enthusiasmo invulgar de sempre, fazendo *S. Marcos*, *Visão de S. Paulo*, *A cabeça de S. Jeronymo*. Visitou varios paizes, recebeu o grão de doutor em sciencias sociaes, a 21 de julho de 68, em Bruxellas e em 1870 regressou novamente ao Rio, agora casado com uma filha de Porto-Alegre, consul em Lisboa, e iniciou o periodo de 1870 a 1873, o de maior fecundidade e trabalho, executando as grandes telas de assumpto historico e militar como *Batalha de Campo Grande*, *Ataque*

da ilha do Carvalho, retrato equestre do Duque de Caxias, de Pedro I e Pedro II e a Batalha de Avahy (concluído em Florença, em 1877), a maior tela de cavalleto pintada até hoje no Brasil, a mais importante de assumpto guerreiro e uma das mais notaveis da arte moderna, no conceito universal.

Quando exposta em Florença, centenas de jornaes teceram-lhe os elogios mais consagrativos.

A Arte, de Roma, disse que a *Batalha de Avahy* dotou o mundo artistico de uma obra insigne, que a bem poucos é concedida a gloria de realizar»; a *Italia Artistica* chama Pedro Americo «potente engenho»; para a *Revista Italiana* o quadro é um «verdadeiro poema. Sem nenhuma confusão ou incerteza, o espectador pode abraçar nesse quadro um espaço vastissimo e milhares de combatentes. Os principaes grupos são admiravelmente dispostos. O colorido estupendo e a luz permitem ver tudo girar em torno das figuras e das massas, ao passo que todas aquellas figuras marcias parecem estar se movendo, combatendo realmente, tal é o corpo e o relevo que têm, tanta vida e alma ha nelles». O *Corriere* proclama a Batalha um quadro de extraordinaria potencia de engenho, de grande talento na composição, no desenho e no colorido». No conceito do professor B. Ussi a tela magistral «é um estupendo modelo, de que não se admiram mais do que tres ou quatro exemplos em todas as galerias da Europa».

Após a critica mais rigorosa da tela de Pedro Americo, estupenda em valor e das maiores de cavalleto já executada no mundo (5.00 X 10.00), o autor da *Arte brasileira* escreveu: «O conjuncto, apesar dos defeitos, é vigoroso, grande, vivo, admiravel. E' um quadro de batalha em que se batalha, esse que ahi está e que com toda a imparcialidade, constitue a maior obra d'arte que o Brasil possui».

«Não conheço no Brasil quadro de cavallete, de maior folego do que esse — disse Araujo Vianna. Não me refiro quanto ás dimensões da tela (de cinco metros de altura sobre dez metros de comprimento), mas ás scenas de guerra, constantes dos differentes planos, scenas de movimentos variados, que exigiram da parte do artista muitos desenhos preliminares”.

Quando exposta em Florença, durante as festas commemorativas do Centenario de Miguel Angelo, a *Batalha do Avahynão* mereceu somente os maiores elogios, como deu ao seu autor a gloria de ver o governo italiano mandar collocar o seu retrato na sala dos pintores celebres da *Galleria Nazionale degli Uffizzi*.

Pedro Americo fez o *Passo da Patria* e de 1878 a 1888, ainda em Florença, concluiu numerosos quadros como *A batalha de San-Martino*, *Os filhos de Eduardo IV de Inglaterra*, *Judith e a cabeça de Holophernes*, *D. Catharina de Athayde*, *Jacobed levando Moysés ao Nilo*, *Moema*, *Menina pintora*, *Rabequista arabe*, *Menina hespanhiola de 1600*, *Joanna d'Arc*, *Voto de Heloisa*, *David e Abisag*, *Assumpção da Virgem* (egreja de S. Pedro) e outros.

Em 1885 estava novamente no Rio, reassumindo o exercicio da sua cadeira. Em 1887 novamente na Europa, pintou *Proclamação da Independencia* para o Estado de S. Paulo, expondo-o em Florença a 8 de abril de 1888. Novamente na Italia, pintou em 1889 — 90 — *Voltaire abençoando o neto de Franklin em nome de Deus e da liberdade e*, regressando ao Brasil, foi eleito deputado federal, deixando de vez a residencia em Florença. Voltando por motivo de molestia, á Italia, que tanto amou pintou ainda *Tiradentes esquartejado* (Camara Municipal de Juiz de Fóra) *A visão de Hamleto* (1893), produzindo até 1897 *Abd-Ur-Rahman* (busto de mulsumano), *O Noviciado*, *Honra e Patria*, *Paz e Concordia*,

que está no Palacio Itamaraty e foi o seu último trabalho.

O grande mestre parahybano falleceu em Florença a 7 de outubro de 1905, dois annos depois de Victor Meirelles, seus restos repousando em Cabedello.

Foi pintor biblico, de batalhas e de historia, retratista e decorador, sua gloria maior se fixando no genero biblico. Tudo fez para satisfazer aos impetos irreprimiveis do seu temperamento tropical. Com verdadeiro amor só fez o que a Biblia lhe inspirava.

«Minha natureza — confessou elle a Victor Meirelles — é outra : não creio dobrar-me com facilidade ás exigencias passageiras dos *costumes* de cada epoca, que tambem são uma das fontes em que um talento como o seu pode achar perolas. A minha paixão só a historia sagrada sacia-a».

«Não foi Pedro Americo apenas um pintor celebre — disse o Sr. Laudelino Freire. Foi tambem cultor de philosophia, tambem de sciencia, orador, poeta e romancista. Em tudo soube manifestar a superioridade do seu talento privilegiado».

Pedro Americo tornou-se, com Victor Meirelles, os dois maiores pintores do Brasil, surgindo ambos da Academia nascida e florescida da Missão Franceza.

Henrique Bernardelli, J. M. de Medeiros,
Pedro Peres, Belmiro de Almeida, Fir-
mino Monteiro, Pereira Reis e Irineu
de Souza.

A obra de Henrique Bernardelli «é vigorosa, original, cheia de calor, cheia de ousadia», e isso «porque commove e é pessoal e é verdadeira». Nascido no Mexico em 1858, veio para o Brasil, matriculando-se na Academia em 1870. Em 1878 foi por sua conta, estudar na Europa, fixando-se em Roma. Em 89 conquistou uma medalha de bronze na Exposição Universal de Paris e a 1.ª medalha de ouro na Exposição Géral de 1890. Foi no mesmo anno nomeado professor de pintura da Escola Nacional de Bellas Artes, sendo reconduzido em 1901. Em 1916 conquistou no salão a Medalha de Honra (ouro). Pintor culto, com verdadeira comprehensão de sua arte, que aprendeu, Bernardelli mostrou desde a exposição de 1886 ser um artista e um pintor. Sua obra foi feita com desembaraço, com arrojo, evidenciando uma pujante organização ao serviço da pintura. A tela *Os bandeirantes* (4.03 X 2.90. Pinacotheca Nacional) não é só apreciavel como composição, mas pela interpretação vigorosa de um interior de matta tropical. E' paisagem brasileira pelo titanismo, pela sadia luz que a doura e pelo encantamento.

Retratista, paisagista, pintor de genero e de natureza morta, produziu sempre obras admitaveis. De mestre. E innumeradas. *Tarantella*, *Mater*, *Messalina*, *Modelo em Repouso*, o retrato de Machado de Assis, são obras de um grande plastico. Bernardelli trabalhou sempre brilhantemente, só nos ultimos tempos o seu pincel evidenciando fraqueza que a idade justificava. Delle são os 22 medalhões a *fresco* na fachada da Escola. Como o oleo, fez a tempera e aquarella. Os seus ultimos retratos foram os do Dr. Simoens da Silva, da pintora Sarah Villela de Figueiredo e do poeta Olegario Marianno. Bernardelli falleceu a 6 de abril de 1936.

José Maria de Medeiros nasceu a 3 de setembro de 1849, na ilha do Fayal (Açores). Vindo para o Brasil em 1865, matriculou-se aos 16 annos, no Lyceu de Artes e Officios, onde foi discipulo de Poluceno Manoel, Victor Meirelles e Souza Lobo. Em 1873 matriculou-se na Academia, tendo como condiscipulos Pedro Peres, Leoncio Vieira, Estevam Silva, Firmino Monteiro, Almeida Junior, Bernardelli e outros. Conseguiu todos os premios de merito, até a grande medalha de ouro, em 1876. Foi professor por concurso da Academia, em 1878, conquistando o lugar com a «*A morte de Socrates*» e do Instituto João Alfredo (1897). Serviu á Academia até 1891 e ao Instituto até 1911. Era artista de valor, excessivamente modesto e retrahido.

Pintou *Iracema*, *Lindoya*, *Faceira*, *O Baptismo de Christo*, *A manhã de maio*, *Morte de Socrates*, *S. Pedro* (Igreja de S. Pedro) *Feira Livre* e *A Esmola*; fez o retrato e o genero. Realizou exposições em 1897 e 1899, na Galeria Rezende, á rua do Theatro. Falleceu em janeiro de 1926.

PEDRO JOSÉ PINTO PERES foi um trabalhador sem fadiga. Nasceu em 1841, tendo iniciado os seus estudos no Lyceu de Artes e Officios, passando depois para a Imperial Academia, onde teve por mestres Victor Mei-

relles, Agostinho da Motta e Chaves Pinheiro. Esteve na Europa de 1879 a 1881. Conquistou medalha de ouro de 1.ª classe em 1876. Ensinou desenho no Lyceu e na Escola Normal, tendo na Escola de Bellas Artes substituído Victor Meirelles na cadeira de pintura. Deixou quadros como *Elevação da Cruz*, *Fuga para o Egypto*, *Lição de Bordado* (1884), *A Princesa Isabel entrega cartas de liberdade* (1885), *A última corrida de touros em Salvaterra*, *Frequentador de atelier*. Seus retratos foram bons. Vivos. Falleceu em 1923.

BELMIRO Barbosa DE ALMEIDA nasceu em Cerro, Minas Geraes, aos 22 de maio de 1858. Matriculou-se na Imperial Academia em 1877, fazendo todo o curso. Em 1883 era ajudante do conservador de Pinacotheca da Academia. Partindo para Paris, tornou-se discípulo de J. Lefébvre. Foi por duas vezes (1893 e 1896) professor da Academia, Na exposição de 1894 obteve a medalha de ouro de 2.ª classe e a grande medalha de ouro em 1921. Falleceu a 12 de junho de 1935, em Paris.

BELMIRO foi dos maiores pintores do Brasil. Culto, bohemio, dotado de extraordinária *verve*, fazendo a caricatura, a *charge* e esculptura, soube ser um artista maravilhoso, com uma nobre compreensão da finalidade espiritual da arte.

Arrufos (1887), fixando uma scena de ciúmes é, por por tudo uma obra prima. Não se lhe nota defeito. «Ainda no Rio de Janeiro não se fez um quadro tão importante como este». E foi o primeiro a trazer para a tela assumpto domestico. Gonzaga Duque chamou-o por isso um innovador. Trabalhando sempre, ora no Brasil, ora na Europa, boulevardeiro e artista, Belmiro pintou retratos admiraveis, paisagens encantadoras e decorações. Fez *A carta*, *Bom Tempo*, *Tagarella*, *Efeito de Sól* (1892), *Más Noticias*, *Vaso com flores* (1893), *Dame à la rose*, *Os Descobridores e os plenipotenciarios*

— Srs. Pandiá Calogeras, Rodrigo Octavio e Raul Fernandes, assignando no palacio de Versailles, a 18 de junho de 1919, o Tratado de Paz. Um retrato de Pereira Passos e outro de uma filhinha do Sr. Antonio Seabra são incommuns. Foi caricaturista irreverente e notavel collaborando na *Vespa*, na *Arriette ou Beurre* (Paris), no *Binoculo* no *Rataplan* e na *Gazeta de Noticias*.

Sua pintura era expontanea, limpa, harmoniosa. As tintas viviam em perpetua festa, animando os motivos, que sempre foram louvaveis.

Certa vez escrevemos sobre elle :

«Quando os entendidos estudarem a obra de Belmiro de Almeida muito encontrarão de singular e de novo, enquadrando-a no tempo em que foi feita. Nella muito haverá que descobrir e analysar. Que revelar. Na leve coloração das suas telas despontarão traços de uma sensibilidade captadora de emoções e qualidades incommuns de mestria pictural. Belmiro antes de tudo aprendera a arte. Não pintara qualquer genero para ver se o fazia bem. Aprendera a arte de pintal-o. Dahi a certeza de que em qualquer um se sahiria esplendidamente. Apesar disso, foi sobretudo um pintor de emoção e imaginação, não se tornando eclético. Fez paisagem. E só se lhe conhecendo uma tela dir-se-ia que era paisagista ou figurista exclusivamente. Sua pintura era ainda cheia de pureza e simplicidade. Sem tortura. Sem os empastamentos que encobrem trucs.

Impressiona pela belleza e pela espiritualidade que vinha da arte absoluta. E pelo sopro humano que reçauma de toda a sua palpação plastica. Arte bella e expontanea que atravessará os tempos como das mais sinceras e maravilhosas da pintura nacional».

Nascido no Rio de Janeiro aos 22 de fevereiro de 1855, Antonio FIRMINO MONTEIRO aprendeu com Victor Meirelles, Agostinho da Motta, Zeferino da Costa e

Padua e Castro, na Academia. Esteve na Europa em 80, 85 e 87, fallecendo em Nictheroy a 3 de julho de 1888. Houve quem notasse na sua pintura falta de vida, de movimento e de acção.

Seu nome surgiu com *Fundação da Cidade de S. Sebastião*, embora antes já tivesse vendido á Escola, onde ainda se encontram *Eliezer e Rebeca*, *Exequias de Camorim* e *Paisagem de Nictheroy*. Foi a paisagem, aliás, que o revelou e parecia ser a sua inclinação.

Depois da *Fundação* fez *Camões no seu leito de morte*, *Um episodio da Retirada da Laguna* (1884), *O captão João Homem* (1884), *Alvarenga no Desterro*, *Abjuração de Gallileu* (quando chegou da Europa em 87), *Vercingetorix*, *O vendedor de phosphoros*, *Effeito de crepusculo na Serra dos Orgãos*, *Lealdade de Martim Francisco*, *A manhã de maio*, *Soror Joanna Angelica*, que se acha no Lyceu de Artes e Officios da Bahia e *O Vidigal* (1884), (1) que Ranzalho Ortigão mais admirou na sua exposição na Academia de Bellas Artes (1887). Expoz em 1882, 1884 e 1885, antes de partir para a Europa e em 1887, ao regressar.

«Tinha Firmino innato o sentimento da perspectiva aerea, razão por que se observa em todas as suas paisagens uma perfeita harmonia entre a terra, o céu e o ar. Pintava-as todas do natural».

Delle se podem admirar na Pinacotheca tres quadros: *Eliezer e Rebeca*, *Exequias de Camorim* e *Paisagem em Nictheroy*.

(1) Miguel Nunes Vidigal, brigadeiro e commandante da Policia, tenente dos vagabundos e desordeiros do Rio de Janeiro, falleceu marcehal reformado, a 10 de junho de 1843. E' a figura principal do romance *Memoarias de um Sargento de Milicias*, de MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA (1831-1861).

«O pintor escolheu scena — diz Araujo Vianna — na qual o Vidigal exercia a sua temida autoridade, na rua do Regente, canto da Alfandega: vê-se na tela representado — oratorio de pedra. Neste quadro historico se acha o teatralizado major, chamando á fala um trovador de esquina, que se desculpa atropalhado, ante os camarões dos granadeiros».

Manoel PEREIRA REIS nasceu na Bahia, sendo filho de um livreiro de S. Salvador. Crença, contam que se divertia a copiar estampas de livros e a desenhar. Em 1855 ficou orphão de pae, em março, do anno seguinte embarcando para o Rio. Matriculou-se na Imperial Academia de Bellas Artes, da qual foi alumno estudiosissimo, obtendo premios. Exerceu o professorado de desenho na escola de *Marinha*.

São conhecidos de Manoel Pereira Reis, uma copia da *Ceia*, de Leonardo Da Vinci, feita pelo pintor Raphael Morghen, *Nossa Senhora da Boa Morte*, feito com muito sentimento e muita belleza ; os retratos dos benefeitores *Manoel Vieira dos Santos e do Bispo Frei Antonio de Guadalupe*, o primeiro na sacristia e os demais no Consistorio da igreja de S. Pedro.

José IRINEU DE SOUZA nasce a 25 de março de 1850, em Fortaleza, Ceará. Vindo para o Rio, foi alumno particular de Victor Meirelles, Angelo Agostini, Poluceno da Silva Manuel e Souza Lobo e do Lyceu de Artes e Officios, onde obteve uma medalha de prata e figurou na exposição geral organizada em 1882. Sua especialidade era o retrato. Deixando o Rio pintou no Ceará (1882) a *Libertação de Fortaleza*, adquirido pelo presidente da provincia, dr. Satyro Dias para a Camara Municipal.

Irineu de Souza pintou varios quadros para o governo do Amazonas, entre os quaes o retrato, em tamanho natural, do Imperador Pedro II. No palacio do governo cearense, entre outras telas de sua autoria, figura um retrato do Marechal Floriano Peixoto. Para a Prefeitura do Pará pintou «*Pic-nic*» no bosque, commemorativo da passagem do Almirante Bacellar por Belém, com a sua Divisão.

Irineu de Souza exerceu o magisterio publico, lecionando desenho no Pará e no Amazonas, morrendo em Fortaleza a 26 de agosto de 1924.

Pedro Weingartner, Estevam Silva, Emilio Rouede, Leopoldino de Faria, Pagani, Isley Pacheco, Gustavo James, Franco de Sá, Villaça, Nunes de Paula e Francisco Carlos Pereira.

Em 1856 nasceu PEDRO WEINGARTNER, em Porto Alegre. Em 79 seguiu para a Allemanha, estudando na Academia de Berlim, de Munich e de Hamburgo, aperfeiçoando-se em Karlrue, com as lições do professor Hildebrand. Pensionado por Pedro II, installou-se em Roma, onde concluiu os estudos. Regressou ao Brasil, estreando na exposição de 84, em 1891 sendo nomeado professor da Escola Nacional de Bellas Artes. Foi sobretudo pintor de genero. Weingartner sabia arranjar um motivo pittoresco, uma scena campestre; por isso conseguiu, como ninguem, interpretar os costumes gauchos.

Seu primeiro quadro foi *Direitos Documentados* (1886). Depois expoz em 1888, 1891, 1910 e 1922 no Rio, fez quatro exposições em S. Paulo e duas no Rio Grande do Sul. Pintou ainda *Nimphas Surprehendidas*, *Vida gaucha*, *Velho moinho*, *Chegou tarde*, *A derrubada* e *Casa Branca*. Revelou-se habilissimo agua-fortista. Falleceu em 1923.

ESTEVAM Roberto da SILVA nasceu no Rio de Janeiro. Matriculou-se na Academia em 1864, sendo

discipulo de V. Meirelles, A. da Motta e Jules Le Chevre. Dedicou-se á natureza morta. Pintava frutos como só depois encontraria rival em Pedro Alexandrino. Por vezes fazia a paisagem; mas na natureza morta é que o destino lhe reservara fazer maravilhas. «Realmente é difficil, e até parece impossivel, pintar frutos melhor do que os tem pintado Estevam».

Fôra as flores e frutos, os melhores trabalhos que deixou foram *S. Pedro*, *A lei de 28 de Setembro*, *Esboço e Caridade*. Fez tambem o retrato.

EMILIO ROUEDE, nascido em Avignon, França, em 1850, foi jornalista, zincographista, dramaturgo, musico esculptor, prestimano, o diabo. «Na roda dos Novos — diz João Luso que o conheceu em S. Paulo — Rouede assumiu as proporções deslumbrantes d'um heróe romantico, typo emigrado do volume immortal de M rger e carregando pelo mundo fôra toda a sua alegria e toda a sua poesia, realizava a viva expressão d'um Rodolpho que pintasse como Marcello, compuzesse como Schaunard, tudo isso envolto no casacão e abarrotado da philosophia de Colline. Sim, elle representava a *Bohemia* inteira; e, alem disso, batera-se como um leão ao lado de José do Patrocinio, na campanha abolicionista escrevera, com Aluizio de Azevedo, meia duzia de dramas vigorosos; conhecia a esgrima como um mestre d'armas; as suas receitas culinarias podiam formar uma bibliotheca; e era o espirito mais encantador, o mais delicado coração, um camarada perfeito, um amigo quasi inconcebivel».

Pintando *marinhas*, que o mar tinha a inconstancia da sua vida, Rouede desaparecia ás vezes do circulo dos amigos, refugiava-se numa ilha ou numa praia e passava dias convivendo com pescadores, ganhava o mar largo com elles, ouvia historias; ficava sózinho numa ilhota, com a caixa de tintas e o farnel, e pintava, fixando o mar azul, fazendo *marinhas* formossimas.

No salão de 84, apresentou *O Sacco de Alferes e Naufragio do Montserrat*.

Morreu na Santa Casa de Santos, em 1912.

Sem possuir desenho primoroso nem rara habilidade de composição, LEOPOLDINO Joaquim Teixeira de FARIA surgiu com *A Resposta de Tiradentes ao Desembargador Rocha, no acto da commutação da pena aos companheiros, depois da missa* (Camara Municipal de Ouro Preto) — e fôra o primeiro a se preocupar com assumptos da historia nacional.

Fez o curso na Academia, sendo alumno da Le Chevrel e de Victor Meirelles, obtendo medalhas de prata e de ouro. Executou *A Batalha de Itororó, Allegoria ás artes, a Constituição*, varios retratos de provedores da Santa Casa de Campos e outros. E' d'elle um retrato de Pereira Passos existente na Prefeitura (1). Engenheiro civil e architecto, nascido em Campos, a 27 de outubro de 1836, falleceu repentinamente nesta capital no dia em que completava 75 annos de idade.

João Baptista PAGANI nasceu em 1856, matriculando-se na Academia em 1867, anno em cuja exposição geral a princeza imperial, D. Isabel, apresentava trabalhos de sua autoria. Especialisou-se na pintura de natureza morta. Deixou obra precaria. Retirando-se para Minas, em busca de saúde, regressou ao Rio, fallecendo aos 5 de fevereiro de 1891. No Salão de 1876 obteve a grande medalha de ouro. A Pinacotheca d'elle possui *Orchidéa, Paisagem de Barbacena e Paisagem (gouache)*. Pintou tambem *Vista de Catumby e Vista de Nitheroy*.

Notavel photographo e artista do seu tempo, foi Joaquim ISLEY PACHECO. Nascido em Portugal, aqui

(1) LEOPOLDINO DE FARIA fez, através de uma photographia, o retrato do grande Prefeito Pereira Passos, o Reformador, pondo-lhe na dedo o anel de engenheiro. Depois de olhar o quadro, Passos protestou cordalmente: — Mas, o dr. enganou-se. Eu não uso anel de engenheiro...

Ao que o artista respondeu sem perturbar-se.
— Mas que quiz offercer um anel a V. Pre

chegara em 1854, vindo de Nova York, onde, unido a Carlos Kornis de Totuarad, aprendera a daguerreotypia com Brad. Do seu atelier sahio o primeiro retrato em vidro no Rio, com os ambrotypos. Dedicou-se depois á pintura. Discipulo de Arsenio Silva, especialisa-se no *Gouache*, genero do mestre, e na aquarella, obtendo duas medalhas no Salão (1864 e 1866).

«Foi admirando as primorosas *gouaches* do mestre — disse um critico — que o discipulo conseguiu adquirir esses tons delicados e subtis, essas nuances suaves que dão áquelles trabalhos em encanto poetico e harmonioso».

O artista de *Noite de luar na Italia* falleceu em 1912.

Na exposiçãõ de bellas artes de 1875 foi que estreou o pintor francez Gustavo James, marinlista. Seus trabalhos foram: *A Marinha do Seculo XVII*, *O oceano indico*, *Barranco* e *Vista da Gavea*, Concorreu a varios outros certamens, apresentando marinhas, que eram pintadas com muita observação. Falleceu louco em 1884.

Francisco FRANCO DE SÁ nasceu no Maranhão. Ainda muito joven foi levado para a Hespanha, matriculando-se na Escola de Pintura, Esculptura e Gravura de Madrid, estudando tambem com Madrazzo. Mudando-se para Paris, matriculou-se na Escola de Bellas Artes de Gerôme e Jacquet. Permaneceu na França durante 22 annos, trabalhando especialmente em retratos. *Vindo para o Rio, com quasi cincoenta annos, continuou a trabalhar.* Seus retratos não revelavam grandes qualidades. «Eram agradaveis de côr, visando sempre o effeito do *chic* e se bem que o pintor se esfoçasse por manter a maior fidelidade na semelhança, nunca se cingiu com tal vigor a essa norma que chegasse a descontentar aos seus retratados». Era de trato cortez e de grande senso critico. Falleceu em setembro de 1904.

No tempo floresce Francisco Villaça, temperamento simples e sem audácia, extremamente meticuloso na fixação da natureza, com o que lhe imprimia exatidão, mas lhe tirava muito de naturalidade e de poesia.

Villaça concorre ás exposições geraes como as de 75, 76, quando obtem menção honrosa, e, por fim, a de 1879, quando se ausenta do movimento, não deixando nome, a exemplo de Mariano de Almeida, Cyrillo Carneiro e outros.

Nunes de Paula, nascido em Rezende, em 1857, foi um pintor probdioso, discipulo de Victor Meirelles na Academia. *Desenhava com segurança e via as cousas com serenidade.* Durante a vida academica, de 1877 a 1883, conquistou sete medalhas de ouro e de prata. Visitando a exposição de 1879 e sabendo que o premio de viagem tinha sido dado a outro alumno, o Imperador Pedro II mandou que o Conde da Motta Maia procurasse o artista e offerecesse um auxilio para aperfeiçoar os estudos na Italia.

Em 1924, em Rezende, onde vivia com quasi setenta annos, vimos varios quadros de sua autoria, representando o Itatyaia, as Agulhas Negras, o Parahyba, e, sobretudo, aves, fructas e flores. Nunes de Paula foi pintor de merecimento, honesto na sua maneira de fazer, sendo de uma riqueza de detalhes que chega ao exaggero. A natureza que eternisou vive na integridade perfeita das suas formas. Ao pincel do pintor nada escapava. Era de uma fidelidade pasmosa. E a sua palheta tinha por vezes muita frescura e limpidez.

Na propria terra do seu nascimento, o infelizmente artista, alquebrado e quasi cego, morreu, ao que supponmos, em 1925.

A esses nomes pode-se juntar ainda o de Francisco Carlos Pereira, nascido no Rio em 20 de novembro de 1856. Na Imperial Academia foi alumno de Maximiano

Mafra, J. M. de Medeiros, Zeferino da Costa e Victor Meirelles. Durante o curso obteve duas medalhas de ouro, cinco de prata e quatro menções honrosas. Como pintor não realizou cousa perenne. No Salão de 1884 apresentou-se com *A parreira* e *Manhã de agosto*, mediocres.

Modesto Brocos, Canyzares, Ernesto Paff, Augusto Petit, Felix Bernardelli, Bandeira e Christophe.

MODESTO BROCOS y Gomez nasceu em Santiago de Compostella (Hespanha) em 1852. Na Europa foi discipulo de Lehmann, Hebert e Madrazzo. Matriculou-se na nossa Imperial Academia em 1875, como amador; em 1893 foi nomeado professor interino. No Salão de 1895 conquistou a 1.^a medalha de ouro. Em 1901 e 1907 obteve medalha de prata em gravura e em agua-forte. Distinguiu-se como pintor de genero e gravador, tendo feito uma valiosa exposiçao em 1892. Fez quadros como *Ilha Francisca*, *A Orphã* e o retrato de Ramiz Galvão. Na Pinacotheca deixou *A Redempçao de Cham* e *Engenho de Mandioca*, talvez o seu melhor trabalho. Gonzaga Duque considerava-o um artista de raça. Em 1915 publicou *A Questão do Ensino de Bellas Artes*. Falleceu a 8 de novembro de 1936.

Miguel Novarro y Canyzares nasceu em Valencia (Hespanha). Com o *Enterro de Santa Catharina* (Museu Real de Madrid), conquistou o premio de viagem á Roma, onde viveu oito annos. Percorreu a Europa, em 1876 chegando á Bahia, já artista feito e se offerecendo para leccionar desenho no Lyceu de Artes e Officios. No anno seguinte, com alguns discipulos, fundou a Escola de Bellas Artes. Muito operoso, Canyzares não só animou o desenvolvimento do ensino do desenho como

produziu varios paineis e retratos. Após um incidente com os collegas, deixou o Lyceu em 77, fez tudo pela Escola de Bellas Artes e retirou-se para o Rio, onde chegou em 1881, morrenro a 23 de outubro de 1913.

Na igreja de S. Pedro ha varios retratos de Cani-zores, dentre os quaes estes, pintados em 1903: Manoel Vieira dos Santos, instituidor do côro da Irmandade e o Sargento Mor Alexandre Dias de Rezende.

Ernesto Papf foi retratista de fama em sua epoca. Seus retratos eram só apreciaveis como semelhança. Tinham character. Gonzaga acha que ha nisso exaggero, visto como duvidava muito que os modelos se parecessem com os retratos. Na galeria Flace Elegante, Papf expoz em 84, um retrato de Eduardo Romanguera e sua esposa.

Augusto Petit nasceu na França, a 12 de junho de 1844. Estudou em Chantillon-sur-Seine, sendo discipulo de Engenio Nesle. Chegou ao Rio em 18 de maio de 1864, dedicando-se a pintura de retratos, que executou em numero tão consideravel, que G. Duque affirmou ter sido elle, «durante muito tempo, a maior fabrica de retratos que houve no paiz». Fez tambem a paisagem e a natureza morta. Trabalhou secundamente. No Salão de 98 obteve a medalha de 3.ª classe. Era homem de cultura, de trato cavalheiresco e de excessiva bondade. Bom francês. E que soube amar o nosso paiz e a nossa gente. Augusto Petit falleceu em 1927.

Irmão de Henrique e Rodolpho, FELIX Atiliano BERNARDELLI nasceu no Rio Grande do Sul, aos 8 de outubro de 1866, tendo se matriculado na Imperial Academia de Bellas Artes em 1877. Depois de alguns annos aqui, retirou-se para o Mexico, terra do seu pae. Completou os estudos na Europa, no Salão de 1894 conseguindo a medalha de ouro de 3.ª classe. Foi bom pintor de genero. *Passará elle?* é o quadro que deixou

na Pinacotheca Nacional. Felix Bernardelli falleceu em 1905.

Bandeira (Antonio Raphael Pinto Bandeira) nasceu aos 9 de março de 1863, em Nictheroy. Entou para a Imperial Academia em fevereiro de 1879, como alumno de pintura obtendo varios premios, inclusive o «Imperatriz do Brasil», Transportando-se para a Bahia lá ensinou no Lyceu de Artes e Officios. A Pinacotheca Nacional possui delle *Paisagem*, *Habitação na Raiz da Serra* e *Chacara de Nictheroy*. «O primeiro é uma nota triste de um fim de dia que, pela singeleza e harmonia de tons, envolvimento das massas e segurança de desenho, lembra-nos uma tela de Corot. O segundo é de uma limpidez primorosa, sendo o ultimo o melhor. Neste encontrámos o mestre, que em suggestivos toques de pincel dá vida a tudo e empresta ao seu trabalho a belleza de suas côres transparentes e claras. Numa chacara, sobre uma ribanceira do Rio, um casario, arvores, céu e aguas se casam e participam de uma tonalidade quente, num envolvimento brilhante de côres. Estes tres quadrinhos são como verdadeiras janellas abertas para a natureza». (1).

Paisagem é o bom quadro com que figurou no Salão de 84.

Luiz Christophe nasceu no Rio de Janeiro em 1863. Alumno da Imperial Academia de Bellas Artes, completou os seus estudos em Paris. Regressou ao paiz e surgiu no Salão de 1907, obtendo a pequena medalha de prata e em 1916 a grande medalha de prata. E' um temperamento poetico como raros se tem observado na pintura brasileira. Seus trabalhos impressionam pelo colorido, pela graça e pela força emotiva que revelam. Ha trabalhos seus de impressionante belleza. Christophe é um paisagista excepcional. Estudando ainda o Salão de

(1) VICENTE LEITE.

1907, sobre elle dizia Gonzaga Duque: «*Charmes (forêt de Fontainebleau)* e *Debarquement de la Dardine*, são trabalhos de mestre.

O sr. Christophe inclina-se nesses dois quadros, para os assumptos serenos em que se extrema a poesia dos simples, da alma popular. A sua pintura é solida, exacta, consciente, o seu desenho correcto, guardando na severidade da copia uma flexibilidade elegante.

Não sei qual prefira desses dois quadros, se a poesia hybernal da floresta de Fontainebleau, com as arvores desnudadas, os leprosos troncos duros, a folhagem fôfa e avermelhada do solo; se a calma desse mar de Concarneau, em cujo caes molhado desembarca a multidão maritima sob um céu farrusco de chuvas cahidas. Ambos excellentes».

Lamentavel accidente numa caçada infelicitou Luiz Christophe para sempre na visão, roubando á arte da paisagem, um dos seus melhores elementos. Delle a Pinoteca Nacional recolheu *Ilha da Boa Viagem* ... (0.57 × 0.88).

Raphael Frederico, Pedro Alexandrino, Gustavo Dall'Ara, Luiz de Freitas e Valle.

Raphael Frederico nasceu nesta capital, em 1866, matriculando-se na Imperial Academia, cujo curso terminou e onde obteve o premio de viagem á Europa em 1893. Partiu no anno seguinte e voltou em 1899, conquistando a medalha de ouro de 1.^a classe. Pintor consciencioso e trabalhador, foi um nome destacado na nossa pintura, sobretudo pela sinceridade e equilibrio da sua arte. Pedro Campofiorito, que lhe serviu de modelo, considera-o «o maior colorista e o artista de mais fino sentimento artistico da epoca». A *Lição e Descimento da Cruz* são os quadros de Raphael Frederico que a Pinacotheca possui. Foi tambem aquarellista. Sua tela melhor é *Tentação de Santo Antonio*. Falleceu em 27 de novembro de 1934.

Como Estevam Silva, PEDRO ALEXANDRINO Borges, nascido em S. Paulo a 26 de novembro de 1864, dedicou-se á natureza morta. Nem conhece outro genero. Discipulo de Almeida Junior, matriculou-se na Academia em 1887, obtendo a medalha de ouro de 3.^a classe em 1894 e a grande medalha de ouro na Exposição de Arte Contemporanea em 1922. Em 1897 partiu para a França, onde se demorou nove annos, aperfeiçoando-se. Quando regressou, fez em S. Paulo uma exposição que

foi invulgar acontecimento, apresentando 110 quadros, sendo 84 de natureza morta.

Wenceslau de Queiroz, em formosa pagina na *Panoplia*, escreveu: «Alexandrino lá estava, radiante de alegria, si tal manifestação se pode dar em um homem como elle, que sempre se vestiu de preto (longa sobrecasaca e calças pretas) e trazia inalteravelmente um rosto de poucos amigos, — mascara dura e nada expressiva de caboclo desconfiado. Nesse tempo, devia contar o pintor paulista mais de trinta annos. Negros cabellos unctuosos e corredios; olhos pardo-escuro e pestanudos; pelle morena, barba preta e rala, estatura nicãeis os traços característicos de seu typo physico, que jamais fazia esquecer o seu lidimo creolismo de origem. O mesmo acanhamento de Almeida Junior, que foi seu mestre, se notava em Alexandrino: era tambem um tímido, de apparencia modesta e gestos embaraçados. Apesar de ter estado em Paris durante tantos annos, jamais perdeu elle certa *gaucherie* peculiar ao nosso caboclo paulista».

E falando propriamente da arte do inexcédível pintor:

«E querem porventura um pintor de natureza morta, que reproduza na tela um objecto com mais carinho do que Pedro Alexandrino? Não é possível. No Brasil, é elle o *primus inter pares*. Nos metaes, nas pedras preciosas, nas flores, nas fructas, na indumentaria, em tudo, emfim, que esteja subordinado a este genero de pintura, que os hespanhóes *chrismam* tambem de *bo-degones*, Pedro Alexandrino é sempre o mesmo colrista delicado e harmonioso, o mesmo desenhador excelente e minucioso, o mesmo pintor insigne a todos os respeito».

Assim é. Ninguem como o eminente pintor paulista para arranjar compor *crystaes* e flores, vasos de me-

tal e fructos num quadro. Joseph Bail não compunha melhor do que elle uma tela com vidros e metaes. E' por isso mesmo unico na nossa pintura. Residindo durante muitos annos em Paris, figurou varias vezes no *Salon*, obteve recompensas e expoz em Veneza, Monte Carlo, Versailles e Baden-Baden. Em 1936 foi agraciado com a Ordem da Corôa da Italia. No Salão Paulista de Bellas Artes (1938) figurou com tres trabalhos de mestre: *Pato e Metal*, *Vespera de Natal* e *Pecegos e Metal*. No Salão Nacional de 1939, obteve a Medalha de Honra.

Delle a Pinacotheca possui apenas *Cesto entornado*. Em dezembro de 1931, a Sociedade Brasileira de Bellas Artes entregou-lhe solememente o diploma de socio honorario. Reside em S. Paulo.

Nascido a 22 de dezembro de 1865, em Veneza, na Italia, onde aprendeu com Villa e Franco Dall'Andréa, Gustavo Dall'Ara veiu para o Brasil em 1890, estreando na exposição geral de 89. Na de 1901 obteve medalha de prata e a grande medalha de prata na de 1913. Paisagista e marinhiista no começo, tendo f. vo quadros que denotavam desenho caprichado e bom sentimento da côr, Dall'Ara mostrou ser um artista probo e sincero. Minucioso. Depois de alguns annos (1910), deu para surprehender a cidade na fremencia tumultuosa da sue actividade, fixando-lhe os aspectos mais curiosos. No gueira da Silva chamou-o «O pintor da cidade», tanto se entregara elle, o «bizarro e macambuzio Gustavo Dall'Ara» ao urbanismo pictural da metropole, por isso mesmo só elle que, como os seus predecessores francezes, inglezes, norte-americanos, *s'applique à pénétrer la beauté et la poesie* da paisagem propria da nossa urbs». Fixou ruas desertas, praças, mercados, egrejas, avenidas movimentadas, etc. No genero deixou obras admiraveis como *Ronda da Favella*, *Egreja da Cruz dos Mili*

tares, *Tarefa Pesada*, *Rua Dr. Rego Barros*, *Rua D. Manoel*, *A Lavadeira* e *Uma Rua da Cidade Nova*.

Gustavo Dall'Ara falleceu a 30 de agosto de 1923, em Varzea Alegre, no Estado do Rio.

Filho do Rio Grande do Sul, onde nasceu em 1868, Augusto LUIZ DE FREITAS foi ainda creança para a Europa, fazendo os seus primeiros estudos em Portugal, estudando na Academia de Bellas Artes do Porto. Veiu para o Rio em 1895, matriculando-se na Escola, tornando-se discipulo de H. Bernardelli. Em 1898 obteve o premio de viagem á Europa, seguindo para Roma, fazendo de Anticoli Corrado o seu centro de aprendizagem. Obteve medalhas nas exposições de 1901 e 1908. Pintor de genero e paisagista, obstinado no esforço de estudar e vencer, Luiz de Freitas revelou sempre uma palheta brilhante ao serviço de uma sensibilidade muito fina e de uma observação perspicaz.

«Nenhum dos seus quadros deixou de ser estudado em detalhe, nenhum foi composto por accaso. Elle sentiu-o em primeiro lugar, e depois tratou de o realizar, mas com paciencia e tenacidade. Faz tambem a aquarella. Dos seus melhores quadros podem ser destacados: *Dadiva de noivado*, *Jogo da Marra*, *Escrivão Publico* e *Velhinhos Felizes*. Reside no Rio Grande.

Antonio VALLE de Souza Pinto, irmão do famoso pintor lusitano Souza Piuto (José Julio de), de quem foi discipulo, nasceu no Porto, em 1846, vindo para o Brasil em 1859. Trabalhou sempre e expôz. Era consciencioso e honesto. Procurava fazer bem feito. E conseguia. Paisagista e retratista, era neste ultimo gener o que elle se destacava. Laudelino Freire cita como das melhores das suas obras, um retrato de Augusto Off, «primoroso e fino desenho». Valle fez muitos notaveis, tornando-se famoso no desenho, que ensinou por muitos annos. Era firme e elegante no traço. Fez-se lithographo

de merecimento, destacando-se em trabalho na pedra e na xilographia, sendo um excellente gravador.

Valle deixou numerosos trabalhos a crayon e de lithographia. Ha retratos seus primorosos, como o de Pedro II, um dos mais fieis do grande Imperador, dos conselheiros Eusebio de Queiroz e Zacharias de Góes, de Ferreira de Menezes e do artista Augusto Off.

Valle, o «velho Valle» como era chamado, falleceu a 11 de setembro de 1921.

João Baptista da Costa, Elyseu Visconti,
Roberto Mendes, Oscar Pereira da Silva,
Virgilio Lopes Rodrigues e
Daniel Berard.

Ao chegar o crepusculo do 2.º Reinado, a arte já attingiu a uma phase de apreciavel progresso. Tres quartos de seculo serviram para estimulo e desabrochamento de tendencias artisticas deveras grandiosas, que a Academia installada em 1826, graças a D. João VI e á missão franceza, preparara convenientemente.

Desapparecidos os pintores de 1816, substituidos por professores brasileiros, por elles feitos e por alguns estrangeiros, como Jules Le Chavrel, a Academia formou gerações de artistas indigenas, que se orientaram num melhor sentido nacional e procuraram revelar a terra, interpretando-a nas suas maravilhas naturaes e nos seus fastos. Tentam sentir a nossa luz tropical, o nosso verde opulento de nuances, a alina da nossa paisagem exuberante e sem par.

Agostinho da Motta, que é dos primeiros fructos da Academia e que pertence ao grupo da phase inicial de predominio do elemento brasileiro (1836 a 1840), quando regressa da Italia, já revela qualidades de paisagista. E essas qualidades foram aqui apuradas, tanto quanto permittia a vida commodista e inactiva do pintor da *Vista de Roma*. Era sincero e de natureza sem im-

petos. Mansa. Por isso mesmo, «a feição mais terna e suavemente poetica que existia na natureza brasileira, elle apanhou e traduziu como ninguem». Bethencourt da Silva, estudando em 75 o *Serra de Petropolis*, disse: «O Sr. A. Motta, cujo talento e vocação artistica não pode ser negada nem mesmo pelo seu mais acerrimo inimigo, está sem duvida destinado a ser o creador da verdadeira escola nacional».

Os outros pintores fazem o *genero*, o retrato, a historia.

Depois de Agostinho da Motta, dá-se a Victor Meirelles a gloria de «verdadeiro fundador da pintura brasileira»; Almeida Junior traduz depois um sentimento do meio mais intimo do que Meirelles.

Mas é Baptista da Costa quem retoma a gloria de paisagista de Agostinho da Motta. Delle falaremos em capitulo especial.

ELYSEU d'Angelo VISCONTI nasceu em 1867, dois annos depois de Baptista da Costa. Em 1887 ingressava na Imperial Academia, conquistando por concurso, em 1892, o premio de viagem á Europa, por cinco annos. Na exposição geral de 1896 obteve a medalha de ouro de 2.^a classe; na Exposição Universal de Paris, em 1900, duas medalhas de prata; em 1901, a de ouro de 1.^a classe; em 1902, por trabalhos de arte applicada, uma medalha de prata; no mesmo anno, em Chicago, outra medalha de prata; em 1904, medalha de bronze na Exposição de S. Luiz (Estados Unidos). Escolhido em 1906, é nomeado em 1907, professor da Escola Nacional de Bellas Artes, occupando o cargo até 1914. Na Exposição Nacional de 1908 obteve uma medalha de ouro. Nos annos de 1906 a 1910 executou, em Paris, as decorações para a Bibliotheca Nacional e o Theatro Municipal. Na exposição geral de 1922 conquistou a Medalha de Honra.

Visconti revelou desde a Academia, onde fôra aluno de Bernardelli e Amoêdo, um temperamento excepcional de artista e uma intelligencia lucida e impetuosa. Uma sensibilidade requintada, uma visão muito segura, *uma individualidade equilibrada que a arte illuminaria crescentemente.*

Trabalhando pertinazmente, libertando-se de quaesquer influencias de artistas e de escolas, Visconti apresenta uma pintura forte e brilhante dentro de uma technica admiravel. Paisagista, retratista, pintor de genero de nú e decorador, Visconti é um mestre.

Temperamento tropical, evoluindo de continuo, não deixa a sua arte parar, transformando-se, acompanhando a renovação dos tempos. Por isso mesmo se declara «presentista», homem de sua epoca, actual. Sua arte é assim. Tem a característica da actualidade e já evoluiu em tres phases: a primeira até 1904, quando expoz, em Paris, *Juventude, O Beijo, Dansa das Oreadas* e fez outros trabalhos; a segunda, com *Samothrace* e os painéis do Municipal, «A influencia das artes na civilização» e a terceira com as obras da ultima phase, em que o artista attingiu ao maximo de simplicidade, de delicadeza e de realidade, fixando assumptos que a vida vae agitando na sua carreira. Artista operosissimo, trabalhando sempre, leal nos seus conceitos, Elyseu Visconti possui uma bagagem consideravel, sendo de salientar nella: *Tronco de Mulher, O Iar, No verão, Pedro Alvares Cabral guiado pela Providencia, Retrato, Despedida, Retrato de Gonzaga Duque e Nicolina Vaz de Assis*”, obra destinada á reputação d’uma Pinacotheca ou do orgulho d’um amador... »

ROBERTO ROWLEY MENDES nasceu no Rio de Janeiro aos 4 de setembro de 1867. Sua tendencia inicial foi para a scenographia. Matriculou-se na Academia, em 1888. Partindo para a Europa, voltou-se para a pintura, tornando-se aluno de François (F. L.) e Doucet.

Quando regressou seguiu para Santos, onde se entregou ao estudo acurado da natureza, que procurava sentir e interpretar com o maximo de fidelidade e de emoção. Expoz ali e vindo para o Rio appareceu em novembro de 1900, numa exposição no *Preço Fixo*, á rua do-Ouvidor. Na amostra geral de 1907 conquistou a medalha de prata.

Mendes é uma organização completa de artista. Fazia a paisagem, apprehendendo-lhe a luz, a côr e uma intendencia emocional de belleza que impressionava. Fazendo o pastel, adquiriu notoriedade e conquistou encomios.

Já se disse que elle é «o nosso paisagista ruskiniano, o poeta da alma das coisas» e que «Roberto Mendes tem uma maneira sua, expontanea; as suas concepções são originaes, não copia, não imita». E mais. A sua arte é um culto, para a qual vive, como um eremita, obscuro e possuido».

Admirando uma sua exposição na galeria Gambiasso, escrevia *Eloy*, o heróe, que outro não era senão Arthur Azevedo: «As paisagens de Roberto Mendes são pintadas com uma verdade assombrosa, que não exclue a plastica nem a poesia, e esse é o grande condão do surprehendente artista».

Referindo-se ao pastel do artista de *Mangureira*, commentava Gonzaga Duque:

«Mendes usa-o, na paisagem, com apreciavel destresa e com elle obtem extraordinarios resultados de harmonia, sem resvalar no maneirismo, sempre pretencioso, de certos celebrisados pintores.

A sua pintura é segura, poder-se-a dizer serena. Não tem arrebiques de elegancia nem violencias premeditadas, a fingir golpes de genio. Ao contrario, é pela combinação das côres, pela unidade resultante da justeza das tintas, que elle ganha essa grandeza de expres-

são que, em meio metro de papel ou de tela, se estende até o infinito aos olhos do observador».

Roberto Mendes possui paisagens de grande valor como *Depois da tempestade*, *Grandeza extinta*, *Nostalgia Selvagem* e *Pedra de Itapuca*. No seu retiro de Boa Viagem continua a amar e interpretar a natureza.

Oscar Pereira da Silva engrossa o numero dos artistas fluminenses : nasceu em S. Fidelis, aos 27 de agosto de 1867. Matriculou-se na Imperial Academia em 1882, obtendo no Salão (1894) a medalha de ouro de 2.ª classe. Teve como professores J. M. de Medeiros, Zeferino da Costa, V. Meirelles e Chaves Pinheiro. Terminou o curso em 1887, no anno seguinte conquistando o premio de viagem á Europa, para onde partiu em 1889. Em Paris, esteve varios annos, sendo discipulo de León Gérôme (1824-1904) e Bonnat (1833-1922). Regressando ao Brasil em 1896, fixou residencia em S. Paulo, entregando-se ao professorado. Pintor de historia e figurista, sua epoca de maior fecundidade foi de 1903 a 1912.

Surgindo na exposição geral de 1893, concorreu a varias outras e realizou algumas em S. Paulo. Sua pintura é larga, sólida, brilhante. Seu desenho correcto. Dos seus quadros mais conhecidos se destacam : *Samsão e Dalila* (Pinacotheca Nacional), *Tronco de mulher*, *Salomé*, *Fundação de S. Paulo em 1554* (Pinacotheca de S. Paulo), *A palavra aos surdos-mudos* (Pinacotheca Nacional) e *Infancia de Giotto*. No Salão de 1937 conquistou a Medalha de Honra e ainda no V Salão Paulista de Bellas Artes (1938) expunha *Verão*, *Tricot*, *Proclamação do Dr. Pedro de Toledo* e *Arvores das lagrimas*. Executou paineis para as igrejas paulistanas de Santa Cecilia e da Consolação e a decoração do Theatro Municipal. Oscar Pereira da Silva falleceu em 17 de janeiro de 1939.

O Salão já laureou Virgilio Lopes Rodrigues, ou como o chamamos, «o Virgilio», quatro vezes. Deu-lhe ; men-

ção honrosa de 2.º e 1.º grãos em 1923 e 1926; medalha de bronze em 1927 e pequena medalha de prata em 1930.

Virgílio é marinista. Fazendo a paisagem, é a impressão do mar verde que o domina, fremindo-lhe a sensibilidade. Sente o oceano e busca interpretá-lo com o máximo de realidade e de emoção.

Nascido em Recife, a 9 de fevereiro de 1863, estudou preparatórios, vindo em 82 para o Rio, afim de aprender a arte, entrando, porem, para a vida commercial. Começou no escriptorio do leiloeiro J. Dias, o mais famoso do tempo. Interessava-se pelos quadros que ia a leilão, examinava-os, conversava com os proprietarios e, ás vezes, com autores e amadores. Via e sentia como pintor.

Conheceu, então o artista hespanhol Sant'Ollala, que se dirigia ao Chile, mas que aqui ficou e conquistou no Salão de 94, medalha de ouro de 3.ª classe.

Animado pelo artista, que era de valor, deu para frequentar o Lyceu de Artes e Officios, de aprender e de expôr. E' um artista honesto e sincero. Com outros companheiros teve em 1926 a iniciativa da *Exposição dos Cinco*, sendo os demais Vicente Leite, Arthur Lucas, Manoel Faria e Gastão Formenti.

Daniél Bérard (Marie-François Daniél Bérard), filho de francezes, nasceu em Pernambuco, sendo o pae esculptor. Seguindo para a França ali começou a sua educação artistica, frequentando principalmente o atelier do grande pintor Pill. Serviu no exercito e regressou ao Brasil em 1894 (?), indo directamente ao Ceará, onde o prendiam laços de familia. De lá passou-se para o Recife, installando o seu atelier, a principio no velho Lyceu de Artes e Officios e depois nos altos da photographia Ducasble, á rua Nova. Produziu, a longa, muita quantidade de maravilhosos retratos, sobretudo da

familia do afamado medico oculista, Dr. Barreto Sampaio, que possuia um precioso museu de obras de arte e de altas personalidades de commerciantes da colonia portugueza.

Veiu ao Rio em 1896, continuando a pintar incomparaveis retratos, destacando-se os do Dr. Carijó, chefe de policia, do Dr. Dionysio Cerqueira, Ministro do Exterior, do Sr. José Casemiro, provedor da Candelaria e tantos e tantos outros.

Após um brilhantissimo concurso na Escola Nacional de Bellas Artes foi nomeado professor interino de desenho figurado a 20 de maio do anno acima, tomou posse em 23 do mesmo mez, em 28 de novembro ainda de 96 sendo effectivado no cargo, ninguem como elle sabendo honrar tal missao, dedicando-se inteiramente, nas quatro horas de ensino, dando aos seus discipulos o seguro conhecimento da technica e da observação sobre a materia que competentemente ensinava.

Teve seu atelier installado, primeiramente, no predio chamado «Villa Ruy Barbosa» mudando-se depois para um sobrado da rua da Quitanda. Daniél Bérard falleceu, num açude, em Macció, Alagoas, a 5 de junho de 1910, deixando inacabado um retrato, em tamanho natural, do governador Euclides Malta.

Foi professor criterioso, dedicado e competentissimo. Como artista executava o retrato com singular mestria. Lamentavelmente, a Pinacotheca só possui de Bérard o retrato do escriptor maranhense Ignacio Raposo. Delle possuimos um retrato feito por Joaquim Brigido, em 1910.

Fiuza Guimarães, Arthur Lucas, Theodoro Braga, Eugenio Latour, Lucilio de Albuquerque, Fernandez Machado, Helios Seelinger, Jorge Mendonça, Evencio Nunes, Isaltino Barbosa, Rodolpho Chambelland, Heitor Malagutti, João Timotheo e Manuel Madruga.

Fiuza Guimarães (José) é dos nossos artistas conscienciosos. Após o curso na Escola Nacional de Bellas Artes, em 1895, obteve, por concurso, o premio de viagem por cinco annos. Foi professor de pintura e de desenho figurado da Escola, em cuja Pinacotheca é representado com o quadro *Cabeça de velho*. No «Salão dos Mestres» da X Feira Internacional de Amostras (1937) figura com *Cabeça de frade* e *Vaga*, dois esplendidos trabalhos. O segundo chega a ser maravilhoso na volupia carnal do corpo femina dobrando-se no ritmo verde da onda que vae quebrar-se verde e á luz sobre a praia.

Arthur Lucas, discípulo de J. Maria de Medeiros, foi um artista que muito trabalhou e muito soffreu. Pintor de excellentes aptidões, fez-se caricaturista, ganhando fama com a assignatura de *Bambino* em jornaes como o *Mercurio*, o *Pierrot* e *A Mascara*. Professor de modelagem da Casa da Moeda trouxe á publicidade Calixto Cordeiro, que tanto honra a caricatura no Brasil. Fazendo o oleo e o pastel, varias vezes figurou no Salão,

onde só conquistou menção honrosa de 1.º gráo (1906). Expondo *CABEÇA DE MORENA EM PERFIL* (pastel), merecia de Gonzaga Duque estes conceitos: «Arthur Lucas é um bellissimo artista desviado do curso natural da sua tendencia por circumstancias indebelaveis da sorte contraria. Pintor, e pintor por temperamento, fez-se caricaturista, fez-se illustrador, porque o genero lhe garantia a subsistencia. Mas a sua qualidade nata de colorista, a sua grande vocação para a palheta ficou latente e, por vezes, rompeu obstaculos de tempo e compromissos para se externar em lindos paineis imaginosos de uma suave phantasia de côres e de formas».

Em setembro de 1906, tendo sido victima de uma congestão e tentando ainda assim trabalhar, o que conseguia penosamente, tomou parte na Exposição dos Cinco (os outros eram Manoel Faria, Vicente Leite, Virgilio Lopes Rodrigues e Gastão Formenti feita, aliás para auxiliá-lo. Nas linhas que escrevemos no catalogo, dissemos:

«Pintor de vivaz intelligencia creadora, caricaturista que deu paginas de infinita graça e chiste á nossa imprensa, creatura boa e simples, Arthur Lucas viu-se de repente, ha annos, victima de um mal terrivel, na quasi impossibilidade de trabalhar. Mas nem assim poz de lado pinceis e tinta. Com que esforço titanico, porém, que enfermidade e mingua de recursos tornavam dolorosissimo e quiçá heroico, Arthur Lucas continuou a produzir, a servir-se dos braços quasi inuteis! E trabalha ainda, sabe Deus como, o abnegado artista! Com que abençoado e tamanho sacrificio! Justo era, pois, que artistas amparassem, num largo gesto de solidariedade christã, o irmão de ideal menos afortunado. E' o que fazem os quatro pintores distinctissimos, expondo os seus quadros para aquelle fim, e para maior grandza do seu gesto entre quadros daquelle que beneficiam.

O nosso publico é visto como avesso ás manifestações de arte; mas aqui está uma exposição interessantissima e a que ninguem é licito nem humanamente fugir, senão amparal-a do melhor modo, efficientemente, de tão bellas coisas ella se constitue e tão lindo é o proposito dos que a organisaram e effectivam».

Arthur Lucas, outrora o trefego *Bambino*, falleceu a 30 de abril de 1929.

THEODORO BRAGA é dos nossos mais eminentes pintores. Nascido a 8 de junho de 1872, na capital da então provincia do Grão Pará, mudando-se com sua familia para o Recife onde fez ahí o curso de humanidades, recebendo lições do reputado pasiagista Telles Junior; estudou Direito, formando-se em 1893 na velha Faculdade do Recife. Partindo para o Rio, matriculou-se na Escola Nacional de Bellas Artes, tendo por mestres Belmiro de Almeida, Zeferino da Costa e Daniel Bérard. Fez curso brilhantissimo, todo com distincção, obtendo, em 1899, após concurso, o premio de viagem á Europa, por cinco annos. Na França estudou com Jean-Paul Laurens (1838-1921), que muito o distinguia. Regressando ao Brasil em 1905, realisou uma exposição no Rio, partindo logo após para a capital paraense, onde, por encommenda do presidente da Camara Municipal, pintou um grande quadro sobre a »Fundação da Cidade de N. S. de Belem do Grão-Pará». Proseguindo na sua obra de admiravel pintor, iniciou um fecundo e benemerito trabalho em prol da arte decorativa, genuinamente brasileira.

Da sua bagagem pictural, destacam-se quadros como «*Manhã de anniversario*», *Retrato de Senhora Muirakitã*, *Vecchio Cantore*, *Anhanguera*, *O periplo maximo do bandeirante paulista Antonio Raposo Tavares* (triptyco), *A' sombra de um vitral* e outros. Expondo no Salão, foi laureado com a grande medalha de prata (1923), a pequena medalha de ouro (1922) e a grande

medalha de ouro (1925). Por decreto de junho de 1937, do Governo Francez, foi nomado «Officier d'Academie» por isso condecorado com as «Palmes Academiques».

Eugenio Latour nasceu no Rio de Janeiro em 15 de março de 1874. Matriculou-se na Escola em 1894. Teve por mestres Zeferino, Bernardelli e Amoêdo. Obteve no Salão de 1900 menção honrosa, no anno de 1901 medalha de prata e no de 1902, premio de viagem á Europa. Em 1908 conquistou a medalha de ouro. E' pintor e gravador em madeira e metaes. Artista de incontestavel valor e operoso. Mestre. Já em 1905, expondo no Salão, merecia de Gonzaga Duque referencias como estas : «O asseio, a frescura, o brio da sua palheta são já notaveis ; o desenho sahe-lhe certo da mão trabalhadora e os assumptos trazem o cunho do seu interesse por uma arte inspirada na natureza e com ella vivendo». E destacava os quadros *Praga Social*, *Tesourinhas*, *Flores* e *Mocidade*. Com o pseudonymo de José das Tintas, falando sobre retratos, pasteis e particularmente quanto ao quadro *Lavadeiras* (1908), dizia : «De tudo conclue-se que o artista não é um simples habilitado da palheta, mas um verdadeiro artista que se entrega á sua obra com amor, porque os assumptos vibram na sua emotividade e o levam a communicar o que o abalou».

Atravez do tempo, Eugenio Latour confirmou todas as suas qualidades de excellente pintor e de operosidade, nunca deixando de trabalhar e de expôr. Sua obra é vasta e brilhante. Delle se disse :

«Eugenio Latour é um colorista que sabe desenho como poucos. Em frente de um dos seus quadros, fica-se embaraçado, não se sabendo o que mais elogiar, se o colorido, de um real impressionismo, honesto e quente, se o acabado, de uma correcção paciente e segura, se, finalmente, o conjuncto, que é sempre uma idéa, uma synthese de um temperamento, um esplendido pedaço

de natureza, paisagem ou interior, ou um flagrante da vida admiravelmente pintada, extraordinariamente interpretado».

Do seu pincel possui a Pinacotheca Nacional: *Bianca e Soror Materna*.

Até aqui não havia surgido um só nome do Piauí. Chegou a vez agora do longínquo Estado nortista.

Lucilio de Albuquerque nasceu na cidade de Barra, aos 9 de maio de 1877. Vindo para o Rio começou a cursar a Escola Nacional de Bellas Artes em 1896, matriculando-se em 1901; foi discípulo de Rodolpho Amoêdo, Zeferino da Costa e Henrique Bernardelli. Concorrendo ás exposições geraes, obteve menção honrosa de 2.º gráo em 1902, anno em que estreou com *Hortencias*, e de 1.º em 1904. Em 1906, após o curso, partiu para a Europa como pensionista, por cinco annos. Continuando a concorrer ao *Salão*, obteve medalha de prata em 1907, pequena medalha de ouro em 1912, grande medalha de ouro em 1917 e Medalha de Honra em 1920. Em 1911 foi nomeado professor extraordinario da cadeira de desenho figurado e em 1916 reconhecido cathedratico da mesma cadeira, que ainda exerce. Apreciando a exposição geral de 1904, escrevia Gonzaga Duque: «O Sr. Lucilio de Albuquerque, que ha de ser outro artista de amanhã, expõe dois pastéis e dois quadros a óleo, sendo um desses um bonito retrato de senhora, tratado com largueza no busto e louvavel minucia na cabeça».

Na de 1905 detinha-se deante de uma «cabecita de mulher, feita com o nervoso ardor da sua bravura pinturesca».

Regressando da Europa, Lucilio de Albuquerque continuou a trabalhar com enthusiasmo, produzindo sempre, fazendo o retrato, o *genefo* e a paisagem, por vezes a historia, como *Anchieta*, *Retirada da Laguna*

e *República dos Farrapos* (1835-1845). Procurando ser o mais possível individual e moderno, o pintor de *Agnus Dei* reforça e illumina as suas paisagens de uma luz harmoniosa, faz os seus quadros com equilibrio e segurança. Sua palheta é lucida e agil. Quando obteve a medalha de Honra expoz um *Retrato* notavel, da sua obra vultosa destacando-se *Despertar de Icaro*, *Paraiso restituído*, *Fim de Pescaria* e *O Grande Circo*. Tem feito exposições no Rio, em varios Estados e no estrangeiro, sendo um dos mestres da pintura nacional.

No Rio de Janeiro, a 30 de agosto de 1875, nasceu Joaquim Fernandes Machado. Entrou para a Academia em 1889, fazendo todo o curso. Em 1901 conquistou o premio de viagem com *O sonho de Jacob*. Foram seus mestres aqui, J. Maria de Medeiros, Pedro Weingartner, Modesto Brocos, R. Amoêdo e Bernardelli; em Paris, Jules Lefèbvre, Fleury e Jean Paul Laurens. Faz a paisagem e a figura. Na Europa expoz no *Salon des Artistes Français* (1907) o quadro *S. Francisco de Assis pregando aos passaros*, que obteve no nosso Salão a medalha de ouro de 2.º classe e foi adquirido pela Municipalidade. Já expoz no Pará e no Amazonas (1907), este ultimo Estado d'elle possuindo um retrato de Deodoro, *A Gloria coroando Gonçalves Dias* e *O primeiro vôo de Santos Dumont*. Para o Estado de S. Paulo fez os paineis decorativos *O Comercio* e *A Agricultura*. Da sua obra se destaca tambem um retrato do *Barão do Rio Branco*.

O seu trabalho *Ao bandeirante desconhecido* que expoz no Salão, mereceu elogios. Medeiros e Albuquerque dedicou-lhe uma chronica ligeira e formosa, salientando que, enquanto varios paizes que tomarain parte efficiente na guerra européa, homenageavam o «soldado desconhecido», o Sr. Fernandes Machado evocava o bandeirante audaz que desvirginou a nossa natureza feraz e surprehendente.

«A tela do conhecido pintor de S. Francisco *pregando aos passaros*, é a maior do Salão — disse um jornal. A Historia regista os nomes de alguns vultos grandiosos desses desbravadores do sertão, taes como Fernão Dias, Antonio Raposo, Bartholomeu Bueno. Mas, seus companheiros de jornada? Os soldados humildes, os desconhecidos, que pagaram com a vida a audacia da penetração? E' essa homenagem que o pintor patricio presta ao obscuro heróe, que deixou seu corpo a assignalar o caminho, a proseguir, ficando, entretanto, seu feito no olvido dos contemporaneos que venceram e na ignorancia dos posteros, que desfrutaram e desfrutam as riquezas que elle anteviu.

No primeiro plano do quadro, vê-se a cova aberta em que ficou abandonado e esquecido dos que marcharam para a frente o esqueleto do bandeirante desconhecido. Sobre essa sepultura, um anjo, significando a glorificação historica, desce para depositar a corôa symbolica. Em torno do logar sagrado vdem-se troncos de arvores cobertos de parasitas, pedras musguentas, folhagens caracteristicas das nossas mattas virgens, como se fossem sentinellas silenciosas em torno daquelle cujo nome só os céos conhecem. Na parte superior da tela, a figura da historia, acompanhada de anjos, inscreve, no seu registo de pedra, o nome desse bandeirante, cuja gloria dous anjos, empunhando e fazendo vibrar as suas tubas altisonantes, apregoam por todo o territorio nacional».

HELIOS ARISTIDES SEELINGER é o grande creador de symbolos. «A sua obra, entre nós, resplandece só, isolada, unica. Nenhum dos seus contemporaneos se lhe assemelha de modo algum. Desenho, não raro informe; luz, vivendo do desregramento e da orgia; maneira, toda de um demoniaco doentio, para nós, os que se habituaram ás marinhas de Castagneto, e ás paisagens de Baptista da Costa, inteiramente inedita, to-

cando em mais de um ponto ás raias da loucura ; conceito, vestindo os mais arrojados symbolos, enigmas os mais audaciosos, que ao vulgo faz pensar em um manicomio e ao artista reflectir sobre as lutas surdas, as revoltas internas, uma vida encantada pelo sonho e pela fantasia. Tal é a obra desse artista estranho, enfeitado pelo novo e pelo inedito — escreveu Nogueira da Silva. Assim é. A arte paradoxal e originalissima desse inveterado bohemio, atordôa e assombra, pelos mundos e seres fantasticos que dansam o cancan da vida sob o seu pincel diabolico. Estudando-the a arte, Gonzaga Duque encontra nella influencias de artistas rebellados como Julius Diez, Waither Georgi, Hans Rossman e Max Bernuth, de Munich, onde Helios aprendera e tem a sua origem germanica. E diz :

«Não ! Ella é sincera dentro da sua manifestação, e se realça pela originalidade do seu modo de ser em improvisos de concepção.

Porque é nessa intensa propriedade sua, de abaladora nota original, que está o chanfro da propria relevancia com que se alteia da superficie corriqueira dos contemporaneos, e, se nada mais tivesse para o seu destaque, bastar-lhe-ia a inconfundivel feição dos assumptos para salva-la da vassourada do tempo ao termo de uma geração esgotada».

Era isso em 1908, quando o artista expoz no Museu Commercial. Dahi por deante não descansou inais, produzindo, fazendo decorações, revivendo symbolos, barbaro, satanico, fixando ora *A Negra cohorte da Victoria*, *Prazeres de Fauno*, *Tribunaí de Barbaros*, ora *Sambamacumba*, *Veneno* e *Por mares nunca dantes navegados*.

«Vê-se que elle sente exprimir o palor dos recantos de sonho ou o fulgor das forças desencadeadas de um mundo irreal, porem materializado nas possibilidades das coisas visiveis», — escreveu Jarbas de Carvalho.

Helios Seelinger, nascido no Rio de Janeiro em 1878, matriculou-se na Escola em 1892, obtendo no *Salão* a menção honrosa de 1.º gráo (1902) e o premio de viagem no anno seguinte. Em Munich foi alumno Franz Stuck e em Paris de Jean Paul Laurens. Em 1912 obteve a medalha de ouro. Tem exposto no Rio e nos Estados. Foi membro do Conselho Nacional de Bellas Artes.

Poucos pintores revelarão tão marcada influencia de Baptista da Costa, como JORGE Drummond Furta-do de MENDONÇA. Rumando logo para a natureza, estudando desde cedo á luz do sól, deante das montanhas e ao pé dos rios, vendo as manhãs claras e as tardes languescientes, examinando as mutações da luz, conseguiu traduzir na tela com uma palpitante realidade e uma doce graça poetica, toda a paisagem brasileira.

Alma de artista, bohemia e jubilosa, procurava sentir os estados mais emocionaes da natureza, as horas de silencio das cousas, a vida das aguas mortas, á feição do mestre memoravel. Foi um paisagista-poeta. A natureza teve nelle um interprete sincero e commo-vido. De uma familia de homens de lettras e artistas, sobrinho de Lucio e de Salvador de Mendonça, Jorge Mendonça nasceu em Valença, Estado do Rio, a 20 de Abril de 1879. Cursou a Escola de Bellas Artes e fez-se depois alumno de Eduardo de Sá, de Parreiras e de Baptista da Costa. Estreou no *Salão* de 1904, obtendo menção honrosa de 2.º gráo com *Pedra de Mirante*, «realmente digna disso pelo vigor da pincelada e pela observação da côr». No de 1905 conseguia menção honrosa de 1.º gráo e em 1911 a grande medalha de prata. Formado em Direito, continuou sendo exclusivamente artista. Paisagista.

«Cedo a sua inconfundível personalidade se revelou. Tornou-se, em breve, mestre consumado e um dos mais vigorosos e originaes interpretes da natureza bra-

sileira. Um de seus quadros, *Paisagem*, foi adquirido pela Escola Nacional de Bellas Artes e figura entre os melhores do genero na sua Pinacotheca». Outros figuram em galerias estaduais e particulares, evidenciando a obra de um dos melhores paisagistas conterraneos.

Jorge Mendonça falleceu em 23 de novembro de 1933.

Dentre os mais illustres pintores brásileiros, destaca-se Rodolpho Chambelland.

Nascido no Rio de Janeiro em 1879, desde creança sentiu «vocação pela pintura, revelada nos menores detalhes da vida», — elle mesmo o confessa. Isso o levou muito joven ás aulas do Lyceu de Artes e Officios, onde foi alumno de Delfim da Camara. Depois (1901) foi alumno de Zeferino da Costa e de Amoêdo, na Escola. Na exposição geral de 1903 obteve a menção honrosa de 2.º gráo, na de 1904 a medalha de prata e na de 1905, com 26 annos de idade, o Premio de Viagem á Europa, com o quadro *Bacchantes em festa*. Gonzaga Duque dizia que era «um *ar livre* em que ha muito talento e não pequena somma de artificio, mas artificio perdoavel diante da immensa difficuldade em que um artista se encontra, em nossa terra, para obter modelos que satisfaçam a uma composição variada como essa». E depois: «No entanto, a sua composição merece francos elogios pelo distendimento gracioso da linha serpentina e pelo excellent effeito do contraste da sombra ao primeiro plano com a larga claridade dos planos secundarios. As figurinhas, tocadas de côr, são bem movimentadas e expressivas; a paisagem é vasta e illuminada, transmittindo a impressão fresca do dia; as perspectivas felizes, o céu diaphano e claro». No anno seguinte figurava no *Salão* com *Olhos curiosos*. Em Paris frequentou as aulas da Academia Julien e, quando regressou, a 25 de maio de 1908, fez com exito uma exposição. Em 1912 obtinha a medalha de ouro e em 1916, por

concurso, foi nomeado professor de modelo vivo da Escola Nacional de Bellas Artes. Encarregou-se em 1911 da decoração do pavilhão brasileiro na Exposição de Turim. Pintor impressionista, procurando sempre actualisar-se, acompanhar o rythmo da vida moderna, o professor Chambelland tem uma obra não numerosa, mas solida. Trabalhador, fez o *Baile d fantasia*, do Conselho Municipal; o vitral e as decorações do salão de honra do Palacio das Festas, da Exposição do Centenario; o *plafond*, e o painel decorativo da cupola central na sala das sessões da Camara dos Deputados; *La dame au boa*, *Noite de espectáculo*, *Retrato do Barão de S. de V.*, que segundo um critico é «obra prima, pela factura, pelo desenho, pelo acabamento, pela intenção, pela vida toda e forte quefaz do seu trabalho um ser, com alma, com vibração». Ensina desenho de modelo vivo na Escola desde 1916.

Nogueira da Silva chamou Heitor Malagutti o nosso «unico pintor symbolista». Poeta, conhecedor da arte, musico, bohemio dos authenticos, Malagutti foi um pintor original, de admiravel expressão poetica. Conversador delicioso e de verve expontanea, evocava a Italia artistica, discreteava sobre musica, numa esquina ou tomando o seu aperitivo, cofiando o pequeno bigode louro.

Falando da exposição dos Aquarellistas em 1906, escrevia Gonzaga Duque: «De Heitor Malagutti, esse bravo *condottiere* da Arte Nova, a que dedica todo o seu grande talento de poeta e ama com o bandoleirismo dos typos romanticos de Murger, encontramos duas pequenas paisagens, tiradas do actual aterro da Praia Formosa, verdadeiras impressões de um poeta do pincel, e uma cabeça de mulher, muito pallida, sob o veu de negra capota, que lhe dá o tom melancolico de uma viuva antes de o ser ou, talvez, viuva realmente de uma doce illusão». Malagutti nasceu na Italia em 1872,

lá estudara depois de ter estado no Brasil. Na Academia de Brera, em Milão, foi discipulo de Rapetti, Montessi, Bignani e Pogliagli. Fazia o oleo e a aquarella com muita segurança e muita alegria de tons. Em 1901 obteve no *Salão* a menção honrosa de 2.º e em 1914 a de 1.º gráo. A Pinacotheca Nacional possui delle o quadro *Avó*. Falleceu em 1918.

JOÃO TIMOTHEO da Costa foi um artista de excepção. Sua pintura impressiona pela certeza do traço, pela solidez da construcção. Sabe vêr e realisa conscientemente. Bastante lido e conhecedor do meio, expende as idéas com audacia e convicção.

Carioca legitimo, nascido em 24 de dezembro de 1879, educado por um pae de costumes austeros, entrou para a Escola de Bellas Artes em 1898, vindo na Casa da Moeda, sendo primeiramente aluno de Daniel Bérard, depois de Amoêdo e Zeferino da Costa. Concorrendo ao *Salão* obteve da menção honrosa do 2.º gráo á medalha de ouro, exclusive o premio de viagem, que não pleiteou. Esteve na Europa como um dos decoradores do pavilhão brasileiro na Exposição de Turim. No Brasil decorou o salão de honra da Camara dos Deputados, o «hall» do Museu Nacional, o Fluminense F. Club, o Copacabana Palace, a residencia do Dr. Abel Porto.

Concorreu sempre ás exposições geraes, expondo paisagens e retratos. Partiu para a França em 1910.

Commentando o *Salão* de 1918, publicava Nogueira da Silva :

«Finalmente, não por ser o ultimo, mas por simples disposição numerica, vem João Timotheo da Costa, que se apresenta o mais francez dos nossos artistas. O seu quadro *No atelier* causaria admiração mesmo entre os trabalhos dos mais distinctos pintores da França moderna. E' um encanto».

Em 1921 escreviam: «João Timotheo tem uma Cabeça excelente, e fez um assumpto historico muito bem tratado, *Fernão de Magalhães*».

João Timotheo — diziamos em 1923 — figura com duas paisagens e uma marinha, esta serdo de muita belleza, colorido agradável e confirmadora dos seus meritos de pintor». É em 1926: «João Timotheo forma ao lado dos grandes expositores com o quadro *No atelier*, que revela um pintor de marcada individualidade e é obra que honra a pintura brasileira. Bons, «*Estados de Tronco*» e *Adolescente*».

O illustre pintor do *Auscultando* e de *O Discipulo*, realizou obra soberba, serviu com distincção á sua arte e falleceu no Hospicio de Alienados, em 1930.

Evencio Nunes nasceu em 1870 e Isaltino Barbosa em 1868. Ambos cursaram a Imperial Academia de Bellas Artes e foram discípulos de Modesto Brocos e Zeferino da Costa. Ambos são acatados professores do Lyceu de Artes e Officios.

Fizeram-se artistas probos e modestos, trabalhando sem ruido, sem publicidade, honestamente.

Nogueira da Silva refere-se á decoraçãõ que ambos fizeram em 1918 no *plafond* e na sanca do Collegio Pedro II, dizendo: «O trabalho que esses dois artistas patricios (por signal que são tudo o que ha de mais indigena, nacional, nosso, bem nosso) apresentaram, pôde ser, sem nenhuma lisonja ou benevolencia, classificado de bom, senão mesmo excellente, dado as exiguidades dos recursos do nosso meio artistico, ainda deficientemente preparado para o surto de uma grande obra decorativa».

Os dois pintores, numa época em que raramente se reconhece o talento do artista nacional e lhe dá trabalho, realizaram uma obra por tudo recommendavel e mostraram que podem fazer muito mais».

No Lyceu de Artes e Officios Isaltino e Evencio se recomendam como professores habeis e dedicados.

Manoel Madruga Filho é um pintor brasileiro de educação puramente franceza.

Nascido em Theresopolis, cursou aqui a Escola de Bellas Artes e em Paris, para onde partiu muito joven, e onde ficou, a Academie Julien. Foi alumno de Henri Rochefort, recebendo as ultimas lições no atelier de Marcel Bacht.

Na capital franceza começou de trabalhar, realizando uma obra que a critica destaca pelas suas qualidade fundamentaes: «la correction parfait du dessin, la sincérité d'impression et surtout l'art si rare de découvrir et de savoir fixer l'âme d'un modèle.» Paisagista, retratista e decorador, Manoel Madruga produz telas de alto valor.

No pavilhão do Brasil da Exposição de Turim expoz um enorme painel (10 X 5) «Le Bresil offrant seus produits au monde; no Salon de 1913 expõe retratos de M. de la Barriere, de uma filha e um filho do jornalista Casabona; no de 1914, na *Société des Artistes Français*, figura com os retratos de Coquelin Ainé e M. Adolphe Carnot; faz *Declin du Jour* e *Saint Genevieve* e a allegoria que lembra a commemoração da assignatura do tratado diplomatico feito entre o Brasil, a Argentina e o Chile e da qual foi factor importantissimo o então Chancellor Lauro Muller.

Pouco ou nada conhecido no Brasil, Manoel Madruga conseguiu nomeada entre os melhores pintores da França, que lhe formou a individualidade artistica e onde reside. Em 1908, expondo no Salão, obteve medalha de ouro.

Henrique Cavalleiro, Eduardo Bevilacqua, André Vento, Arthur Timotheo, Raul Deveza, Hermogenes Marques, Dias Junior, Armando Vianna, Manoel Faria, Manuel Santiago e Argemiro Cunha.

HENRIQUE Campos CAVALLEIRO salienta-se dentre os pintores modernos do Brasil pela feição da sua arte sólida e pessoal, tanto elle mesmo confessa que «a arte está em cada um de nós que a sentimos e comprehendemos» e acrescenta : «O artista, em primeiro lugar, precisa emprestar á sua arte um cunho pessoal, pesquisar, inquerir, indagar, afastando-se de tudo quanto é convenção tendente a lhe opprimir o pensamento. Assim o entenderam, inodernamente, aclamados mestres do pincel, André Derain, Matisse, Vlamin e varios outros».

Assim se orienta Cavalleiro.

Alumno de Elyseu Visconti, na Escola, fez o curso com relevo, em 1918 obtendo, por concurso, o premio de viagem á Europa por cinco annos. No *Salão* conseguia menção honrosa em 1914, medalha de bronze em 1915, pequena medalha de prata em 1916 e grande medalha de prata em 1917.

Na Europa, preferiu Paris, matriculando-se na Academia Julien, contra cuja disciplina reagiu, passando a estudar e a trabalhar no proprio «atelier», modifican-

do-se, criando a «maneira» individual que o separa dos demais pintores.

Em 1923 figurou no *Salon da Societé* com *O Collar*, *O vestido rosa* e *Camponeza Italiana*; no *Salon des Artistes Français* expoz a *Mulher e o Vaso*.

Regressando ao Brasil, obteve em 1925, no *Salão*, a pequena medalha de ouro.

Henrique Cavalleiro impõe-se como artista sincero e original, quer como pintor, quer como illustrador e decorador. Nasceu em 15 de março de 1894, é professor do Curso de Arte Decorativa e contratado da Escola Nacional de Bellas Artes.

Eduardo Bevilacqua nasceu no Districto Federal em 1884. muito cedo dedicou-se ao estudo das artes, tanto é certo que aos nove annos, já aprendia desenhos com Arthur Lucas. Com quatorze annos, seus paes o mandavam para Genova, onde estudou humanidades e desenho e pintura com o illustre mestre Alfredo Sutoro, então director da Academia de Bellas Artes. Deixou esse estabelecimento de ensino em 1901, regressando ao Brasil.

Aqui fez-se alumno de Henrique Bernardelli e da Escola Nacional de Bellas Artes, onde cursou a aula de pintura daquelle artista e de modelo-vivo regido por João Zeferino da Costa.

Apparecendo no *Salão* em 1902, obteve menção honrosa de 1.º grão, com o quadro *Daphne e Cloé*; em 1904 medalha de prata com *Salomé* e em 1906 o premio de Viagem á Europa com «*Infancia de Orpheu*» e um retrato. Em 1929 prestou concurso para professor cathedratico de pintura na Escola Nacional de Bellas Artes, conquistando o titulo de *livre-docente*.

Eduardo Bevilacqua exerceu sempre o professorado, tendo sido recolhido para leccionar na Escola de Bellas Artes de Araraquara (S. Paulo), cuja direção lhe coube em 1938, com o afastamento de Quirino Cam-

professor, nomeado professor da Escola Nacional de Bellas Artes, por concurso.

É artista de merecimento, sua arte impressionando pela simplicidade e honesta execução.

André Vento veio depois da geração de Carlos Chambelland, Levino Fanzeres, Navarro da Costa e Bordon.

Nasceu em S. Paulo a 11 de julho de 1894. Discipulo de Baptista da Costa, quando foi possível appareceu no *Salão* (1917), conquistando a menção honrosa de 2.º gráo, em 1918 a pequena e em 1926 a grande medalha de prata.

Intelligente, estudioso, fez a figura, a paisagem e a scenographia. Expôz sempre. Moço, d'elle muito tinha que esperar a arte brasileira. Pintou bons quadros como *Cinzas*, *Pierrot*, *Contrastes*, *Sonho Azul*, *Adormecida* e *Vaidosa*.

Pintava *A morte do Tapir* e *Marcha Triumphal*, fixando a epopéa de 24 de outubro de 1930, quando a morte o levou, a 11 de julho de 1931.

Arthur Timotheo nascido nesta cidade a 12 de novembro de 1882, começou a sua actividade artistica como aprendiz do scenographo italiano Orestes Colliva, com quem trabalhou cerca de cinco annos, entrando para a Escola de Bellas Artes, onde teve como professor Daniel Bérard. Estreou no *Salão* em 1905, com o nú *Preguiçosa*, obtendo em 1906 a menção honrosa de 1.º gráo, em 1907 o premio de viagem á Europa, em 1913 a pequena medalha de prata e em 1915 a pequena medalha de ouro.

Em 1907, após referir-se a Bernardelli, Gonzaga Duque escrevia :

«É quem está talhado para ser um grande artista é o seu discipulo, o Sr. Arthur Timotheo da Costa, que de dia para dia nos demonstra o seu ardente talento e sua larga habilidade de compositor.

Antes d'Aleluia é uma tela movimentada, de muitos agrupamentos e infelizmente não terminada.

Tela vasta, de proporções maiores do que é comum ás forças de um alumno, pintada a tinta matte, e embora inacabada, a sua importancia se impunha pelas difficuldades audaciosamente procuradas.

De mais, Arthur Timotheo, temperamento revel e de feitio original, constatado em outras exposições, expunha uma viva cabeça de negro, pincellada á larga, dum effeito empolgante de scenographia, em que o brilho do colorido tinha a energia evocativa dum grito de alarma».

No anno anterior, Arthur Timotheo tinha exposto *Livre de preconceitos*. Continuou a trabalhar, a expor, a salientar-se em todos os movimentos artisticos. Sua pintura é audaciosa, viva, larga, exuberante. Sua pincelada ampla e a côr magnifica. Deixou *Velho Mercado* que está na Sociedade de Bellas Artes; *Alguns collegas do Salão de 1921* que Jarbas de Carvalho disse serem magnificos, «cada um delles tratado com os recursos de que dispõe Timotheo, que lhes deu um caracter proprio e inconfundivel». E «*Les sables Salorne*». No goso do premio de viagem, realisou uma exposição em Paris (1910). Em 1911 o governo convidou-o para auxiliar os trabalhos de decoração do Pavilhão Brasileiro na Exposição de Turim, o que fez com o irmão. Regressou em 1912, expondo admiraveis quadros na Associação dos Empregados no Commercio.

Em 1923, publicavamos: «Do saudoso pintor que soube ser Arthur Timotheo, o Salão se honra com um *Retrato*, que é um primor d'arte, mostrando a intelligencia sadia que tão cedo enlutou a nossa pintura».

Arthur Timotheo, fallecido no Hospital de Alienados, em 5 de outubro de 1922, deixou a tradição de um espirito vivacissimo e uma obra sem velhice. Fez a paisagem, a marinha, o retrato, a decoração e a scenographia.

Hermogenes Marques nascera com a paixão das armas. Deveria ter sido soldado. O Destino, porém, torcendo-lhe a tendencia, fel-o pintor sem armas. Elle reagiu ao impulso do desejo persistente e tornou-se pintor de assumptos militares, tendo partido daqui com essa obstinação. Na França estudou tudo quanto se referia a armamentos, munições, á vida da caserna; ia aos quartéis, assistia ás manobras, via as paradas; e o seu atelier dava a visão de um arsenal, misturando-se pinceis e palhetas e *chassis* com armaduras, panoplias, baionetas, espadas, lanças, instrumentos, uniformes, — um museu de Marte.

A grande guerra encontrou-o em Paris estudando. *Detaille*, em cuja busca elle fôra, não o quizera esperar: fallecera dias antes (1). Teria nelle um discipulo emerito.

Hermogenes viu a mobilisação, observou o embarque continuo de tropas, foi espectador de batalhas, apprehendendo o movimento dos soldados, ouvindo o ribombar dos canhões e o silvo das granadas. Fez-se pintor especialista de motivos militares. E quando regressou ao paiz em 1919 era um artista feito e victorioso. Chegando sem alarde, na sua modestia, surgiu tambem sem rumor, conseguindo no *Salão*, (1919 e 1920) duas recompensas que antes envergonham o Jury que as concedeu do que enaltecem o artista.

Admirando-lhes os trabalhos, escrevemos então: «Hermogenes Marques, que estudou na Europa durante varios annos e na epoca da conflagração especialisouse em assumptos militares, expõe *Patrulha* (Artois, 1918), *As despedidas* e *Reconhecimento*.

E' um esforço intemerato, uma intelligencia equilibrada, segura, sem titubeios nem vacillações. O que ha nesse artista é sinceridade, probidade e vibração emo-

(1) 24 de dezembro de 1912.

cional. Possui senso esthetico bastante e sentimento. O que faz tem objetivação moral e formosura, sopro de vida, palpitando tudo de fulgor perenne. E' o que está vendo o meu leitor amigo.

Esse moço vale, na sua modestia, por uma grande sensibilidade ao serviço da arte pura. O que faz foge da vulgaridade ambiente. E' bello. Vive. Olhemos, por exemplo, *Patrulha*. Cavallarianos francezes, uns montados, outros a pé, descansam. A paisagem em torno é esbatida, como numa claridade indecisa de manhã languida. Cada soldado, cada animal, tem a sua existencia — dizendo só o que deveriam pensar e fazer — porque todos estão no seu justo lugar, na sua justa medida, admiraveis. Vejamos *As despedidas*. O soldado que se despede da companheira para ir cumprir o dever civico é animado do mesmo sopro de vitalidade e da mesma segurança de realização. Testemunha-se em todos os quadros um bom observador (cousa rara entre nós), um colorista suave, com intuição da pintura moderna.

O espectador deixou-se ficar embevecido, olhando o quadro de Hermogenes Marques. Vamos adiante, porem. Aqui é *Reconhecimento*, tela pequena de uma radiancia pictural notavel. Obscurece uma dezena das que o *Salão* mostra aos nossos visitantes. Dahi esse lugar obscuro que lhe deram, a necessidade de fazel-o desaparecer para pôr em evidencia visua! o brilho Sloper dos medalhões e dos que falharam. Mas o quadro ahi está avultando

— Portentoso!

— Sim. Portentoso. São soldados em reconhecimento. Um delles desceu do cavallo, que agora bebe agua no rio; outro, montado, olha a natureza. Outros conversam. A composição é irreprehensivel. Soberba. Os animaes não estão em linha parallela, demonstrando, como é habitual, incapacidade de desenho, inhabilidade de resolver, mas em sentidos differentes, provan-

do que o artista é capaz de vencer qualquer difficulda-
de que se lhe antolhe na feitura da obra. O animal de
costas para o espectador, em escorso, é magnifico, não
só como conhecimento perfeito de anatomia, como tam-
bem de carnação vigorosa e sadia. Soldados e animaes
são de relevo superior, de um movimento indisfarçavel,
á luz fraca do dia. Nos ultimos planos a paisagem foi
largamente manchada, dando-nos a impressão verda-
deira das arvores de um verde tenue e da hora que trans-
corre. Reconhecimento é um trabalho de valor. E quasi
ninguem o vê! Nem mesmo a Commissão Organizadorã
lhe deu melhor pouso e destaque».

Na unica exposição individual que fez, apresentou
vinte trabalhos, quasi todos de assumpto militar.

Hermogenes Marques, minado pela tuberculose,
não viveu muito. Os proprios quadros do *Salão*, termi-
nou-os aos ultimos clarões da chamma que se apagarã
dias depois, a 6 de setembro de 1920, tendo Hermoge-
nes nascido a 23 de agosto de 1896.

José Ferreira DIAS JUNIOR, foi uma vida que a mor-
te estracinhou na juventude. Quando eram mais rutilos
o seu ideal de arte e a sua natural ancia de victoria.

Nascido nesta capital em 1897, filho de José Fer-
reira Dias e de D. Maria Amelia de Jesus Dias, iniciou-
se no jornalismo, como reporter d'*A Noite*. Deixou-o
porem e matriculou-se na Escola de Bellas Artes, tendo
por professores Amoêdo e Baptista da Costa. Conse-
guindo ser aceito no *Salão*, estreava em 1913, dois an-
nos depois, com o *Menino da flauta* e *Risonho*, de eviden-
tes qualidades, conseguindo a pequena medalha de pra-
ta e em 1916 o ambicionado premio de viagem, com
Abel e Caim.

Na Europa, apezar da guerra, Dias Junior aper-
feiçãoou a sua arte, visitou alguns paizes, indo á Corse-
ga, onde atacou-o o impaludismo. Voltando enfermo,

o jovem pintor desembarcou a 28 de agosto de 1920, não fazendo sequer a exposição que desejava, expondo apenas *Jeunesse*, *Volupté*, *Aphrodite* e *L'Orage*, na mostra da Sociedade Juventas.

A moléstia não o abandonara, minando-lhe o organismo; antes recrudescia transformada na tuberculose que o matou a 13 de maio de 1921. Tudo demonstrava que o infelizmente jovem viria a ser um bello artista.

Discipulo de Amoêdo e Rodolpho Chambelland, na Escola de Bellas Artes, ARMANDO MARTINS VIANNA soube vencer com talento. Menção honrosa de 1.º grão no Salão em 1921, medalha de bronze em 1922, pequena medalha de prata em 1923, premio de viagem á Europa em 1926 e pequena medalha de ouro em 1929, mostram uma carreira que nada tem de mediocridade nem de fraqueza. Artes de ascensão e de victoria.

Em nenhum genero da sua arte encontra difficuldade a palheta que possui o segredo das cores e das linhas. Faz tão bem o quadro de costumes, como o nú e o retrato. Por isso mesmo não se saberá como preferir a modalidade em que melhor fixa a sua *psyché*. Della tanto se pode preferir *Cantando samba*, *Antes da festa*, como *Paraguassú* ou o *Retrato do Professor Rodolpho Amoêdo*. O jovem e sympathico pintor de *Manhã de Sol* tem realizado exposições aqui e nos Estados e nasceu nesta capital a 5 de abril de 1897.

No 5.º Salão Carioca de 1937 obteve o 1.º premio (10:000\$000) com o quadro — «*Chegada da familia imperial á Sé*».

Raul Deveza é um louvavel esforço que se vem destacando no nosso meio. A sua arte é feita com serenidade e modestia, mas com brilho.

Como Bordon não sentia a figura, elle não sente a paisagem. Prefere o retrato, que faz com absoluta comprehensão do genero, collocando-se ao lado dos

que melhor o praticam. Raul Deveza que é carioca, nasceu em 14 de setembro de 1891, foi discípulo de Baptista da Costa, appareceu no *Salão* em 1915, conquistando medalha de bronze em 1918 e pequena de prata em 1919. Dos seus retratos se destacam *Mlle. Jacy*, *Senhorita Norah Meira Lima*, *Angelo Lazary* e *Comendador Santos Carvalho*

Organisação de artista que merece sympathia é Manoel Faria. Nasceu nesta capital a 22 de fevereiro de 1895 e a arte foi sempre a sua sedução. Desenhando, auxiliando a scenographos, alumno de Baptista da Costa e R. Chambelland na Escola de Bellas Artes, chegou ao *Salão*, merecendo em 1922 a menção honrosa de 1.º gráo, em 1923 a medalha de bronze, em 1925 a pequena medalha de prata e em 1934 o premio de viagem á Europa. Embora teime em fazer o retrato e o genero, apparecendo com trabalhos como *Anchieta*, *O Apostolo das Selvas* e *O Samba*, que o recomendam, o que nelle vibra é o paisagista, que teve em Baptista da Costa um mestre distinctissimo. Na interpretação da natureza revela mais facilidade de apprehensão e de sentimento. Um contacto mais constante com a paisagem, evidenciaria todas as qualidades de um pantheista de pulso. Tendo visto e pintado muitas terras, Manoel Faria regressou da Europa em 1937 com o firme proposito de voltar-se mais profundamente para o nosso ambiente, fixando-o com a largueza, a côr e a luz indispensaveis. Trata-se, evidentemente, de um bom artista.

A arte brasileira tem uma nitida expressão em Manoel Santiago. Elle não affirma, como outros, a impossibilidade de grandezza de uma arte indigena, nascida aqui, traduzindo o nosso ambiente, o nosso espirito, a nossa gente, evocando as nossas lendas, a nossa historia, o que quizemos ser e o que somos. Patria que era do aborigene e que civilisamos, ampliando-a na riqueza

e na gloria. Nascido no Amazonas, (25 de Março de 1897), não se volveu como o paraense Theodoro Braga para a flora e a fauna, mas com a mesma orientação de brasilidade, para o caboclo, em quem encontra «uma climatização de tons inexcedível, capaz de vencer as difficuldades maiores que nessa arte (a pintura) se possam apresentar» e para as nossas lendas que os pintores do paiz evitam, andando á cata de motivos. Nesse pintor tão bem orientado e que mereceu menções honrosas de 1920 e 1923, medalha de prata em 1925 e premio de viagem em 1933, a arte «é um sentimento innato, manifestado em tenra idade, sem mestres, sem professores», na casa paterna. Aos 6 annos pintava o retrato dos avós. Alumno da Escola de Bellas Artes no Rio e de Visconti, revelou sempre ser um temperamento vibratil e uma intelligencia arejada, liberta de preconceitos escolasticos, fazendo uma pintura facil, sincera, baseada num desenho desembaraçado e seguro.

Figurista, tem-nos dado trabalhos que o recommendam como um admiravel pintor de figura humana.

Tapuya, Flor de Igarapé (1925), A carta, Encantamento, Cabocla e O curupira, attestam um pintor brasileiro que merece todos os louvores.

Integra-se nessa geração Argemiro Cunha, retratista, paisagista, marinlista, fazendo tambem a aguaforte e a lithographia. Discipulo de Baptista da Costa, Rodolpho Amoêdo e Zeferino da Costa, na Escola de Bellas Artes, revelou sempre muita applicação e muito senso artistico. Durante seis annos estudou com affinco e aproveitamento. Era ainda alumno, quando Henrique Bernardelli convidou-o para ajudal-o nas decorações do Ministerio da Fazenda. Surgindo no Salão, em 1910 conquistou a menção honrosa de 2.º grão com o quadro *Ultimo recurso*; no anno seguinte mereceu menção de 1.º grão com um retrato; em 1918 a

medalha de bronze com o trabalho *Serão*; em 1919 a pequena medalha de prata com o retrato da senhorita Maria Silva, sua aluna; em 1920, a grande medalha de prata.

Argemiro Cunha é artista de sensibilidade, conhecedor da sua arte e modestíssimo. Professor do Lyceu de Artes e Officios.

Baptista da Costa e Antonio Parreiras

I

Baptista da Costa é uma das mais curiosas e suggestivas figuras da arte brasileira, não só pela característica da sua paisagem como pela sua vida difficil e gloriosa.

João Baptista da Costa nasceu de paes pobres e rudes a 24 de novembro de 1863, em Itaguahy, no Estado do Rio. Aos oito annos, orphão de pae e mãe, fuge da casas dos parentes que o haviam acolhido e vem para o Rio. Era em 1873. Elle mesmo pede mais tarde (1776) e consegue entrar para o Asylo de Meninos Desamparados (hoje Instituto Profissional João Alfredo), enverga a farda de asylado e inicia uma vida cujo fim não previa. Aprende encadernação, musica e desenho, tendo por mestre A. Souza Lobo. As paredes começam de ser as telas em que elle traça bonecos, garatujando.

Descobrindo-lhe as tendencias, Souza Lobo aconselha-o a matricular-se na Academia (1885), onde teve por professores J. Maria de Medeiros e Zeferino da Costa.

Em 1890 concorre pela primeira vez á Exposição Geral e no anno seguinte fez a primeira amostra individual; dois annos depois com o quadro *Repouso* conquista o premio de viagem á Europa, visitando a Fran-

ça e a Italia, frequentando em Paris os «ateliers» de Jules Lefèvre e Robert Fleury.

Regressando da Europa (1899) realisa na Casa Postal, uma exposição dos trabalhos que lá fizera.

Obteve no *Salão*, a que sempre concorreu, os seguintes premios, além do de viagem: medalha de 2.ª classe (1897), de 1.ª classe (1904), premio na Exposição de 1908 e grande Medalha de Honra em 1915 com o quadro *Manhã* (Alto da Serra — Petropolis).

Eleito professor de pintura em 1906, reconduzido em 1911, confirmado cathedratico e nomeado director em 1915, morre nesse cargo a 20 de abril da 1926. Foi tambem professor do proprio Instituto onde se educara.

Paisagista, retratista e pintor de genero, foi sobretudo paisagista.

Desde os primeiros trabalhos que revelou vir a ser um interprete da paisagem brasileira, da sua feição mais doce e poetica.

Creatura serena e sonhadora, sem expansões exteriores, quasi casmurro, Baptista da Costa escolheu tambem a natureza nas suas horas amaveis e nos seus aspectos lindos.

Ninguem conseguiu interpretar a luz dos nossos céos, a nevoa azul das nossas montanhas, a nosso verde, a nossa terra, com o sentimento, a fidelidade, a alma com que Baptista os interpretou. Se o seu temperamento não se ajustava á feitura de trechos vigorosos como *Sertanejas*, de Parreiras; *Bandeirantes*, de Bernardelli ou *Caipiras negociando*, de Almeida Junior, atingiu a um poder de interpretação da natureza ambiente inatingido até hoje. Suas telas viviam horas de intensa palpitação languida ou tropical da natureza daqui, do centro, como Telles Junior e Libindo Ferrás interpretaram a matta do nordeste e a gleba gaucha.

«Baptista da Costa chegou a esse resultado á custa de tenacidade, conquistou a sua technica lentamente.

Acompanhei-o, ha alguns annos, atravez da sua obra ; viu-o aturdido com a multiplicidade dos detalhes do *natural*, estonteado com a confusão dos valores no *ar-livre*. Luctava, então, por simplificar o que via, ora tentando pela côr o que lhe falhava no desenho ; ora, substituindo por *massas* o que a habilidade não conseguia no fôfo e tufado das fórmas. E' uma luta desesperada, que só bem na sabe quem já se encontrou com palhêta e pinceis em frente á natureza !

.....

As suas paisagens, animadas ou vãsias, mostram-nos mais alguma cousa do que a reprodução aproximada da Natureza em dados momentos e diversos pontos, exprimem uma emoção, traduzida de um modo que é particularmente do seu autor, commovem-nos tambem, obrigam-nos a participar dos seus encantos, do seu aspecto claro e todo dourado de sol, da sensação fresca de suas manhãs, da soalheira de seus areas, da aggressividade de seus rochedos, da tristeza de seus pôres-de-sol. A sua arte arrasta-nos ao seu scenario, prende-nos no seu ambiente, leva-nos a participar da emoção de seus typos, seja nas horas dolorosas daquella scena de quarto onde uma creança morre, seja sob o céu vespertino desse *Fim de Jornada*, que é, contrariando frageis opiniões oppostas, uma obra vigorosa e emotiva».

Nogueira da Silva considera-o «mestre da paisagem de nossa terra, para quem nem o verde, nem o sol, nem a quietude das aguas, têm mais segredos».

Baptista era realmente assim.

Do bucolismo de *Fim de jornada* (1904), á florescencia violetal das *Sapucaieiras engalanadas* (1922) e ao *Dia nublado* (1925), Baptista da Costa foi um interprete sem igual da natureza amoravel do Brasil, seus quadros valendo como documentos preciosos da nossa terra.

«Baptista da Costa é o primeiro paisagista nacional — disse Gonçalo Alves. Primeiro na ordem chronologica, porque antes d'elle, nenhum grande artista brasileiro sentiu e amou com tanta emoção a natureza; primeiro, porque ninguem o excede na flagrante verdade com que interpreta as suavissimas gamas do verde tropical».

«Depois de Parreiras, o mais famoso paisagista da geração que lhe succedeu é Baptista da Costa. Sem os arroubos daquelle, sem as suas audacias de colorido, revelou-se, todavia, pela sensibilidade e leveza do toque, excellente cultor do genero. E' o pintor delicadissimo dos arrabaldes cariocas e dos jardins de Petropolis. Baptista da Costa é sempre feliz nos effeitos e nas combinações de luz e sombra. Servindo-se de uma pincelada breve, calma, segura de si mesmo, consegue transmitir com doçura e poesia as suavidades da penumbra debaixo do arvoredado copado, a frescura dos verdes da relva macia, que se estende á margem dos regatos e veste os nossos parques tropicaes». (Ronald de Carvalho. *As artes plasticas no Brasil*. 1921).

A terra carioca nunca viveu tão fresca, pura e natural numa palheta como na de Baptista da Costa. Tem-se a impressão que a natureza legitima é a d'elle, reproduzida todos os dias na outra, calida de sól ou fria de brumas.

Flexa Ribeiro affirmou :

«A obra de Baptista da Costa é uma determinante nacional.

Antes d'elle, os paisagistas brasileiros, sem excluir Agostinho da Motta, pintavam a natureza brasileira pelas formulas europeas. Architectura da paisagem era nossa, os grupos de arvores, os tufos de verduras, a planimetria, os relevos do sol — tudo isso existia no Brasil; mas as tonalidades, as transições inigmaticas da clari-

dade, os «valores», enfim, não resultavam da visão ferida pela realidade logareira: não havia o flagrante idyllico do artista em face do trecho a ser pintado.

Foi elle quem primeiro sentiu essa differença; e com seu cavallete, sua umbella, de perto decidiu-se a collocar em face da natureza, retratando, como num improviso, a terra no seu ambiente animado e vivido».

Vindo do nada, lutando contra a adversidade desde cedo, desbravando o caminho com os proprios braços, procurando ser alguém e servir a sua arte, tornando-se victorioso, João Baptista da Costa deu-nos ademais, a interpretação impar da nossa paisagem lyrica (1).»

Conseguiu fazer escola, deixando uma pleiade de artistas que seguindo-lhe os conselhos, orientando-se no mesmo rumo, concorrem para a pujança da pintura brasileira. Consideram-no o nosso maior paisagista.

Na sua vasta e esplendida obra se destacam *Fim de jornada* (1904) *Tranquillidade* (1912), *Manhã* (Alto da Serra, Petropolis (1915), *Sapucaieiras engalanadas* (1922), *Nevoas da Manhã* (1923), *A caminho do curral, Recanto Saudoso* (Petropolis) e *Petropolis* (1925). Fez quadros de genero como *Pouca pressa* l... (1909) e retratos como o de Oswaldo Cruz.

II

A mesma differença de temperamento verificada entre Victor Meirelles e Pedro Americo, pode-se notar entre Baptista da Costa e Antonio Parreiras. Baptista tinha a mesma modestia, a mesma calma, o mesmo retrahimento do mestre da *Primeira missa*; Parreiras a mesma audacia, a mesma fogosidade, a mesma franqueza sem medida do immortal fixador da *Batalha de Avahy*.

De enorme influencia sobre os seus contemporaneos, a arte de ambos toma rumos desiguaes.

Nascido em S. Domingos de Nictheroy aos 21 de janeiro de 1864, á rua da Pampulha, actualmente Visconde de Nictheroy, desde menino que só queria os livros em que havia figuras. Aos doze annos viu um pintor fazer um panorama e a maneira como o artista pintava a cidade carioca «desde a serra da Estrella até o morro do Pico», despertou nelle uma impressão que perdurou. Depois frequentou o Lyceu Popular e o Externato Briggs, no Rio, de onde sahiu para o commercio. Entrou para a Imperial Academia de Bellas Artes em 1882, aprendendo, então, com George Grimm em cuja companhia viveu tambem em Nictheroy, ao deixar a Academia.

Parreiras foi discipulo extremado de Grimm, tanto é certo haver no character de ambos evidente semelhança. Com elle sentiu bem a luz, apprehendeu o fremito mysterioso da paisagem.

Grimm fazia os discipulos «subir a mais escabrosa rocha, viver em plena floresta, contornar, mesmo com risco de vida, a mais ingreme montanha, atravessar brejaes, trabalhar em pantanos onde a agua negra e parada enpestava o ambiente. E elle a esses perigos e trabalhos tambem se sujeitava por sua vez, pintando á sombra do seu chapéu de campo, que rutilava ao sól, abrindo no verde da folhagem uma nota branca e vibrante.

Outras vezes, nos pincaros dos rochedos armava a seu cavallete e, horas e horas lá se quedava sem sentir os raios causticantes do sol, sem ouvir o ruído do mar que, embaixo, na grande praia, batia compassadamente, nem o estridular constante das cigarras nas moitas abrazadas da restinga».

Grimm retirou-se do Brasil, Parreiras continuou sua trajectoria, ascendendo.

Com os companheiros, e a seguir, sózinho, começou de trabalhar, de mostrar as suas paisagens; fez a primeira exposição, que o Imperador inaugurou (6 de junho de 1886), teve o quadro *Tarde* adquirido pela Academia, expoz, conseguindo embarcar para a Europa em 1888. Visitou varios paizes, installando «atelier» em Veneza, cuja Academia frequentou e onde continuou a «copiar a natureza, porque então dominava a escola realista». Trabalhou. Pintou. Aprendeu a ver e interpretar. Quando regressou da Europa em 1890, proseguiu na labuta, expondo, sendo nomeado professor de paisagem da Academia, que logo abandonou, solidario com velhos mestres que eram postos á margem. E investiu contra o campo, pintando, trazendo as *Sertanejas*, nosso maior quadro de paisagem, «a mais bella, a mais forte, a mais verdadeiras das paisagens brasileiras que se tem pintado». Ninguem vacillaria ver em Antonio Parreiras, o fixador da natureza brasileira, no que ella tem de mais titanico.

Mas o temperamento do artista não queria ficar somente na paisagem. Queria mais largos campos de exteriorisação emocional. Mais horizontes ao seu genio creador. E fez a historia, o nú, o genero. Expoz varias vezes em Paris, espalhou obras pelas galerias e museus do mundo. Quasi todos os Estados possuem quadros do seu pincel. Parreiras tornou-se um grande mestre e o mais fecundo pintor brasileiro.

Sua pintura não envelhece, porque se renova na actividade sem pausa. Sob a sua pincelada audaciosa vibra á luz nativa que soube apprehender; no espatulado vigoroso e no desenho que procura ser sempre correcto e solido; pintando a natureza ou fazendo a historia, fixando o nú ou a marinha, Antonio Parreiras é uma figura excepcional na pintura do Brasil. Se plas-mou homens e factos nacionaes como *Conquista do Amazonas* (Palacio Governamental do Pará (1906),

Fundação do Rio de Janeiro (Prefeitura Municipal), *Acto Adicional, José Peregrino — Revolução Republicana de 1817* (Palacio governamental da Parahyba), *Jornada dos Martyres, Felipe dos Santos* (Palacio governamental de Minas); se eternisou paisagens como *Calme du soir* (Salon de Paris, 1909), *Floresta Virgem, Terra Natal* (tryptico) e *Sertancjas, glorificou a nudez feminina em Phrynéa* (Salon de 1910), *Dolorida* (Salon, 1910), *Nonchalance* (Salon, 1909), *Flór Brasileira* (Salon, 1913), *Flor do Mal* (Salon, 1922) e animou quadros de genero como *Matinal, Esperando o zagal, Fim de Romance e Carnaval na Roça*.

Decorou a *Caixa de Conversão*, o *Palacio do Governo*, em Porto Alegre; o *Palacio da Liberdade*, em Bello Horizonte; o *Instituto Nacional de Musica e o Palacio do Cattete*. Sua producção chega e quasi dois mil quadros.

Nas artes plasticas do Brasil não ha quem tenha realizado mais, com enthusiasmo nunca arrefecido nem com tanto esplendor. Parreiras foi sem igual. Tudo fez com sabedoria e exaltação.

Em 23 de janeiro de 1926, assistiu a inauguração do seu busto em bronze na Praia de Icarahy, homenagem do povo fluminense e em dezembro de 1933, festejou o seu jubileu artistico. Em setembro de 1936 realizou a sua LIX exposição, no salão da Sociedade Riograndense, apresentando quadros de historia como *Evangelho das Selvas, Os Inuasores, Beckmann* e outros e paisagens.

Expondo varias vezes no *Salon de Paris*, glorificado pelos criticos como Henry Revers e Clement Morrot, na *Revue de Beaux-Arts* e *Revue Moderne*, Parreiras recebeu no nosso *Salão* varias recompensas, como medalha de ouro de 2.ª classe em 1889, grande medalha de ouro em 1918 e Medalha de Honra em 1923.

«Nenhum pintor realisou tanto como elle, nem mesmo Pedro Americo de quem se aproximava pela

intelligencia e pelo temperamento, e que polarisou toda a sua immortalidade na *Batalha de Awaity*. Fez mais do que todos. Começou abrindo aos outros artistas o roteiro dos Estados. Ensinou-os a mostrar a arte e percorreu o Brasil, fazendo exposições, o que os demais então seguiram. Rebelde a escolas e modismos, ninguem foi mais independente nas opiniões e mais pessoal na arte. Como negassem que elle seria capaz de fazer a figura, escreveu com o pincel nova historia do Brasil e raro Estado ficou sem um quadro eternizando uma pagina do seu heroismo e da sua gloria. O que ninguem fizera, elle fez. Seu ultimo trabalho foi ainda historia: *Mem de Sá chega á Bahia de Guanabara*. Quando disseram que elle não ia além da paisagem e da figura, fez, magnificamente, o nú, triumphando no paiz e na Europa, com *Flor brasileira*, *Phrynéa*, *Nonchalance*, *Dolorida*. Deu-nos ainda o quadro de costumes e a marinha.

Mestre em todos os generos, Parreiras deu o exemplo de uma operosidade unica, compondo mais de mil telas que espalhou por museus de toda a parte. Seu pincel não teve crepusculo. Foi sempre agil e moço. Fez tudo. Atravessou os annos sem parar: renovando-se, actualizando-se. Dos ultimos quadros que coloriu, *Manhã de Junho* (salão de 1937) é de uma delicadeza poetica, na luz mansa e tenue de inverno, que leva ao extase.

Erguendo na fachada do seu atelier a legenda *Trabalhar é viver*, como a do barão de Ramiz Galvão era *O trabalho é o pão da vida*, o grande mestre da pintura brasileira foi o nosso mais operoso pintor. Só a morte lhe paralisou, quasi subitamente, o pincel miraculoso. Falleceu a 17 de outubro de 1937.

Ao desapparecer Parreiras, Gastão Penalva dissera que perdia o Brasil o seu pintor mais brasileiro. O *Globo* dizia: «Ainda agora, no salão deste anno, entre artistas de todas as gerações e tendencias, a obra de

Antonio Parreiras, e especialmente o seu quadro figurando uma queimada, avultava como um valor permanente da arte brasileira, recordando-nos como a nossa paisagem, vista e sentida de tantos artistas, não teve ainda um que, como Parreiras, tão amorosa e delicadamente a comprehendesse em todos os seus aspectos, desde os da expansão gigantesca da Amazonia até o das ondulações e planicies do Sul».

Falando, em sessão da Academia Brasileira, sobre elle se externava João Luso :

«Antonio Parreiras está na pintura brasileira como figura de primeira grandeza e fica nas suas paisagens tropicaes, como um pintor extraordinario, inconfundivel, á parte. Eis a sua singularidade e o seu apogeu. Parreiras sentiu e comprehendeu as florestas da sua terra, como alguém mais se possa conhecer a si proprio. Tudo nelle exigia aquelles ambientes e aquelles scenarios. Para lá ia como para a verdadeira patria da sua arte e, uma vez lá chegado, estava em sua casa. Envolve-o então o jubilo dum lar bem-amado e que em tudo lhe correspondia. Rodeado das grandes arvores, das lianas profusissimas, do reçumo das seivas exuberantes, do cheiro vivo e excitante das resinas, das settas de sol furando por entre as ramarias e das sombras espessas de folhagem, onde se diria que horborinham, sussurram vidas sugestivas de deuses ou de demonios. Parreiras respirava a plenos pulmões e com a alma inteira. A floresta e elle se entendiam como dois irmãos. Aquella opulencia, aquella demasia generosa, aquella perdularia força creadora, ao mesmo tempo que se transmittiam ao artista — delle refluiam, emanando da riqueza effervescente do seu sangue, da vibratilidade immensa dos seus nervos, da essencia luxuriante e convulsa da sua individualidade. Por isso, ás vezes, nos quadros de Parreiras, como no seio da floresta, ha coisas de mais. Ninguem, porem, de tal expressão deprehenda defeito

ou impropriedade. Tal natureza, tal homem. Antonio Parreiras foi o verdadeiro pintor diante do seu verdadeiro assumpto. E nunca serão descabidos os louvores que se renderem a quem assim soube amar a sua terra e servir a sua arte».

Parreiras foi, de feito uma figura excepcional e que exerceu profunda influencia nos seus contemporaneos. Sua gloria funde-se em todos os generos que praticou, sobresahindo-se sobretudo na paisagem, a que imprimiu a característica brasileira mais accentuada.

(1) ALBERTO RANGEL, o prosador singular do *Sombra nua*, em carta de 5 de dezembro de 1926, assim se refere á obra do paisagista citado insubstituível.

Carlos Rubens

Recbi a sua planquette sobre o nosso Baptista da Costa, — o interprete da prodigiosa natureza brasileira, a cujos recantos elle foi buscar o que só os grandes e delicados corações lhe podem vêr, o abandono e melancholia de certos de seus aspectos de festa e de explosão.

Muito obrigado pela lembrança do meu nome no exergo e na immerecida dedicatoria.

Mas, voltando ao Baptista da Costa, com que sympathia V. desdobrou o homem e catou-lhe a obra excelente e diversa! A Antiguidade nos falla de um rio que alvejava tudo quanto era pello de boi. A critica de arte entre nós inclina-se a dar genio a todo o mundo. E nisso bem se semelha á literaria. Não me apparece assim a que applica ao correr de sua penna, a qual sabe tão bem distinguir o merito de um Baptista da Costa, transparente e sensível ás vibrações de uma Cór que elle não confundiu nem com a luz de Capri, nem com os mortifícios clarões da Ilha de França.

Falleceu hoje Claudio Monet no seu refugio de Giverny, já octagenario e que tinha alguns pontos de

contacto com o nosso pintor, indiferença ás glorificações de ocasião e esse fanatismo pela vegetação adormida na nevoa e nos reflexos, poemas d'aguas paralyzadas e de extase de arvores poeticas. O que fez com olmos e nympheaceas o francez, procurou tambem fazel-o por si o patricio com espinheiros e sapucaias.

Vi que era opinião do Baptista da Costa acabar com o Premio de Viagem. Ia ás do cabo o mestre da «Quaresmeira em flor»! Não, o ar da Europa abre certos horisontes necessarios ao artista americano, disposto á chateza de certas copias, quando não em reacção a regras da tradição e da harmonia. Sómente é preciso que se trate de um Artista e não confundir com os verdadeiros Dotados a turba de lagartixas, sempre promptas a deixarem a casca brasileira para adoptarem, com os processos de estranhas technicas, as formas de pensamento e sentimento encontrados no carnaval dos impssoaes e trocistas dos ateliers de Montmartre. Que se pese o valor para que elle nos volte mais valorisado. O Premio de Viagem tem sido por assim dizer um premio de sorte grande, repartido em gasparinhos á gente á gente que d'elle não pode aproveitar. Como em tantas outras cousas malbaratamos as boas idéas e os sacrificios de nossa bolsa!

Ainda uma vez agradecido á sua sympathia, com abraço e felicitações sinceras do seu confrade e admirador

ALBERTO RANGEL

**Pedro Bruno, Mario Navarro da Costa,
Levino Fanzeres, Carlos Chambelland,
Bordon, Guttman Bicho, Carlos Oswald,
Leopoldo Gotuzzo, Paula Fonseca, Mar-
ques Junior e Bas Domeneck.**

Pedro Bruno é o pintor ilhéu. Nasceu na ilha, que de tão bonita, voluptuosa no abraço verde do mar, a chamam »Perola da Cuanabara». Immortalisada num romance de Macedo, Paquetá tem inspirado a pintores e poetas.

Nella nasceu a 14 de outubro de 1888, Pedro Bruno; della cuida como o seu amante mais carinhoso, zelando pela vida dos seus passaros, pela belleza das suas flores, pela vitalidade das suas arvores e pela poesia das suas praias. E sendo pintor fixa a existencia dos seus pescadores, os seus recantos mais aprazíveis, como a Covanca, a Pedra da Moreninha, a Praia dos Frades e dos Estaleiros, o surgir das manhãs, o morrer das tardes, o que nella existe de pittoresco e de sensacional.

Pedro Bruno veiu de Paquetá, aprendeu, estudou e hoje reparte a sua gloria com a ilha que o viu nascer e cuja cantiga de mar ainda o embaça e lhe floresce os sonhos.

Primeiramente cantor, depois pintor, tendo se iniciado com Schettino, pintor italiano e com Baptista da Costa, concorreu sempre ás exposições geraes, em 1919

conquistando com o quadro «Patria» o premio de viagem á Europa, para onde partiu em 1920. Frequentou a British Academy of Arts, da qual foi professor de modelo-vivo. Paisagista e figurista, Pedro Bruno tem uma obra vasta, feita com brilho e sinceridade. Já realisou exposições aqui, em S. Paulo, em Pernambuco e no Rio Grande do Sul.

O artista festejado de «Maternidade» conquistou os seguintes premios: medalha de bronze, 1912, pequena medalha de prata, 1913, grande medalha de prata, 1916; Premio de Viagem, 1919; pequena medalha de ouro, 1922; grande medalha de ouro, 1925; Premio da Cidade do Rio de Janeiro, 1929; e Premio de Costumes, no Salão da Feira de Amostras de 1935, com o quadro «Procissão de S. Pedro». Em 1932 obteve com outros artistas brasileiros, um dos grandes premios da Exposição de Rosario de Santa Fé, na Argentina.

Da obra de Pedro Bruno se destacam SÃO ROQUE (altar-mor da capella do thaumaturgo em Paquetá), SCENA DE PRAIA (1935), POESIA DAS PRAIAS e MANHÃ DE SOL.

Apparecendo no SALÃO em 1907, Mario Navarro da Costa merecia do autor dos CONTEMPORANEOS: «Ha revelações como a desse Mario Costa, que nos apresenta uma grande marinha, NAVIO EM DESCARGA, pintado com largueza e um sentimento realmente impressionante, affirmando o bello artista que dahi virá».

Tratando da sua segunda exposição, escrevia Nogueira da Silva:

«Hoje Navarro da Costa se apresenta mais forte, mais completo, mais natural. Conhece melhor o desenho, desenvolveu a sua esphera de visão e tornou-se mais humano, vivendo melhor, mais veristamente a natureza, que elle, como poeta que é, apenas via então envolta no manto da phantasia» E dizia que o artista

podia ser considerado «o maior marinhista brasileiro do tempo presente».

Ronald de Carvalho não o considerava menor e dizia que era «o paisagista de técnica mais firme de seu tempo».

E apreciando o SALÃO de 1920 : DE MINHA JANELLA (90), BARCOS DO RIO LEÇA (91), LUZ TROPICAL (92), servem para attestar que, na technica da paisagem, na riqueza das empastações, no vigor do colorido, uma nova escola de pintura se esboça no Brasil. Ninguém até hoje, que eu saiba, revelou em nosso paiz, comprehensão mais nitida, intelligencia mais lucida dos modernos processos impressionistas da arte contemporanea».

Navarro da Costa, tendo a opportunidade, como *funcionario consular, de viajar sempre, de ver novos ambientes*, muito aprendeu vendo e pintando. Tornou-se, incontestavelmente, um artista de valor, um marinhista excepcional. Conquistou no SALÃO, em 1907, menção honrosa de 1.º gráo ; em 1912, a medalha de prata e em 1920, a medalha de ouro. Foi laureado tambem no estrangeiro. Trabalhador infatigavel, deixou uma obra brilhante, tendo sido fundador da Associação dos Artistas Brasileiros.

Nascido nesta cidade a 25 de setembro de 1883, falleceu em Genova em 7 de fevereiro de 1931, os seus restos mortaes tendo chegado ao Rio um mez depois, a 15 de março.

Levino Fanzeres nasceu a 8 de junho de 1884, em Cachoeiro do Itapemirim, Espirito Santo. Trazido pelo pae, Salvador Fanzeres, para o Rio, cedo se matriculou no Lyceu de Artes e Officios, onde recebeu como professores Arthur Machado e Evencio Nunes. Passou-se em 1910 para a Escola Nacional de Bellas Artes, sendo discipulo de Zeferino e Baptista da Costa.

Concorrendo ao SALÃO, em 1911 conquistou menção honrosa de 2.º gráo e no anno seguinte o premio de viagem á Europa.

Em Paris, onde mais se demorou, aperfeiçoando-se, foi alumno de F. Cormon, G. Debne e H. Chartier. Quando regressou, em 1916, fez uma exposição que alcançou exito enorme accrescido por uma serie de palestras sobre os proprios quadros, feita por Gilka Machado, Laura da Fonseca e Silva, Rodolpho Machado, Nogueira da Silva, José Galhanone, Attilio Vivaqua, Alberto Cardoso, Mario Hora e Carlos Rubens.

Paisagista e figurista, Levino Fanzeres tanto apresentava a paisagem, que procurava fazer como o seu mestre Baptista da Costa, de quem guarda maior influencia, apprehendendo-lhe toda a poesia, como fixava a historia e o genero, fazendo a PARTIDA DE ARARAQUARA e PADEIRO NA ROÇA. Nogueira da Silva dizia em 1912: «Levino Fanzeres, que se mostra um perfeito conhecedor de nossa paisagem, é igualmente forte na marinha»

Após a exposição de 1916, veio a de janeiro de 1920, no PETIT TRIANON e na qual o artista do HORA DA SAUDADE, tão impreganada de melancolia, expôz MANHÃ DE SOL, um lindo trecho praieiro ensolarado; Velha CERCA, formoso na interpretação da cerca desmantelada que o mattagal foi vencendo e derrubando; NO ESTALEIRO, dois homens que á beira d'agua calafetam um barco e PRAIA ERMA.

Levino Fanzeres, trabalhador destemido, não parou nunca. Produziu sempre. Expôz sempre aqui, no norte como no sul. Espalha pelo Brasil, que tanto tem pintado, as suas paisagens, as suas marinhas, os seus interiores.

E' de notar no pantheista de ROUTE DE SENONCHES e SOLITUDE, o carinho com que interpreta o torrão capichaba que o viu nascer e delle se deve orgulhar, fixando-o nos recantos mais deliciosos, nos seus lugares

mais pictorescos ou mais tradicionaes, como em VALLE DO CHANAAN, CONVENTO DA PENHA, DIA CHUVOSO (Cachoeiro do Itapemirim), TARDE FRIA (Santa Thereza), TRECHO DA BARRA (Victoria), RANCHO DO CORREGO (Espirito Santo) e tantos outros que a terra natal lhe tem inspirado.

No SALÃO de 1921 conquistou a grande medalha de prata.

Dos pintores que formam hoje o meio artistico brasileiro, licito será destacar-se Carlos Chambelland. Nasceu no Rio de Janeiro, a 18 de março de 1884 e matriculou-se na Escola em 1901, sendo discipulo de Zeferino e Amoêdo. Dois annos depois de alumno concorria ao SALÃO, obtendo menção honrosa de 2.º gráo, em 1905 menção de 1.º gráo e já em 1907 o premio de viagem á Europa.

Embora dizendo tratar de um quadro de estréa, em 1905, quando o jovem apparecera dois annos antes, Gonzaga Duque teve palavras de elogio para o retrato de Chambelland, achando-o «uma feliz estréa, um promettimento confiavel», estimulando assim o ainda alumno da Escola.

Em 1906, deante dos OLHOS CURIOSOS, o mesmo critico alludia ao «rapaz de grande talento, um bello artista que vem chegando», e um anno depois referindo-se ao FINAL DE JOGO e ao retrato de José Marianno Filho, aventurava que «ali ha trabalhos de mestre que estão muito abaixo da execução deste retrato».

Nesse anno, Chambelland conquistou o premio de viagem, embarcando para Paris, onde foi discipulo de Puvís de Chavannes. Lá estudou, aperfeiçou a arte e voltou para realizar uma obra serena e de equilibrio que é uma das mais solidas e mais bellas, fortalecida por uma intelligencia robusta.

Obteve grande medalha de prata em 1913 e pequena medalha de ouro em 1922. Trabalhador, tem reali-

zando varias exposições aqui e nos Estados. A sua pintura impressiona pela força e pela realidade. «Na obra de Carlos Chambelland — disse um commentador — sente-se consciencia e estudo, bem como gosto e felicidade na escolha dos themas e habilidade technica.

O seu desenho é seguro e tem a expressão apropriada sem ser formalmente preciso ; a sua cor é brilhante, fresca, limpa e tem harmonia de effeito ; a sua pincelada segura e directa sem ser grosseira nem fraca.

Visitando Pernambuco, entregou-se ao estudo dos costumes e do caboclo do norte, fixando aspectos e typos regionaes como nenhum pintor ainda havia feito. Uma critica pernambucana desse tempo citava o SERTANEJO, «o nosso sertanejo surprehendido em flagrante, detalhado, descoberto até a côr, com o seu ar intelligente, meio desdenhoso, meio desconfiado, o cinturão de sola, o chapéu de couro mesmo, o sertanejo, emfim tal quel é elle no meio de sua gente, pisando a sua terra ; CABOCLA, «a linda cabocla da matta, de olhos mais pretos que a noite» ; VOLTA DA FEIRA, VOLTA DO EITO e CASINHA NA LADEIRA ».

Expostos os quadros na Galeria Jorge, causaram admiração, revelando um motivo brasileiro que ainda não seduziu os pinceis brasileiros. Mario Rodrigues depois de encomiar os quadros do artista concluiu.

«Não falte o animo a Carlos Chambelland que, sem as trombetas mercenarias da fama, está praticando magnificamente a pintura nacional. Elle objectiva o sonho de Roll nessa missão, ligando a belleza á verdade. E deste triumpho poucos se podem jactar entre nós».

Carlos Chambelland, retratista, pintor de genero, paisagista e decorador, honra, portanto, a pintura brasileira de agora.

Bordon (João Baptista) foi um artista tão brilhante quanto infortunado. Não conheceu os dias felizes nem o exito.

Nascido no Estado do Rio de Janeiro em 1882, entrou para a Escola Nacional de Bellas Artes como alunino livre, aprendendo com Zeferino e Baptista da Costa. Desde que estreou no SALÃO revelou as melhores esperanças de vir a ser um grande paisagista, pelo sentimento da côr, pela technica e pela interpretação da natureza. Conquistou menções em 1910 e 1911, pequena medalha de prata em 1912 e em 1915 o premio de viagem á Europa. Realisou duas exposições muito admiradas.

Em certo tempo, o distincto paisagista que sempre fôra alheio á figura, que a não sentia, como confessou, perdera o enthusiasmo, deixara morrer todo o ideal artistico. A sua segunda exposição não distanciou-se nada da primeira. Como o Jury achava que o premio só podia ser dado a uma composição, collegas fizeram-no concorrente, afim de vel-o retomar a carreira auspiciosamente iniciada.

Seus envios ao SALÃO foram BARREIRA e POESIA DA TARDE. Mostramos antes da decisão do Jury, que Bordon não merecia o premio : (1).

*As ingratidões desse mesmo Salão, as estreitezas do meio ou motivos intimos muito graves, levaram esse artista de talento superior a deixar-se arrastar pela vida, desinteressando-se de si mesmo e da sua arte, não pintando mais ou fazendo-o raramente com frieza e obscuridade. Os seus trabalhos por isso, são desvaliosos. Em *Barreira* sente-se o paisagista brilhante que elle fôra ; em *Poesia da Tarde*, forçado pela exigencia do Regulamento do Salão que só acceta composição, Bourdon fez cousa indigna da sua capacidade.

Fez uma paisagem sem belleza e sentou num tronco, encostada a uma arvore, uma rapariguinha, observando o espectador. E' ridiculo. Vê-se meio corpo da

(1) *Impressões de Arte*. 1921.

figura, que a metade escondeu-a o artista, não se sabe onde; o rosto é sem côr, sem vida, sem expressão humana.

Cousa horrivel! E é pena. Bourdon não é mais o artista de hontem: assiste agora o frio crepusculo da sua arte».

Bourdon teve o premio e partiu para a Europa. Quando voltasse haveria de mostrar se a laurea obtida teria ou não sido uma ressurreição. Bourdon, porem, não voltou mais. Quasi ao terminar a estadia, falleceu em Madrid, em 1917.

Paisagista que tanto promettia, chamaram-no «o poeta do verde». A critica recebeu-o com enthusiasmo.

Nogueira da Silva destacava da sua ultima exposição MANGUEIRA, «mancha feita com grande sentimento e muito espirito»; PONTE ANTIGA, «em que se sente o doce e scismador poeta que ha em Bourdon»; DIA TRISTE», toda a poesia melancolica de uma tarde chuvosa»; EFEITO DE LUZ e outros.

A pintura perdeu com elle um artista que não chegou a realizar a obra de que era capaz.

Nenhum pintor se terá reflectido tanto na propria realisação, como Guttman Bicho. Ou uma obra não terá reflectido tanto um autor como a delie. A mesma sinceridade, a mesma espontaneidade, a mesma exuberancia.

Alumno da Escola Nacional de Bellas Artes e de Belmiro de Almeida, teve a primeira recompensa no SALÃO de 1906 (menção honrosa de 2.º gráo), pequena medalha de prata em 1912, em 1921 conquistando o premio de viagem á Europa, tendo com elle concorrido André Vento e Almeida Junior (Luiz Fernandes de).

Enaltecendo-lhe a victoria, criticos houve que salientaram a caracteristica da sua arte original e sem *pastiche*, o seu valor quer como retratista, dos melhores que possuímos, quer como paisagista sem convencion-

lismos, mas veridico e emotivo. Se da sua bagagem de retratista se pode citar um Nestor Victor, um João Ribeiro ou *PARISIENSE*, da sua vasta producção de paisagista destacam-se numerosas telas nas quaes a nossa natureza freme numa symphonia irradiante de côres. Fazendo o nú não é menor o artista brasileiro.

Se ao partir para a Europa se dizia que elle era desprovido de qualquer *parti-pris* de escola, quando regressou e expôz, o enquadram no impressionismo, adeantando-se tambem que «o seu colorido apresenta uma encantadora riqueza de tonalidades, de que tira, fundindo-as na amalgama curiosa do pontilhismo, effeitos de magnifica intensidade chromatica. (1).

Expondo no SALÃO no mesmo anno em que chegou, Guttman Bicho obteve pequena medalha de ouro e proseguiu a sua marcha, produzindo esplendidamente o retrato, o nú e a paisagem. E dos valores mais expressivos da nossa pintura e cuja nomeada conseguiu á custa de muita tenacidade, muita independencia e muito talento.

Galdino Guttman Bicho nasceu em Petropolis, em 23 de novembro de 1886.

Componente de uma geração de bons artistas é Carlos Oswald. Não collocou-se aquem dos companheiros, antes tornou-se dos maiores delles. Sua arte é deslumbradora e, por vezes, de um profundo sentido mystico. Desenhador primoroso, colorista soberbo, surgiu como um triumphador, após um longo apprendizado na Europa.

Nascido em 18 de julho de 1882, filho do grande pianista Henrique Oswald, foi levado para o Velho Mundo, estudando em Florença, no atelier de Eduardo Gelli, passando-se para a Escola de Bellas Artes, onde foi alumno de Victorio Corcas, Francesco Cioli e Domenico Trentacorte. Não lhe foram bastantes estes mestres. Na Allemanha estudou com Hildebrand

e com Erler, decorador, aprendendo tambem a gravura e a água-forte, de que se faria depois mestre. Regressando ao Brasil, no SALÃO de 1904 conquistou menção honrosa de 2.º gráo, medalha de prata em 1906 e pequena medalha de ouro em 1913.

Na critica dialogada do SALÃO de 1906, Gonzaga Duque commentava com o seu «jovial Polycarpo»:

«Bem. E o que dizer deste violinista?

— Acho-o soberbo, é uma das melhores obras deste SALÃO. O sr. Carlos Oswald trouxe para a pintura o talento com que o seu illustre pae cultivava a musica. Esta cabeça está viva, não se pode negar; ha alma nesses olhos, essas mãos têm sangue, e musculos e nervos. Admiravel figura! De resto, toda a obra desse moço, ainda mesmo que pouco nos agrade, como a MAGDALENA, possui a marca de um artista, sente-se-lhe o calor da febre da composição».

Sobre o SALÃO de 1914, escrevia Nogueira da Silva:

«Carlos Oswald dá tambem excellente conta do seu formoso talento. Os seus retratos LA DAME EN NOIR, HENRIQUE OSWALD, AZEREDO COUTINHO, vêm confirmar os conceitos do notavel critico que na Italia marcou justamente, na pintura do retrato, um lugar de bello destaque para o jovem pintor».

E no SALÃO de 1918:

«Carlos Oswald vem a seguir com A ULTIMA CEIA, com FAUST e com o retrato de HENRIQUE OSWALD. Cada um desses *morceaux*, que denuncia não somente um pintor e um artista, mas um espirito verdadeiramente grande, merece um estudo e uma analyse, que nenhuma dellas caberia aqui. Parabens á pintura patricia».

Expondo em 1920 na Galeria Jorge, salientavamos SOMBRINHAS, evidenciando as qualidades do magico dos effeitos de luz, TOILETTE, THE MA'YS STUDIO, AS SANGUINEAS fixando RETRATO DE MENINO, SONHO e EN REVE. E diziamos:

«A exposição de Carlos Oswald é assim. Revela uma feição plástica e um temperamento. É buscando impressionar com efeitos luminosos, pintando a óleo ou fazendo água-forte, de que é um dos maiores artistas do Brasil; fixando motivos domésticos, religiosos ou fazendo *sanguineas* — o que Oswald positiva é uma invejável tenacidade e um pujante talento, a serviço das artes plásticas da nossa terra, tão viúvas de inteligências fortes como a do creador do *As forças da Pátria*».

Em 1938 realizou uma grande exposição na galeria Heubergen e, entre outras obras, executou dois painéis decorativos para o «Pantheon dos Imperadores», em Petropolis. «O 1.º representa a coroação do imperador D. Pedro II, em 18 de julho de 1841. O episodio escolhido é o ultimo da cerimonia, isto é, a proclamação do imperador que se realizou na varanda especialmente construida pelo architecto Araujo Porto Alegre, colhido este momento por ser a synthese solemniissima da longa cerimonia, durante a qual, seria difficil escolher outro aspecto mais caracteristico e, tambem, por se prestar melhor para a composição artistica que é em sentido vertical. Além do imperador e princezas imperiaes (no balcão) apparecem os seguintes personagens: D. Romualdo Ant. de Seixas, arcebispo da Bahia: o bispo de Chrysopolis, assistentes e acolytos. Paulo Barbosa da Silva (mestre de ceremonias). Conde de Lage (alferes-mór). Marquez de Paranaguá (condestavel). Paulino José Soares de Souza (mão da Justiça). Visconde de S. Leopoldo (sceptro) Marquez de Sapucahy (constituição do Imperio). João de Deus Menna Barreto (espada do Ypiranga). Miguel Calmon (corôa). Aureliano de Souza e D. Coutinho (globo imperial). José Maria Velho da Silva (capitão da guarda). Marquez de Itanhaem (camareiro-mór).

Era a coroação o symbolo do poder imperial, de modo que, tendo mesmo D. Pedro II exercido anteriormente a sua autoridade, elle só poderia ser considerado officialmente imperador depois de coroado. Como se vê, o assumpto do quadro symbolisa perfeitamente o principio legal do seu governo que tantos beneficios trouxe á nacionalidade. Beneficios que são representados no quadro pela figura do Brasil encimando a composição, envolta na bandeira do imperio e segurando o facho do progresso.

O 2.º representa a partida de D. Pedro II e sua familia para o exilio, em 17 de novembro de 1889, ás 2 horas da madrugada. Se o assumpto do 1.º painel é o unico que pôde representar condignamente o começo official do governo, este 2.º painel é tambem o unico que representa o fim, tambem official, do mesmo poder. Descendo a escadaria do paço, Pedro II dá o braço á imperatriz e tira o chapéo aos soldados da Republica que apresentam armas. Elle é seguido pelo sr. conde d'Eu e princeza Isabel, pelo principe D. Pedro Augusto, almirante Tamandaré, conde de Aljesur, conde Motta Maia e filho, pelo barão de Jaceguay, Mallet e outros familiares. Este episodio, historicamente certo, symbolisa perfeitamente todos os acontecimentos politicos daquelles dias. O quadro faz resaltar a nobre sahida do imperador que não fugiu, mas retirou-se do paiz respeitando a vontade do seu povo. A continencia do Exercito republicano indica o respeito official, e em cima no alto do painel figura a Patria agradecida pelos seus beneficios. O 1.º quadro é vivo de côr, o 2.º envolto nas penumbras da noite dá a impressão d' «tristeza e saudade».

Carlos Oswald figurando sempre no *Salão*, obteve menção honrosa de 1.º gráo em 1909, medalha de bronze em 1912 e grande medalha de prata em 1916, em gravura.

É um trabalhador e um dos melhores artistas contemporâneos, reputado no pincel e na água-forte.

Leopoldo Gotuzzo é uma das expressões mais robustas da pintura de hoje. Aprende a ver com equilíbrio, constroa a arte com probidade e sinceridade, *dando-lhe o máximo de beleza e de emoção*. Não dá pouso ao pincel, sentindo sempre o motivo e interpretando-o com segurança. Dando-lhe intensa vibração e realidade. Retratista, pintor de nú ou paisagista, sua límpida palheta se enfezona de cores alacres e realiza obra duradoira.

Nascido em Pelotas, Rio Grande do Sul, a 8 de abril de 1887, o seu primeiro professor de desenho e pintura foi um velho consul italiano, cav. Ferderico Trebbi; depois, durante 4 annos, estudou em Roma com Joseph Noel, artista francez ali domiciliado. Culto, laborioso, sem «coterie» nem ambições, Leopoldo Gotuzzo é um artista completo.

Menção honrosa de 1.º gráo no SALÃO de 1915, no anno seguinte medalha de bronze, medalha de prata em 1919 e medalha de ouro em 1922, o pintor de QUIMPARLE já realizou 22 exposições, sendo 5 em Pelotas, 4 em Porto Alegre 7 no Rio, uma em São Paulo, uma na cidade do Rio Grande, duas no Porto, uma em Lisboa e uma em Paris.

Acha a critica que «a característica da arte de Leopoldo Gotuzzo é a sua sinceridade: antes de tudo pinta com consciencia».

Carlos Americo dos Santos salientou que «o desenvolvimento gradual da arte de Leopoldo Gotuzzo é uma das cousas mais interessantes que nos tem sido dado testemunhar neste ultimos tempos» — e citava SEVILHANA, PENSATIVO, INTERIOR DA PORTA DO CASTELLO. NO SALÃO de 1915 destacavamos A MOÇA VESTIDA DE PRETO, em 1916 elogiavamos MADRILENA e escreviamos: «O trabalho que mais impressiona é Nú

DE MULHER. E' encantador como modelado e como technica».

Leopoldo Gotuzzo consegue ser, pela robustez da sua arte, um dos mais bellos pintores nacionaes.

João Baptista de Paula Fonseca, nasceu a 30 de Janeiro de 1889. Discipulo do inegualavel Baptista da Costa, revelou desde o começo da aprendizagem na Escola, uma viva inclinação para a paisagem. Procurando a natureza, ancioso por interpretal-a, o pantheista de VELHA MANGUEIRA vem sendo um esforço victorioso, conquistando no SALÃO além da menção honrosa tres medalhas e dois premios de viagem, um á Europa (1923) e outro pelo Brasil (1933). Sobre o seu envio ao SALÃO de 1915, escrevemos: «Paula Fonseca, um novo que ha de honrar o professorado de Baptista da Costa, expõe, com a timidez natural de quem começa, TRECHO DA GAVEA, TRECHO DE PETROPOLIS e QUARTENEO INGLEUS (Petropolis)». Em 1916 reaparecia com CHOÇA DE CAMPINEIRO e MANGUEIRA EM FLOR. Não deixou mais de expor e de evidenciar progresso. Procurando attingir a realidade. Viver a paisagem. Por isso mesmo disse Angyone Costa que elle talvez seja «o mais sincero discipulo que João Baptista deixou». Delle escreviamos por occasião do SALÃO de 1923: «O sr. Paula Fonseca (João Baptista de) vae se distinguindo como paisagista, tornando-se senhor dos motivos, sentindo melhor a Natureza, com melhor conhecimento da perspectiva aerea, mais naturalidade e graça. E' o que revela RECANTO DE FAZENDA, bem sentido, de agradavel corte e boa luz, traduzindo a grande poesia e solidão campestre». Com unia obra vasta e caracteristica, Paula Fonseca é um dos nossos melhores pintores.

Marques Junior (Augusto José de) é um dos nossos artistas mais reputados. Soube construir a sua obra, que esplende de mocidade e ressuma alegria. Sua palhe-

ta, de irradiante limpidez, seu desenho primoroso e sua sensibilidade, fundem uma arte encantadora e segura.

Alumno da Escola de Bellas Artes de 1905 a 1912, fez um curso brilhantissimo, coroado com o premio de viagem em 1916, após concurso. Em 1917 partiu para a Europa, onde se demorou percorrendo varios paizes e estudando, até 1922. Figurista, paisagista e decorador, tem executado paineis em residencias particulares, na sala do restaurante da Camara dos Deputados e apresentado nús dos mais solidos e bellos da pintura brasileira. Faz o retrato como um mestre no genero e já realisou uma exposição de *sanguineas*.

O pintor fulgurante da VENTAROLA VERDE é dos pintores mais distinctos que possuímos.

Discipulo de Visconti, Baptista da Costa e Zeferino da Costa, teve no SALÃO menção honrosa (1913), medalha de bronze (1915), pequena medalha de prata (1921) e pequena medalha de ouro (1926). Fundou a Juventas, presidiu a Sociedade Brasileira de Bellas Artes, é livre docente da Escola e foi membro do jury do SALÃO e do Conselho Nacional de Bellas Artes.

Nasceu nesta capital em 27 de maio de 1887.

Confirmando a affirmação de Ingres de que LE DESIN EST LA PROBITÉ DE L'ART, nenhuma arte mais proba do que a de GASPAR Coelho de MAGALHÃES.

Se a sua nem sempre é de esplendoroso colorido, o seu desenho foi sempre preciso e solido. Trabalhador obstinado, sem a ancia perturbadora dos premios, procurou exclusivamente servir á sua sensibilidade artistica.

Discipulo de Zeferino da Costa, E. Visconti e H. Bernardelli na Escola Nacional de Bellas Artes, Gaspar quando appareceu no SALÃO revelou logo que o seu pincel era capaz de obras invulgares. Em 1907 obteve a menção honrosa de 2.º gráo, em 1908 a de 1.º, em 1911 a medalha de prata, isso enfrentando impertinente má vontade do Jury.

Apezar disso, Gaspar Magalhães deu continuamente provas de operosidade e de prog esso. Cada anno um trabalho novo, um novo genero. E evidenciando sempre a preocupação do desenho. Fazendo o animal, houve até quem o considerasse o nosso animalista, como lhe reconheceram a fibra de marinista. Gaspar faz tambem o retrato e a paisagem. Brillantemente.

Augusto Bracet tornou-se dos mais equilibrados pintores brasileiros. Fez um curso exemplar na Escola Nacional de Bellas Artes, sendo discipulo de Amoêdo e Baptista da Costa, e na Europa de Louis Bilout. Teve o premio de viagem por cinco annos em 1911. Professor da Escola e particular, concorre sempre ao SALÃO, apresentando obras de serena execução e amplo sentido universal. DIREITO DE ASYLO, LYNDOLA, BEATITUDE, ENTR : SEDAS E VELLUDOS, LA BIBLE e varios retratos, evidenciam as qualidades do digno pintor.

Manoel Bas Domeneck, alumno da Escola Nacional de Bellas Artes, onde se formou em architectura, foi um esforço honesto e persistente em pról da arte. Fundador da Juventas e da Sociedade, da qual foi presidente, Domeneck procurou realizar a basto com probidade e talento, fazendo a paisagem, a marinha e a figura. Embora nem sempre comprehendido na sua maneira, conseguiu no SALÃO uma menção honrosa e duas medalhas. Em 1934, apresentou BARCOS NO CAES PHAROUX e NAVIO EM PERIGO. Foi a ultima vez que figurou na exposição geral, morrendo a 8 de março de 1935.

Almeida Junior, Oswaldo Teixeira, Garcia Bento, Vicente Leite e Puga Garcia.

Almeida Junior (Luiz Fernandes de) nasceu nesta cidade a 20 de dezembro de 1894. Iniciou os estudos na Casa da Moeda, como aprendiz de gravura, sendo aluno de Hilarião Teixeira. Em 1915 prestou concurso para alumno livre de pintura da Escola Nacional de Bellas Artes; classificado em 1.º lugar, começou de frequentar as aulas de Baptista da Costa, frequentando-as até 1922, quando tirou no *Salão* o premio de viagem á Europa, com o quadro *Iracena*. Antes havia obtido em 1917 menção honrosa de 1.º gráo com um retrato do pintor Niaux, em 1918 a pequena medalha de prata com o quadro *Menina e Moça* e em 1921 o Premio «Galeria Jorge», com o quadro *Retrato de Jovita*. De volta da Europa obteve em 1929 o Premio «Procopio Ferreira» (2:000\$000), com o quadro *Gulosos* e em 1937, no *Salão Carioca* de Bellas Artes, na Feira de Amostras, um premio de 3:000\$000, com o quadro *Passarinhando*, na secção «Typos e costumes cariocas».

Em chronica sobre a Exposição Geral de 1926, escreviamos na *Folha*: «Almeida Junior expõe um *Pensador*, entre uma *Estudiosa* e um *Nú romano*. Ha ainda uma *Radiosa* flor de formas rythmicas. E tanto na gracil menina que lê, como no *Pensador* e nos demais, observa-se o mesmo equilibrio de technica e a

mesma força de sentimento. Nem precisa acrescentar : o mesmo artista».

Almeida Junior, que se dedica ao magisterio particular, tem feito varias decorações em residencias particulares, paineis religiosos, destacando-se dentre suas melhores telas : *Iracema e Lagoa Rodrigo de Freitas* (Pinacotheca Nacional) ; *Amendoim torrado* (Directoria de Turismo), *Gulosos*, *Balão apanhado*, *Menina e Moça*, *Ciochiara*, *Nú e Retrato de Jovita*.

Tem sido varias vezes membro do Jury do Salão official.

Oswaldo Teixeira nasceu nesta capital a 11 de Agosto de 1905.

Cedo sentiu os impulsos da inclinação artistica. Appareceu no Salão apenas com 13 annos, em 1918, expondo uma cabeça de estudo. No anno seguinte mandava um retrato. Começando a estudar desenho no Lyceu de Artes e Officios, em 1920 passou-se para a Escola Nacional de Bellas Artes, tendo por professores Baptista da Costa e Rodolpho Chambelland. No mesmo anno obtinha no Salão a medalha de bronze, em 1921 a pequena medalha de prata, em 1922 a grande medalha de prata, em 1924 o premio de viagem á Europa e em 1927 a grande medalha de ouro.

Rodolpho Machado, o seu primeiro critico, já em 1924, antes do Salão, chamava-o «grande artista com 16 annos de idade». Vira o quadro que lhe daria dias depois o premio de viagem, numa galeria da rua São José, ficara olhando-o uma hora inteira, «em meticolosa analyse, deante dum trabalho que prima pela precisão do desenho, segurança technica, colorido, vitalidade, finalmente, a distincção do character que só se reconhece no pincel de um velho mestre. Consta a obra de uma pintura a oleo, apresentando uma mulher velha, de frente, tendo a cobrir-lhe a cabeça e o corpo um

pesado chale negro, enquanto a mão direita pousa, em con tricção, no peito, acima de um crucifixo».

Alludia depois a pobreza do joven artista, que residia na rua do Castello. E commentava : «bastante é dizer que o «chassis» em que se encontra a tela é um «arranjo» rudo, sem chaves, tendo o pintor, por falta de recursos (parece incrível!), usado de pregos velhos de uma pollegada, virados a martello para prender a lona. A pintura magnifica que então se vê está feita sobre outra qualquer antiga, conforme accusam as extremidades da tela».

O começo da vida artistica de Oswaldo Teixeira foi deveras sensacional. A critica eventual derramou-se em elogios exaggerados, contra o que escrevemos, tanto é certo que o encomio demasiado aos jovens que se iniciam são nocivos, porque ao em vez de orientarem e estimularem, envaidecem e desorientam.

Embarcando para a Europa, percorreu museus, viu mestres e escolas, trabalhou, regressando ao Brasil. Operoso, fecundo, desenhador admiravel, palheta que possui o segredo das côres, Oswaldo Teixeira não se escravizou a nenhum genero, nem se moldou a nenhuma corrente. No seu ecletismo, affirma-se um pintor de facil apprehensão, deante delle abrindo-se todos os ramos de arte, que executa fulgurantemente.

Creado em 1936, o Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico do Brasil, em consequencia transformou-se a Pinacotheca em Museu Nacional de Bellas Artes, a sua direcção cabendo ao pintor do «Mercador syrio».

Oswaldo Teixeira tem quadros em varias galerias, realizou exposições aqui, em São Paulo e no Pará e já foi professor contratado da Escola de Bellas Artes.

Sua obra é immensa e forte.

Em 1916, Levino Fanzeres fundou um curso de pintura ao ar livre. Não foi como Grimm, por capoeiras

e serrados, matta a dentro; não grimpu morros e alcantis. Apenas escolheu a Quinta da Boa Vista.

As aulas foram iniciadas com os alumnos Antonio Garcia Bento, Jurema Albernaz, Codro Palissy, Antonio Cotias, Miguel d'Ambra e Alfredo Rodrigues.

No anno seguinte, terminado o curso, surgiam no Salão Garcia Bento, Palissy e d'Ambra. Expozeram ainda em 1918 e 1919.

De todos, o que melhor capacidade revelava era Garcia Bento, apesar de ser o mais novo, quasi creança. E não demorou muito que demonstrasse ser um pintor de marinhas promettedor. Pintando ou espatulando sempre com certeza e vigor, interpretava com espantosa realidade, cada dia mais se aprimorando na transparencia da agua, no desenho de barcos e de figuras, delle se esperando o continuador da gloria de Castagneto. Em 1918 teve no Salão menção honrosa de primeiro grão, em 1919 medalha de bronze, em 1922 pequena medalha da prata e em 1925 premio de viagem á Europa.

Quando regressou do Velho Mundo fez uma exposição que revelou evidentes progressos. No Salão de 1928 apparecia com PORTO DE GRÃO (Valencia), TARDE DE VERÃO, BARCOS DO RIO DOURO (Porto) e FLAMBOYANTS.

Flexa Ribeiro escrevia, então: «E' marinlista que se define; e, com o tom pessoal apresentado, não é difficil concluir, tratando com largueza a materia, de sua evidencia ainda maior na pintura brasileira».

A morte não quiz que o Brasil tivesse mais um grande marinlista e o arrebatou em plena mocidade e em plena ascensão, a 26 de julho de 1929.

A TERRA DA LUZ, que esconde uma das maiores revelações de pintor que é Raymundo Cela, premio de viagem em 1917 e que chamara a attenção da critica parisiense com uma paisagem de Dampierre, mandou-

nos Vicente Leite. Estudando na Escola, onde teve por professores Lucilo de Albuquerque, Rodolpho Chambelland e J. Baptista da Costa, surgiu depois no Salão como robusta esperança de paisagista sensível ao nosso ambiente. Em 1926, quando tirou a medalha de bronze, escrevemos: «Vicente Leite é um estudioso a quem a natureza fascina e que anseia no seu contacto permanente, aprehender-lhe a mascara e a alma. São oito os seus trabalhos. Mostram que o pintor busca sentir e interpretar a natureza com realidade e emoção. E se DE MINHA VARANDA agrada, POESIA DA MANHÃ é suggestivo aos alhores do amanhecer suave».

Não despresou nunca o estudo nem fugiu do campo, antes buscando-o sempre, sentindo-o e vivendo-o na tela com absoluto verismo. Fez-se assim um pintor nosso, um interprete de sua terra ardente e de verdes mares sobre os quaes singram jangadas aventureiras, das suas praias alvissimas, do seu céu limpidamente azul. O Salão deu-lhe medalha de prata e premio de viagem ao pais, que elle aproveitou, na exposição geral de 1937 apresentando duas espendidas paisagens do Paraná e uma de São Paulo.

Nascido a seis de agosto de 1900, vindo para o Rio onde estudou e se fez, Vicente Leite tornou-se um paisagista que dignifica a terra cearense e honra a pintura brasileira.

Caspar Puga Garcia era uma fina organização de artista. Não lhe faltavam estudo e sentimento. Seria um pintor delicado, cuja obra resumaria sempre ternura e poesia. No Salão de 1907 mereceu medalha de prata e em 1911 o premio de viagem á Europa. Não conseguiu aproveitá-lo, porem. Uma campanha vil em torno do seu trabalho, abateu-lhe o animo e fel-o suicidar-se.

Contemporaneamente, a pintura e a esculptura não atravessam phase de evidente eclosão. Mas da amalgama de tendencias, de escolas e características individuais em que palpita, affluem, para orgulho da civilização brasileira, nomes de intenso fulgor e projecção. Na paisagem, no retrato, na decoração, na illustração e na esculptura.

Uma critica imparcial e sem preconceitos joeirará valores expressivos, dentro de qualquer orientação, tanto no Rio, que é o maior centro cultural, como em Estados á feição de São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Minas, cujos meios artisticos se vão desenvolvendo e creando vida propria. E destacará certamente Tulio Mugnaini, mestre do nú; Annibal Mattos, pintor, critico e entusiastico animador do movimento artistico de Minas Geraes; Miguel Capplonch, symbolista que o Estado do Rio attraheu; J. del Vecchio, sincero e probo; Eurico Alves, autor de *Rachel*; Alfredo Galvão, que se destaca pelo talento, pelo entusiasmo e pela arte jubilosa e pujante; Trajano Vaz, nome consagrado; Clodomiro Amazonas, paisagista feliz; Cadmo Fausto, duas vezes premio de viagem; Alexandre d'Almeida Anastacio e Gerson A. Coutinho, paisagista apreciavel; Euclides Fonseca, fazendo o quadro de costumes, a paisagem e a ceramica, tudo com firmeza e com alma; Eusforgio Wanderley, autor da *Missão de Bernardo Vieira de Mello e Bandeira de Pernambuco*, fazendo tambem a paisagem; Joaquim da Rocha Ferreira, bôa fibra de artista; Edgard Parreiras, paisagista dos mais fortes e mais nossos; João e Alipio Dutra, Alvim Menge, grande emotivo e cuja obra se aproxima cada vez mais da natureza; Marques Campão, Francisco Manna, paisagista e pintor urbano; Hugo Adani, Hernani de Irajá, voluptuario pictural do nú; Archimedes Dutra, Martinho de Haro, sempre novo e incommum; Dakir Parreiras, realizando

com exito a paisagem, a historia, o *genero* e a decoraçãõ ; João Felipe de Azevedo, Murillo de Souza, Heraclito Ribeiro dos Santos, J. Wast Rodrigues, dos mais consagrados illustradores nacionaes, Reis Junior, Genesco Murta, Luiz Kattenback, pintor de Christos e de thaumaturgos ; Oswaldo Teixeira da Rocha, palleto vivacissima e exacta ; Benjamim Portella, pintor de paisagem e costumes ; João Fharion, Gastão Formenti, paisagista de colorido harmonioso ; Giuseppe Gargaglione, italiano, obstinado no estudo e aquarellista seguro ; Alvaro Teixeira, F. Acquarone, repartindo a capacidade entre a pintura e a illustraçãõ ; Cesar Formenti, italiano, pintor e aquarellista de escõl ; José Cordeiro, trabalhador, modesto e digno de estimulo ; J. Santos, especializando-se em interiores de igreja, fazendo do mesmo passo com brilho, o retrato e a paisagem ; H. de Pinho, B. Pinto, marinlista ; Eugenio Sigaud, inspirado e differente ; Quirino Campofiorito, de palleto lucida, creador e director da Escola de Bellas Artes de Ataraquara, que vem fazendo artistas de valor ; Raul Pedrosa, temperamento singular, artista original, animador e commentador scintillante ; Alvaro Almeida, aquarellista que se tornará mestre da especialidade ; Ernesto Quissak, Moysés Nogueira da Silva, paisagista delicado ; Salvador Sabaté, João Azevedo, realizando trabalhos que lhe accenam com o premio de viagem ; os jovens triumphadores, artistas independentes que formavam o Nucleo Bernardelli, como Edson Motta, Mario e Armando Pacheco, Ernesto Huergo, João Rescala, Braulio Poyava, Jeronymo Ribeiro, Marino Machado, Antonio Buono Junior, Bustamante de Sá, Edgard Gigante, Pedro Ziege, A. Costa, Ado Malagoli, Luigi Guammarano, Ramon Hespanha e José Paccetti ; desenhistas — illustradores e decoradores dos melhores como Kalixto, J. Carlos, Belmonte (S. Paulo), Monteiro Filho, Cornelio Penna,

Henrique Salvio, Luiz de Gonzaga, Santa Rosa, Paulo Werneck, Alberto Lima e Gilberto Trompowski. E outros artistas mais novos, já figurando no *Salão*, de evidentes qualidades na feição pinturesca seguida, como Abelardo Caiuby, Constol Junior, Maliverne Filho, Francisco P. de Mattos, Assumpção Junior, Aluizio Bittencourt, Ary Duarte, Braz Torres, Francinet Alves, Fernando Martins, Magno de Andrade, Jayme Ramos, Corrêa Filho, Torres de Oliveira, Jardim de Araujo, Graça Teixeira, Ribeiro de Souza, M. C. Monteiro Filho, Juarez Fagundes, Matio Moura, Moacyr Alves, M. PintoLoureiro, Pedro Borges, Ruy Campello, Americo Rodrigues, Takaoka, nascido no Japão e feito pintor no Rio; Icaro Constantino, Oscar Borges, Anibal Carneiro, Joaquim Cruz, Paula Fonseca Junior, Antonio Cunha, Fernando Fann e tantissimos outros.

Arte moderna

O movimento modernista no Brasil processou-se súbita e desordenadamente. Revolucionando, arremetendo contra o passado, destruindo para construir, perturbou, desorientou e, como era de esperar, passou como todas as inovações, deixando apenas resquícios que perduram...

Graça Aranha, investindo contra a Academia, tentava uma phase de renovação intellectual que foi mal compreendida e pessimamente continuada.

O que se fazia era sómente macaqueação. Mimetismo. Porque antes do maravilhoso romancista de *Chanaan*, ninguém se apercebera do «espírito moderno», da necessidade de «libertação da arte dos perigos que a ameaçam do importuno arcadismo e do provincialismo».

No verso era preciso não ser «real», harmonioso, igual, não ter forma, não pontuar, não rimar; antes ser contradictorio, infantil, vago, aereo, confuso, incompreheensivel. Uma linha de pontinhos extremada por duas letras era uma emoção; uma equação algebrica queria dizer «suicidio», segundo Aragon; uma laranja côr de sangue, cortada ao meio, representava a «angustia». Chamava-se a isso «joven e ousada poesia», «arte moderna», «magnifica fatalidade», «magia interior».

Na prosa revolucionou-se a syntaxe, eliminou-se a pontuação e consagrou-se no romance a licenciosidade

como expressão de modernismo. Na musica, segundo Marinetti, já hoje academico, era indispensavel musicar e organizar o ruido, inventando-se «artefactos ruidosos, os ullulantes, os rugidores, os gutturaes, os coaxantes, os raspadores, os crepitantes, os estridentes, os ringidores, os sibilantes, os baixos, médios, agudos e superagudos».

O movimento espontou, recrudescceu, seduziu cabotinos e inhabeis e passou. Arrastado pela agitação e melhor intencionados, alguns espiritos de valor adheriram á esturdia rebelde.

Imitaram os modelos alienigenas, procurando seguir o mestre de «Esthetica da Vida». Falsearam tudo e não destruíram nada. Depois retornaram ás fontes puras da verdadeira arte. Outros, poetas e prosadores de legitimo talento, conseguiram perdurar, sem as demasias iniciaes e sem anthropophagias inocuas, realizando obra effectivamente actual, differente, sacudida de novos frénitos.

Jorge de Lima, legitimamente o maior poeta e prosador moderno, fixou o baralhamento que Graça Aranha provocára em 1922 com a Semana de Arte Moderna, em São Paulo e mostrou os «gennens de destruição com que veiu ao mundo o Modernismo e do qual foi victima depois :

«Queriam fazer poesia com revolução, destruir todo o regimen precedente para se construir tudo de novo, em sentido contrario. Ninguem se lembrava que revolução pode produzir dictadores, politicos, oradores, agitadores, economistas, menos grandes poetas, grande poesia que precisa de ordem e de paz e do amor para frondejar. Foi por isso que movimento algum deu jamais no Brasil tantos poetas (surgiram até aos mangotes, tres, quatro, cinco, pelas cidadesinhas do interior, subcrevendo cadernos desexxabidos de poemas) como o

Modernismo. Foi um movimento prenhe de poetas, mas poetas exíguos e numerosos tal qual a prole dos pequenos animaes.

.....

Perdeu o credito a ponto dos sobreviventes do movimento se afundarem no mais torvo ridiculo. A procura do novo e do original desviou esses faiscadores das jazidas da poesia : traziam as mãos cheias de pedras ordinarias e verdadeiramente lapidaram a poesia» (1).

Nas artes plasticas repetiu-se o spectaculo. A mesma anarchia esthetica, a mesma desorientação, os mesmos insultos ao classisismo, ao «passadismo»; e como os «poetas exíguos», os pintores e esculptores desvairados, falando de «remodelação esthetica», arreganhando os dentes de cera contra «as regras nefandas do bom gosto e do infecundo bom senso». Dentre esses, poucos com segura orientação moderna, tendendo criteriosamente para a construcção de uma arte fugindo das normas classicas mais rígidas, integrando-se no tempo, arejando-se, surgiam, abandonando a orientação anterior. E citavam turbulentamente Van Dongen, Picasso, Bolynson, Varoquier, Nilich, Von Esalek, Van Gogh, Henri Matisse... Contrapondo á PRIMEIRA MISSA, de Meirelles; á BATALHA DE AVAHY, de Pedro Americo; ao DESCANÇO DO MODELO, de Almeida Junior; á PARTIDA DE JACOB, de Amoêdo, atiravam *Les Isbas*, de Chagall; AU PESAGE, de Bouissingall, PASTORAL de

(1) Edson Lima. *Historica e critica da poesia brasileira*, 1937.

(2) Não será demais salientar que varios modernistas tão rudes para os que a não eram, reconheceram depois como o modernismo nem seria uma expressar triumphal permanente de arte nem elles seguiram o rumo certo. Assim é que o arrojado espirito de Augusto Frederico Schmidt, dizia á *Gazeta*, de S. Paulo, em 17 de Maio de 1939: « — Minha formação litteraria foi feita de maneira anarchica e desordenada, como illas a de todo intelectual brasileiro. Entrava nas livrarias e procurava sempre a que tinha as datas mais recentes. A semelhança dos esculptores de minha geração, atacados de modernismo, achava que não se devia ler classicos e que nenhuma contribuição poderiam eles trazer para a arte do

Otton Friez, «um des plus loquaces raisonneurs de la jeune peinture; os nús «que atteint ao paroxisme de la couleur», de tremegne.

E repetia-se nelle, a mesma incoherencia, a mesma despersonalização artistica, a mesma confusão, alguns nem mesmo sabendo explicar a arte que tinham aprendido apenas atravez de gravuras. Avançavam ou recuavam demais no tempo. Os mestres de todas as épocas não valiam nada. «Consideravam-nos miseraveis copistas da realidade, escravos de estreitos canones e queriam romper todo e qualquer elo com esse passado hediondo. Só toleravam os primitivos e apenas se deixavam cominover pelas creações alejadas e sublimes dos selvagens».

Uns abominavam o que haviam aprendido, apre-
deando mestres e escola, outros ingressavam no grupo não tendo aprendido cousa nenhuma. Exactamente como nas letras.

futuro, moldada por uma sensibilidade tota'mente nova e uma visão completamente diversa do mundo.

Que grande engano! A verdade está com elles. Elles é que tiveram o segredo da forma, souberam pensar bem e dizer bem o que pensaram. Devemos consideral-os os mestres eternos e haurir nas suas obras os fundamentos definitivos do nosso esolito. Confesso-me verdadeiramente encantado com o mundo novo que vou descobrindo nos classicos. Ainda agora estou lendo Virgilio e Horacio. Que maravilha! Mais do que ninguém elles souberam «fazer» e «fazer» é tudo em littertura». E Annibal Muhlado, inaugurando no mesmo mes uma exposição de arte franceza moderna na Associação dos Artistas Brasileiros, confessava:

«Diante desses trabalhos, fóra da época, e das paixões em que foram produzidos, sente-se que muita coisa passou e teve apenas um valor de combate, de exper'encia, não falar lo na ganancia mercantil empenhada em criar mythos plasticos por espirito de lucro.

Mas o que ficou, basta. E já estamos bem recuados, da luta para poder verificar que o que ficou está valendo por si mesmo, como criação artistica, como harmonia e como avanço na comprehensão sensível das-formas e das cores.

Nós aqui, no Brasil, se não assistimos de perto ás vicissitudes da luta das escolas, pelo menos procuramos nos informar de tudo. Não por dilectantismo, senão porque reconhecemos que alguma coisa de humano se resalva e revela dentro mesmo das questões plasticas.

Certamente, a emoção que nos produzem os quadros offerencidos agora a nossa contemplação, não é a mesma de quando annos atraz, elles surgiram como uma mensagem, uma conquista no dominio da arte. Estamos admirando calmamente os tropheus de uma batalha, apreciando alguma coisa do que sobreviveu do temporal».

Para onde iam? O que queriam? Que inédita forma de expressão pictural buscavam? Não sabiam. Cada cabeça, cada sentença; cada «arte», uma tendencia original.

A «arte libertada» era uma cháos. Os quadros faziam rir ou entristeciam. »Alguns podem ser virados de qual'quer geito porque se não sabe de que modo está certo. Pintam uma paisagem ao crepusculo com pautas de musica, gargalos de garrafa, um braço de violão, pés de mezas, a metade de um banco, e tudo isto numa mistura inextrincavel, os objectos se intercessionando uns outros, sem acabamento, sem desenho e sem ogica, absurdamente, dando a impressão de um palmipesto de hospicio».

Ainda como na literatura, seria necessario joeirar os valores. Separar o verdadeiro artista moderno do «pasticheur» e do paranoico.

Luis Martins, com o seu sadio espirito novo, traçou o panorama da pintura moderna do Brasil dentro da qual se notabilisaram artistas como Candido Portinari, Vicente do Rego Monteiro, Tarcila do Amaral, Sylvia Meyer, Alberto Guignard, Santa Rosa, Di Cavalcanti e tantos outros.

Destacando Tarcila do Amaral, mostra como o seu inicio foi com o cubismo que «não pretendia reconstruir a natureza, mas procurava, sim, construir os equivalentes plasticos dos objectos nacionaes», dentro do proprio postulado: «A obra de arte é o temperamento que se faz atravez da lei da natureza». Mas o cubismo passou. Para Tarcila «foi apenas uma procura. (3) Depois ella achou o sentimento da «realidade brasileira». Portado-

(3) TARSILA AMARAL, que antes da «procura» de que nos fala Luis Martins fora discipula de Pedro Alexandrino, tem exposto em Paris (1926 e 1928), Rio (1929 e 1933), S. Paulo (1919) e Moscou (1931); concorreu ao Salon des Artistes Français (1922) e dos Vrais Independentes (1928 e 1931). Ha quadros seus no Museu de Arte Moderna, de Moscou; no Museu de Grenoble (França) e na Pinacotheca de S. Paulo.

ra de um grande talento e de uma grande sensibilidade, no seu modernismo Tarcila volta, segundo Luis Martins, «a um lyrismo inicial, claro e ingenuo», no qual «a cor é a mesma alegria de sempre applicada num sentido mais objectivo da vida».

Candido Portinari, que o autor de «A pintura moderna no Brasil» diz que vivia tão afastado da «realidade brasileira» (a obra de certos modernistas não evidencia nenhuma integração na realidade brasileira, nem elles mesmo comprehendem o que seja realidade brasileira, na arte), tirou o premio de viagem da Escola, é dos mais festejados nomes do modernismo «o de maior popularidade», «toda a sua obra é apenas de pintor e, dispondo de elementos tão limitados, ella conseguiu elevar o pintor á cathegoria de grande creador sem necessitar sahir da propria pintura».

De Portinari, premiado no Brasil e na amostra moderna do Instituto Carnegie dos Estados Unidos (1937), traçou Manuel Bandeira, o vigoroso chronista das *Provincias do Brasil*, o seguinte retrato :

«Filho de um casal florentino que se fixou em Brodowsky e nunca mais tornou á patria, Candido Portinari não tem uma só gotta de sangue brasileiro. Todavia Brodowsky — máo grado o nome slavo, que era de um engenheiro de origem poloneza, rompedor de estradas no noroeste paulista — naturalisou de tal sorte o pequeno florentino, que, com lhe respeitar a finura dos traços physionomicos, o fez quasi caipira.

Sempre tive para mim que o matuto, no seu jeito e no seu espirito, pode dar nas artes as obras mais caracteristicas do Brasil. O mineiro sonso será o nosso grande humorista na massa anonyma da população de Minas Geraes, tenho certeza, existe em potencial a força de um Swift.

Creio poder discernir em Portinari esse espirito do interior brasileiro — tímido, acanhado, mas observador,

e com todo o seu medo de ser debicado, debicador de primeira. Brodowsky é paulista, mas já fica perto de Minas. Nos mappas é de São Paulo, mas em Portinari já é Minas.

Foi, me parece, esse espirito de Brodowsky que situou Portinari na posição singular que elle occupa hoje na pintura brasileira. O brilho dos modernos, que a aggressividade paulista, a boca molle do norte e a mordacidade divertida do carioca exaggeraram, com prejuizo das qualidades de fundo, viu-se de repente em Portinari corrigido por esse instincto de cautela, tão forte em nossos caipiras.

No pintor de hoje está o menino de Brodowsky, que passava os dias armando arapucas nos capões e destroncou a coxa jogando fott-ball no largo da Matriz — o amigo de Palanim, figura notavel de Brodowsky e o grande mestre de Portinari, influencia subterranea, porém mais decisiva que as de Chagall, Modigliani, De Chirico «oder wie sie alle heissen».

Como o menino de Brodowsky tinha o olho exacto e a mão precisa, o amor do trabalho e a paixão exclusiva da pintura — eis que o movimento moderno produziu nelle o pintor mais completo do Brasil de hoje, o mais bem equipado e com apoio mais solido na tradição e na technica. A estada na Europa fez-lhe um bem enorme. A volta ao Brasil tambem. Os conselhos de Fujita tambem: quando o japonéz andou por aqui, pareciam, elle e Portinari, dois cozinheiros da pintura a se communicarem receitas e processos. Estudo de cozinha optimo para o brasileiro, que metteu no papo, firme e de vez, aquelle senso da materia, hoje um dos attributos mais persuasivos das suas obras».

No movimento modernista brasileiro, salientam-se ainda pintores como Lasar Segall, «dont l'ouvre ré-

sume todas as tribulações de l'art contemporain» (4); Henrique Cavalleiro, Ugo Adami, Reis Junior, Orlando Teruz, Olga-Mary Pedrosa, Hilda Heisenlohr Campofiorito, Aldo Bonadei, Ismael Nery (fallecido), Quirino Campofiorito, agora professor da Escola de Bellas Artes, Carlos da Cunha, Waldemar da Costa, Noemia Mourão, Luiz Jardim, Alberto Guignard(5) Celso Kelly, presidente da Associação dos Artistas Brasileiros; J. Barbosa, Oswaldo Goeldi, Mario Pacheco, Anita Malfatti, «precursora do espirito moderno entre nós»; Diana Barbieri, Bella Betim Paes Leme, que em 1938 expoz no «Salon di Portrait contemporain»; Lucy Citti Ferreira, Carlos Leão, Luiz de Abreu, Odette de Freitas, Angelo Guido, Alfredo Volpi, Bernardino de Souza Ferreira: desenhistas-illustradores e decoradores como Santa Rosa, Di Cavalcanti, Henrique Salvio,

(4) LAZAR SEGALL nasceu em Viena, Russia, em 1890. Em 1906 viajou para a Alemanha, estudando alguns annos nas academias de Berlim e de Dresden. Começou a expôr em 1910 e a viajar. Em 1912 fez a sua primeira viagem ao Brasil e em 1929 nacionalisou-se brasileiro. Tem feito numerosas exposições e possui quadros nos museus de Berlim, Dresden, Leipzig, Essen, Berlim, Viena, Hagen e em galerias particulares. Definindo a personalidade artistica da pintura, escreveu WALDMAN GEORGE:

«Segall appartient à une génération qui se situe aux confins de deux mondes. Sa formation est celle d'un self-made man. Ce n'est pas que l'artiste même, naisse l'opport de ses prédécesseurs. Mais cet apport ne lui est d'aucun secours. Il ne peut tirer aucun profit de leurs enseignements et de leurs expériences. Il commence par renier le classicisme et le naturalisme. La tradition lui pèse. Cette règle de vie et jugule son imagination. Elle canalise ses rêves et elle les stérilise. Elle l'oblige à parler une langue nationale suivant un rythme qui lui est étranger. Segall transgresse ses cadres rigides. Il donne libre cours à ses "desseins coupables».

E mais:

Segall n'est ni un ignorant qui découvre par hasard le monde de la peinture, ni un civilisé qui, délibérément, rompt avec le passé! Il ne fait sonner ni à Gauguin, ni aux peintres d'extraction populaire. Seulement il vient de loin. Son processus d'adaptation est lent, difficile et complexe. En part, Segall ne s'adapte jamais. Il ne pliera jamais sous le joug d'une Ecole, d'une tendance collective. Ses rapports avec l'art de son temps représentent un échange».

(5) ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD nasceu em Friburgo, Estado do Rio, nos 25 de novembro de 1896, sendo filho do corrector Alberto Guignard, fallecido em 1904, em Petropolis. Começou os estudos de pintura na Baviera (Alemanha), sendo seu professor Herman Graber, membro da "Secession" de Munique e lente da Academia de Bellas Artes. Aprendeu tambem com o mestre Adolf Hengeler, admiravel illustrador. Em 1923 regressou ao Brasil, fazendo então, uma amostra de desenhos a pastel no Lyceu de Artes e Officinas.

Mendes, Augusto Rodrigues Jair, Sotêro Cosme, Alceu, Paulo Werneck, Cortez, Luiz Gonzaga, Cornelio Penna, Roberto Rodrigues (fallecido), Cícero Dias e Gilberto Trompowsky ; esculptores como Brecheret, Leão Veloso, Quirino Silva, Celso Antonio, Sylvio Pentecado, Pedro Corona, Eduardo Pirajá, João Ferri, Joaquim Filheras, Cassio de M'Boy, que na Exposição Internacional de Paris obteve medalha de ouro com a escultura em madeira *Fuga para o Egypto* (5) e muitissimos outros.

(6) Falando a respeito do seu nome numa bem cita chronica, Mario Domingues ouviu do jovem esculptor esta confissão :

« Sou brasileiro. Brasileiro de muitas gerações e com raças indigenas. Este nome M'Boy confunde muita gente. Quem m'o deu foi o povo. M'Boy é um logarejo de São Paulo, onde vivi muitas annos a vida simples dos caipiras paulistas. Na minha casa de caboclo o acoto me le'ou a esculpir, para peccados vizinhos, imagens de santos. E o povo, quando queria se referir a mim, dizia : — O CAS-SIO DE M'BOY. Passei então a me assignar Cassio M'Boy. Esse BOY não tem nada de inglez, como certamente está supposto ».

Pintura feminina

Na historia da pintura brasileira, a mulher verdadeiramente artista não apparece muito cedo, fixando emoções e cousas.

A arte tinha uma feição domestica, era resultado do aprimoramento da educação. A mulher não sahia do lar para as *amostras* publicas, aliás quasi inexistentes; — mesmo quando se revelava na arte do canto só se exhibindo em notaveis festas de caridade. Com a evolução dos costumes e o avanço da civilisação, foi *apparecendo timidamente, nas letras como nas artes.*

Se a intelligencia do homem buscou inspiração ou motivos na Biblia e floresceu no mysticismo das egrejas, só mais tarde se volvendo para a historia e a paisagem, a da mulher inclinou-se para a natureza morta, a imaginação ou a paisagem convencional, pintando insensivelmente flores e fructos em sedas e cartões, poentes phantasticos, recortados crescentes em céus tremendamente negros e lagos refrangidos pela brisa com cysnes brancos deslisando á flor das aguas.

Com essa arte primitiva foi surgindo, melhorando sob o ensinamento de mestres conscienciosos, estreando nas exposições geraes, já amadoras louvaveis. E de etapa á etapa, aprendendo melhor e tentando assumptos mais viris, acompanhando a evolução social, a mulher chegou, na pintura, a emparelhar com o homem, fazendo todos os generos e conquistando todas os laureis.

Em 1860 surgia entre os expositores da Imperial Academia, o nome de Joanna de Carvalho, premiada com a segunda medalha de ouro (no começo do seculo XVIII em Pernambuco já se falava na pintora Rita Joanna de Souza (1696-1718), tambem poetisas e philosopha); em 1875 obtinha menção honrosa Elvira Ayrosa e medalha de ouro, Francisca Braves; citavam-se depois Maria Agnello Fornero, alumna de Facchinetti, fazendo a paisagem com certa naturalidade e sentimento; Marianna de Vieira Oliveira Meirelles e Maria Teixeira de Faria.

Na exposição de 1879 destacavam-se Cornelia Ferreira França, Rachel Haddock Lobo, Guilhermina Pollstadians e Isabel Alberto; na de 1882 levada a effeito pelo Lyceu de Artes e Officios, destacavam-se os nomes de Antonia de Carvalho, Carolina Julia de Souza, Joanna de Carvalho, Maria Teixeira de Faria, Carolina de Carvalho e Zeferina Marcondes Carneiro Leão. No Salão de 84, Juieta Adciaide dos Santos figura com tres telas do flores e frutos.

Em 1888, Gonzaga Duque falava em Abgail de Andrade (nascida no Rio em 64), «que romperá os laços banaes dos preconceitos e fizera da pintura a sua profissão» e cujo trabalho *CESTO DE COMPRAS* era «uma promessa de summo valor pela precisão de detalhes, pela pureza de colorido, pela observação do desenho»; destacava ainda o critico o nome de outra amadora, Anna Navarro Muniz de Aragão, que se dedicava e pintura em porcelana. Já 1894, a artista Dianna Cid, no Salão, tirava a medalha de ouro de segunda classe; em 1902 expunham Dinorah e Marietta Meirelles, Helena Viveiros, Maria Barbosa de Oliveira e Silva, Alice Bebiano Sampaio e Clelia Nunes; em 1904 notavam-se Irene Ribeiro, Nina Santoro e Angelina de Figueiredo, surgindo depois Rachel Boher, discipula de Baptista, Luiza Belart e Irene de Andrade, discipulas de Amoé-

do ; em 1906 vinham os nomes de Anna e Maria Cunha Vasco, aquarellistas inteligentes e Sarah del Vecchio (fallecida em 1908), tambem alumna do paisagista do FIM DE JORNADA ; em 1907 surgiam Beatriz Carvalho e Maria Louise Bernardieres. Na exposiçao geral de 1910, figuravam Amelia Saldanha, Carlota Laboriau, Willy Dernemont, Gabriela Costa, Helena Meira, Raymunda Delphina da Gama e Costa e Regina Veiga ; no Rio Grande citavam-se Idalina de Carvalho, Patricia Vieira da Silva e Luizinha Ferraro ; em 1913, Angelina Agostini attingia á conquista do premio de viagem á Europa.

Com o desenvolvimento da sociedade, o espesinhamento dos preconceitos, a aprendizagem melhor e mais amplas aspiraçoes, a mulher evoluiu com a sua arte que passou a ser mais actual e mais humana. Sob a orientaçao de professores habéis, sahindo da copia e da pintura das salas de estudos para o ar livre, para a vida, ella tentou victoriosamente a paisagem, o nú, o retrato, o genero e a historia.

E surgiram os nomes mais promissores — nomes que desappareceram ou continuaram brilhando, coope-rando para a pujança da pintura nacional e orgulho da intelligencia da mulher.

No momento, os pinceis femininos nada ficam a dever aos do outro sexo. Igualam-se na actividade e na gloria. Ascendem a eguaes alturas. E' assim que do panorama da pintura feminina de hoje se destacam nomes de raro brilho. Um delles é Georgina Albuquerque, intelligencia cheia de claridade e uma sensibilidade subtil. Não fosse ella a nossa pintora impressionista, amando a luz quente, a natureza na violencia da sua exuberancia e na volupia do seu mysterio e rompendo as cadeias dos velhos canones classicos. E' uma pintora actual. Moderna.

Nascida em S. Paulo, aos 4 de fevereiro de 1885, matriculou-se na Escola em 1904, foi alumna de Bernardelli e partiu para a Europa, estudando na Ecole des Beaux-Arts de Paris. Menção honrosa de 1.º gráo do *Salão* (1907), pequena medalha de prata (1912), grande medalha de prata (1916), pequena medalha de ouro (1919) e livre-docente da Escola Nacional de Belas Artes, a reputada pintora da *Menina da sombrinha* fez uma carreira victoriosa, sendo uma das nossas artistas de mais renome.

Sósinha ou com Lucilio de Albuquerque, seu marido, tem realizado varias exposições e feito alumnas que se destacam no *Salão*.

Regina Veiga é outra expressão vigorosa da pintura brasileira. Estudou varios annos na Europa, sendo discipula de Gutin, em Paris e de Heiman, em Munich; viu museus, ouviu lições de mestres, estudou no atelier e nas ruas, nos boulevards, na natureza, apprehendendo o movimento das figuras, apurando-se no desenho e, quando regressou, em 1916, fez na *Galeria Jorge* uma exposição que atraiu todo o Rio e espantou o burguez pudibundo com a sua arte audaciosa de realismo e de tocante emotividade. Vendo os seus nús de impressionante belleza plastica e quadros como *Immigrantes*, não se podia perder a convicção de estar-se vendo uma artista completa, cujas qualidades confirmaria noutros trabalhos como *Danúe*, *Drodeuse* e naquella suggestiva *Chuva de ouro*, que lhe deu medalha de ouro no *Salão* de 1918. Tratando do *Salão* de 1907, quando a renomada pintora tirou a menção honrosa de 1.º gráo, dizia Gonzaga Duque: «Quem ali sobresáe, tambem, e de modo consideravel, é a Sra. Regina Veiga, discipula do professor Amoêdo, com dois retratos. O de N. 192, é de uma senhorita em leve fazenda amarello gaio, chapéo de palha da Italia com laço branco na cabecinha de cabellos pretos, sombrinha branca em cujo castão des-

cança a dextra e uma bôa de pennas brancas que se desprende do seu hombro esquerdo e se vae encurvar sobre uma cadeira em que ha dobras de gorgorão branco.

Harmoniosamente fresco e alegre esse conjuncto de mocidade e de tons claros.

O segundo retratinho (ambos são em metro de tela), o de n. 193 é tambem de uma elegante senhorita de cabellos negros, em vestido branco, bôa branca, destacando graciosamente, sobre a moldura, a ponta de sapatinho de couro amarello.

Como a anterior é alegre e claro e em ambos a carnção rosea das retratadas, o frescor de suas mocidades, o asseio dos tons, a elegancia do desenho, concorrem para lhes dar uma fulguração primaveral».

Era assim em 1907.

Com uma acurada sensibilidade e uma comprehensão nitida da finalidade espiritual da arte, Regina Veiga continuou a estudar e a realizar, volvendo-se para a nossa natureza, cuja luz rutila procura apprehender e fixar, della ensolarando tropicalmente as suas telas. Figurista das melhores, pela firmeza do desenho invariavelmente correcto e pela belleza que sabe imprimir a tudo que sae da sua fúlgura palheta, a artista admiravel e admirada de *Hermengarda* alçou-se a reputação dos mais altos pintores brasileiros.

Quando da sua amostra na Galeria Jorge, com a illustre pintora Maria Pardos, escrevemos salientando *Partida de cricket*, bello ar livre *Estudo de nú*, *Odalisca* (retrato de Mlle. X. X.) e, sobretudo, *Retrato de Mlle. X.*, realmente notavel pelo cabamento e pela belleza. No Salão de 1913 mereceu a medalha de bronze, no de 1917 a pequena medalha do prata e no de 1918, a grande medalha de prata.

Sarah Villela de Figueiredo é uma das artistas mais encantadoras do Brasil, pela saude intellectual, pela

sensibilidade e pela robustez da sua arte, construída com sabedoria, audácia e espontaneidade.

Maxima retratista, fazendo este género pinturesco com a segurança de um mestre, Sarah vem de fazer o nú, sahindo-se de maneira a augmentar o fulgor do seu singularissimo talento.

Matriculada na Escola Nacional de Bellas Artes em 1917, começou logo de pintar; passou depois a estudar com Rodolpho Chambelland e em seguida com Henrique Bernardelli, que a soube ensinar e admirar. Não abandonando nunca o *Salão*, revelou no retrato a maior mestria e felicidade na apprehensão physionomica dos modelos, mostrando absoluto «character» e uma pincelada deveras masculina. Possui uma pintura sadia, cheia de brilho e de mocidade.

Fazendo tambem a paisagem, ultimamente a illustre pintora vem tentando excellentemente a aquarella.

Nem sempre recompensada como merece, a distincta artista de *Mme. San Juan* já obteve no *Salão* medalha de bronze em 1922, pequena e grande medalha de prata em 1924 e 1927. Tem feito varias exposições. É uma artista excepcional com que conta a pintura brasileira.

Justo será não esquecer a pintora Roselle Torres del Negro, campista, dona de uma sensibilidade muito fina e que sabia sentir e interpretar as suas emoções e a natureza. Fazendo o pastel e o oleo apresentou sempre trabalhos que evidenciavam progressos. Alumna da Escola de Bellas Artes, vinha conquistando laureis: menção honrosa de 2.º gráo em 1925, medalha de bronze em: 1906 e pequena medalha de prata em 1927, quando expoz «Nortista», «Artes» e «Cigana». Em 1929 apresentou «Cabeça» (pastel). Dos seus melhores trabalhos se destacam pela espontaneidade e frescura: «O vio-

lino», «Primavera» e «Depois do Carnaval». Morreu em plena mocidade, cheia de viço, de belleza e de talento.

Varios outros pinceis femininos enriqueceram e enriquecem a nossa arte pela operosidade e pelo talento, seguindo escolas e inclinações diferentes, na paisagem, no retrato, na figura, no genero, no nu, podendo-se citar com desvanecimento: «Olga-Mary Pedrosa, raro talento, que tem exposto com relevo aqui como no estrangeiro e sido consagrada pela critica moderna · Maria Margarida de Lijná Soutello, Haydéa Santiago, Candida Cerqueira de Menezes, Adelaide Gonçalves, Isolina Fanzeres (fallecida), Iracema Orosco Freire, Maria Pardos (fallecida em 1928), Cecilia Drindl, Eugenia Freire da Silva, Osoria Adelina de Oliveira Lemos, Clelia de Castro Nunes, Guiomar Fagundes, paulista, que em 1938 realizou notavel exposiçáo no Rio; Laura Freire Meirelles, Helena Pereira da Silva, Jovita Caribê de Almeida, Marietta de Figueiredo, Pedrina Calixto Henriques, Maria Constança Lopes Rodrigues, Maria Julia David, Etelvina Rosa Soares, Clara Weicker, Bertha Worms, Sylvia Aldighieri, Judith Azevedo, Laurinda Pacheco de Carvalho, Maria Francelinna de B. B. Falcão, Edwiges Jacobusich, Irene Ribeiro França, Flora Simões de Irajá, Sylvia Meyer, Solange Frontin Hess, Edith de Aguiar, Julieta Bicalho, Carmen Lacerda, Lucilia Fraga, Hilda Campofiorito, Amelinha Theorga (Parahyba do Norte), paisagista e marinista encantadora: Odelli Castello Branco, Palmira Domenech, Luiza Visconti, Cordelia Eloy de Andrade, Isabelle Teixeira de Mello, Anné Marie Caillaux, Graciema Guimarães Natal, Isabella Sá Pereira, Moema Machado, Nieta Gomes, Celeste Aida de Faria, pintora de 16 annos, alumna de Georgina Albuquerque e neta do illustre pintor Leopoldino de Faria; Maria Dulce Machado da Silva, Wanda Turati, Lelia Coelho de Souza, Cordelia Delfino de Amorim Lima, Suzana de Mes-

quita, Yolanda Torres, Aida Junqueira, Cassia da Silva Pinheiro, Maria Delfino de Almeida, Gilda Moreira, Felicitas Meyer Beer Barreto, Maria de Lourdes Aca-tauassú Nunes, Zina Aita, Heloisa Lima Braga, Ignez Maria Luiza Corrêa Costa, Odila Cardoso, Maria Coelho Lepage, Renée Lefèvre, Yainha Pereira Gomes, Inan Guimarães Antunes, Dulce Sousa, Elisabeth A. Benemond e inúmeras outras.

Arte decorativa

A arte decorativa deveria ter espontado dos primeiros pinceis que misturaram tintas para fixar a nossa terra.

A natureza deveria ter sido a primeira mestra atrahindo o pintor para a paisagem e a decoração. Na sua exuberancia singular, com a sua côr de multifarios matizes e a sua luz irradiante ; com o seu mundo vegetal de incontaveis formas e a sua fauna excepcionalmente rica, ella deveria apresentar-se ao homem fascinado, dos incolos aos civilizados, como uma fonte impar de primores decorativos.

O artista entraria na obra apenas com a sensibilidade e a acção manual, tanto a propria natureza lhe daria até mesmo a graça harmoniosa da composição no crescer e ramalhar das arvores, nos animaes, nas aves, na belleza verde das frondes, nas raizes, nos arbustos, nas fructas e nas flores, creando uma arte que se manifestaria no lar e constituiria uma das expressões mais fundamentaes da esthetica brasileira.

Essa arte decorativa applicada, porém, inexistiu sempre nos pinceis nacionaes, como a natureza com o seu titanismo não soube crear paisagistas á altura da sua maravilha.

A propria arte marajouraa, com o originalidade dos seus hieroglyphos e dos seus symbolos aformoscando urnas, vasos, tangas e panellas da habilidosa oleira septentrional, só muito tarde impressiou a artistas,

só ha alguns annos sahio da observação de naturalistas e archeologos para a sensibilidade e a palheta dos pintores. Como ceramica reproduzindo as gregas e os gnomos marajoaras e como alvorecer da arte nacional.

Foi Theodoro Braga o predestinado descobridor pictural, espantando o nosso snobismo com a estylisação da flora e da fauna, numa sadia comprehensão naturalista, de que tão insensata e barbaramente nos temos afastado na arte.

Não se trata de um simples colorista de telas. Homem de cultura, não lhe faltando sequer a carta bacharelícia que não usa e de qual não faz praga, com curso completo na Escola Nacional de Bellas Artes, laureado em 1899 com o premio de viagem á Europa, medalhado no «Salão», em pintura, com grande medalha de prata (1923) e em arte applicada com pequena e grande medalhas de ouro (1922 e 1925), desde cedo distinguiu-se como artista vigorosissimo e sincero, sem improbidade nem cabotinismo.

Batalhando pela diffusão do ensino do desenho na industria, afim de que esta adquirisse caracteristica brasileira; professor emerito, pintor que *Manhã de aniversario*, *Nosce te Ipsum* (1929), *Muirak-tã*, *Fascinação da Yara* (1929) e *O periplo máximo do bandeirante paulista Antonio Raposo* (triptico) notabilisam, Theodoro Braga tornou-se o precursor da arte decorativa, florindo em tudo com a força e a belleza da terra privilegiada em que nascemos.

Porque não era possivel, na propria decoração do ambiente nativo, macaquearmos o estrangeiro, esquecermos «que o sentimento decorativo é uma função biologica do ser, está associado á sua propria essencia de vitalidade, e não um simples acto exterior, dependente da nossa vontade. O que nos cerca na nossa mesa de jantar, na nossa sala de visitas, no nosso *habitat* em geral, tudo isso são elementos decorativos. Por consequen-

cia, a arte decorativa é maior e está mais nitidamente ligada á vida do homem do que a primeira grande arte a qual, só depois de successivos esforços e de conhecimentos philosophicos, podemos chegar a comprehender na real e cosmica significação» (1).

Tratando do ensino profissional, Theodoro Braga traçou-lhe o rumo necessario, fixando-lhes as bases e o destino, mostrando o valor da aprendizagem do desenho applicavel, a maneira de ensinal-o com aproveitamento, dando ao alumno a liberdade de crear, de compôr e de executar. Conhecendo o ensino tecnico - profissional, escrevia :

«Não basta que os institutos de aprendizes artifices e escolas profissionaes ensinem como se fabricam productos commercializaveis; é necessario, é indispensavel, sobretudo, que o futuro operario-artista aprenda a fabrical-o para poder concorrer com o similar estrangeiro, isto é, com o duplo character de util e agradável, que satisfaça a necessidade de seu uso e que tenha tambem uma apparencia que provoque o prazer de ser usado. (2).

Do ensino desse modo orientado, resulta não só o operario-artista, como a arte nacional.

Assim, porem, jamais pensou a Escola de Bellas Artes, deixando de formar mestres para o ensino tecnico-profissional, fugindo continuamente a qualquer preocupação nesse sentido. O desenho foi materia para o qual não orientaram nunca o nosso operario.

Theodoro Braga tudo isso divulgou e abriu amplissimos rumos á arte decorativa, formando o estylo brasileiro, constituido deste triplice elemento: «desenhos ornamentaes dos indios do valle do Amazonas, da estylisação da sua flora e da sua fauna».

(1) FLEXA RINCIP. *A Arte ornamental no Brasil*. «Brasil Dynamico», 1937.

(2) *Ensino Profissional*. «A Educação» n. 9. Rio. 1923.

Seu trabalho assim orientado é digno e apreciavel. Elle levou a estylisação brasileira á ceramica, ao mosaico, á estamparia dos tecidos e á architectura, fazendo o consorcio, que nunca deixou de existir, entre a industria e a arte.

Quando começou no Pará, sua terra, a estylisação dos motivos marajouaras, foi reagindo contra o uso do ensino pela copia servil de estampas, mandando que se compuzesse com os proprios elementos da natureza.

«Assim, o ensino, que era monotono e tedioso para as classes, empolgou logo a preferencia dos alumnos de todas as edades, de modo que as aulas de pintura passaram logo a ser um recreio para o espirito inquieto da meninada, a ponto dos professores de outras materias protestarem, com a allegação de que no collegio só se fazia uma coisa: desenhar.

Este entusiasmo despertado pela grande arte, que passou a sahir das mãos de seus cultores com um cunho fortemente brasileiro, ainda mais se revigorou quando Theodoro Braga, utilizando boas vontades que andavam dispersas, conseguiu orgnisar, annualmente, grandes exposições de pintura escolar, no Theatro da Paz, que é o mais nobre edificio da grande capital do Norte. Todas as crianças das escolas podem concorrer a taes certamens. Só se lhes pede que não copiem. Essas exposições de trabalhos que ainda hoje se realisam, tornam-se interessantissimas pela variedade de assumptos e de competencias que offerecem aos visitantes. Allí encontra-se de tudo, da flor garatujada pelo infante de mão inhabil, á paisagem urbana ou rural, á renda vaporosa, estrellada de jasmíns.

Um dia, o professor Theodoro Braga deixou o Pará, mas a sua obra lá ficou enraizada; antigos discipulos occuparam o seu posto, continuam a pugnar pela grande cruzada nacionalisadora dos motivos artisticos e a exposição no Theatro da Paz continua a realisar-se todos

os annos, com regularidade. Ainda este anno, o pintor recebeu de Belem recortes de jornaes que nos foram mostrados, onde se affirma que sua obra começa a despertar o interesse até mesmo dos estrangeiros que chegam a conhece-la. E' assim que uma missão official de commerciantes japonezes que ha pouco esteve no norte do Brasil, tendo visitado a exposição do anno passado, mostrou-se encantada com o que lhe era apresentada e manifestou desejos de adquirir alguns trabalhos com os quaes pudesse demonstrar em seu paiz como se ensina desenho no Brasil. Os directores do certamen foram ao encontro do desejo dos visitantes e, gentilmente, lhes offereceram todos os trabalhos que despertaram o seu interesse. Este facto é tanto mais eloquente quanto não se trata de um paiz em formação, sempre de braços para todas as innovações, mas de um povo culto, possuidor de processos proprios e de uma arte nitidamente sua, apurada por seculos de lenta sedimentação» (3).

Theodoro Braga conseguiu despertar maior attenção para a arte primaria dos indios de Marajó e crear discipulos.

Um desses é Manoel d'Oliveira Pastana, tambem paraense, nascido a 26 de julho de 1888, em Apehú, municipio de Belem. Fez os seus primeiros estudos de desenho, em 1908, com os professores Theodoro Braga e Francisco Estrada. Nas exposições escolares, no Pará, obteve varios premios, inclusive medalha de ouro, em 1910, cujo premio recusou em carta dirigida ao então governador do Estado, dr. João Coelho. Em 1917, realizou em Jahú, S. Paulo, uma pequena amostra de pintura. Em dezembro do mesmo anno, concorreu com dez trabalhos ao 2.º Salão de Bellas-Artes do Pará; em 13 de janeiro de 1918, fundou com varios collegas, Associação de Artistas Paranaenses e installou um «stu-

(3) *Por uma arte brasileira.* «Estado de S. Paulo», 28 de Junho de 1927.

dio» para, em commun, se dedicarem mais assiduamente ás artes.

Mais tarde esse «studio» passou á denominação de Academia Livre de Bellas-Artes do Pará, tendo já então o concurso de diversos professores que gentilmente prestavam o seu auxilio. Em agosto de 1918 fez, no Rio de Janeiro, uma pequena exposição de pintura, no saguão da Associação dos Empregados no Cominercio; em 1929, no 1.º Salão promovido pela Associação dos Atistas Paraenses, obteve Menção Especial, com o quadro «Velha Tapuya». No segundo Salão promovido pela mesma Associação, em 1921, obteve uma segunda Menção Especial, com um quadro de natureza morta e medalha de bronze, com o quadro «De volta dos exames». No terceiro Salão, promovido ainda pela mesma Associação, em janeiro de 1923, obteve medalha de Prata com o quadro «Aprehensiva». Em 3 de maio de 1924, concorreu com varios trabalhos ao quarto Salão de Bellas-Artes da Associação de Artistas. Foi este o ultimo Salão promovido pela Associação dos Artistas Paraense, que mantinha a Academia Livre de Bellas-Artes do Pará. Nessa epoca foi a Academia encampada pelo Governo do Estado. Era governador o sr. Souza Castro que, com esse acto poz a ultima pá de cal na prospera instituição, que tanto impulso dera ás artes plasticas no Pará. Em 1925, concorreu ao Salão Nacional de Bellas-Artes, com sua paisagem regional «Victoria Regia». Em outubro de 1926, fez uma exposição de quadros de motivos regionaes, no Theatro da Paz, em Belem; em setembro de 1929, fez outra exposição de quadros de paisagens no hall do Palace-Theatre; em 1931, concorreu ao Salão Paraense de Bellas-Artes promovido em homenagem aoanniversario da Revolução de 1930, a 3 de outubro; em 1933, realizou, com grande exito, na Pró-Arte Rio de Janeiro, sua exposição de arte decorativa, inspirada em motivos da flora e da fauna bra-

sileiras, aliadas aos desenhos da cerâmica dos índios pré-históricos da Amazonia; em 1934, fez uma exposição de assumptos variados, na «Assembléa Paraense» obtendo franco successo; em 1935, concorreu ao Salão Nacional de Bellas-Artes, com uma paisagem «Yuna» e um vaso marajouara, obtendo menção honrosa, com este. No mesmo anno concorreu ao Salão Paraense, organizado pelo então governador do Estado, sr. José Malcher. Em janeiro de 1936, expôz em São Paulo, alguns quadros, varios trabalhos de arte decorativa e outros tantos de cerâmica, todos inspirados na arte dos nossos indígenas. Nesse mesmo anno, expôz, na Galeria Huebger, no Rio, uma colleção de trabalhos de cerâmica marajouara e varios trabalhos em bronze, com grande exito. Concorreu ao Salão Nacional de Bellas-Artes de 1936 com trabalhos de cerâmica, obtendo medalha de bronze. Em 1937 fez na mesma Galeria Huebger nova exposição de cerâmica e esculpturas em bronze, de motivos genuinamente brasileiros, inspirados na arte dos ceramistas indígenas da região amazonica. Nesse mesmo anno concorreu ao Salão Nacional de Bellas-Artes, com uma jarra marajouara (cerâmica) e uma cabeça de idolo indigena (bronze). Não concorreu a premio, por ter sido eleito membro do Jury do referido Salão. Ainda em 1937, concorreu á Exposição Internacional de Paris, obtendo os seguintes premios: em cerâmica marajoara, medalha de prata; em esculptura em bronze, Diploma de Honra.

A maneira de Manoel Pastana realisar os seus trabalhos de estylisação, é precisamente o contrario do que vulgarmente se tem feito. Enquanto outros artistas se utilizam dos motivos naturaes, distribuindo-os symmetricamente, elle os synthetisa e applica de maneira a não alterar-lhe o caracter typico, tirando-lhe comtudo ao mesmo tempo, a feição de desenho scientifico. Do

material indígena marajouara, Manoel Pastana se utiliza somente como elemento de aplicação em conjunto com outros motivos da flora e da fauna.

Como Theodoro e Pastana, outros buscaram depois orientar-se no sentido de uma arte brasileira, com fundamento na arte prehistorica de Marajó, revelando habilidade e sentimento, ora na cerâmica e na esculptura, ora na pintura, como Gonot, Iris Pereira, Euclydes Fonseca, Porciuncula Moraes, Maria Francelina Barreto Falcão, premiada no Salão e na Exposição Internacional de Paris (1937); Dolores Angela Rodrigues, Camilla Alvares de Azevedo (4) e alguns outros.

Gelabert Simas recordou bem como o publico vinha acompanhando o florescimento dessa arte, desde que o Barão do Rio Branco, por intermedio da joalheria Luiz de Rezende, offerecera a atriz Rejane, por ocasião da inauguração do Theatro Municipal, um vaso de bronze executado em Paris, em cuja exposição internacional de 1925 o sr. Brunhas de Carvalho apresentaria tapetes «de alto valor decorativo, de composição inspirada no marajouara».

Impondo-se a criação do ensino da arte decorativa (5), no começo de 1933 fundou-se o Curso de Arte Decorativa, dirigido pelo dignissimo professor Flexa Ribeiro, em 14 de junho sendo considerado como de extensão universitaria, destinado a formar, e vem formando, artistas decoradores, professores do ensino technico-profissional e operarios artistas.

(4) CAMILLA ALVARES DE AZEVEDO, filha do saudoso jornalista e poeta Alvares de Azevedo Sobrinho, profesora de desenho do Lyceu de Humanidades Nilo Peçanha, de Niteroy, laureada com medalha de bronze e de prata no «Salão», conquistou na Exposição Internacional de Paris, em 1937, uma medalha de ouro, com emalhios em bronze fundidos na Casa da Moeda e de composições inspiradas exclusivamente em motivos da ceramica marajouara.

(5) Em 1932 a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres levou a effeito um curso de modelagem e arte decorativa, dirigido pelo professor Magalhães Corrêa.

O Curso foi seriado assim :

PRIMEIRO ANNO

Desenho. — Prof. Henrique Cavalleiro, docente da Escola N. de Bellas Artes.

Modelagem Decorativa. — Prof. Corrêa Lima, cathedratico da E. N. de Bellas Artes.

Desenho Projectivo — Prof. Paulo Santos, docente da Escola Polytechnica.

Desenho e Estylisação — Prof.^a Iris Pereira, artista — decoradora.

Composição Decorativa — Prof. Elyseu Visconti, antigo professor da E. N. de Bellas Artes.

SEGUNDO ANNO

Historia das Artes Industriaes — Prof. Flexa Ribeiro, cathedratico da E. N. de Bellas Artes.

Perspectiva Linear. — Prof. Paulo Santos.

Desenho e Estylisação — Prof.^a Iris Pereira.

Decoração de Interior — Prof. Paulo Pires, architecto da E. N. de Bellas Artes.

Composição Decorativa — Prof. Elyseu Visconti.

TERCEIRO ANNO

Historia e Evolução dos Estylos — Prof. Fléxa Ribeiro.

Estudos de Motivos Brasileiros — Professora Iris Pereira.

Decoração de Interior — Prof. Paulo Pires.

Composição Decorativa — Prof. Elyseu Visconti.

Sciencia da Pintura — Prof. Rodolpho Amoêdo,
da E. N. de Bellas Artes.

A arte decorativa entrou, portanto, numa phase de accentuado desenvolvimento, muito ella devendo á intelligencia, ao patriotismo e á pertinancia do reputado professor Theodoro Braga.

A esculptura

A esculptura no Rio de Janeiro é producto exclusivamente nosso. Autochtone. Se os pintores coloniaes aqui, como na Bahia, da Escola Fluminense como da Escola Bahiana, foram aprender com os mestres do Reino, no Porto ou em Lisbôa, os esculptores viram a sua intelligencia espontar da toreutica «praticada por frades e mestres entalhadores, á cuja habilidade e fogosa inventiva se devem as bellas decorações barrominicas e barrocas dos nossos templos tres vezes seculares».

O que se possuia nas egrejas vinha de Lisbôa e do Porto. Depois appareceram os entalhadores, a toreutica não sahindo dos templos e das construcções jesuíticas, harmonisando altares, portadas, arco-cruzeiros, volutas e guirlandas, palpitando nos relevos ornamentaes, fremindo em anjos alados ou em imagens estáticas.

Foi dos primores caprichosos da talha, nos fins do seculo XVIII, que nasceu a esculptura brasileira. Dahi é que evoluiu maravilhosamente, sob o influxo do genio de Valentim da Fonseca e Silva, o *Mestre Valentim*, nosso primeiro esculptor.

Valentim da Fonseca e Silva nasceu, segundo é corrente, em Minas Geraes, sendo filho de um fidalgo portuguez, contractador de diamantes, com uma creoula nascida naquelle Estado. Ignora-se, porém, a data do nascimento. Levado para o Reino, onde começou a ser educado, cedo ciu-se orphão, sendo então com sua

mãe, embarcado para o Brasil. Aqui aprendeu a arte toreutica «com o entalhador que fez as primeiras obras da Ordem Terceira do Carmo, as quaes foram concluidas em parte por Valentim, e ultimamente no mesmo estylo, pelo Sr. Padua».

Valentim foi uma intelligencia exuberantemente creadora e operosissimo. Fez o projecto do Passeio Publico, o bello portão que dava para a rua das Marrecas (ao tempo, das «Bellas Noites»), as estatuas que ornavam o terraço, o menino (não o que lá se encontra) da legenda: «Sou util inda brincando» e o grupo dos jacarés do Passeio Publico, fundido por elle mesmo, as estatuas que ornavam o chafariz do Largo do Paço, os medalhões das duas portas da igreja do Carmo, a Fonte das Marrecas, ora no Jardim Botânico, as duas estatuas da frontaria da Cruz dos Militares, o risco da igreja de Nossa Senhora do Bom Parto e o chafariz da Praça Quinze de Novembro.

A sua obra de talha na Capella do Noviciado da igreja de S. Francisco de Paula, tecto e parede de Cruz dos Militares, é considerada obra prima de toreutica nacional e na qual a imaginação árdega anda parelha com a execução magistral no arabesco subtil e harmonioso.

«E' ahí, é nesse conjuncto de improvisos e usanças, nessa lavrada, symbolica escriptura da imagem, que iremos surprehender mestre Valentim com sua alma, travar intimidade com o escandecido bastardo atravez da sua psychose em que se agitam aspirações mysticas com que a educação beata do alquebrado Portugal septecentecista o encharcou e o fetichismo africano da corrente materna desenvolveu. E' nesse genero d'esculptura que o encontramos n'uma evidencia a coberto de duvidas, quer seja escarafunchando o cedro para os recortes decorativos, quer seja preparando os moldes dos alampadarios de prata que, á larga, espalhou por igrejas e capellas. A toreutica, sobretudo,

era sua predilecta, e como aprendeu-a no reino que D. João V remodelára sob a inspiração jesuítica, foi o barrôco aporuguezado que lhe ficou determinando a melhor expressão de arte. Não se lhe contestará o acerto da escolha, porque esse lindo, desenvolvido e fecundo estylo emergiu d'alma do Buonarotti e se arrebatou n'um delirio pela imaginativa de Barromini.

E mestre Valentim o conduz maravilhosamente sob o aceiro de seus ferros d'entalhe, vive, palpita com os seus ardores de mestiço no desdobramento voluptuoso de suas curvas, ora macias e singelas, n'um tecido breve de teáres rusticos; ora em fartas, ascendentes pastas que terminam no debruço incipiente d'uma onda toda anciante de sensualidade. . . A sua fantasia não se detém, vaé creando a trama fixa das linhas, desenvolve-a em sinuosidades succedaneas, distende-a em quebrados rapidos de angulos interiores de moldura, a que corresponde, no opposto exterior, o encurvamento flexivel, o requiebro amôrnado d'outras linhas. . . e desse tramar febril, mas febre que não precipita, apenas estremece, sáem esboços caramujentos de misulas, esbeçados de petalas que se transmudam em delinêos de folhagens, decalques frustes de conchas que parecem languores paralyzados, tunecencias levemente indicadas de pommas, essa espreguiçada lascivia que perpassa em toda a obra humana, inda que mystica e grave, sob o esvaír d'um tempo em que a Renascença mergulhava no phosphorescente occaso dos desvarios, e o donaire das *mulheres galantes* substituia o pendão dos cavalleiros pela renda dos lenços, onde ficavam a alvura dos sorrisos e o perfume de suas epidermes. . . » (Gonçaga Duque — «Mestre Valentim». *Kosmos*. Anno II. N. 3).

Porto-Alegre disse que «Valentim elevou a arte barrominica a um ponto tal, que rivalisa com as maravilhas de Versailles e da capella Real de Dresda. . . Se em suas habeis mãos cahissem as riquissimas materias que os

mestres europeus entregaram esses dois Principes, teriamos de ostentar com orgulho as creações de um genio poderoso, de um homem eminentemente grande na invenção e na execução».

Deve-se-lhe no Brasil a primeira modelagem no barro e a fundição de ferro e de chumbo, com a applicação do esmalte ao metal.

Mestre Valentim era de ardente inspiração, a elle recorrendo engenheiros, constructores e mais do que todos, ourives e lavrantes, em busca de desenhos e moldes para banquetas, salvas, relicarios, ciriaes, lampadas, custodias, etc. Diz Manoel de Araujo Porto-Alegre que «talvez fosse Valentim uma das causas poderosas que motivaram aquella barbara carta regia de 30 de agosto de 1766, que mandou fechar todas as lojas de ourives, sequestrar todos os instrumentos da arte, recrutar todos os officiaes solteiros, prohibir o officio no Rio de Janeiro e castigar os delinquentes com as penas de moedeiros falsos ! porquanto é sabido, e foi sempre constante, que semelhante carta regia fôra lançada em favor de alguns ourives de Portugal a que os nossos tiravam o ganho, o que é claro á vista da perfeição das obras de prata e ouro daquelles tempos e das lampadas e mais objectos que se veem em S. Bento, Carmo e Santa Rita, modelados e inventados por Valentim». O vice-rei Luiz de Vasconcellos, de espirito tão differente de outros vice-reis, amando as coisas bellas e admirando a intelligencia, teve um auxiliar dedicado em Mestre Valentim, que o orientava em coisas de arte e de bom gosto e de quem era, nesse sentido, o «seu braço direito».

A cidade deve por isso aos dois, ao culto vice-rei e ao artista genial, obras que os homens civilizados destruíram, como os pavilhões do Passeio Publico com as decorações de Leandro Joaquim e os chafarizes, e outros que felizmente perduram.

O primeiro esculptor brasileiro, apesar da amizade de Luiz de Vasconcellos, que mesmo longe do Brasil delle se não esquecia, amparando-o, morreu em extrema penuria. Dizem que, mutilado e feio, sendo dado a mulheres, sobre todas, brancas e estrangeiras, com ellas gastava á larga o que obtinha.

Sentindo que se aproximava o ultimo instante, disse aos discipulos que lhe cercavam o leito, formado de algumas táboas sobre dois cavalletes: «Não temo a morte, mas preso tanto a minha arte, que ainda depois de morto, desejaria erguer do tumulo o braço para executar os desenhos que me pedissem».

Valentim fechou os olhos a 1.º de março de 1813, á rua do Sabão, sendo sepultado na igreja do Rosario.

Com elle perdiamos o fundador da esculptura nacional e um extraordinario artista.

Foram discipulos de Valentim da Fonseca e Silva: José Carlos Pinto, Semeão José de Nazareth, Braz de Almeida e Francisco de Paula Borges, autor da banqueta de prata do altar-mor da igreja do Carmo.

Escultores e toreutas apreciaveis foram tambem frei Domingos da Conceição, autor da imagem de Santo Amaro, da Sagrada Familia e do Arco-cruzeiro, de São Bento; José da Conceição e Semeão da Cunha; João Vermelho, autor da imagem de N. S. do Amparo e Gaspar Ribeiro.

Fazendo parte da missão franceza, chega em 1816, Augusto Taunay, fallecido em 1823, tendo-nos deixado apenas as estatuas em gesso e o baixo-relevo do frontespicio da antiga Academia de Bellas Artes.

Substituiu-o no magisterio official, em 12 de novembro do anno seguinte, o discipulo Francisco Allão, que pouco tempo depois era substituido por Marc Ferrez, autor da estatua de Pedro I e do busto de D. João VI, existente na Bibliotheca Nacional e fallecido em 31 de março de 1849. Ferrez formou dois artistas de valor e que o succederam no magisterio. No tempo surge Luiz Gindiel, autor do baixo-relevo no portão da Santa Casa de Misericordia.

Um delles foi Francisco Elydeo Pamphyro, nascido nesta capital em 1823. Pensionista da Academia, aperfeiçoou-se em Roma, revelando grande capacidade. Fez a estatua de Achylles e Endymião da Escola Nacional de Bellas Artes, esculpiu ornatos para a sanca de salão nobre da Escola Militar (actual Polytechnica) e, quando morreu, em 29 de janeiro de 1852, com 29 annos apenas, fazia baixo-relevos sobre motivos do *Caramuru*, de Santa Rita Durão.

O outro discipulo de Marc Ferrez foi Francisco Manoel Chaves Pinheiro, nascido a 5 de setembro de 1822. Matriculou-se na Academia em 1835. Em 1850 prestou concurso para professor, exercendo o cargo até 1884, quando o deixou por molestia. Foi um esculptor classico de elevada competencia e de operosidade invulgar. Executou a estatua equestre de Pedro II, pertencente ao Asylo dos Invalidos da Patria; a de João Cactano, na Praça Tiradentes; os doze apóstolos (em madeira) existentes na igreja de São Francisco de Paula; o grupo em gesso «Colombo descobrindo á America» e varios bustos e imagens.

«Não foi o velho Chaves Pinheiro um chefe de escola, um mestre do cinzel, communicando a febre da sua imaginação ao barro das «maquettes».

Não vieram de suas mãos a nudez voluptuosa das Venus, bem a impressionante majestade dos Moysés; nunca seus dedos imprimiram á maleabilidade da taba-

tinga o movimento dum Discobulo ou a forma coleante e suave de uma gemedora imagem. Foi um esculptor labutando por seu pão, fazendo como sabia e como podia, mas resoluta, encorajado pelo trabalho, desconhecendo a fadiga».

Chaves Pinheiro falleceu a 6 de março de 1884.

O Instituto Historico guarda de Silva Guimarães, contemporaneo de Chaves Pinheiro, os bustos de Sapucahy, Cunha Barbosa e Gonçalves Dias.

Discipulo de Ferrez, «o esculptor brasileiro que mais produziu no seculo passado», foram João Duarte Moraes, Querino Vieira, Caetano de Almeida Reis, Hortencio de Cordoville e Rodolpho Bernardelli.

O melhor trabalho dos dois primeiros, com Severo da Silva Quaresma, foi um baixo-relevo para a empena do antigo edificio do Casino, depois Club dos Diarios, á rua do Passeio.

«Executando este trabalho, os seus autores deram um grande passo na carreira artistica, justificaram a reputação em que eram tidos de moços habéis e laboriosos e mostraram que no nosso paiz não faltam talentos nem dedicação, mas sómente bôa vontade de proteger as artes e os artistas.»

Cordoville, que não chegou a ir a Europa por falta de recursos e protecção, foi bom alumno da Academia, estudioso, probo e modesto, tendo feito bustos «que mereceram sempre elogio da critica pela fidelidade physionomica e pelo irreprehensivel acabamento do trabalho». Depois de certo tempo abandonou a esculptura, dedicando-se á architectura.

Chegado ao Brasil, o esculptor dinamarquez Fernando Pettrich aqui viveu cerca de trese annos, com atelier no pavimento terreo do Paço Imperial. Foi mestre de Severo Quaresma Vieira, autor de um excellente busto do Conde de Irajá e deixou obras recommendaveis, como o retrato do Anchieta na Santa Casa, as es-

tatuas dos imperadores Pedro I e Pedro II, de José Clemente Pereira e Aureliano Coutinho e uma imagem de S. Pedro de Alcantara, no Hospicio Nacional.

Ao retirar-se do Brasil, Pettrich offereceu parte da sua vasta bibliotheca á Sociedade Propagadora das Bellas Artes, inclusive estampas reproduzindo obra do escultor dinamarquez Tharwaldsem.

Honorato Manoel de Lima foi escultor que muito se distinguiu no preparo ornamental de festas publicas, como em 1843, por occasião da chegada da terceira imperatriz do Brasil. Regeu a cadeira de escultura de ornatos, na Academia, em 1856. E' autor de um busto do Visconde de Jurumenha e de outro, collossal, do mestre Ferrez e o primeiro que executou (1854) sem o seu auxilio. Referindo-se a esse trabalho, escreveu Porto-Alegre: «o marmore debaixo deste novo cinzel respira, e a arte triumpho!» Honorato de Lima falleceu a 14 de abril de 1861.

Luiz Giudice, chegado em 1850, é autor de varios bustos, entre os quaes os de Gonçalves Dias e Porto-Alegre e do baixo-relevo em pedra lioz no portão da Santa Casa de Misericordia. A Giudice deve-se a descoberta da *Plastelina*.

Notavel escultor de ornatos, contemporaneo de Chaves Pinheiro, foi Antonio de Padua e Castro, nascido em Magé, Estado do Rio, a 7 de março de 1804, sendo filho legitimo de João Francisco Lourenço e Quiteria Vicencia da Conceição. Menino ainda, trouxeram-no para a Córte, onde começou a estudar, destinando-o os paes á vida claustral no Convento de Santo Antonio. Por isso lhe accrescentaram o nome de Padua.

Ficando orphão de pae e mãe, uma tia resolveu educal-o, fóra, porém, da clausura. Aprendeu, então, a toreutica, ao começo com Braz de Almeida Mendonça e depois com Francisco de Paula Borges e Francisco Xavier Soares. Sua primeira obra foi o nicho de N. S.

das Dores da igreja da Candelaria. Com o trabalho continuado e um sentimento poetico singular, não só chegou a professor de esculptura de ornatos da Imperial Academia (1865), como se fez artista primorosissimo, talhando na madeira poemas que ainda hoje mostram a que poder de inspiração artistica attingia. E' delle a riqueza torcutica das igrejas do Sacramento, Lapa dos Mercadores, S. Francisco Xavier do Engenho Velho, Hospital da Misericordia, os altares da igreja de N. S. Mãe dos Homens e da matriz de S. José, tendo sido o grandioso continuador e ampliador da obra de talha de S. Francisco de Paula, que a morte não quiz que Mestre Valentim terminasse.

«A i — disse Nogueira da Silva — não apenas se ha egualado ao grande e inesquecivel Mestre Valentim, cuja arte e cujo sentimento assimilou e apurou ao mais delicado e fino sabor artistico, mas, não raro, ultrapassado, como acontece com a decoração das columnas e dos dois pulpitos desse templo, uma verdadeira obra de arte digna em tudo de um Cellini».

Vê-se que Padua e Castro nascera para tirar da madeira todos os esplendores da sua arte, fazendo-a perpetuar-se na graça dos torneios e das curvas em florescencias harmoniosas, tudo com a finura e o sentimento de um joalheiro precioso.

Moreira de Azevedo, alludindo á realização de Padua na igreja de S. Francisco, ás remodelações que elle fez para sua maior amplitude e encantamento, tudo iniciado em 1856, escreve : Não é preciso encarar essas dez columnas artisticamente acabadas, o côro, as quartellas que o sustentam, os ornatos que vestem os altares, as misulas, o arrendado das portas ; não é preciso admirar todos esses trabalhos para conhecer-se o genio inventivo, a habilidade do artista que preparou a nova obra de talha do templo de S. Francisco de Paula ; a belleza, a perfeição dos trabalhos do tecto da igreja

bastam para attestar o talento artistico do Snr. Padua». E vendo-lhe a obra, dizia Porto-Alegre: «é o unico que merece hoje o nome de artista».

Antonio de Padua e Castro, que restaurou o trem do Paço para o 2.º casamento de Pedro II, dirigiu a obra da capella-mór da matriz da Ilha do Governador e fez toda a talha da capella do noviciado da Ordem Terceira da Penitencia e ainda o portico da igreja de S. Francisco de Paula falleceu nesta capital a 10 de novembro de 1881.

Candido Caetano de Almeida Reis, filho de Caetano Manoel dos Reis e de d. Quintilia Joaquina da Piedade, nasceu aqui, a 3 de outubro de 1838 e começou a carreira artistica como entalhador, com o proprio pae, que tinha officina á rua da Alfandega, 51. Matriculou-se na Imperial Academia em 1852, como amador, na aula de desenho figurado, passando em 1856 para a aula de esculptura de Chaves Pinheiro. Durante o curso obteve varios premios, entre os quaes a grande medalha de ouro em 1861. Em 1865, por concurso, conquistou o premio de viagem á Europa, embarcando no anno seguinte para a França, onde se fez discipulo de Louis Rochet.

Ainda na Europa — conta-nos Mello Moraes Filho — «teve Almeida Reis que lutar contra as intrigas de Chaves Pinheiro em a má vontade do Snr. conselheiro Paulino que, sendo ministro do Imperio, lhe suspendeu a pensão, ficando o pobre artista á generosidade de uma «affeição» que o arrancou á fome e talvez ao suicidio».

Recebendo auxilio paterno, regressou ao Rio em 1866, sem concluir o seu aperfeçoamento e trazendo a admiravel estatua de «Jeremias chorando sobre as ruinas de Jerusalem», a sua grande obra, sobre a qual Gonzaga Duque escreveu: «Este corpo talhado por uma maneira austera que não deixa de todo esquecer

o grande mestre, tanto pela violencia e largueza de passar a espatula, quanto pelo sentimento da forma, este corpo nos recorda aquelle grande florentino que para distrahir Pedro de Medicis fazia estatuas de neve, e, para assombrar a Humanidade, talhava estatuas de marmore».

Aqui logo accorreu a auxiliar-o Pedro II, acolhendonos baixos do paço da cidade, onde installou atelier. Ahi, de dia, trabalhava, «vestido de blusa de brim pardo, toucado por coçado gorro de velludo, febricitante de inspiração, a talhar o marmore e a cortar o barro, largamente, com a segurança e o vigor de um Rude». E á noite, bohemio incorrigivel, muitas vezes após horas de conversa com intellectuaes e artistas como Luiz Guimarães Junior, Fagundes Varella, Arthur de Oliveira, Ferreira de Menezes e os pintores Souza Lobo, Estevão Silva, Firmino Monteiro, Heitor e Hortencio Cordoville, o artista dedilhava o violão na melodia dolente de agros queixumes.

Do seu escopro saíram composições de mestre, no marmore talhou imagens e symbolos viris, de estuante mocidade em factura vigorosa.

«Parahyba» (1867) produção de alumno, abriu caminho a uma porção de trabalhos de incontestavel valor como o grupo «A Inveja e o Genio», as estatuas de «Miguel Angelo», de «Antonio José», do «Crime», do «Progresso», encimando o relógio da fachada da E. F. Central do Brasil, e que é um «bronze que vale a immortalidade». O reputado esculptor fez ainda «Cabeça de São João Baptista», «São Sebastião», da igreja do Sacramento ;» Genio e Miséria», os bustos de Danton, Camões, Gonçalves Dias, Antonio José e outras obras que o collocam entre os maiores esculptores de todos os tempos, no Brasil.

Quando foi inaugurado o busto do Danton na séde do Centro Positivista, á Travessa do Ouvidor, 7, em 28

de outubro de 1885, disse Miguel Lemos, «a quem se deve a fundação da propaganda systematica do Positivismo em nossa Patria», sobre o trabalho de Almeida Reis :

«Como no retrato de David, o empenho maior dos artistas que quizeram figurar Danton ha de consistir em combinar, nessa physionomia distincta, a expressão de uma energia indomavel com a de uma bondade que estende a sua protecção a todos os opprimidos, a todos os fracos. Através da contração dos traços, deve coar, por assim dizer, a benevolencia, a generosidade do forte ; através do olhar habituado a dominar e a ser obedecido, deve transparecer o clarão suave e meigo da dedicação por todos os desprotegidos.

O trabalho do Sr. Almeida Reis representa um esforço feliz no sentido de resolver este problema esthetico. Comquanto elle não conhecesse a pintura de David, aproveitando os traços fundamentaes que os retratos communs conservam, soube modificar a expressão delles de accordo com os estudos que regenerarão a vida publica e privada de Danton, e dar á physionomia do grande tribuno os attributos de sua alma e de seu papel.

Neste busto está retratada a coragem terrivel e irresistivel que distingue o organizador da defeza nacional em 1793, e, ao mesmo tempo, fulgura ahi a irradiação dos grandes sentimentos que impulsarão essa energia sem par. e com a execução de Camões e Danton ficou sendo grande esculptor, o «primeiro artista brasileiro que se approximou do Positivismo».

Mario Barbosa Carneiro recordou em 2 de outubro de 1938, por occasião da homenagem prestada junto ao seu tumulo, em S. Francisco Xavier :

«Além desses dois trabalhos, — os bustos de Danton e de Camões, — directamente ligados á propaganda do Postivismo no Brasil, offereceu Almeida Reis, ao

Apostolado Positivista, uma estatueta da Humanidade. O merito do esculptor nesse trabalho, consistiu, antes de tudo, — disse Teixeira Mendes, — em ter sido elle o primeiro artista que tentou realizar os votos de Augusto Comte, procurando reproduzir, no seu esboço da imagem da Humanidade, os traços de Clotilde de Vaux».

Gonzaga Duque viu da autoria do esculptor carioca, no Museu Nacional, tres bustos «em que a mesma amplitude de execução e maior sciencia anatomica os recommendam entre os melhores trabalhos que a estatuaria brasileira venha a produzir». Taes qualidades se encontram tambem num busto de marmore de Pereira Passos que figura na sala da Directoria da Central do Brasil e feito em 1880 (1).

Abandonado pelos contemporaneos, preterido em concursos, calumniado, sem meios de subsistencia, Almeida Reis cansou-se de soffrer, fechando os olhos para sempre em 19 de abril de 1889. Dele a Pinacotheca Nacional possui somente o bronze «O Parahyba».

Rodolpho Bernardelli nasceu no Mexico, em 1852 sendo seu pae o violinista russo Oscar Bernardelli e sua mãe a bailarina Celestina Thierry, da escola de baile do Conservatorio de Milão.

(1) Em 1880, na Estrada de Ferro Central do Brasil, ao regressar de uma viagem de inspecção, o Dr. Francisco Pereira Passos, que era director desde 1876, pediu demissão do cargo. O pessoal da Estrada, promovendo dois annos depois, uma subscrição para feitura do busto conservado ainda hoje no gabinete da Directoria, em virtude do requerimento abaixo: «Illustrissimo Sr. Dr. Herculano Velloso Ferreira Penna, Dignissimo Director da Estrada de Ferro de D. Pedro II.

Os abaixo assignados, por si e em nome dos dentis signatarios da subscrição, junta por copia, vêm oferecer á Estrada de Ferro de D. Pedro II o busto em marmore do ex-Director Engenheiro Francisco Pereira Passos, e rogam a V. S. se digne, por seu respectivel despacho, de aceitar o dito busto como propriedade da mesma Estrada, ordenando a sua conservação na sala destinada á Directoria, e E. R. Med. Rio de Janeiro, 30 de Março de 1882. Jorge Rasmaker Grunewald, Carlos de Niemeyer, Jorge José da Silveira Azevedo, Manuel Fernandes Figueira». — Aceite-se e colloque-se na sala da Directoria. Em 30 de Março de 1882. H. Penna. (Memoria historica da Estrada de Ferro Central do Brasil, 1903).

Os paes se conheceram em Paris. Ella estava em companhia do pae, esculptor, e chegara de Londres, onde dansara no Covent Garden e se exhibia no theatro da Port Saint Martin; elle tocava na orchestra. Amaranse. Chamado ao Mexico para fazer o busto de Juarez, o pae de Celestina embarcou com ella. Oscar Bernardelli, ardendo de paixão, partiu tambem. No Mexico, casaram-se e começaram de viver da sua arte: ella a dansar no theatro Degollado e elle a tocar e a dar lições. Em 1852 nasce Rodolpho e um anno depois sua irmã Clotilde. Não se demoram no Mexico e embarcam para o Chile, deixando a pequena em companhia dos padrinhos, por não poder viajar.

O navio á vela perde a rota, vae dar na Polynesia e naufraga proximo ás ilhas Tahiti. Recollidos numa embarcação, conduzem-nos para o Chile, onde nasce Henrique. Mas não param. Dahi os quatro sobem e descem os Andes e chegam a Argentina, passando para o Rio Grande, onde nasce Felix e depois para o Rio.

Pae e mãe dansam e tocam no theatro e na capella Imperial, no Alcazar e no Phenix, emquanto Rodolpho é matriculado no collegio do Mosteiro de S. Bento. Quando dahi descia, arranjava umas pernas de pau, afim de espiar as aulas de Chaves Pinheiro na Imperial Academia de Bellas Artes, para a qual entra em 1870, tendo por mestre aquelle mesmo esculptor.

Em 1873 talha a primeira estatua - «David», em 74 a «Saudade da Tribu», um anno após «A' espreita», em 1876 obtendo, após concurso o premio de viagem á Europa e conquistando no mesmo anno, no «Salão», a primeira medalha de ouro.

Seguindo para Roma, já esteve durante nove annos, orientado por vezes pelos estatuarios Monteverde e Maccagnani D'orsi. Em 1886 foi nomeado professor da Imperial Academia e em 1890 director da Escola Nacional de Bellas Artes, sendo ainda nomeado professor

de esculptura, exercendo esses cargos até 1915, quando foi substituído na direcção, por J. Baptista da Costa. Em 1927 conquistou a Medalha de Honra do «Salão».

A obra do Rodolpho Bernardelli é de rara pujança. Na esculptura ninguém o sobrepujou em operosidade e em valor. Gonzaga Duque disse: «Viu-o trabalhar. E' quasi impossivel precisar a maneira pela qual elle esculpe tão rapida e tão delicadamente. A sua habilitade technica chega á perfeição, e tal é o cuidado que sóe dispensar a feitura de suas obras que não ha forças humanas capazes de fazerem-no fundir no Rio de Janeiro».

O baixo-relevo «São Sebastião» e «Fabiola» (1879) revelaram o artista excepcional da «Faceira» (1880), da «Venus Callypigia» e «Venus de Medicis», de «Santo Estevam» e de «Christo e a adultera», a sua obra prima.

Rodolpho Bernardelli attingiu o maximo gráo de nomeada que um artista já conseguiu no Brasil. Sua obra é vastissima. Os nossos mais formosos monumentos e estatuas são de sua autoria: Pedro Alvares Cabral, Duque de Caxias, General Ozorio, Visconde Mauá, Benedicto Ottoni, José de Alencar, Teixeira de Freitas, Pereira Passos e varios outros aqui e nos Estados.

Sobre elle escreveu James Darcy:

«Era em Rodolpho o rythmo do poder criador regular mas incessante; a capacidade de traba'ho formidavel. O prazer, a alegria, o enthusiasmo que punha na sua actividade provavam que elle era verdadeiramente um artista, isto é, um daquelles que vão pedir á arte um refugio contra os males e miserias da vida, mas o interesse que mostrava por todas as coisas, affirmava que elle era um homem, a quem nada podia ser extranho.

Nenhum artista, em verdade, teve mais do que elle o senso do valor da cultura. Até o fim, a sua curiosidade

de saber não diminuiu. Lia tudo. Procurava conhecer tudo. E era admirável a ductilidade do seu espirito, livre de preconceitos, aberto a toda a compreensão.

Conhecera muitas das maiores figuras nacionaes. Convivera não sómente com pintores e architectos, mas com homens de letras, politicos, jornalistas, professores. Entre outros, foram seus amigos Luiz Guimarães, Arthur Azevedo, Ferreira de Araujo, Angelo Agostini, Nepomuceno, Weingartner, Pereira Passos.

O Imperador sómente para elle pousou. Conversára com Deodoro e Floriano. Entendia-se maravilhosamente com os moços».

Bernardelli falleceu em 1.º de julho de 1931, deixando uma obra immensa e uma gloria immorredoura.

Foram seus discipulos: Corrêa Lima, Cunha e Mello, Nicolina Vaz de Assis, Modestino Kanto, Paulo Mazzucchelli, Magalhães Corrêa, Leão Velloso, Bibiano Silva, Samuel Martins Ribeiro, Carlota Nascimento, Celita Vaccani e outros.

O mais notavel discipulo de Bernardelli é Corrêa Lima (José Octavio). Nasceu em São João do Principe, Estado do Rio, a 17 de julho de 1878. Matriculou-se na Escola Nacional de Bellas Artes em 1892, na exposição geral de 1899, quando appareceu «sem canglores de annuncio», obtendo o premio de viagem á Europa, de onde regressou em 1903. Durante a sua frequencia ao Salão, obteve medalha de prata em 1901 e medalha de ouro em 1902. Em 1910 foi nomeado professor de esculptura da Escola e em 1916 reconhecido no cargo. Em 1918 conquistou a Medalha de Honra.

Corrêa Lima é uma das organizações mais perfeitas de artista, orientando a sua arte num sentido clasico e de absoluta sinceridade. E' equilibrado e modesto. Tudo que realisa expressa espontaneidade, segurança e belleza. Seu modelado é facil e harmonioso. Seu desenho é sobrio e forte. Desde que surgiu no Salão

tem executado composições como «Remorso», «Prisioneiro», «Eterna luta», «Tentação», «Iracema», «Menina e moça» e «Visionaria», de todos salientando-se o grupo «Mater dolorosa» (em 1902), de empolgante realidade na dor angustiosa que dobra a moça creatura infeliz sobre o cadaver do filho.

O Brasil deve-lhe monumentos publicos dos melhores e mais sumptuosos, como o de Barroso, na praia do Flamengo; o de Teixeira Soares, na praça Mauá; o da Republica, em Nitheroy e o do coronel Fernando Machado, no Paraná. Vae dever-lhe ainda o de Varnhagem, que está fazendo. Tem bustos notaveis como o de Gama Rosa, na Escola de Bellas Artes, o de Bernardelli, no Passeio Publico e o do commandante Baptista das Neves, em Jacuecanga.

A mais operosa e reputada esculptora brasileira, é Nicolina Vaz de Assis. Discipula de Rodolpho Bernardelli, na Escola Nacional de Bellas Artes e de Denis Puech, em Paris, quando como pensionista do Estado (1904-1907), de S. Paulo onde nasceu, ali esteve, Nicolina Vaz de Assis realisou uma obra tecnicamente masculinizada e cheia de formosura. Menção honrosa de 1.º e 2.º grão em 1901 e 1902, medalha de prata em 1907 no Salão e medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908, a distincta artista não se cansa de produzir, ora o retrato, o monumento funerario ou ornamental e quaesquer motivos que affluam á sua inspiração. Dentre os trabalhos mais importantes da laureada esculptora campineira, justo será distinguir-se: CABEÇA DE CRIANÇA, IRACEMA, ORAÇÃO, AMOR SELVAGEM, os bustos de Glaziou e Nilo Peçanha (Quinta da Boa Vista), Alfredo Ellis e Pereira Passos; as fontes «Canto das Sereias» (Quinta da Boa Vista), «Fonte» (Passeio Publico) e «Fonte decorativa» (Praça Julio de Mesquita — São Paulo).

Depois della, o nome de destaque é o de Julieta França, paraense, discipula de Raul Verlet e Rodin, em Paris. Premio de viagem em 1900 e laureada com medalha de prata em 1903 e 1906, tem executado trabalhos de valor.

Honorio da Cunha e Mello nasceu em Recife, a 21 de abril de 1879, matriculando-se na Escola Nacional de Bellas Artes em 1898, tendo por mestre Rodolpho Bernardelli. Fez todo o curso academico. Expondo no Salão, obteve menção honrosa de 2.º gráo em 1906, medalha em 1907 e, em 1908, após concurso, o premio viagem á Europa, por cinco annos. Professor de esculptura de ornatos da Escola, conservador da Pinacotheca, Cunha e Mello exerce tambem o magisterio particular. E' autor de varios bustos, dentre os quaes o de D. Clarisse Indio do Brasil, no Largo dos Leões, de «Juventude» e «Pistoia» (gesso), na Pinacotheca Nacional. E' dos mais illustres esculptores nacionaes.

Magalhães Corrêa (Armando) foi na Escola Nacional de Bellas Artes discipulo de Rodolpho Bernardelli, Corrêa Lima e Zeferino da Costa. Em 1910, concorrendo ao Salão, obtinha menção honrosa, em 1912 o premio de viagem á Europa da Escola (cinco annos), em 1919 a pequena medalha de ouro, em 1928 o «Premio da Cidade» e em 1929 a grande medalha de ouro. Exerce o magisterio official. Vem realisando uma obra desenvolta e radiosa, da qual se destacam: «Sakuantala», «Iguassú» «Luta selvagem», «Mãe preta» e numerosos outros trabalhos. Dedicando-se tambem ás letras, publicou um livro interessantissimo: «Sertão carioca», projectos para a belleza ornamental d cidade.

Discipulo em São Paulo de Amadeu Zani, logo que aqui chegou, Humberto Cozzo venceu. Impoz-se pela obra que se equilibra entre o classico e o moderno. Obra real e humana. Arrebatadoramente bella. Medalha de bronze em 1927 e de prata em 1928, Cozzo procura fa-

zer o melhor, fixando motivos monumentalistas e de estatuaria. Já deu ao Brasil monumentos como o de José de Alencar, no Ceará; João Pessoa, na Paraíba; Bias Fortes, em Barbacena; estatuas, hermas e bustos nesta capital como os de Machado de Assis, Hermes Fontes, Olavo Bilac, Saint Hilaire e Moraes de los Rios.

Antonino Pinto de Mattos nasceu na cidade de Vassouras, Estado do Rio, em 5 de janeiro de 1891, tendo começado os estudos em 1908. Na Escola de Bellas Artes, foi discipulo de Zeferino da Costa, R. Bernardelli e Corrêa Lima, «seu mais efficaz orientador». No Salão obtinha em 1912 menção honrosa de 1.º grão, em 1913 medalha de prata, em 1914 o premio de viagem, em 1919 a pequena medalha de ouro e em 1927 a grande medalha de ouro. Como pintor obteve em 1919, a medalha de bronze. A Pinacotheca possui do distincto escultor o bronze «A escrava».

Antonino de Mattos que exerceu o magisterio do Lyceu de Artes e Officios, é autor de trabalhos que muito o recommendam. O seu premio de viagem foi obtido com «Lyra partida», que se reconheceu como «uma peça solida, com um desenho correcto e muito sentimento». Fez depois a fonte «Narciso», «Discobolo», «Honteuse», «Aprés le péché», «Eva», «Marcha funebre», «Alma louca», os monumentos de Rodrigues Alves, Delfim Moreira, Cruz e Souza, Annita Garibaldi e outros. Funde agora o grande monumento aos heroes da Laguna.

Dos nossos mais distinctos escultores, e possivelmente o decano de todos, justiça será collocar aqui Benevenuto Berna, nascido em 1869, alumno da Imperial Academia de Bellas Artes e que já em 1889, com a estatua *Excelsior*, conquistava, no fim do curso academico, a medalha de ouro. Sobre elle já se escreveu: «Benevenuto Berna possui a observação de um naturalista e a paciencia operosa dos toreuticos». Sua obra

é por isso serena e solida. Os bustos que tem executado valem por attestados ineludiveis de capacidade. Citam-se dentre outros os de Tamandaré, Saldanha da Gama, Wandenkolk, Octacilio Camará, Leopoldo Fróes, sendo tambem autor de monumentos funerarios e de varios projectos para a belleza ornamental da cidade.

Pintor e esculptor, Eduardo de Sá deve figurar preferivelmente entre os que esculpem. Entre os que tiram do barro humido sêres e symbolos e animam a pedra bruta. E' figura singular pelo character, pelo espirito, pela bondade e pelo talento. Positivista, reflecte na obra pictural ou esculptorica a doutrina de Augusto Comte. E já foi dito que o proselytismo comteano jugulou nelle o artista.

Eduardo de Sá só teve um mestre: Victor Meirelles, de quem ainda hoje fala com respeito e unção. Foi o pintor immortal da PRIMEIRA MISSA quem lhe desvendou todo o encanto da natureza e o ensinou a pintar. E' sua esta confissão que Angyone Costa recolheu:

«Mestres só tive um, o senhor Victor. Só este exerceu influencia definitiva no meu espirito, orientando a minha arte, formando a minha alma».

Apezar disso, Eduardo de Sá foi alumno de Zefirino da Costa e de José Maria de Medeiros. Sua obra de pintor é discreta, serena e distincta, como elle é sem exhibicionismo, modesto, culto e bom. Retratou Benjamin Constant e José Bonifacio, pintou «Heloisa» e esboçou «A Patria Brasileira», grande tela que não executou. Faz a esculptura sem ter tido mestres. Com o «esforço de applicação que cada technica requer». Frequentou apenas algumas aulas de Rodolpho Bernardelli, mas de pintura. Concluindo o curso na Academia de Bellas Artes, partiu para a Europa, onde frequentou atelieres. Regressou e surgiu como esculptor, fazendo o monumento a Floriano, que se ergue na Avenida Rio Branco, em frente á Bibliotheca Nacional e

que tem sido motivo de chufas, elogios e controversias. De sua autoria são os bustos de Victor Meirelles e Castro Alves, que estão no Passeio Publico.

Antonio Pitanga é dos melhores esculptores brasileiros, pela sensibilidade e pelo conhecimento absoluto da sua arte.

Filho do saudoso desembargador Souza Pitanga, nasceu em Recife, Pernambuco, aos 7 de junho de 1891. Seus primeiros estudos foram feitos no Collegio Oliveira, de 1899 a 1903, passando-se ao Collegio Alves. Em 1905 conseguia aqui no Collegio Pedro II approvações plenas e distinctas. Matriculou-se, então, na Escola Nacional de Bellas Artes, afim de estudar esculptura. Fez em 3 annos o curso geral e em 4 o curso especial, obtendo sempre as melhores notas. O curso artistico não foi menos brilhante. Mereceu em 1910 duas grandes medalhas de prata e ao terminal-o a medalha de ouro.

Apezar de mudo, foi escolhido para representar a Escola no Congresso de Estudantes, reunido em S. Paulo e director do Centro dos Academicos. Após a conclusão do curso foi nomeado professor de esculptura do Lyceu de Artes e Officios. De genio irriquieto, dotado de grande enthusiasmo, Antonio Pitanga (Antonio Edgard Souza Pitanga) fundou o Centro Artistico Juventas, que se transformou depois na Sociedade Brasileira de Bellas Artes que ahí está, pujante e victoriosa.

Obtendo, por concurso, o premio de viagem á Europa, por cinco annos, com a estatua *Calabar*, fixando o patriota caboclo de Porto Calvo, partiu para a Italia, onde se demorou varios annos alem do pensionato.

Lá, o joven e talentoso esculptor trabalhava e aperfeiçoava a sua arte, percorrendo museus, expondo e sempre com o espirito voltado para o Brasil, sonhando com a fundação de uma academia brasileira em Roma, como tinham a Inglaterra, a França, a Hespanha, a Al-

lemanha, os Estados Unidos e com uma Escola de Bellas Artes, no Brasil, desbolorada e moderna, dentro do tempo que passa e até mesino com um Circulo de Bellas Artes como o que frequentara na Cidade Eterna, com sede propria e tudo quanto possa interessar ao artista.

Expôz em Roma, na Galeria de Arte Moderna de Napolis (1922), tendo dois trabalhos seus, um busto de mulher e um desenho, sido adquiridos.

Regressando ao Brasil absorvido pelo ensino, Antonio Pitanga não tem produzido muito.

Trata-se, todavia, de um artista distincto e de reconhecido valor.

Em 1914, no Salão, mereceu a medalha de bronze.

Natural de Campos dos Goytacazes, Modestino Kanto foi na Escola discipulo de Bernardelli e Corrêa Lima. No Salão de 1914 obtinha a menção honrosa de 2.º grão, em 1915 a de 1.º grão, em 1917 a grande medalha de prata e em 1918 o premio de viagem, expondo «On ne passe pas», que Nogueira da Silva não só achava «imponente e estupenda», como dizia que era «uma segura, bella e definitiva etape «dessa magnifica jornada, jornada difficil e escabrosa para a Belleza e a Perfeição».

Natureza irrequieta, trabalhador sem fadiga, Modestino Kanto muito tem realizado para glorificação do seu nome. Alem de composições e retratos, já apresentou monumentos como o de «Ararigboia», em Nictheroy e o de «Deodoro», inaugurado a 15 de Novembro de 1937, na praça Paris e que é um dos maiores da America e dos mais bellos do mundo (2). E' professor

(2) O monumento ao Proclamador da Republica, erguido na Praça Paris, mede 22 metros de altura por 6 metros e 10 centímetros de largura, compondo-se de 850 toneladas de pedra e 14 de bronze. Só a estatua principal pesa 6 toneladas. As 14 toneladas de bronze provieram de velhos canhões hespanhões e portuguezes de 1849 e 1700. A escultura monumental tem 16 metros e 10 centímetros de lado. Ha uma novidade no monumento: enquanto todas as estatuas têm as suas principais linhas coincidentes perpendicularmente com a praça em que estão erguidas, a de Deodoro rompe com a forma classica e se encontra em diagonal com as linhas da Praça.

do Lyceu de Artes e Offícios e da Escola Profissional Visconde de Cayrú.

Da geração que ennobrece a escultura contemporânea, Moreira Junior (Joaquim Marques) é um dos valores mais significativos.

Discipulo de Rodolpho Bernardelli, obteve o premio de viagem á Europa do Salão em 1908 e em 1913 a grande medalha de prata. Trabalhando e exercendo o magisterio, Moreira Junior tem concorrido ás exposições geraes e feito obras de não pequeno valor como «Commendador Bethencourt da Silva (Lyceu de Artes e Offícios), os bustos de Grandjean de Montigny (Quinta da Boa Vista), do Mestre Valentim (Passeio Publico) e varias outras aqui e nos Estados.

Entre os nossos esculptores não se pôde deixar de incluir Petrus Verdier, nascido em 25 de maio de 1872 em Firminy (Loire), França. Discipulo da Escola de Bellas Artes de Toulouse em 1877; da Ecole des Beaux Arts de Paris, do atelier Falguiere e Mecier em 1891, foi official da Academia em 1907 e official da Instrucção Publica em 1914. Em 1911, no Rio, foi proposto e acceito para professor extraordinario de escultura de ornatos. Em 22 de janeiro de 1913 foi nomeado professor extraordinario, por concurso de titulos; em fevereiro de 1920, entrando em concurso, foi classificado em 1.º lugar e nomeado effectivo da referida cadeira. Na exposição geral de 1911 conquistou menção honrosa de 1.º grão. Pouco apparece no Salão. O seu melhor trabalho deve ser «Femme au chale», feita em marfim e madeira e que figura na Pinacotheca.

Para o fulgor da escultura brasileira, sem destacarmos escolas ou inclinações, salientam-se: Bibiano Silva (Antão), nome dos mais festejados artistas pernambucanos, muitas vezes laureado; Ugo Bertazzon S. Paulo); Paulo Mazzucchelli, autor de composições e retratos importantes; Samuel Martins Ribeiro, es-

culptor moderno de incontestavel valor ; Zacco Parana e João Turim (Paraná), dois fortes artistas que honram a arte esculptorica do Brasil ; Margarida Lopes de Almeida, Umberto Cavina, Amadeu Zari (S. Paulo), Laurindo Ramos, discipulo de Corrêa Lima, medalha de ouro do Salão e autor de estatuas como a do Padre Cicero, no Ceará e bustos como o do Rei Alberto (Avenida Elizabeth), João do Rio e do engenheiro Coelho Cintra ; Hildegardo Leão Velloso, autor de monumentos publicos como o de Pinheiro Machado, em Ipanema e o de Tamandaré, na Praia de Botafogo ; Honorio Peçanha, auxiliar de Modestino no monumento a Deodoro ; *Francisco de Andrade*, autor de *Tiradentes*, em frente á Camara dos Deputados ; Antonio Caringi, talentosissimo, laureado pela Academia de Munich, autor do monumento a Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul ; Armando Braga, quatro vezes laureado ; Leopoldo Silva, Morell Soutello, Luiz Bartholomcu Paes Leme, Adolpho Hungerbuhler, Adriana Janacopulos, Florentino Barbastefano, Carlos del Negro, J. Rangel, autor do monumento aos heróes de Copacabana ; João Scuoto, José P. Bareto, Vicente Laroca, Julieta Muller de Almeida, S. Feijó, Almir Pinto, Alfredo Hercularno, Maria de Assis Mattos, Yayá Castro, Achilles Araujo, Barandier da Cunha, João do Rego, Orestes Acquaronne Filho, Cadma Prometina, A. Cesar Doria, J. Baptista Ferri, Roque de Mingo (S. Paulo), Augusto S. V. Romano, Vicente Larodca, Chermont Royal, Vergilio F. da Silva Filho, Homero da Silva, Elvio Lemmi, Angelica de Aguiar Ellery, Giuseppe Guamarano, Luiz Ferrer, Ricardo Cipicchia (S. Paulo), Maria S. Meyer e outros.

A architectura

A architectura no Brasil nasceu com o apparecimento providencial dos jesuitas.

Foram elles que sabendo aproveitar a aptidão dos indios, ensinando-lhes tudo quanto sabiam, delles conseguiram até a edificação de accordo com riscos e plantas que lhe eram apresentadas, «não sendo ellas inferiores aos mais formosos templos da Hespanha e do Perú, pela belleza e bom gosto na construcção e riqueza das pratas e ornatos».

Os primeiros colonos portuguezes construíram as suas habitações, de character quasi militar, verdadeiras trincheiras cercadas de fossas destinadas a se abrogarem dos ataques dos indios. Com o augmento da povoação, as construcções foram se transformando, tornando-se mais commoas e elegantes».

A epocha da colonisação coincidiu com a de mais preponderancia do estylo barroco. Por isso era natural que fossem os templos os primeiros a recber no Brasil a sua influencia, só muito tempo depois surgindo na architectura civil, no mobiliario, na indumentaria, na ornamentação, nos objectos de usança comum e nos vehiculos de transporte. Accentúa Araujo Vianna, que até 1817 o modo de construir, quanto ás linhas systematicas e o estylo decorativo, quanto aos ornamentos, representam producto sincero e uniforme do sentimento nacional, reflexo artistico dos seculos XVII e XVIII da metropole.

E' certo que, nas habitações particulares, no seculo XVII, se notará algo de ligeiramente diverso da genuína casa lusitana, especialmente, se se penetrar mais para o interior do paiz, onde as exigencias do clima, a natureza dos materiaes e reminiscencias dos aldeamentos indigenas, tiveram um pouco poder para introduzir elementos seus, no typo fornecido pela colonia, mas nunca houve a necessaria ousadia para reforma francamente benefica.

Estudando o que aqui observára em recuados tempos, Tollenare escrevia nas suas *Chronicas Domingueiras* :

«Nada dessas bellas linhas em que o olhar se apraz em repousar, mas abundancia de recortes, de cornijas, de contornos e de molduras bizarras.

Os templos são pequenos, de uma só nave, sem abobadas de pedra; uma obscuridade bastante solemne, quasi tenebrosa, no santuario. Em vez das naves lateraes vêem-se as sacristias e os côros, acima dos quaes reinam os salões guarnecidos de sacadas dando para o interior e reservadas ás pessoas gradas; são de um bello effeito».

Ayres Gama dizia: «A architectura dos nossos templos é um mixto hybridó, que indica claramente a triste ignorancia dos artezanos que os construíram.

Se nos templos domina o gosto jesuítico, reproduzindo o barroco italiano, na architectura civil que o mestre de obras (em 1585 havia o cargo especial de Mestre de Obras do Rei, exercido por Manoel Fernandes) aliado do proprietario ignorantão e rude erguia, notava-se tambem ausencia de conforto e de bom gosto.

As casas eram acaçapadas e feias, de fachadas ridiculas, ornamentadas á *la diable*, feitas sob o risco do constructor sem merito.

Ronald de Carvalho traça o panorama com muita nitidez :

«Foram o pedreiro, o carpinteiro, o serralheiro, de parceria com o solerte empreiteiro das duzias, os architectos da capital do Brasil. Levantaram elles, a seu bel-prazer, ao longo das praias mais formosas do mundo, no seio de valles e em abas de morros vestidos de vegetação opulenta, um amontoado de monstruosos paredões, sem ar nem luz, semelhantes na fealdade, repugnantes no feitio, indignos de um povo realmente culto. Mostram ainda agora, á saciedade, os bairros velhos do Rio de Janeiro, a insulsa e injuriosa architectura que nos herdaram os nossos antepassados».

Conjugavam-se, no levantamento da má architectura civil da metropole brasileira, constructores e estuadores, espalhando mostrengos por toda parte. As casas de moradia eram construidas com fachadas caracteristicas: «feitios portuguezes, com reminiscencias na forma das coberturas de beirões em pontas recurvadas e mouriscas nas rotulas dos vãos das janelas, de portas e sacadas e nas caixilhas conjugadas de janelas com ou sem postigos».

Longe do centro urbano, as residencias dos ricasões eram do typo de «abarracadas, com avanço dos telhados, dando nascimento a varandas, sustentadas por pilares ou columnas de alvenaria rebocada».

Abundaram no interior, generalisaram-se nas fazendas, nos engenhos, constituindo o typo principal das nossas casas ruraes.

Não dominava um estylo. Havia contrafações de estylos, ou falta absoluta delles. Ao contrario do que acontecera na França com o «rocaille», na Hespanha com o «plateresco» e no proprio Portugal com o rocôcô, degenerencia do manuelino, derivado do árabe e do gothico.

Ricardo Severo acha que a arte de Mestre Valentin e do Alejadinho «deu ao barroco portuguez um novo caracter que o distingue de todas as matrizes européas:

e resulta este novo aspecto ou estylo de uma sincera adaptação artistica ás condições locais, moraes e materiaes do quadro *brasileiro*.

Mas a arte architectural permanecia na mesma feição vulgar, incaracteristica, alienigena, reflectindo o meio atrazado, incolor e a sociedade banal em que se expandia. Não revelava esthesia nem forma de belleza. Arrastava-se no ecletismo dos estylos e na balburdia, vindo assim até quasi meados do seculo XIX.

Grandjean de Montigny, que chegara com a missão franceza de 1816 procurou, «com o seu prestigio official de professor», abrir novos rumos á architectura, impondo a orientação néo-classica em que levantou edificios como a antiga Academia Imperial de Bellas Artes, que os reformadores demoliram em 1938.

Mas o serviço resultou nefasto.

Surgiram imitadores sem a sua educação artistica e sem a sua sensibilidade e comprehensão, revelados em projectos que no dizer de Araujo Vianna «não passavam de corretissimas composições archeologicas greco-romanas».

(1) AUGUSTO HENRIQUE VICTOR GRANDJEAN DE MONTIGNY foi uma das figuras mais interessantes da missão franceza de 1816. Nasceu em Saint Mertry, em Paris, a 15 de julho de 1776, sendo filho de Claudio João Baptista Grandjean de Montigny e de Joanna Ursula Cornet. Em 1779 obteve o premio de viagem a Roma, enquanto o Instituto de França conseguia do governo francez, que só se concedia excepcionalmente na epoclia, do serviço militar. Adido á direcção da Escola Franceza em Roma, em 1802, foi encarregado da adaptação do Palacio dos Medicis á instalação dos artistas francezes. Em 1810 chamado a Westphalia, Jerry no Bonaparte encarregou-o das construcções da sala dos estados de Cassel, do theatro, de um arco triumphal e varias fontes monumentaes. Publicou duas obras sobre architectura. Embarcando para o Brasil na missão de Lebreton, foi professor efficientissimo e autor da Praça do Commercio (inaugurada a 13 de junho de 1820 e já desaparecida), do antigo mercado da Candelaria, da sala de expediente da Alfandega, da Imperial Academica de Bellas Artes e de residencias particulares. Fez mais ainda o iniciador do ensino de architectura no Brasil: os projectos das fontes ornamentaes da Praça Quinze de Novembro e da Praça 11 de Junho (que n.º chegou concluso), do chafariz do Largo de Bemfica, uma Cathedral-Pantheon para os bispoelros notaveis, uma biblioteca em estylo egypcio e um palacio imperial. Preferindo ficar aqui n voltar ao seu paiz, construiu uma vivenda no retiro de Olarin (Gavea), morrendo a 2 de março de 1850, sendo inhumado no convento de Santo Antonio.

As linhas classicas foram mal interpretadas, misturando-se-lhes ornatos de todo genero, modificando-lhes a composição o mestre de obras boçal e o proprietario ignorantão continuando a predominar.

A architectura official, por seu turno, orientou-se continuamente mal. Foi sempre de linhas artisticas perturbadoras. De absoluto máo gosto ornamental e sem directriz no sentido de impôr uma architectura «nossa» ou encantadora.

«A timidez dos engenheiros e architectos brasileiros, commenta Ribeiro de Freitas — não se aventurando a afastarem-se das Regras do classicismo, manteve quasi inflexivel a ordenação dos poucos edificios de character monumental que possuimos e se uma ou outra rara vez veiu architecto estrangeiro exercer aqui a profissão ou encarregar-se de algum edificio, manteve-se sempre nas normas do mesmo estylo ou do renascimento francez, sem que haja na architectura brasileira de annos atraz signal de alguma audacia de genio.

A essa regra geral que predominou na arte brasileira durante o dominio monarchico fez excepção apenas o architecto Bethencourt da Silva que, durante largo periodo, manteve quasi só todo o peso da representação da architectura do Rio de Janeiro.

A elle se deve, principalmente, a audacia do alteamento das dimensões verticaes, a amplitude dos vãos e especialmente a predominancia das linhas rectas, em *contraposição ao uso quasi constante dos arcos e curvas*, que abundavam na edificação; nota-se, desde que esse architecto teve predominio na construção, uma grandiosidade na ordenação dos edificios até ahi desconhecida no Rio de Janeiro.

.....

Rompendo com o fanatismo do classico ousou adaptar á torre da igreja do Sacramento a flecha, a pyrami-

de elegante, sobre a ordenação corrente nesta capital, substituindo as pequenas cupolas e corucheus barôcos que eram o remate dos campanários do Rio de Janeiro até essa epocha»..

Bethencourt fez mais: o emprego do granito brasileiro em revestimento geral das fachadas dos edificios «O finado architecto José de Magalhães, natural de Pernambuco, tendo chegado de Paris, onde se diplomou, influíu salutarmente em novas casas construídas segundo planos pittorescos e correctos: concorreu para a phase progressista da Architectura civil no Rio de Janeiro, em 1886. Em 1890 houve benefica intervenção do architecto Henrique Bahiana, tambem já fallecido».

«E assim, se a influencia do fundador da escola de architectura no Brasil ainda se sente na preferencia da estylisação classica ou do renascimento francez na architectura brasileira, esta podia aspirar a ganhar feição propria em harmonia com as suas condições caracteristicas, qualidades dos materiaes de construcção de que dispunha, scenario natural em que se manifestava».

Como Bethencourt, foram discipulos de Montigny, José Maria Jacintho Rebello (1821-1872), architecto e paisagista, autor do edificio da Santa Casa, da Casa da Moeda e do Palacio Itamaraty e João José Alves, professor de architectura da Academia.

Morales de los Rios, o velho e eminente professor Adolpho Morales de los Rios, traçou a anarchia architectural salientando a epocha das cimalthas com consolos duplos, estylo italiano, com beiradas de telha vidrada do Porto»; em 1867 «a influencia franceza e inexpressiva, um tanto *pompierf* e um pouco Peray-Fontaine», a decoraçáo de estuque revestida de azulejos portuguezes e de vasos, plantas, estatuetas afeiando as platibandas e pilastras de portões; os *chalets* suissos, as casas varandadas, os edificios de torres medievaes, ameias e barbicans.

«O fim do segundo imperio — diz Manuel Bandeira — assignalou a decadencia do espirito tradicional na construcção. Não havia mais nem a lembrança daquelles sargentos de engenheiros que riscavam com mão forte e sobria os projectos de egrejas e de casas de camara e governo. Os Calheiros e os Alpoins foram, á falta de architectos, succedidos pelo mestre-de-obras portuguez, insigne introductor do lambrequim, das composteiras de platibanda e do marmore fingido. Mas estes ainda fazia os casarões retangulares com, ao lado, a acolhedora varanda. O que veio depois era ainda peor: tinha pretensões a estylo. A Avenida Atlantica, collecção de aleijões, illustra essa epocha, a mais detestavel da architectura em nosso paiz».

Apezar dessa affirmacção, já quasi no fim do segundo imperio os bons fados influem na architectura civil urbana, fazendo surgir edificios publicos de feição menos incorrecta e ridicula-influencia que se accentúa depois com os concursos de projectos, sem que de todo se acabe com o ecletismo estylistico e a chateza complicada das edificações.

Comtudo, em 1901, ainda se affirmava melancolicamente:

«Em regra, a casa brasileira é a casa portugueza. Das cabanas de taipa grossa do tempo de Mem de Sá, passámos immediatamente para a construcção portugueza e nella nos conservamos ainda agora.

As modificações que essas construcções têm soffrido são antes prejudiciaes. Assim eliminaram-se dellas os azulejos polychromos que, repellindo os raios do sol, conservavam á casa um agradável fresco e as preservavam da humidade das chuvas. Substituiram-se esses azulejos por um *plâtre* muito hygrometrico, que enverdece e que no nosso clima é muito pouco duravel.

Os edificios construidos pelo Estado são em regra monumentos ridiculos, que não offerecem nem a solidez

indispensável, como provam os edificios da Prefeitura, do Correio e da Imprensa Nacional (2). Os da Casa da Moeda, Hospital da Misericórdia e Hospício de Alienados, posto que mais antigos, são incomparavelmente superiores a esses.»

Na residência particular, a desorientação e o máo gosto andaram no mesmo passo. A architectura apresentou apenas influencias. Não se definiu num typo, não apresentou evolução de accordo com o progresso material ou á civilização indigena, não personalisou-se.

Nereu de Sampaio disse :

«Empreiteiros promovidos a architectos, simples *constructores quasi analphabetos*, que se fizeram architectos, e estrangeiros sem escrupulos, num meio social cuja educação esthetica nunca existiu, creavam para o desenvolvimento da nossa architectura, o maior obstaculo».

E até a propria Municipalidade, sem nenhuma preocupação de arte nem criterio, em nossos dias creou o hybridismo do titulo de architecto-Constructor, como se não comprehendesse as funções de um e de outro, absolutamente independentes.

Depois de mais de quatro seculos, o Brasil não tem ainda a sua architectura característica.

2) Criada no Brasil com o nome de Imprensa Régia pelo decreto de 13 de maio de 1708, a actual Imprensa Nacional começou a funcionar em 1809 no andar térreo da rua do Passelo n. 41, com um prelo de madeira aqui construído, sendo depois transferida para a rua dos Barbones, esquina de Marrecas. Reorganizada por decreto de 17 de fevereiro de 1815 com o nome de Real Officina Typographica, já lhe estava anexada desde 31 de outubro de 1811 a Real Fabrica de Cartas Je jogar. A 1 de fevereiro de 1823 foi novamente transferida com o nome de Typographia Nacional para casas compradas ao Conde da Barca; uahi passou a funcionar em 1831 na Academia de Bellas Artes, indo em 1836 para a rua da Misericórdia (Câmara dos Deputados); em 1850 passou-se para o prédio junto ao Lyceu de Artes e Officios. Resolvida a construção de um prédio para essa Repartição, teve ella início a 26 de agosto de 1874, sendo Ministro da Fazenda o Visconde do Rio Branco, e foi concluída em 31 de dezembro de 1877, regendo aquella pasta o Barão de Cotegipe. Foi autor do plano e seu executor o engenheiro civil Dr. Alfredo de Paula Freitas. Em julho do ano seguinte, começou a Typographia Nacional a funcionar no prédio cuja frente foi demolido em julho de 1938, á rua 13 de Maio.

A que chamam «colonial» não é mais do que uma transmigração de estylos, sobretudo o barroco dominante contemporaneamente em Portugal.

Precisamos ter um typo nosso, um typo característico, um typo brasileiro. Precisamos dar á nossa casa uma expressão physionomica propria. Fazel-a de accordo com as nossas inclinações e o nosso clima, dentro da feição deste, no septentrião, no centro e no sul.

Não importa que para isso volvamos ás fontes do passado, ao que o sr. José Marianno, filho, chama «architectura tradicional brasileira».

O que precisamos é construir, é adaptar ou crear a residencia nacional, a residencia brasileira, enquadrada no nosso ambiente, servindo plenamente á nossa epoca e á nossa civilisação.

Medalhistas

A arte da gravura de medalhas no Brasil nasce na época inicial de progresso da pintura e da escultura, não encontrando meio de expansão, em virtude mesmo do seu character.

Como já se tem notado, e-o fez destacamente M. H. Spielman, a medalha não é propriamente um medalhão em miniatura, mas uma modificação da escultura, na qual os planos devem ser mais do que as luzes e as sombras. É um ramo de arte cheio de dignidade e de incontestavel e imperecível valor para perpetuar os factos memoraveis de um paiz e de um povo, bem como constituindo um delicado e bello meio de se prestar um duradouro tributo á memoria de entes illustres e queridos».

Sem a popularidade da pintura e da escultura, restricta quasi aquelles fins enunciados, a gravura não consegue o desenvolvimento das outras artes, sendo por isso mesmo deveras exiguo o numero de gravadores especializados, tão difficil lhes será viver sem a ajuda do trabalho official, principalmente em lugares onde até pintores e esculptores vivem ignorados ou hostilizados.

A arte da gravura é, porem, delicada e de um encanto seductor. O movimento que se exige na escultura e o que a cor representa na pintura, devem existir na medalha. Os planos são a sua forma fundamental de belleza. Apenas com elles e no diminuto espaço disponivel, o artista revelará a perspectiva linear, o movimento, a cor, tudo que dê a nítida impressão do motivo.

Arte synthetica, no minusculo circulo de aço guardará o que o pintor fez numa tela de muitos metros e o esculptor num monumento.

Ao gravador exige-se, pois, extraordinaria habilitade manual, desenho excellente, firmeza de traço, paciencia e sensibilidade. Será um ourives da forma, afim de mostrar qualidades prodigiosas de artista.

Nascida na Italia, a gravura adquiriu todo o seu requinte de delicadeza na França, varios paizes vindo a possuir depois medalhistas celebres.

Antes de 1816 não era possivel a existencia de gravadores de medalhas no Brasil. Ha quem fale em gravadores de talho doce, como Roberto Eloy de Almeida, que copiou o retrato de Pope, gravado por Holloway.

O primeiro gravador que tivemos, incontestavelmente, foi Zeferino Ferrez, que veio com a missão franceza. Primeiro professor official, fazendo tambem a esculptura de ornatos, cabe-lhe a prioridade de haver esculpido os fructos brasileiros, achando depois continuadores, não menos habeis como Bethencourt da Silva, na fachada do antigo edificio da Associação Commercial (hoje Banco do Brasil) e Pereira Passos, na fachada posterior do Theatro Municipal.

Araujo Vianna diz que a primeira medalha cunhada no Rio foi a da coroação de Pedro II, em 1820 e por Azevedo.

Ferrez, que era um gravador excepcional, deixou medalhas que são obras primas, feitas desde a coroação de d. João VI até o segundo reinado, para a coroação de Pedro II, com a effigie desse immortal imperante (1). Delle guarda a Escola Nacional de Bellas Artes, uma medalha de bronze da fundação do Instituto Historico (1831) e um medalhão de marmore com a effigie de Pedro I. Eram delle a composição allegorica do tympano

(1) *Journal do Commercio*, 23 de novembro de 1919.

da empena e o baixo-relevo acima da janella do meio da 1.^a sala da antiga Academia, já demolida.

Por occasião do lançamento da pedra fundamental da Pinacotheca, foram collocadas na caixa que guardou o auto da solemnidade, uma medalha de ouro gravada por João José da Silva Monteiro e outra por José da Silva Santos.

Com Zeferino Ferrez, surgiram gravadores como Joaquim José da Silva Guinães, pensionista da Academia, laureado em 1870; Quintino José de Faria, Monteiro, Quirino Vieira, Carneiro, Silva Gomes Geraldo Francisco Pessôa de Gusmão, premio de viagem de 47. Antonio Nunes Teixeira, Antonio Boaventura e Christovão Luster, que concorreram a varias exposições.

Depois de Ferrez, o mais notavel gravador que se conhece é Augusto Girardet.

Nascido em Roma a 23 de novembro de 1855, filho de famoso medalhista italiano, estudou no Regio Instituto de Bellas Artes de sua cidade natal, sendo discipulo de Masini, Podesti, Allegreti, Giorgio Antonio Girardet e Giulio Monteverde, que tambem foi mestre de Rodolpho Bernardelli.

Veu para o Brasil contratado em 1891, na Europa, pelo esculptor de *CHRISTO E A ADULTERA*, então director da Escola Nacional de Bellas Artes (2) para vezes a cadeira de gravura de Medalhas e pedras preciosas, tomando posse e entrando em exercicio em 6 de fevereiro de 1892.

Delle já se escreveu :

«Quem vê esse homem baixo, no tamanho physico quasi uma criança, de escassos cabellos e barba loura, olhos azues, caminhando rapidamente, modestamente,

(2) *Tres foram os artistas estrangeiros contratados por Bernardelli: Girardet, Carlos Parlagreco, para a cadeira de historia de architectura e Gustave Paille, para a de archeologia.*

mal imagina que alli vai um dos maiores artistas que vivem no Brasil. Porque esse pequenino italiano que reside entre nós desde 1892 é um grande artista, um artista que já era notavel nos centros artisticos mais cultos do velho mundo.

Nessa fina arte da medalha, ainda tão pouco comprehendida e tão escassamente apreciada entre nós, Augusto Girardet veio mostrar-nos as joias que nella se podem produzir, e, para os poucos que já vão gostando della, o gozo delicado que ella pôde proporcionar.

• • • • •

Como os artistas do Renascimento, Augusto Girardet é um fino gravador em pedras preciosas, e além de muitos camafeus como os retratos do fallecido Manoel Cotta, de José de Alencar, de Benjamin Constant, do Sr. J. Araujo e senhora, de uma sobrinha de Rodolpho Bernardelli, do busto da Republica e do monumento do centenario, tem feito muitos trabalhos em saphira e outras pedras para a casa Luiz de Rezende e que se acham em mãos de diversas senhoras da nossa sociedade » (3).

A obra de Girardet é devéras prodigiosa. Com ella, pode ser collocado entre os melhores medalistas do mundo. E' tambem fecundissimo, durante quasi cincoenta annos do Brasil, não tendo conhecido repouso nem desfallecimentos.

Suas medalhas e *plaquettes* ficarão como raras joias de arte.

Araujo Vianna affirmou ainda que Girardet é entre os gravadores mundiaes um artista completo na sua especialidade.

O serviço de Girardet á arte de gravura, avulta consideravelmente com a lucida pleiade de artistas que for-

(3) Zeferino Perrez fez tambem a medalha comemorativa da abertura da Academia, que tinha no verso: *D. Pedro I p. no reverso: Petro primo Bras Imperatoris Inaugoratu Academia B. Artium. MOCCCXXVI.*

mou, tanto na Escola como da Casa da Moeda e que constitue a gloria da gravura moderna no Brasil.

Augusto Girardet possui Medalha de ouro, da Exposição de S. Luiz (1904), grande premio de Exposição Nacional (1908), Grande medalha de ouro e Medalha de Honra (1919), do Salão nacional e foi aposentado, como professor na Escola Nacional de Bellas Artes, por decreto de 20 de Agosto de 1934.

Leopoldo Campos, natural de Vassouras, discipulo de Girardet, F. Hilarião e R. Chambelland, é dos nossos melhores gravadores. Dos mais competentes, dos mais modestos e dos mais artistas. Na Casa da Moeda, como no seu atelier, têm realizado obras verdadeiramente bellas. Tira do aço motivos que revelam uma rara sensibilidade e uma habilidade invulgar. Sua carreira artistica é tambem digna de relevo. Menção honrosa de 1.º grau em 1916, pequena medalha de prata em 1918, premio de viagem em 1920 e pequena medalha de ouro em 1926. Das suas composições mais notaveis cintam-se MARABÁ, QUELQUES FLEURS, SYMPHONIA AGRESTE, MELODIA EM FLOR e OUTROS.

De merito accentuado na arte difficil e delicada de gravar medalhas e pedras preciosas, é Jorge Soubre, discipulo de Girardet e Hilarião Teixeira. Varias vezes laureado no SALÃO, é autor de medalhas que attentam muita delicadeza e muito talento. Segue-se-lhe Arlindo Bastos, que possui desde a menção honrosa de 2.º gráo á grande medalha de prata e tem executado trabalhos de fino acabamento.

Adalberto Mattos é dos nossos gravadores de medalhas mais conhecidos e de carreira mais esplendorosa. Fez-se á custa de tenacidade a competencia.

Nascido em Vassouras, Estado do Rio, a 13 de março de 1888, vindo para esta capital, iniciou os seus estudos artisticos com Stefano Cavallaro, Eugenio dos Santos e Sebastião Fernandes, no Lyceu de Artes e

Offícios. Em 1902 matriculou-se na Escola Nacional de Bellas Artes, como alumno livre; em 1905 passou a frequentar a classe de gravura de medalhas e pedras preciosas de Augusto Girardet e as aulas de modelo vivo de Zeferino da Costa.

O primeiro trabalho que apresentou foi o retrato de Olavo Bilac; em 1907 apresentou-se no SALÃO, tendo menção honrosa de 2.º gráo; em 1908 obteve a de 1.º gráo e, no anno seguinte, o premio de viagem á Europa. Partiu em 1910 para a Italia, passando-se á Roma e á Florença, onde montou atelier com o escultor Moreira Junior. Frequentou a Escola de Bellas Artes e depois a *Escola Livre de Nt de Mignone*. Em 1911 expoz na *Prometrice de Florença* e fez uma exposição. Regressou ao Brasil em 1912, expondo na Escola.

Concorrendo sempre ao SALÃO conquistou ainda grande medalha de prata em 1912, pequena medalha de ouro em 1913 e grande medalha de ouro em 1926. E' dos nossos melhores medalhistas. Suas obras revelam um artista de subido merito e fecundo. Exerce o professorado no Lyceu de Artes e Offícios, no Instituto La-Fayette e na Escola Visconde de Cøyrú.

Dinorah A. de Simas Enéas, appareceu no SALÃO em 1913, conquistando menção honrosa de 1.º gráo, em 1916 merecendo a grande medalha de prata e em 1919 a pequena medalha de ouro. Tendo feito curso exemplar na Escola de Bellas Artes, obteve, por concurso, o premio de viagem á Europa, por cinco annos. Foi a unica medalhista da Escola ou do SALÃO, que alcançou tão ambicionada recompensa.

Lucilia Ferreira é das nossas mais distinctas gravadoras. Discipula de Girardet, Lucilio, M. Brocos, Cunha Mello, Corrêa Lima e Rodolpho Chambelland na Escola Nacional de Bellas Artes, accentua cada dia o seu progresso, sendo a primeira mulher que conclue o curso da especialidade aqui. Compõe com graça e exe-

cuta com segurança, demonstrando todos os recursos que revelam uma emoção de arte. Seus envios ao SALÃO têm merecido recompensas, que são estímulos á sua intelligencia e á sua capacidade de execução : menção honrosa de 2.º grau em 1924, medalha de bronze em 1928 e pequena medalha de prata em 1929.

Discipulo de Girardet e Chambelland na Escola de Bellas Artes, Calmon Barreto revelou-se um gravador de talento. Os seus trabalhos lhe deram no SALÃO menção honrosa de 1.º gráo em 1924, medalha de bronze em 1925, pequena medalha de prata em 1927, grande medalha de prata em 1928 e premio de viagem á Europa em 1929.

Deixando em 1936 a Casa da Moeda, começou de fazer a illustração, em que confirma todos os creditos de artista probo e capaz.

Distinguem-se ainda como gravadores : Hermínio José Pereira, Vicente Laroca, João Vargas, Benedicto Ribeiro, Carlos da Costa Faria, Walfredo Trindade, Sergio Antunes, Francisco Gomes Marinho, varias vezes medalhado no SALÃO ; Walter Rodrigues de Toledo, Accacio Moreira, João Baptista Neves da Silva, Adolpho Hungerbuhler, Basilio Nunes, Orlando Mara, Alcides Lindo, Mario Doglio, Angelina de Aguiar Ellery, Ary do Valle, João Leoni, João Honorato Ferreira, Rubem Alves da Silva, Luiz Santos, Cordelia Eloy de Andrade, Eponina C. Muniz, Moacyr Rolim, Djalma Barreto, Manoel Ignacio da Silveira, Alcides Joaquim e outros.

SEGUNDA PARTE

A Escola Bahiana

HONTEM E HOJE

A pintura na Bahia nasce mais cedo do que no Rio. Aqui só em 1695 surge Frei Ricardo do Pilar, instituidor da pintura a óleo.

No glorioso Estado que viu nascer o Brasil, ella remonta aos primórdios da vida nacional.

Inicialmente, fala-se da existencia na Cathedral bahiana de dezeseis pequenos quadros pintados sobre laminas de cobre, representando a vida da Santa Virgem e pertencentes á escola flamenga.

Quem os teria levado para lá ou pintado na Bahia? Sabe-se que de 1568 a 1580, chegou á cidade do Salvador um desenhista para examinar aos alumnos dos collegios dos jesuitas. Seriam delle? Pensa-se tambem terem partido «dos artistas de Nassau as primeiras noções do ensino do desenho».

«A meu ver, afirma Manoel Querino, a bellissima collecção de pintura que faz o assumpto destas linhas é devida ao pincel do monge bahiano, Frei Eusebio da Soledade (1) cuja aprendizagem, sem esforço de racio-

(1) Para o eminente critico de arte bahiano, ACCACIO FRANÇA, EUSEBIO «teve por mestres a portuguezes e aprendem nos collegios jesuitas, onde ingressára de pequeno. Acha tambem que Querino elabora em erro, quando attribue ao primeiro pintor brasileiro os dezeseis quadros pintados a óleo sobre cobre: pela perfeição impossivel no meio e num discípulo, não terem os quadros nada da pintura portugueza e "possuem frisantes caracteristicas da escola veneziana. Pelo que, tudo denota serem de importação italiana, coisa muito frequente por aquelle tempo». E' esta tambem a opinião de Lopes Rodrigues e de Theodoro Sampaio.

cinio, pode ser attribuida a esses pequenos flamengos, que aqui estiveram per algum tempo». Eusebio de Mattos nascera em 1629, em 14 de março de 44 entrando para a Companhia. Desgostoso, deixou a roupeta e tomou o habito de carmelita com o nome de Eusebio da Soledade. Com o seu singular talento, não fôra somente «pintor notavel, mas poeta, musico, philosopho, mathematico e de quem o padre Antonio Vieira dizia «que Deus se apostara em o fazer em tudo grande, e não o fôra maior por não querer».

Da descoberta do Brasil até á chegada ali dos pintores flamengos, só Rio Branco nas suas *Ephemérides* cita (e disso não fala o illustre autor de *Artistas bahianos*) o pintor hespanhol Felix Castells que teria reproduzido numa tela que figura no Museu do Prado, o desembarque de Fradique de Toledo, na Bahia, em 1625. Depois disso surgem trabalhos de autores desconhecidos, provavelmente de jesuitas, no convento de S. Francisco e na Cathedral.

O desenvolvimento da pintura deve-se ter operado no *ultimo quartel do seculo XVIII*.

O fundador e mestre da escola de pintura na Bahia é José Joaquim da Rocha, cujo lugar de nascimento tanto se nomeia a Bahia e Minas, como o Rio de Janeiro.

Querino considera-o bahiano, dado o facto significativo de Joaquim da Rocha concluir os seus estudos na Europa e ir directamente para a Bahia, que já não era mais capital do Brasil e não vir para Minas, onde o ouro regorgitava ou para o Rio de Janeiro, que não só gosava de mais importancia, «como offerencia campo mais vasto á ambição de glórias de um artista de merito, como era José Joaquim da Rocha» (2).

(2) A respeito da cidade de nascimento de José Joaquim da Rocha ha controversias. Uns dizem-no natural de Minas, outros do Rio e ainda outros da Bahia. A verdade parece estar com os ultimos. Mello Moraes pae, foi quem fez entrar a versão do chefe da escola de pintura bahiana ser mineiro. Os que depois trataram do assumpto, não fizeram mais do que repetit-o. Manoel Quer-

Em Portugal aprendera elle a pintar tectos de egreja, conforme o estylo romano e na Bahia se tornara famoso no genero, embora sua obra se resentisse de defeitos que a expressão das figuras e a perspectiva atenuavam. Mestre principal do seu tempo, fundou escola e deixou discipulos, pintores, estofadores e decoradores. Pintou a cupola de varias egrejas e tentou o retrato sem exito.

Verissimo de Souza Freitas, que com elle aprendera, auxiliou o mestre e fez discipulos; Manoel José de Souza Coutinho (1776-1830), tambem discipulo de Rocha, voltou-se para o retrato, tendo sido o primeiro que tentou a pintura de scenarios, fazendo o do Theatro S. João que se inaugurara em 1812, a convite do Conde dos Arcos. Fez a *Coroação de D. João VI*, elogiada pelo Conde de Palma.

Notavel producto da mestrança de José Joaquim da Rocha foi José Theophilo de Jesus, fallecido quasi sexagenario em 1847. Instruido, conhecia o francez e o latim. Aperfeiçoou-se na Europa ás expensas do mestre e em Lisboa estudou com indiscutivel aproveitamento, sob a orientação de artistas com Pedro Alexandrino de Siqueira, Vieira Lusitano, Pompeu Jesuino e Battoni e auxiliou o pintor de batalhas, Taborda. Regressando á Bahia, onde seu mestre já não vivia, levou a effeito trabalhos «em todos os generos de arte», destacando-se numerosas cupolas, como as das egrejas do Reco-

no faz, porém, o contrario. Investiga, deduz, conclue. José Joaquim da Rocha se aperfeiçoou na Europa, regressa á Bahia, que não é mais capital do Brasil, nem goza a importancia do Rio, nem o prestigio de Minas, obarrutada de ouro, funda a escola de pintura, manda aperfeiçoar na Europa o seu discipulo José Theophilo de Jesus, afim de que continue na Bahia a sua obra. Porque essa preferencia pela Bahia, enquanto ninguem prova que o artista tenha nascido em Minas? O autor de *Artistas Bahianos* mostra a existencia de um José Joaquim da Rocha, natural de Minas, engenheiro militar, etido como autor d'uma interessante *Memoira Historica da Capitania de Minas* e ainda outro, capitão-mor, nascido a 19 de outubro de 1777, em Mariana, fallecido em 1848 e que foi ministro do Brasil na Santa Sé. Os tres estiveram na Europa e foram contemporaneos, surgindo dahi as duvidas suscitadas e a affirmação incontestada de Manoel Querino a favor do nascimento do illustre artista, na Bahia.

lhimento do Senhor dos Perdões, da igreja de N. S. da Barroquinha e Collegio dos Orphãs de S. Joaquim; ainda aqui os painéis dos altares e o retrato historico do irmão Joaquim Francisco do Libramento - a pintura original da matriz de Itaóarica, representando a Ceia do Senhor, os trinta quadros representando a vida de Christo na capella do Senhor do Bomfim, medalhões e o segundo panno de bocca do theatro S. João

Vivendo exclusivamente para a arte, que elevou sempre, trabalhou extraordinariamente, com probidade e modestia. Percorrendo o Estado, em quasi todas as cidades deixou obras primorosissimas. «Tudo quanto a natureza pode outorgar ao genio, pelos effluvios da facilidade, manifestou-se vivo, no illustre bahiano, de immortal memoria». (3).

Outra figura destacada da pintura bahiana do começo do seculo passado, foi Antonio Joaquim Franco Velasco (1780-1833).

Orphão de pae, após concluir o curso primario, foi entregue ao pintor José Joaquim da Rocha, com quem começou a pintar. Iniciou-se no retrato, cujo modelo interpretava com sabedoria, mostrando ter avançado do mestre, seus quadros não revelando somente um estylo novo, mas «admiravel vida e animação».

Fez pinturas na matriz de Sant'Anna (1813), na capella do Senhor do Bomfim (1919), a Ceia do Senhor, sua obra prima e painéis sumptuosos; retrato do Conde dos Arcos, do Conego Dr. Lino, do Padre Antonio Vieira e outros. Foi o primeiro professor de desenho da cadeira publica da Bahia, tendo no seu exercicio e em plena aula retratado, em duas secções, Pedro I. Suas obras correm o Brasil e o estrangeiro.

Francisco Velasco é o autor do primeiro esboço da Bandeira Nacional, cujas cores copiou das pennas do

(3) MANUEL QUERINO. *Artistas Bahianos*. Bahia, 1911.

papagaio, ave que naquella epoca suppunham só existir na Bahia.

Deixou varios discipulos, alguns de grande valor, como Bento José Rufino da Silva, ou Bento José Rufino Capinam, (1791-1874), cognome adoptado depois da Independencia, pintor e scenographo de desenho seguro, «pincel energico e vigoroso, na historia, na paisagem e no retrato». Executou panoramas e foi o primeiro brasileiro que na sua terra dedicou-se á lithographia. A historia local inspirou-lhe telas como a entrada do exercito pacificador, a 2 de Julho de 1823. Deixou trabalhos no hospicio da Piedade, na matriz de Valença, na igreja do Bomfim, representando *A morte do peccador*, na de N. S. da Luz na Ordem Terceira de S. Domingos e na de S. Francisco.

Claudio José Ramos Amazonas (1798-1835) foi decorador e distinguiu-se como pintor de natureza morta.

José Rodrigues Nunes (1800-1881) tornou-se discipulo estimado de Velasco. Professor de desenho por concurso em 1827, substituiu o mestre, após a morte deste, em 1833. Scenographo e retratista, trabalhou muito, enriquecendo templos e galerias. Era tambem dado ás letras.

José Joaquim da Rocha Bastos e Joaquim Gomes Tourinho tornaram-se miniaturistas.

Dos discipulos de José Rodrigues Nunes podemos salientar Olympio Pereira da Matta (1810-1887), versado na historia das artes, desenhador applicado e retratista de merito. E' autor de uma *Biographia de pintores e musicos nacionaes* e considerado o artista mais instruido da epoca. Deixou paineis e retratos.

Macario José da Rocha (1816-1866), versado no estudo de linguas, «retratista pratico, de grande accellerção e presteza», no dizer de Manoel Querino e, ao contrario dos artistas anteriores, paisagista, costumando proclamar : «Apanhei hoje a natureza em flagrante».

Fez *Judith suspendendo a cabeça de Holophernes, Suzanna, Lia e Rachel, Neptuno* e um panno de bocca para o theatro S. João, representando a victoria das armas brasileiras em Paysandú, no Paraguay.

João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) foi professor de desenho e artista consciencioso. Um dos fundadores da Escola de Bellas Artes, leccionou tambem no Lyceu de Artes e Officios e particularmente. «Depois do lithographo Vera Cruz foi quem melhor trabalhou em retratos a tinta da China e outros desenhos a sepia. Ampliou as possibilidades de sua arte, fazendo o quadro de costumes, natureza morta, etc São de sua autoria *Vinde a mim os pequeninos* (Collegio dos Orphãos de S. Joaquim), *Ruinias do templo de Mannon*, *Convento da Lapa*, *Em flagrante* e outros.

Francisco Rodrigues Nunes (1826-1904), filho e discipulo de José Rodrigues Nunes, estudou no Lyceu Provincial, no qual bacharelou-se em 1846, frequentou a Escola de Bellas Artes de Paris, sendo discipulo de Michel Drolling e aperfeiçãoou-se na Italia. Seus trabalhos mais conhecidos são : o tecto do convento de S. Bento (1874), *Velho mendigo*, *Ruinias do forte S. Sebastião* e uma série de retratos de homens illustres.

Discipulo de Velasco e Rodrigues Nunes, não se deve esquecer Joaquim Marcellino de Oliveira Sampaio. Destacou-se como desenhista e executou bons retratos.

Bento Capinam tambem fez discipulos. Um delles é seu filho Tito Nicolau Capinam, (1822-1876), que se especialisara na scenographia, fazendo outros generos como o painel *A morte de Judas*, as telas *S. Francisco recebendo o habito*, *S. Roque no deserto* e *S. Francisco deante do Sultão da Turquia*, *A guerra do Paraguay* inspirou-lhes varios paineis para a Camara Municipal.

José Antonio da Cunha Couto (1832-1894), pintor de retratos e de motivos sacros, fixou a *Primeira missa no Brasil*, no tecto da igreja da Sé, *Santo Elias* e *Santa*

Thereza, o Tira-Dentes, representando o famoso dentista João Miro i, que nas ruas da cidade « extrahia dentes sem dor, de dentro do proprio cartto em que andava », *Scenas de botequim, Christo ressuscitado*. Era de genio reservado, não querendo relações com os collegas. (4). Foi o mais fecundo retratista da sua epoca.

Heraclyto Augusto Odilon, nascido em 1841 auxilia o mestre, faz-se decorador, scenographo e paisagista, sendo o ultimo discipulo de Capinam.

Angelo Romão, neto do reputado esculptor Manoel Ignacio da Costa, aprende o desenho, fazendo-se depois professor da « Companhia de Artifices » até 1890, quando foi aposentado. Deixou um painel no theatro S. João, a Virgem, um retrato de Pedro II no Arsenal de Marinha e varias copias, feitas em 1866, dos paineis sobre Diogo Alvares e Paraguassú existentes na igreja da Graça. Nascido em 1834, falleceu em 1895.

Com outros artistas, encerra-se o primeiro periodo da pintura na Bahia.

Em 1841, o pintor de historia da Academia de Paris, Paul Geslim, já conhecido no Estado, abria um curso de desenho e pintura, parecendo que ia tirar o meio da apathia que succedera á morte de Velasco. Mas nada conseguia. Quatro annos depois surgia o estabelecimento de bellas artes de Antonio Dias e em 1856, o Dr. Antonio José Alves fundava a Sociedade de Bel-

(4) Couto pintou certa vez um quadro no qual diversos animaes censuravam uma pintura do professor Canysates. Lopes Rodrigues Filho, discipulo deste, em represalia, fez e expoz tambem outro quadro representando o autor do *Scenas de botequim*, pintando uma tela, entendendo de animaes que lhe fazem manifestação « Assim é que um cavallo, de laneta, cobre o artista com um chapéo de sol, um burro apresenta uma cesta de flores, um marcao, mão tinta; num chapéo de pelle descargam os pinceis, um cachorro tem na bocca um numero do *Nova Mundo*, representando o plagio, isto é, donde Couto copiou o quadro, uma cobra põe as mãos num papel, com epigraphic, uma serpente rde uma lima de aço como symbolo da inveja ».

las Artes e o Estado subvencionava para aperfeiçoar os seus estudos na Europa, o pintor Francisco Muniz Barreto Filho; em 1872 fundava-se o Lyceu de Artes e Officios; o Dr. Antioio Alves da Silva, em 1894 apresenta á Assembléa Legislativa um projecto autorizando o governo a crear uma escola de artes e officios, que só dez annos depois recebeu do governo a primeira subvenção.

Em 1876 chegava á Bahia, temendo vir ao Rio onde soubera que grassava a febre amarella, o professor Miguel Navarro y Canysares, nascido em Valencia, Hespanha. Faz logo uma exposição que desperta enorme interesse e se offerece ao Lyceu de Artes e Officios para fundar um curso superior de pintura, offerecimento que é acceito. Canysares leccionou até 1877, quando devido a um incidente abandonou o estabelecimento, fundando com outros professores e sob o patrocínio do presidente da provincia, desembargador Henrique Pereira de Lucena, depois Barão de Lucena, uma Academia de Bellas Artes, o que realmente se fez.

A creação da Academia marca uma nova era no ensino do desenho e desperta enthusiasmo. Fizeram-se exposições, animaram-se tendencias. O proprio professor Canysares pintou retratos, paineis, allegorias. Retirou-se para o Rio em 1881, deixando um nome inesquecivel na Bahia.

O ensino do modelo-vivo é inaugurado com o professor russo Mauricio Grün, contratado em Paris para a Academia, enquanto tambem se ia buscar na França o professor J. G. Sentis, para ensinar esculptura.

Em 1995 a Academia é reformada, passando a chamar-se Escola de Bellas Artes, nome que ainda conserva. Della tem sahido artistas de merecimento, que vieram estudar no Rio, foram aperfeiçoar-se no Velho Mundo e se tornaram notaveis, como Tito Weidinger Baptista, alumno de Canysares e Antonio Lopes Rodri-

gues, fazendo a scenographia, a decoração, a paisagem, etc., sendo autor do *Adamastor nas aguas da Bahia*, que está no Museu de Marinha de Lisbôa e Francisco Terencio Vieira de Campos, que foi laureado na Academia e na Imperial Academia de Bellas Artes, alumno de J. M. de Medeiros e Victor Meirelles. Campos seguiu para a Europa, onde permaneceu seis annos, regressando ao Estado, dos seus quadros se destacando *Resurreição de Lazaro*, *Repouso do modelo*, *Fundação da cidade da Bahia por Thomaz de Souza*, *Inspiração*, naturizas mortas, retratos, etc.

Escreveu o *Methodo Racional do Desenho á Mão Livre*.

Surgem outros como Manoel Raymundo Querino, nascido a 28 de julho de 1851 em Santo Amaro da Purificação e fallecido em fevereiro de 1923. Estudou preparatorios no Lyceu de Artes e Officios e no collegio *Vinte e Cinco de Março*, da cidade do Salvador.

Deixando o Lyceu o professor Canysares, que ia fundar a Escola de Bellas Artes, immediatamente acompanhou-o, matriculando-se em architectura, em cuja secção recebeu em 1882, o diploma de desenhista. No anno seguinte matriculou-se no curso de architectura, tendo frequentado tambem aulas de anatomia, esthetica, historia das artes e pintura. Mereceu menção honrosa e duas medalhas de prata. No Lyceu obteve medalhas de bronze, prata e ouro. Auxiliou em 1907 o mestre Canysares na pintura do panno de bocca do theatro S. João e ao professor Lopes Rodrigues nos trabalhos da igreja de N. S. da Graça. Dedicou-se ao ensino.

E' de autoria desse illustre artista, *Modelo* de casas adoptadas ao clima do Brasil, *Desenho* linear de classes elementares, *Elementos* de Desenho Geometrico e *Artistas Bahianos*, fonte preciosa e indispensavel a quem

quer que estude a arte na Bahia e «unico registro de arte que possuímos», segundo Accácio França.

Alumno do Lyceu e da Escola de Bellas Artes, premiado em varias exposições, premio de viagem á Europa, onde esteve quatro annos subvencionado pela Escola e pelo governo, Archimedes José da Silva fixou residencia no Rio de Janeiro, tendo feito a paisagem, a marinha e costumes. Delle se escreveu em 1907 :

«O Sr. Archimedes da Silva é sempre o mesmo, consciencioso, modesto e trabalhador. As suas paisagens, ora expostas, tem o merito da fidelidade e como fixação de epoca devem ficar bem collocadas entre productos da pintura documental, que é de consideravel proveito para o futuro».

Em 1926 expunha ainda uma bem feita aquarella : *Vendedora d'agua, costume antigo no norte*. Falleceu em 1935, como technico da Directoria de Arborisação e Jardins da Municipalidade.

Oscás dos Santos, nasceu na cidade de Maroim, Sergipe, em 1865. Frequentou a Escola de Bellas Artes, onde em 1880 obteve menção honrosa, distinguindo-se como professor, retratista, pintor de genero e paisagista. Tem retratos em varios Estados. Á Assembléa Legislativa de Sergipe solicitou muitas vezes pensão para ir estudar na Europa, nada conseguindo.

No começo de 1937 realizou no Lyceu de Artes e Officios desta capital uma pequena exposiçào.

Olavo Baptista estudou na Escola de Bellas Artes, obtendo por concurso o premio de viagem á Europa, por tres annos, regressando á Bahia, de onde partiu para Maceió, afim de ensinar desenho e pintura. Ali trabalhou, realisou uma exposiçào e conviveu com Rosalvo Ribeiro, o maior pintor de Alagôas, algumas vezes pintando juntos, servindo-se do mesmo modelo. Pouco tempo depois regressou á terra natal, onde vive. E' figurista vigoroso. Retratista.

Robespierre de Farias, laureado no Lyceu, professor do Gymnasio, premio de viagem á Europa, alumno em Paris de Lefebvre, Decheneau e Robert Fleury e na Bahia de Santis e Lopes Rodrigues, é artista de accentuadas qualidades de interpretação. Em 1921 realizou apreciada exposição no Rio de Janeiro.

A Bahia teve sempre a gloria dos nossos maiores esculptores de imagens e entalhadores. Como a pintura, toda a sua esculptura floresce ardente de imaginação e força de realidade, de um mundo mystico.

Imaginosos e habéis, talharam no jacarandá toda uma viva palpitação de formas estylisadas, que enriqueceram velhos lares coloniaes e opulentaram templos que são o orgulho da arte religiosa.

Pedro Calnon escreveu com muita precisão: «É singular, deveras, o que acontece com o «clima» artistico da velha Bahia. Parece que a inspiração dos to-reuticos antigos anda no ar, e se transmite, como os traços de familia na mesma tribu, através do tempo, de avós a netos, creando silenciosas dynastias de joalheiros e rendeiros em madeira de lei. O paiz todo se encheu de magestosas mobílias floridas pelas suas mãos habéis. E ainda sobram os templos forrados dos silhares ao tecto da talha flocada e leve que estylisaram, transformando numa espuma dourada e aerea os rijos taboados. Nisso o que a Bahia tem de melhor é producto do desenho e da pericia dos seus artezões humildes. Realisaram o minucioso milagre do seu trabalho sem outra influencia fóra do meio mesquinho onde floresceram. Deixaram monumentos que dão ao Brasil personalidade e logar, no catalogo das artes universaes, e os discipulos, que mantêm accesa a lampada encantada. Entre elles havia sempre um Donatello, a incitar um Brunellesco:

«Piglia dei legno...» Assim foi sempre. Os mestres de outros tempos revivem nos discipulos que noutros vão transmittindo a chama eterna».

Chagas, o *Cabra*, «é o ponto de partida do esplendor da esculptura na Bahia». Seu nome verdadeiro ninguém reteve. Nem as datas de nascimento e de morte. A tradição conservou apenas o cognome e o appellido, que a obra genial immortaliza. Deve ter nascido nos fins do seculo XVII ou começo do XVIII.

Chagas forma com Mestre Valentim e Aleijadinho o triangulo luminoso da arte colonial no Brasil, na esculptura.

A madeira nas suas mãos transforma-se, milagrosamente, em vidas christianissimas e enriquece templos. A dôr, o martyrio, a uncção, a renuncia, a resignação, a innocencia, nunca tiveram melhor interprete na madeira. A arte da esculptura polarisa-se em Chagas, o *Cabra*. Fez *Nossa Senhora das Dores*, *São João e Maglena*, o monumental grupo da Ordem Terceira do Carmo; *S. Benedicto*, na matriz de Sant'Anna, *Senhora da Redempção*, na igreja do Corpo Santo; *Nossa Senhora do Monte do Carmo*, o *Senhor dos Passos*, existente em Santa Catharina e de comovente historia.

«As suas imagens são tão perfeitas que parecem tiradas do natural», — disse Antonio da Cunha Barbosa». Foi celebre artista e chefe de uma escola de esculptura.

Presume-se que Feliz Pereira, fallecido nos fins do seculo XVIII, tenha sido discipulo de Chagas. Revelam seus trabalhos muita realidade na expressão physiologica. Fez varias imagens de grande valor, destacando-se *Senhor dos Passos* (1762), na ilha do Bom Jesus, *Vera Cruz*, na capella da Ajuda e *N. S. Sant'Anna*.

Como chefe da escola de esculptura do seu tempo, vive Bento Sabino dos Reis (1786-1846), que tambem não sae do assumpto religioso. Talha *Senhora da Pie-*

dade, no convento de S. Francisco e S. José e S. João, na cidade do Salvador; *Divina Pastora* em Alagoinhas; S. Francisco de Paula, S. Francisco de Assis (de barro cosido), a *Via-Sacra* (14 quadros em barro cosido) e um *Senhor dos Passos*, sua obra prima e que deu motivo á devoção do Senhor dos Passos dos Humildes.

Manoel Ignacio da Costa (1748-1849), discípulo de Felix Pereira, «revelou-se laborioso e fecundo na concepção gigantesca de suas concepções». Suas obras se espalham pela Bahia e pelo paiz. E' de pasmosa realidade. Delle são: *S. João de Deus*, na matriz de S. Pedro Velho; *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, S. Guilherme, na igreja da Palma, o *Senhor Morto*, que sae em procissão da Ordem Terceira do Carmo. «Quem quizer admirar o que é grandeza artistica — diz Manoel Que-rino — observe esta imagem. Maravilham aquellas formas surprehendentes de belleza: a naturalidade dos ferimentos da cabeça que pende sobre o peito, e os cabellos que em madeixas empastam-se, ensanguentados, sobre os olhos já fechados. Não se pode dar á morte do justo tristeza mais solemne. Poucas vezes se tem talhado a imagem do Homem Deus tão grandiosa». Fez mais: *Sant'Anna* e *S. Pedro de Alcantara* no convento de S. Francisco, «verdadeiro monumento de arte,» de impressionante realidade reveladora de renuncias e mortificações, *S. Jorge*, em Maragogipe e *Magdalena*, na igreja da Lapinha. Em barro cosido fez o genial artista obras excellentes, representadas em figuras e grupos verdadeiramente notaveis. Delle é o *Caboclo*, emblema da emancipação politica bahiana nos feitos de 23.

Depois de Manoel Ignacio da Costa, surgem Antonio de Souza Paranhos (1786-1854), Francisco Machado Peçanha, João Baptista Franco (1824-1870), miniaturista e especializado em vestir principescamente as imagens.

Domingos Pereira Baião (1825-1871), discípulo de Bento Sabino dos Reis, «foi esculptor exímio, retratista regular e musico de familia», tendo brilhado «tanto na elegancia do traço, como na firmeza da execução». Deixou numerosas obras.

Aurelio Rodrigues da Silva (1834-1896), discípulo de Souza Paranhos, «artista de merito, bastante caprichoso em seus trabalhos, completo em imagens vestidas», trabalhou muito; João Carlos do Sacramento (1830-1886), discípulo de Magalhães Requião, produziu bastante; Antonio Machado Peçanha, nascido em 1835, «arrojado e imaginoso», trabalhou e segundo Baião, «é muito intelligente, corajoso, valente na concepção e affeito no desbatar».

Erotides Americo d'Araujo Lopes, nascido em 17 de dezembro de 1847, é organização artistica de merito. Guiado por Baião, artista portuguez, a quem sobrepujou, trabalhou em madeira, depois em pedra jáspe e casca de cajazeira, especializando-se em miniaturas, possuindo obras em varios paizes da Europa. Em casca de cajazeira talhou uma serie de typos populares muito flagrantés e movimentados. Foi operosissimo. Suas mãos felizes tiravam da pedra e da madeira legittimas obras primas. Um *Presepe* seu constitue um conjuncto de tresentas e tantas figuras.

Seguem-se João Guilherme da Rocha (nascido em 1851), Domingos de Barros Lisbôa, José Florencio Gomes Junior (1858-1903), e varios outros menores como Raymundo Nonato Vieira Lima (nascido em 1852), Jovino de Mattos Guimarães (1856-1896) Eustachio Manoel da Cruz (1838-1902), Antonio Borba, discípulo de Baião, Ivo José de Araujo e varios outros.

Com os esculptores e santeiros, viveram os entalhadores que fixaram primores ornamentaes em jacarandá, fizeram peanhas, ornamentos, tribunas, côros e altares, podendo-se nomear Martinho e. Roque (dos

quaes se ignora o prenome), Joaquim Pereira de Mattos, vulgo *Joaquim Pataca* (1780 ?-1885), «reputado bom artista, nenhum outro, de seu tempo, o excedendo no plano e na louçania da execução; Cypriano Francisco de Souza (1820-1890), Maximiano Brandão, Candido Alves de Souza (1840-1884), Domingos Alves do Sacramento (1848-1901) e outros.

Com a fundação da Escola de Bellas Artes, foi contratado na Europa o esculptor francez J. C. Santis, succedido annos depois por De Chirico, esculptor italiano, ambos fazendo bons alumnos.

Atravez dos tempos, a Bahia produziu esculptores e entalhadores cujos nomes perdurarão eternamente. Ainda ha pouco (1936), o Rio admirou no Lyceu de Artes e Officios as esculpturas magistraes de Pedro Ferreira. Vendo-as, escreveu Pedro Calmon: »São tão reaes e impeccaveis, o seu dolorido São Sebastião, a Virgem Mãe pisando uma nuvem carregada pelos serafims deliciosamente infantis, o Crucificado pendente do madeiro, roxo da morte e do crepusculo, — que poderiamos, junto dellas, desejar que fosse mais completa a maravilha, e se animassem de gesto e voz... »

Ahi fica o esboço panoramico da pintura e da esculptura na Bahia, dos primeiros tempos coloniaes até hoje, sem etapas ou periodos rigidamente delimitadores. Toda a intelligencia artistica é uma floração repontada do agiologio christão, palpitando em caprichos de colorido e de linhas por cupolas, corredores, retabulos, capiteis e altares de egrejas e claustros, erguendo symbolos e fixando imagens.

No Rio, a arte segue o mesmo rumo de imaginação na pintura e adquire certa autonomia, abrindo-se-lhe nova era com Victor Meirelles e Pedro Americo; na

Bahia, a tendencia é para a pintura e a esculptura e como não acontecera aqui, os fastos nacionaes inspiram quadros e symbolos que a pedra, a madeira e a tela eternisam.

Mas lenta do que no Rio, a evolução da pintura bahiana faz-se sem directriz, sem pressa, expontaneamente e sem influencias extranhas.

A arte serve á intelligencia e á emoção e não quer vitalizar-se sem o humus da terra de tantas graças e belezas, nascida sob o signo da cruz de Maltam que as caravellas abria, como uma exquisita flor vermelha aos ventos bonancosos e ao céu caricioso, sobre os mares «nunca dantes navegados».

Por isso permanece no arabesco caprichoso da talha, nas imagens que perpetuam symbolos de fé e de santidade, nas telas que fixam martyres e thaumaturgos. E como desabrochou bemaventuradamente ao influxo profundo do nativismo mais salutar, achou motivos de expressão emocional na historia da terra e da nacionalidade.

Veu vindo assim até polarisar-se em Manoel Lopes Rodrigues (1861-1917), cujos estudos de desenho e pintura iniciara com o seu pae, João Francisco Lopes Rodrigues, um dos fundadores da Escola de Bellas Artes e autor de *O ultimo dia de um condemnado*.

Professor, laureado varias vezes no Lyceu de Artes e Officios e na Escola, vem ao Rio onde se demora de 1882 a 1885 trabalhando, fazendo commentarios de arte na *Gazeta Litteraria*. Auxiliado por Pedro II e varios amigos, vae estudar em Paris, demorando-se dez annos na Europa.

Na capital franceza frequenta a Escola de Arte Decorativa, estuda com Raphael Collin, Leon Bonnat, Lefévre e Robert Fleury.

Volta ao Rio em 1894 para obter prorogação de subsidio; nada conseguindo regressa a Paris e volta

a Bahia, onde se deixa ficar trabalhando e exercendo o professorado.

Lopes Rodrigues torna-se um pintor excepcional. Subrepuja a todos os outros e sobe tanto que ninguém até hoje chegou ao cimo immaterial de sua glória. Não se faz somente o mais operoso pintor porem o maior de todos.

Foge do ambiente dominado de paz e mysticismo das igrejas e dos claustros e vem arejar-se cá fóra, interpretar todas as emoções e todas as cores da alma humana e da natureza. Seu pincel moço e alacre impece o retrato, o assumpto biblico e mythologico, o genero, a decoração, o nú, o painel mural e a paisagem.

Chega ao mais alto cume da fama. Trabalha extraordinariamente. E quando em 1917 procura reagir contra a indiferença do meio, planejando a Sociedade Propagadora das Bellas Artes, a morte paralysa-lhe os sonhos e a vida. A exposição posthuma (1918) que fazem evidencia o grande pintor que a Bahia perdera.

Foram oitenta e tantos quadros de todos os generos, além de «pochades» e desenhos, mostrando que elle fóra mais do que tudo retratista.

A crítica deslumbra-se diante de *Dois véus, Sans Soucci, Meu atelier em Paris*, (medalha de ouro no Salão de 1895), *Nus, Reprimenda, Velha inglesa, Orchestra ambulante e Adieu*, que Accacio França considera «a Gioconda do mestre».

Lopes Rodrigues marca uma era fulgurante na evolução da pintura bahiana. Exerce mais decisiva influencia do que Rosalvo Ribeiro em Alagôas, Hora Hora em Sergipe e Telles Junior em Pernambuco.

Executou numerosas decorações, painéis na igreja da Graça, retratos, entre todos, o do dr. Pacifico Pereira, «que é a obra prima do artista» da pintura bahiana.

Deixou uma bagagem de immensa belleza e um discípulo como Presciliano Silva que continua a ascensão

da sua gloria. Segue a rota do mestre. Realiza uma obra robusta e torna-se o maior pintor da «Terra de Deus», como delle já sahio um discipulo como Alberto Valença.

Presciliano Silva, alumno do Lyceu de Artes e Officios e da Escola de Bellas Artes, discipulo preferido do artista de S. Jeronymo, auxiliado pelo governo estadual (1905) para estudar na Europa, onde frequenta a Academia Julien, aprende com Lefévre e Dechaneau e permanece durentre tres annos, de regresso expondo na Bahia e no Rio, onde alcança grande exito, torna-se um pintor victorioso. Visita Paris outras vezes, expõe no Salon dos Artistas Francezes, regressa á Bahia, expõe ahi (1913) e em Pernambuco (1921), fazendo a decoração, o interior, o retrato, o genero, a paisagem e a natureza morta. E' um grande pintor.

Carlos Chiacchio, eminente critico, depois de salientar Presciliano como o pintor dos templos bahianos, diz :

«Mas não para ali a força creadora de sua palheta agil, franca, independente. As suas tintas commovem-se, illuminam-se, transfiguram-se em outros themes, todos, porem, obedecendo ao mesmo influxo de pintar a Bahia para a Bahia. E' a sua maneira de ensinar a ama-la : amando-a nos seus aspectos de sonho e força. Bebe-lhe o ar livre das paisagens salitradas. Unge-se da luz rica dos seus céos maravilhosos de lenda. E colhe as suas marinhas. E pinta os seus typos. E realisa os seus costumes. E a agilidade mental do artista multiplica-se pela vida ao redor em milagres de aquisições estheticas cada qual feliz. E' o interiorista. E' o retratista. E' o figurista. E' o marinheiro. E' o paisagista. E' todo o pintor integral da nossa terra e da nossa gente».

Alberto Valença, discipulo de Lopes Rodrigues e Presciliano, é com esse que tem melhor se orientado e

progredido. Pintando com independência, procurando sempre accentuar a própria personalidade, Valença já veio ao Rio e expoz no Salão, conquistando em 1933 uma medalha de prata. Tem auxiliado Presciliano em varias decorações e tanto faz o retrato, como a paisagem, a marinha e o genero.

Em abril de 1937 realizou no vestibulo do Palacio Rio Branco, em S. Salvador, uma exposição de vinte e tantos quadros.

Outros pintores de valor dignificam a Bahia, como Manoel Mendonça Filho, premio de viagem á Europa e artista de merito; Vieira Campos, que tambem estudou no Velho Mundo e fez o *Anjo Salvador*, *Assalto ao Forte e Moema*, a *Ultima Nereida*; Lucilia Fraga, Diogenes Rebouças, Aggripiano de Barros, Octavio Torres, Appolonio do Espirito Santo, Alberto Rabello, Cyrillo Marques, Helio Vaz, Philomeno Cruz, Antonio Freire, José Guimarães, de muito valor; Lourenço Conceição, que em meados de 1937 realizou uma exposição de oleos e aquarellas no Lyceu de Artes e Officios daqui, Francisco Mangabeira Albernaz, Emilio Magalhães, Paraguassú e outros.

A arte em Minas Geraes

Antonio Francisco Lisbôa enche de orgulho as Minas Geraes de todos os tempos. Delle encheria o paiz inteiro. Sua gloria é infinita e universal.

Nasceu a 29 de agosto de 1730 no arrabalde de Bom Successo, pertencente á Freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias, em Villa Rica, depois Ouro Preto, sendo filho natural do architecto portuguez Manoel Francisco da Costa Lisbôa e de uma africana de nome Isabel, sua escrava.

Era «pardo escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada, e o genio agastado : a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabello preto e anelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e algum tempo pont'agudo, os beiços grossos, as orelhas grandes, e o pescoço curto. Sabia ler e escrever, e não consta que tivesse frequentado alguma outra aula além da de primeiras letras, embora algum ju'gue provavel que tivesse frequentado a de latim».

Na aula pratica do seu pae, aprendeu o desenho, a architectura e a esculptura, achando-se que tenha tambem sido alumno do desenhista-pintor João Gomes Baptista. Durante annos exerceu a architectura e a esculptura, nesta ninguem o excedendo. Trabalhava, ganhava dinheiro, gosava a vida sem tristezas nem doencas. E produzia obras que traziam o traço perduravel do genio.

De 1777 em diante, porem, começaram de surgir as consequencias do excesso de desregramento sexual. Atacaram-no molestias que uns diziam ser a zamperina, mal epidemico que havia grassado em Minas e no Rio e que quando não matava, deixava deformidade e posalyrias e que outros julgavam ser o humor gallico complicado com o escorbuto. (1).

O facto é que Antonio Francisco Lisbôa começou de perder os dedos dos pés, só podendo andar de joelhos, enquanto os das mãos se atrophiavam e curvavam, restando-lhe, por fim os polegares e os indices. Por vezes, no accesso do humor choleric, lanhado de dores, o esculptor chegava ao desespero de cortar-os, servindo-se do formão com que trabalhava. «As palpebras inflammaram-se, e permanecendo neste estado offereciam á vista sua parte interior — : perdeu quasi todos os dentes, e a bocca entortou-se como succede frequentemente ao estuporado, o queixo e os labios abateram-se um pouco : assim o olhar adquiriu certa expressão sinistra e de ferocidade, que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente. Esta circumstancia e a tortura da bocca o tornavam de um aspecto asqueiroso e medonho».

Tornou-se assim irascivel e brutal. Sua fealdade monstruosa fazia-o desconfiado e esquivo e em quem o olhava, com indifferença ou piedade, elle só descobria ironia e repulsa. Evitava, então, companhias fossem quaes fossem e trabalhava ás occultas, fugindo de todos. Era

(1) A causa da molestia de Antonio Francisco Lisbôa deu ensejo a contrarias e opiniões que não chegaram á conclusão definitiva. O que teria atrophiado e deformado o genial torçudo? A Zamperina, a "molestia de Reynaud" ou «endo-arterite» ou a «lepra mutilante»? O eminentè psychiatria Henrique Roxo, em carta a Gastão Penalva, autor do substancioso volume «O Aleijadinho de Villa Rica», mostra ter sido a lepra mutilante a terrivel molestia; outros divergem como Agrippa de Vasconcellos e Americo Valerio que opinam pela «eryngomyelia» provocada por lues, com «desordens tropicas subsequentes». Ha tambem os que apoiam Rodrigo Brêtas, attribuindo a doença a excessos venereos ou ainda «aquelles que achavam ter, nelle, o humor gallico se complicado com o escorbuto». O caso, passado tantos annos, passado seculos, permanece de pé: de que morreu o «Aleijadinho»?

um escravo de nome Mauricio, entalhador, quem lhe adaptava os ferros e o macete ás mãos dilaceradas.

Chamaram-no, dahi por diante, o *Aleijadinho*.

Os demais escravos de Antonio Francisco Lisbôa eram o entalhador Agostinho e Januario, este levando-o ás costas, quando tinha que ir á matriz de Antonio Dias. Fugindo de outras pessoas, partia para o trabalho ao madrugar e só regressava noite fechada.

Sua existencia atormentada transcorreu assim, entregue ao infortunio, á molestia que teimava em corroello, o hem que distribuia aos necessitados e o trabalho, tirando da pedra-sabão obras primas até que falleceu, monstrego, feito chagas putridas, no lithurgico interior da igreja de S. Francisco de Assis que elle tornara uma joia da arte esculptorica colonial, a 14 de novembro de 1814, sendo enterrado na matriz de Antonio Dias.

Sem nunca ter sahido de Minas Geraes, Antonio Francisco Lisbôa foi um toreuta e esculptor genial.

Frontespicios, pulpitos, altares, tectos, lavabes, porticos, volutas, arcos cruzeiros, imagens, chafarizes, fontes, tudo elle executou com inspiração excepcional e sentimento incommum, supprindo quaesquer difficencias plasticas.

Não era de desenho primoroso, mas punha o escovo e o buril a serviço de uma imaginação repleta de poluptuosidade e de arrabatamento, tão superior e tão fremente que o tornou até um innovador, creando na talha formas de concepção original e de interpretação affouta na trama subtil com que rendiliava todo um extranho e suggestivo mundo ornamental.

Por isso mesmo dissera Basilio de Magalhães:

«O que caracteriza particularmente a arte de Antonio Francisco Lisbôa, a ponto de lhe conformar a pro-

pria physionomia, é que, contrastando com os outros artistas da época colonial (exceptuados os architectos anonymos) que se limitaram a desenvolver entre nós os *themas* portuguezes, elle se rebellou violenta e arrogantemente contra aquillo que se podia chamar o espirito reinol da arte brasileira. A arte dos grandes esculptores sacros da Bahia, a propria arte de Mestre Valentim, que se foi instruir no reino, nada mais eram do que pastiches da arte lusa. (2) Antonio Francisco Lisbôa, espirito rebelde e independente, fez obra sua, pessoal e todavia brasileira. Como aquelle entalhador indio Guzman, que excedia em imaginação creadora os mestres hespanhóes que habitavam o Perú no seculo XVIII, o mestre brasileiro, vencendo o tabú lusitano, plantou inesperadamente, no correr do seculo XVIII, que elle domina e avassala, o marco inicial da emancipação da arte brasileira».

Antonio Francisco Lisbôa foi deveras assombroso. A natureza vincou-o com a predestinação do soffrimento e da gloria. Deus coroou-o de martyrio e deu-lhe immortalidade. Por isso tanto mais a molestia o destruia, apodrecendo-lhe as carnes, quanto mais fecundamente elle imprimia na pedra azul o signo da sua intelligencia e da sua desgraça. E em tudo em que transformava o bloco rude e inerte, punha o sello da sua alma, reflectia-se no proprio capricho sensual dos floreios e das curvas harmoniosas, do arabescado, como se nos labores da estylisação floral se reflectisse com todos os arrebatamentos do seu sangue mulato e todas as amarguras do seu anniquilamento physico.

(2) O erudito Sr. Basilio de Magalhães labora em erro. Mestre Valentim partiu para Portugal muito jovem e quando regressou foi que aprendeu a theoretica, «com o entalhador que fez as primeiras obras da Ordem Terceira do Carmo», diz-nos autorisadamente Manoel de Araujo Porto-Alegre. E contra a arte lusa reagiu Valentim, della fazendo originar a esculptura brasileira. Nogueira da Silva, dizendo que elle «creou a esculptura nacional», adianta logo que foi «sem influencias estrangeiras, nem ensinamentos dos mestres de fóra». Mestre Valentim é, portanto, uma organização de artista puramente natocitone. Brasileira.

Bem escreveu Gastão Penalva :

«Não creio que haja em arte o caso identico de tanto a obra reflectir o obreiro, e tanto dizer delle, e falar, e chorar por elle, espelho de agonias e afflições, pombal de acrysoladas confidencias, que contam de uma vida toda a miseria e todo o desconsolo».

Nas egrejas de S. Francisco de Assis, nas capellas de N. S. do Carmo e na das Almas, de Ouço Preto ; na matriz e na capella de S. Francisco, de S. João D'El-Rei ; (3) nas matrizes de S. João do Morro Grande ; na capella de S. Francisco de Marianna ; nos templos de Congonhas de Campos e de Santa Luzia, — deixou Antonio Francisco Lisbôa obras de toda vida.

Ninguem melhor do que elle soube numa physionomia fixar uma emoção, eternisar um enlevo um, extase ou uma alma.

«Aleijadinho é bem maior do que Miguel Angelo, — escreveu Paulo José Pires Brandão — porque Aleijadinho nunca viajou, nunca sahio de Minas Geraes. . . nada vira de arte, e quasi tenho absoluta certeza de que elle desconhecia completamente a existencia e a obra de Miguel Angelo, a quem seu genio seguia na mesma luminosa trajetoria».

(3) Em abril de 1938, em São João del-Rey, o tabelião José Lopes Sobrinho publicou um artigo contestando não só que Antonio Francisco Lisbôa tivesse passado algum dia por aquella cidade, como «a sua participação, minima que fosse, na construção da igreja de S. Francisco de Assis», que os melhores conhecedores de arte julgam «justamente a obra mais perfeita e mais profusa de Antonio Francisco Lisbôa, quer pelo magestoso do seu aspecto, quer pela harmonia e originalidade que transpira de toda a interior». A contestação audaciosa provocou celexmo, tanto mais quando o negador da obra do Aleijadinho, transferia os primores da sua arte ao artista portuguez Francisco Lima Cerqueira, procurador geral da Ordem de S. Francisco e de quem não se conhece nem uma obra prima.

De nada serviu a affirmação do Sr. Samuel Soares de Almeida Velho, conhecido da historia de S. João del-Rey, de que vira em um livro de despesas da Ordem Terceira de São Francisco a declaração de que «Antonio Francisco Lisbôa ganhava \$300 por dia para fazer os pulpitos daquela igreja» e de Fernando de Menezes, que baseado em livro da Ordem, garantiu que «Aleijadinho foi autor do projeto da capella e de varias obras della, entre as quaes, nominalmente citadas, as da fachada, sacristia e pulpitos». Tambem nada valeram para os negadores systematicos da obra do celebre artista colonial os testemunhos incontestaveis de JOHN LUCEOCK (Notes on Rio de Janeiro and The Southern Pa-

Na igreja do Senhor Bom Jesus de Congonhas, unica vez em que, parece, esculpturou em madeira, fez as figuras para os Passos do Horto, Paixão, Coroação e Cruz ás costas, encarnadas por Francisco Xavier Carneiro e mais doze Prophetas de pedra para o pojal fronteiro do adro da capella.

Na igreja do Carmo, em que ha pintura de Angelo Clerici e na do Rosario, de Ouro Preto, deixou *Aleijadinho* traços do seu buril inegualavel. Foi em toda a sua arte irmão gêmeo dos deuses. Em toda a sua vida egual aos genios. Mesmo nas cousas minimas.

Se Miguel Angelo fixa no *Juizo Final* da Capella Sixtina os seus inimigos, *Aleijadinho* immortalisa caricaturalmente o coronel José Romão, ajudante de ordens do capitão-general Bernardo de Lorena, que o chamou de feio homem e monstrego, na imagem de S. Jorge que sahiu na procissão de *Corpus Christi* de Villa Rica, em 1797.

ris of Brazil), RICHARD FRANCIS BURTON (*The Highland of Brazil*), e CASTELMAN (*Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*).

Levantaram-se voces em defesa do genial mulata, não faltando egualmente os que olhando apenas documentos carunchosos insistissem em ficar no lado de Lima Cerqueira, que morreu louco e na miséria em 1809. Um d'elles até affirmara que para a sua competencia artistica, *Aleijadinho* »era pouco mais que um santeiro», negando ainda a paternidade de Manoel Francisco Lisboa. Coube, porem, ao lucido espirito de Affonso Arinos de Mello Franco, pôr termo definitivamente ás controversias, com um artigo sensacional publicado no *Jornal de S de junho*, reduzindo a cousa nenhuma a divida da «fiscal envergadura», com a transcripção destas palavras do já citado Justado de Menezes no *Livro do H-Centenario de Ouro Preto*, pag. 287: «O projecto «fol feito» pelo celebre Antonio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*. Repetidas vezes teve de reunir-se a Meza para tomar resoluções relativas ás «obras da capella». E ad'ante: «Em 24 de agosto de 1794 fol lavrado o termo de entrega e acceptação das obras da capella, sendo louvado por parte da Ordem o *Aleijadinho*». Indo á igreja do Carmo, examinando com Rodrigo M. F. de Andrade a acta que para o tabelião Lopes Sobrinho era prova de que *Aleijadinho* nada fizera no templo de São Francisco de São João del-Rey, Affonso Arinos traz preclaramente provas do contrario, isto é, de que são do genial esculptor mineiro as obras impereciveis da referida igreja, explicando o «pretendido mysterio»: «O *Aleijadinho* fez o riscó, Antonio Martins introduziu pequenas alterações e Francisco Lima Cerqueira executou a obra».

Os negadores, por fim, passaram. O que *Aleijadinho* fez atravessará os seculos.

Na historia da arte do Brasil, cabe, portanto, a Antonio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho*, uma posição singular, porque a «sua genialidade corôa tres seculos de vida colonial».

Na pintura da mesma epocha, em Minas, o nome que primeiro reponta é o de José Joaquim Viegas de Menezes, tambem gravador e fundador da imprensa no Estado.

Era de execução esmerada nos seus retratos, que evidenciavam qualidades de bom desenhador e colorista.

O quadro de S. João Baptista, os retratos do bispo de Marianna, D. José da Santissima Trindade; do bispo de S. Paulo, D. Matheus; de Fr. José Mariano de Conceição Velloso, do governador Manoel de Portugal e Castro e de outros, são composições que attestam bom gosto, fiel execução e conhecimento perfeito dos principios os mais rudimentares da arte de Velasquez. (4).

Certamente outros pintores existiram em Minas, vindos de fóra, como José Soares de Araujo, portuguez, dado que viajantes estrangeiros do tempo de D. João VI, entre elles Saint Hilaire, nos falem das pinturas que decoravam o palacio do governador em Villa Rica e de outras que figuravam no tecto das salas das viviendas dos ricos da epocha.

Na Sé de Marianna, construida de 1745 a 1750, ha uma *Conceição no altar-mór*, uma *Assumpção na sachristia* e uma *Fuga do Egypto*, admiravelmente pintadas e que dizem ser do mestre de Athayde.

Na sua *Voyage dans le distric des diamants*, vol. I, pag. 1134, Saint Hilaire refere-se á igreja de Caheté, monumento notavel peia sua 'antiguidade e opulencia,

(4) ANTONIO DA CUNHA BARBOSA. *Aspecto da Arte Brasileira Colonial*. 1889.

e cujas pinturas da abobada »são as melhores que se pode imaginar», rivalizando com ellas em belleza as da igreja da villa de N. S. da Conceição da Barra (S. João D'El-Rey) e da igreja da mesma santa em Sabará, «magistralmente executadas» e attribuidas »ao artista que pintou a igreja de Ouro Preto, em Villa Rica».

Ao lado de Joaquim Viegas, que cultivou mais o retrato e teve discipulos, esplende o nome de Manoel da Costa Athayde, que deixou paineis magistraes em varios templos mineiros. Em companhia do *Aleijadinho*, realizou pinturas innumeradas. Junto de um primor de talha de Francisco Lisbôa fulgura sempre uma preciosidade pictural de Athayde, o mais reputado pintor colonial de Minas.

Com Aleijadinho fez as igrejas de S. Francisco de Assis, de Ouro Preto, e de Mattosinhos, de Congonhas.

Na de S. Francisco a sua arte polarisou-se em obras de extraordinario mysticismo e poesia. Por toda a neve o seu genio semeou obras primas. Ahi se admiram os Papas da Ordem, a *Ceia*, de composição differente da tela de Da Vinci; Monte Alverne no episodio das Chagas, S. Roque renunciando a herança, S. Francisco pregando ao povo, Santa Clara, S. Pedro, S. Ivo, Santa Rosa de Viterbo e muitos outros.

No tecto da igreja da Ordem Franciscana, em Marianna, Athayde tem dous quadros representando S. Francisco em agonia e morto. No mesmo templo veem-se ainda Santa Isabel de Portugal e S. Ivo.

No Santuario do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo, Manoel da Costa Athayde fixou taes figuras dos Passos da *Ceia*, açoites e crucificação. Athayde atravessa os tempos no mesmo halo de gloria do *Aleijadinho*.

Com elle fala-se tambem em Venancio José do Espirito Santo (1783-1879) autor da *Ceia* na igreja de S. José do Rio Preto, encarnador de imagens, retratista

e autor de varios paineis na igreja do Carmo, de S. João d'El-Rey.

Transpondo a epoca colonial, Minas não teve melhor progresso artistico. Imitou os demais Estados. Acolheu este ou aquelle que buscava melhor clima ou motivos differentes, despertou algumas tendencias que foram esplendor fóra.

Certamente, o seu maior pintor foi Belmiro de Almeida, o mestre pictural de Arrufos, enquanto outros procuravam aperfeiçoamento e renome, ainda agora o Estado se envaidecendo de artistas admiraveis. E citam-se Antonio de Souza Vianna, Alberto Delpino (5), autor do *Tropeiro*; Funchal Garcia, Honorio Esteves, que pintou a *Estrada de Jurujubaê*; Carlos Gonçalves, Carlos Silva, que ainda em maio de 1938 expunha no Rio, merecendo estes conceitos:

Fazendo todos os trabalhos a pastel, Carlos Silva evidencia um acurado estudo da natureza, uma visão muito segura e uma sensibilidade que se reflete magnificamente nos motivos que interpreta, como «Chacara abandonada», «Caminho da roça», «Poente rubro» e «Tristeza da tarde», revelando verdadeira fibra de artista.

No II Salão Mineiro de Bellas Artes, em 1938, figuraram os seguintes artistas:

PINTURA — Amés de Paula Machado, Delpino Junior, Americo Rodrigues, Amílcar Agreti, Aurelia Rubião, Aristides Agreti, Claudionor Cunha, Delio Del Pino, Eugenio Sigaud, Frederico Bracher Junior, Anna Cintra de Carvalho, Judiani Simoni, João Perpetuo, José Ambrosio Gonçalves, José Augusto Rocha, José

(5) Alberto Delpino foi alumno de J. M. de Medeiros, A. R. Duarte, Victor Meirelles, Pedro Americo, Zefelino da Costa, J. Grimm, Benno Pfeiffer, Almeida Reis, R. Bernardelli e J. B. Paganini. Teve menção honrosa de 1.º gráo em 1907. Ainda no Salão de 1931 figurou na mostra official com varios aspectos e paisagens do Rio e Minas.

Francisco de Paulo, José Marzano Sobrinho, José Quim-
tino de Barros, Maria Coelho Lepage, Maria Meyer
Marschner, Maurino Ferreira, Nazareno Altavilla, Odel-
li Castello Branco, Paulo Guimarães, Ramon Conde,
Renato Augusto de Lima e Sylvio Ribeiro Aragão.

No Rio, por sua vez, concorrem para a opulencia
do meio artistico, pintores mineiros de todo porte e es-
cola, taes como Orozio Belem, Manoel Constantino,
Cesar Turati, Edson Motta, Odelli Castello Branco,
Fernando Lamarca, Luiz Granato, Cordelia Eloy de
Andrade, Braz Torres, Americo Rodrigues, Paulo Gui-
marães, Antonio José de Mesquita e Bomfim, Randol-
pho Barbosa, Miguel Pinto Loureiro e varios outros.

Arte pernambucana

O meio pernambucano não tem oferecido melhor ambiente ao desenvolvimento gradual e ininterrupto das artes plasticas.

Depois da predestinação de abrigar os artistas de Nassau, o Estado viveu mais ou menos alheio á pintura, á esculptura e á architectura. Tal como nas demais unidades da Federação.

Aos governadores preocupados com outros problemas administrativos, escapou sempre o da educação intellectual e artistica do povo.

As mais robustas tendencias ou buscaram meios propicios de florescimento fóra ou se desviaram e se esvaneceram, suffocando o ideal.

Argeu Guimarães, referindo-se á pintura em Olinda e Recife no seculo XVIII, disse :

« Nas egrejas de S. Cosme e S. Damião em Iguarassú, cidade fundada por Duarte Coelho (1530) existem jogos de paineis sobre : *A fundação de Iguarassú (dois), O saque do templo em 1632, Livramento da Cidade em 1685.* Trazem todos a data de 1729.

Na Camara de Olinda se encontram *A batalha das Tabocas (1645)* e as duas *Batalhas dos Guararapes (1648-1649)*. São datadas de 1709. Outras *Batalhas dos Guararapes* existem na Igreja da Conceição dos Militares em 1781, e na Igreja dos Prazeres, de 1801 ; assim como retratos de *Camarão, Henrique Dias, Vicira* e outros heróes da guerra hollandeza.

Varios desses quadros foram restaurados por Victor Meirelles, quando, no proprio antigo theatro da guerra, foi buscar elementos para a sua famosa composição sobre os dois memoraveis recontros do historico desfiladeiro (1874).

Auctores desses quadros tão caros ao nosso sentimento patriotico, foram :

Rita-Joanna de Sousa (Olinda, 1696-1719); Antonio Splanger Aranha, filho do Recife, peregrino temperamento artistico, versado na Pintura, na Esculptura, na Musica, no Drama e que escreveu a *Historia da Guerra Hollandeza* e outros livros desaparecidos, impressos em 1753; Simão Gomes dos Reis, que Rackzynski aponta como mestre do pintor portuguez José-Antonio Narciso, nascido em 1731; José Pinhão de Mattos, recifense, paisagista que compoz os panoramas de Lisboa e Gôa e morreu em Lisboa em 1734; João de Deus Sepulveda e Francisco Bezerra, decoradores da Igreja de S. Pedro de Recife; Antonio de Sepulveda, que restaurou em 1736 o retrato de *Fernandes Vieira* na Camara de Recife e foi pae das pintoras Thereza, Lucinda e Veronica de Sepulveda; frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, illuminador e gravador, auctor do *Novo Orbe Seraphico* (1761); finalmente, o padre João Ribeiro Pessoa de Mello e Montenegro (1766-1817), educado em Portugal e revolucionario republicano, victima da realza. Foi o primeiro mestre de uma aula de Desenho em Olinda (1800) e auctor de figuras para a *Botanica de Arruda Camara*.

Fulgem ainda longinquamente os nomes de pintores como Siqueira Varejão, Joaquim Ignacio da Costa Miranda Junior alumno e professor de desenho, por concurso da Imperial Academia de Bellas Artes, nomeado em 27 de abril de 1840: Eduardo Gadault e Canuto da Silva Tavares.

Tratando da arte regional, disse José Campello : «E', pois, de 1879 para cá que começam de apparecer, com os retratos de Daniel Bérard, as primeiras creações serias da arte pictorica em Pernambuco».

Muitos artistas, pintores, gravadores, esculptores e architectos, viveram ephemeramente ou não e lá aportaram deixando obra por vezes consideravel, mas não formando meio.

De quantos se fizeram na terra pernambucana, o que mais fama conseguiu, foi Telles Junior, de quem já localisámos a posição que tomara na paisagem caracteristica do Brasil, entre Baptista da Costa e Libindo Ferrás.

Escrevemos alhures (1) :

Os nossos artistas parecem ter medo da paisagem, horror á matta e pavor da floresta.

No emtanto, ahí e que todos deviam procurar a fonte melhor e mais fecunda de inspiração, as mil e uma formas de fixar emoções e pensamentos.

Nem Antonio Parreiras com todo o seu temperamento arrebatado e sua intelligencia tropical, quiz fazer sómente a natureza, della nos dando a synthese opulenta nas *Sertanejas*.

Baptista da Costa, cuja biographia rascunho com a de Victor Meirelles, é que conquistou gloria na paisagem, interpretando como ninguem a sua feição mansa e cariciosa, donde ser chamado o «poeta da paisagem».

No Brasil, sentindo a paisagem, pode-se destacar Telles Junior, o pernambucano que nem merecia a divulgação da sua obra, para que se conhecesse o que ella representa como feição caracteristica local na historia da pintura brasileira.

Oliveira Lima disse acertadamente que eile não é um artista brasileiro, mas um artista essencialmente

(1) *Diário da Manhã*, Recife, 27 de dezembro de 1936.

pernambucano ; e mais do que isso é pintor da matta, não o pintor do sertão.

Não é outra a opinião do sr. Gilberto Freyre : «Entretanto, da paisagem do Nordeste, só a matta achou quem a fixasse ainda que com insufficiencia ; e esse raro pintor brasileiro com o senso regional especializado, foi Jeronymo José Telles Junior».

Como Baptista da Costa, o pintor pernambucano amava a natureza menos aggressiva, a natureza domada, sem a violencia e a exuberancia com que pulsa no *Bandeirantes*, de H. Bernardelli e em certos quadros de Almeida Junior e mesmo de Parreiras.

Na palhêta de Telles Junior a natureza foi sempre amavel e ingenua. Sempre terna e sem impetos. Clara de sol ou doce de sombras subteis.

O autor de *Senzalas* acha que «preso á «matta» como se para o pintor tivesse nascido, Tel'es Junior não a interpretou ; apenas a fixou».

Mas o artista pernambucano fixando uma feição da natureza nordestina, ou seja a «matta», não apresnta exclusivamente uma *documentação exacta quasi photographica*, mas paginas de grande emoção e belleza.

Vimos ha tempos uma paisagem de Telles Junior interpretada com muito sentimento e muito character. Sentia-se-lhe a dormencia da agua que reflectia o céu azul e a sombra leve, quasi harmoniosa de verdes mangueiras velhas.

Era uma paisagem admiravel, que qualquer renomado pintor do genero assignaria. Não faltou quem a admirasse e mais, de não ser Telles Junior conhecido no Rio, onde aliás estudou no Arsenal de Marinha e no Lyceu de Artes e Officios, como fizera pintura decorativa com De Martino, em Porto Alegre.

Ahi está. Si tivermos aquí um Baptista da Costa, notabilizando-se como paisagista e no Rio Grande Li-

bindo Ferrás fixando a natureza singular do extremo sul, Pernambuco teve Telles Junior.

Na pintura do Brasil os dois se destacam como os que foram buscar no scenario natural o sangue da sua arte e a sua gloria».

Assim foi Telles Junior.

Não podendo sahir pintores e esculptores do Lyceu de Artes e Officios, porque ahi só se preparam artifices, destinado como é o estabelecimento ao ensino das artes liberaes, sómente uma escola especialisada, de bellas artes, revela artistas.

Em Pernambuco, tem apenas seis annos de existencia a Escola de Bellas Artes, inaugurada em 1931 com os cursos de architectura, pintura e esculptura, moldados no programma da Escola Nacional de Bellas Artes.

Sua primeira directoria era constituída deste modo :

Director, Bibiano Silva ; secretario, Jayme Oliveira ; thesoureiro, Luiz Matheus Ferreira (2). Organizado o corpo docente pela direcção da Escola eram condensados todos os elementos mais destacados de Pernambuco : Escultor Bibiano Silva, architecto Jayme Oliveira, architecto Luiz Matheus Ferreira (2) pintor Mario Nunes, pintor Alvaro Amorim, pintor Murillo La Greca, architecto George Munié, pintor, esculptor e architecto Heinrich Moser, pintor Henrique Helliot (3), engenheiro Nestor Moreira Reis, professores Abelardo Gama, Manoel e Frei Mathias Teves, professor Emilio Franzzosi, Dr. Adalberto Marroquim, Dr. Domingos Ferreira, Dr. José Maria de Albuquerque Mello, Dr. Mario Mello, Dr. Geraldo de Andrade, Dr. João Alfredo, Dr. Joel Galvão e outros.

(2) Architecto. Fallecido na Suíça.

(3) Fallecido.

Um anno depois, fazia o *Primeiro Salão*, revelando tendencias aproveitaveis e confirmando valores dignos de menção.

Auxiliada pelo governo, tornando-se o grande instituto de ensino artistico do Norte, a Escola de Bellas Artes prosegue brilhantemente, tendo em memorial de 31 de janeiro de 1938, pedido a sua officialisação ao governo federal.

Se ao Estado pertencem artistas de grande merito, vivendo no Rio, pintores e esculptores lá se desenvolvem e fulguram outros, que merecem citados, além de mortos como Walfrido Mauricéa, discipulo de Telles Junior; Vera Cruz, que não teve estímulo e Franz Hoeppe, professor e retratista austriaco.

Um dos mais interessantes é Manuel Bandeira, que se assigna M. Bandeira, para evitar confusões com o illustre poeta Manuel Bandeira, como elle tambem pernambucano. Nem um nem outro quer viver da gloria alheia, contentando-se cada um com viver da propria gloria.

Pintor e illustrador, feito no meio em que nasceu, M. Bandeira revela profunda sensibilidade artistica, facilidade de interpretação, muito brilho e firmeza no traço.

Começou a pintar em 1912 no Lyceu de Artes e Officios. Aprendeu durante um anno desenho de ornatos e fez o curso completo de desenho geometrico. Em 1914 obteve o Premio «Telles Junior». Começou dahi a fazer aquarellas e quadros a oleo, iniciando-se do mesmo modo no desenho a bico de penna, demonstrando qualidades pouco communs no genero. Proseguindo no trabalho, em 1924 entrou de collaborar na «Revista do Norte», de José Maria de Albuquerque; illustrou o «Livro do Nordeste» do centenario do «Diario de Pernambuco»; em 1927 illustrou a edição de o JORNAL, dedicada a Pernambuco e depois a edição do mesmo ma-

tutino dedicado a Minas Geraes, vindo assim ao sul pela primeira vez. Durante os annos de 1928, 1929 e 1930 trabalhou exclusivamente para a PROVINCIA, fazendo illustrações e retratos de intellectuaes e de politicos. Em 1933, convidado pelo Governo, decorou o pavilhão de Pernambuco na Feira de Amostras do Rio e em 1935, com Luiz Jardim, o pavilhão de Pernambuco na Exposição Farrroupilha, em Porto Alegre.

Os mestres de M. Bandeira foram a propria natureza e os quadros que via. A obra dos grandes artistas foi que o orientou, a persistencia no trabalho fazendo o resto: apurando-lhe o traço, a sensibilidade e formando-lhe a individualidade.

Para se saber como aprendeu a aquarellar, basta ouvi-lo neste depoimento:

«Paulo Forza, que ficou cego já quasi no fim da vida, era uma especie de judeu negociando quadros na Europa e trazendo para qui. Trouxe elle uma grande exposição de pintores italianos, comprada na Italia, assim como adquiriu umas aquarellas inglezas que vendeu ao dt. Carlos de Figueiredo Araujo. As aquarellas inglezas me impressionaram mais do que as italianas, aonde estavam algumas notaveis do Conde Pio Jorres, que era dos grandes aquarellistas italianos. Uma das aquarellas inglezas foi adquirida por uma irmã minha, e representa a Bahia de Guanabara. Todavia, repito que nenhuma influencia recebi. Minhas aquarellas, se já teve oportunidade de reparar, são muito batidas de luz, um colorido forte, quente, enquanto as aquarellas inglezas possuem um colorido frio, fraco».

Nos trabalhos a bico de penna mostra igual ausencia de influencias e uma feição absolutamente pessoal. E' elle mesmo. E não será pouco no meio onde os artistas se procuram e querem ser os outros, repetindo-os.

M. Bandeira tem illustrado muito e fixado de modo incontestavelmente primoroso, todo o Recife de anta-

nho com as suas igrejas, os seus cazarões, as suas velhas ruas, as suas ruínas veneráveis, as suas pontes, os seus lugares históricos e tradicionaes.

O artista fez-se assim por si mesmo, pintor, aquarellista e, sobretudo, desenhista-illustrador dos melhores do paiz.

Outro valor que se affirma é Mario Nunes, medalha de bronze e prata no SALÃO official (1927 e 1930) e considerado um dos mais admiráveis paisagistas pernambucanos.

Delle se escreveu ao abrir uma exposição na Casa Laubisch, no começo de 1937:

«Mario Nunes que vae, sabbado proximo, mostrar seus quadros, mais uma vez, á população de Recife, é um desses pintores a quem a natureza se mostra reconhecida, pela verdade e correcção com que as suas copias saem do pincel magico do grande paisagista pernambucano.

Nascido e formado aqui em Recife, Mario Nunes tem persistido em ficar como nós mesmos, não soffrendo a attracção do *iman* do sul.

Sempre fomos e continuamos a ser um mercado incomparavel na exportação de valores intellectuaes. E a nossa maior praça compradora é, sempre, o Rio de Janeiro. Vamos pensar nos nomes das expressões intellectuaes que lá existem, actualmente e que existiram, no passado. Quantos nomes pernambucanos integram a lista? A quantidade é grande, realmente.

Mario Nunes foi um dos que, apesar de sua victoria plena, no sector artistico em que se integrou, sempre se mostrou infenso aos efeitos attractivos do *iman*. E disso nós ficamos a lhe dever uma enorme parcella de gratidão que estamos no dever de diminuir, agora, na oportunidade que elle nos offerece, mostrando os seus ultimos trabalhos.

Mas Mario Nunes não é sómente um victorioso na aldeia onde nasceu e onde se formou. Elle venceu, tambem, fóra de Recife. E isto vale como a consagração definitiva de seu nome. Os premios e os elogios da critica do Rio de Janeiro, já lhe deram os adjectivos merecidos que a sua arte conquistou.

E, quando sabemos que o sul é o eterno indifferente das coisas artisticas e intellectuaes do Norte, uma victoria de um nortista, nesse ambiente hostil, vale por duas victorias.

Assim foi com Mario Nunes. Elle venceu duas vezes: a concurrencia de nomes de valor e a tendencia anarchisadora do meio».

Tambem merecia de Luiz Teixeira estas palavras:

«Mario Nunes é crêdor dos nossos applausos. A sua obra não significa, simplesmente, uma fortuna para si mesmo. Sem ella, ficaríamos carecidos de elemento capaz ao alardeamento de uma Arte que se poderá chamar genuinamente nossa, legitimamente pernambucana — pela originalidade do caracter, pela magnificencia da interpretação, pela technica soberba, moderna e personalissima, pela vibração do sentimento que detem.

Mario Nunes é um encantado pela Natureza, sentindo todas as nuanças da paisagem, a integral alegria dos céos limpidos, comprehendendo o calor intenso e a luz perturbadora da visão desta inegualavel paisagem nordestina, que elle vê como a um ser animado, sabendo perscrutar a vibração das suas emoções, passando para a têla o que de bello e de emocionante offerece a Natureza. E, para o que merece o nome de artista, «tudo é formoso na natureza porque os seus olhos, que percebem todas as verdades exteriores, podem ler, sem esforço, como em um livro aberto, toda a verdade interior» — como nos explica Augusto Rodin, mestre da esculptura franceza».

Balthazar da Camara, que teve por primeiro mestre Franz-Hoepper, é um espirito de puro artista, cheio de entusiasmo e de mérito. Elemento dos que fazem a victoria da Escola de Bellas Artes, destaca-se como figurista e retratista de muito talento e muita probidade, tendo concorrido brilhantemente ao SALÃO e conquistado menção honrosa de primeiro gráo (1926), medalha de bronze (1927) e pequena medalha de prata (1930), expondo trabalhos como MÃE E PATRIA e DESEJOS.

Muito será de destacar-se a pintora Fedora do Rego Monteiro Fernandes, artista consagrada do «CHAPEAU ROUGE, tambem tres vezes laureada no SALÃO; em 1911, 1912 e 1916. Fez um efficiente aprendizado na Europa, cujos centros de arte percorreu; no Rio conquistou largas admirações e paginas consagrativas. No SALÃO de 1915, ao qual se apresentou após uma exposição admiradissima, della destacámos SERENITE (bordes de la Seine) e SOLEIL D'OUTOMNEL e no anno seguinte no mesmo SALÃO, louvámos o seu «grande talento, a que falta apenas methodo, unidade e equilibrio» (4), citando LE CHAPEAU, VEILLE TRICOTEUSE, A PRECE e AUTO-RETRATO.

Quando expoz na Associação dos Empregados no Commercio, em Recife, onde fixou residencia, mereceu encomios, della se escrevendo :

«Dentre estas (eram trinta as telas expostas) ultimas sobresaheyn *La Sorcière* e *Danseuse en rouge*, trabalhos de admiravel concepção artistica e que dispensam elogios, pois já foram consagrados por eminentes mestres francezes quando figuraram respectivamente no *Salon de Versailles* e no *Salon des Artistes Independents*.

Essas duas tēlas são com justiça dois brilhantes trophéos conquistados pela talentosa artista.

(4) *Impressões de Arte*, Rio. 1921.

Oração é outro trabalho de grande valor, deixando muito bem transparecer a precisão estética de d. Fé-dora Monteiro na expressão impressionante que ella sou-be dar áquella velhinha olhando supplicante para os céos com o terço nas mãos, numa attitude beatifica de fê.

O Turbante Vermelho é tambem uma affirmação exuberante de talento e encanta pela elegancia do traço e pela graciosidade do modelo».

E sobre as suas paisagens :

«Aspectos littoraneos como aspectos da matta são todos apanhados como uma flagrança soberba e com uma precisão absoluta.

As paisagens são alegres, sorridentes, e a combina-ção das tintas para effeitos de luz é feita com uma felici-dade tal que o observador se sente encantado com a magia que se lhe depara. A natureza exuberante é caracterizada com extraordinaria perfeição, e o sopro de alegria que em tudo se diviza parece animar aquelles trechos encantadores do interior de nossa vida campestre.

D. Fé-dora Monteiro é uma interprete vigorosa da natureza, e citar este ou aquelle quadro é cousa a que me não arrisco porque não vejo um só em que não este-jam reunidos todos os caracteristicos de uma obra ir-reprehensivel».

Destacam-se ainda como expressivos valores, Hen-rique Moser, Luiz Jardim (que tem exposto no Rio com exito,) que decorou o Pavilhão de Pernambuco na Ex-posição Farrroupilha (1935) com M. Bandeira ; Mario Tullio, Alvaro Amorim, pintor e scenographo ; Luiz Soares, Georgina Barbosa Vianna, Murillo La Greca, largamente conhecido ; Augusto Rodrigues Filho, pin-tor e caricaturista original ; Pedro de Carvalho, que o magisterio roubou á arte ; Nestor Silva (5), Percy Lau (6),

(5) Caricaturista, pintor e illustrador de talento, falleceu a 3 de novem-bro de 1939, com 29 annos de idade.

(6) PERCY LAU nasceu no Perú, vivendo em Recife ha mais de vinte annos.

Moacyr de Oliveira, Carlos de Hollanda (7), também esculptor como Edson de Figueredo e Renato Silva; Cicero Dias, Lotte Achaer, Eliezer Xavier, Nino Porpino Lauria (caricaturista) e outros.

Pernambuco já teve um Circulo de Bellas Artes, de evidente e benefica actuação.

Actualmente é um grande centro de cultura artistica do Norte.

(7) CARLOS DE HOLLANDA, professor da Escola Technico-Profissional masculina. Falleceu a 27 de maio de 1938. W., que mal encobre o irradante espirito de Waldemar de Oliveira, escreveu commovidas linhas sobre o joven artista, dentre as quaes estas: «Em verdade, era um artista: tão grande quanto se pode ser um artista, no Recife. Como tantos, um passaro de largas asas dentro de uma estreita gaiola, jamais podendo alçar vôo, acorrentado ao chão... Foi um pouco mais do que um anonymo: não passou das columnas omegas dos jornaes e a sua celebridade não foi além do Café Lafayette.

Delle é, porém, o busto de Carlos Gomes, de Santa Isabel. É uma das poucas coisas que elle pode fazer e... de graça. Quis a sorte que, por outros meios, lhes fossem ás mãos algumas minguadas cedulas pelo trabalho enorme que teve. Mas, isso pouco representou para a fúmeira sede de libertação a que elle aspirava e a que tinha, legitimamente, o direito de aspirar. Morre com elle um dos muitos artistas que o Recife possui e o Recife mata».

A pintura e a escultura em Alagôas

Em Alagôas, a pintura quasi não tem historia. O Estado nunca possuiu Escola de Bellas Artes ou galerias, nem por lá demoraram mestres, que fizessem artistas de nomeada.

Pelo Lyceu de Artes e Officios passaram professores de desenho como Luiz Lucariny, de quem fomos alumnos, e Carlos Leão.

Os artistas de merito transitam por lá e de ordinario não expõem.

Daniel Bérard, professor da Escola Nacional de Bellas Artes, vae pintar o retrato do governador Euclides Malta e morre num açude em 1910 ; o grande mestre Amôcdo busca o Estado só para terminar o trabalho de Bérard ; Guttman Bicho, pintor laureado, faz pouso em Penêdo ; Olavo Baptista, da Bahia, demora-se mezes apenas, porque vê que não pode ensinar como é necessario. Só ha alguns annos a Sociedade Perseverança e Auxilio tentou fazer uma pinacotheca.

Os amadores que appareceram (e ha quem cite José Numa e Correntão) não deixaram obra de merecimento. O primeiro pintor verdadeiro que surge é Manoel Teixeira da Rocha, nascido a 15 de outubro de 1863, na cidade de S. Miguel dos Campos, sendo seu paes os professores Pedro Teixeira da Rocha e d. Maria Rosa de Jesús Rocha. Veiu para o Rio em 1870 e dois annos depois, então orphão de pae, iniciou o curso de humani-

dades no Mosteiro de S. Bento, frequentando a seguir o Collegio Victorio e o Lyceu de Artes e Officios, onde, na aula de desenho teve por mestres J. M. de Medeiros e Victor Meirelles e obteve o 2.º e o 1.º premios. Em 1881, já professor do Lyceu e medalhado, matricula-se na Imperial Academia de Bellas Artes. Daquelle anno a 1889 foi professor do Collegio Abilio, conquistando, com os trabalhos da sua aula de desenho, grande medalha de ouro na Exposição Universal de Paris (1889). No mesmo anno concorreu ao Premio de Viagem da Academia com o quadro *O leão, rei das selvas*, sendo o concurso annullado devido ao empate dos cinco concurrentes. Na aula de pintura historica de Victor Meirelles seus trabalhos lhe haviam proporcionado duas medalhas de prata e tres de ouro. Após concluir o curso na Academia, obteve, por concurso, o lugar de auxiliar de ensino na Escola Naval, do qual foi despojado «por não ser official de marinha». Continuando a trabalhar, fazia paisagens, costumes, desenhos e lithographias. Como Henrique Estephe, Arthur e Aluisio Azevedo, Guimarães Passos, Bilac, Oscar Pederneiras, Raul Pompêa, Coelho Netto, França Junior e outros, fundou, em 1890, a *Vida Fluminense* e em S. Paulo o semanario illustrado *FF e RR*, com Inglez de Souza (Marcos Dolsani).

O Barão de Ramiz Galvão convidou-o para organizar o ensino de desenho nas novas escolas de 2.º gráo e reger uma das cadeiras. Extinctas estas em 1897, foi Teixeira da Rocha transferido para a Escola Normal, enquanto em 1902 era nomeado coadjuvante de ensino do Collegio Militar, passando a cathedratico e sendo jubilado por haver passado dos 65 annos e ter mais de 35 de servicos. Com elle sahiram Miguel Calmon e Candido de Hollanda, tendo pela 1.ª vez se solemnizado com um banquete a jubilação de professores. Em 1900, em viagem de estudos, partiu para a Europa, recebendo

lições em Paris de Jean Paul-Laurens e Benjamin Constant. Vivendo embora do magisterio, Teixeira da Rocha não esqueceu a palheta. Trabalhou muito. Fez retratos, paisagens, figuras, lithographias, desenhos, etc. No Salão de 1899 obteve medalha de ouro de 3.ª classe, expondo varias paisagens e *Lei 28 de Setembro*, esboço para uma decoração. Em 1904 e 1907 voltou a figurar no Salão. Entre outros trabalhos de Teixeira da Rocha conhecido nas rodas artisticas como Teixeiraão, pela sua elevada estatura — citam-se: retratos de Saldanha Marinho e Campos Salles, no antigo Conselho Municipal; Floriano Peixoto no Conselho Municipal do Estado do Rio e Rodrigues Alves, no Ministerio da Justiça. O seu melhor quadro de interior com figuras foi adquirido pelo Príncipe Belfort, que lhe deu a decoração, em estylo Luiz XVI, da sala de recepção do seu palacio em Petropolis. Foi pensionista de Pedro II. Soube triumphar na pintura e na caricatura.

Raul Pederneiras, num excellent estudo *A caricatura no Brasil*, diz :

«Teixeira da Rocha, nos lazeres de seus pinceis, dedicou-se muito a caricatura, do que a *Vida Fluminense* (segundo desse titulo) possui excellent cabedal. Que nos conste, foi o primeiro que apresentou, nas exposições geraes, caricaturas, como as tres *charges* de notaveis artistas theatraes na celebre serenata do Boccacio, com louvores unanimes da critica. Hoje (1) contenta-se com as heranças de artistas que possui: o professorado e a palheta o absorvem, mas o acervo que conhecemos é preciso, revelado desde o tempo escolar».

Expondo no Salão de 1884, delle escrevia Felix Ferreira: «Junto a uma porta, como que a medo, exhibiu o Sr. Manoel Teixeira da Rocha uns desenhos a lapis e

(1) 1929.

a penna, de caricaturas, que, a meu ver, revelam um talento de real merecimento, nesse difficil genero de Callot. A *Sogra e a Espectadora de Paquetá no Recreio Dramatico*, são typos muito bem imaginados e feitos com muita arte e gosto; o trio, porem, do BOCCACCIO, excede a tudo; os tres conhecidos actores, Arêas, Mattos e Guilherme foram bem apanhados, mormente este ultimo, que é uma caricatura perfeita.

O Sr. Teixeira da Rocha tem entre as mãos a chave dourada de um bello futuro. Se se entregar com dedicação e perseverança ao estudo da caricatura, sobretudo se seguir a escola de Garvani, que é o mestre no genero.

A verdadeira caricatura, que consiste menos no bem acabado, na finura do desenho e perfeita semelhança do que na *idéa* do individuo, na graça do assumpto e firmeza dos traços mais fugitivos, é justamente a mais difficil e para a qual o Sr. Rocha revela grande aptidão.

Animal-o e applaudil-o é um dever de todos quantos amam nas artes tudo quanto é gentil e bello».

Gonzaga Duque, estudando o Salão de 1904, escrevia: «O Sr. Teixeira da Rocha expõe duas paisagens, a de n. 202 — *paisagem com figuras* (Villa Isabel) e a de n. 201 — *paisagem com cabras* — segundo a singular denominação do catalogo. Prefiro a primeira pela luz, pelo ar e pela côr. A segunda é um tanto compacta, como pintura, posto que bem desenhada. Na maneira desse artista encontro excesso de detalhe que, não raro, lhe dá aos quadros um quer que seja de pontilhamento, de mouchisme, como dizia o infeliz symbolista Aurier. As suas paisagens, essas que estão no Salão, e outras que elle tem exposto, apresentam-se muito *cortadas*, muito *crystalisadas* — direi — se o termo pode ser bem apprehendido na sua acepção. O que nelle mais se re-

commenda em primeiro lugar é a côr, pelo que respeita á pintura, e depois a fidelidade detalhista pelo que toca ao desenho.

Essas duas qualidades melhor são aproveitadas nos seus quadros de genero, como esse de n. 199 (interior com figuras) — (sic) cuja composição é bem feita, o que nem sempre se nota nos nossos pintores de costumes. O grupo de quatro figuras, de que se compõe o quadro — uma moça mãe tendo ao regaço o filhinho novo, e rodeada de dois adolescentes — é *arranjado com habilidade, consegue interessar pela expressão de habilidade, que inculca, porquanto se forma para escogitar, atravez uma larga vidraça, qualquer scena que se passa fóra. Com esses quadros o Sr. Rocha expõe tambem um painel ou, como explica o catálogo — *paneau decorativo* — sob o titulo *Inspirado, em que ha felicidade d'expressão. E' um busto de menino em perfil, que ergue a dextra armada de um pincel para fixar uma imagem na tela. O conjuncto pe'la côr, e pelo accessorio, é agradável, corresponde ao intento do trabalho*».*

No Salão de 1938, o distincto pintor reapareceu expondo: *Os primeiros pardaes, No trabalho e Retrato de creança.*

Depois de Teixeira da Rocha, nasce aos 26 de novembro de 1865, na velha cidade de Alagôas, ROSALVO Alexandrino Caldas RIBEIRO, filho do capitão Felipe Angelo Ribeiro de Britto e de d. Josephina Izília de Caldas Ribeiro. Creança ainda, já se dedicava ao desenho de figuras e paisagens, sem auxilio de mestres. Em Maceió concluiu alguns preparatorios, expondo trabalhos a oleo e a crayon, inclusive (tinha dezoito annos) o retrato do Dr. Henrique Magalhães Salles, presidente da provincia. A conselho paterno e de amigos, em 1885 partiu para o Rio, matriculando-se no anno seguinte na Imperial Academia de Bellas Artes, auxiliado com

uma exigua pensão marcada pela assembléa provincial. Mestres e collegas admiram-lhe a intelligencia vivacissima, a tendencia para a pintura, o desejo de aprender. Cursava ainda o 1.º anno, quando fez um retrato do comendador Almeida Guimarães, que a critica julgou esplendido. Em dezembro, Rosalvo vencia o marco inicial de estudos, com approvações plenas, sendo o unico alumno distinguido com a medalha de 1.ª classe, ouro, em virtude de sua composição «Alcebiades».

Matriculado no 2.º anno, proseguiu a carreira auspiciosa, trabalhando, expondo na galeria Moncada, sempre elogiado pela imprensa. Concluido o 2.º anno, partiu em abril de 1888 para Maceió, ver a familia e despedir-se dos conterraneos, porque tencionava seguir para a França. Effectivamente. No mez de agosto do mesmo anno, Rosalvo deixava a terra natal e a 3 de setembro era matriculado na Academia Julien, em Paris e logo depois na Escola de Bellas Artes, a conselho de Jules Lefebvre. O joven artista tornou-se em breve admirado, merecendo louvores de Doucet, Bonnat e Julien. Com permissão do Ministerio da Guerra, visitava quartéis e outros estabelecimentos militares; assistia a exercicios e paradas, servindo assim á sua vocação pelos assumptos de guerra. Desejando terminar o curso, solicitou em 1891, ao governo do Estado, augmento de subvenção. Em favor da pretensão de Rosalvo escreviam de Paris e enviavam attestados o pintor bahiano Lopes Rodrigues, o caricaturista Angelo Agostini, L. Doucet, A. Julien e Bonnat. O *Gutemberg*, jornal de tradição no Estado e amigos apoiaram o desejo do artista. O caso foi largamente debatido no Senado e por lei n. 2 de 21 de março de 1892 era augmentada para 300 francos a pensão mensal de Rosalvo Ribeiro. Alem dos mestres citados, fez-se alumno de Edouard Detaille, pintor de assumptos militares. Por fim, surgiu

no *Salon* com o formoso quadro *Innocencia*, que os criticos elogiaram francamente e pouco depois com a t ela *La Soumission*, «magistral pagina de guerra que, exposta, foi o seu imponente triumpho, sendo reproduzida pela imprensa franceza entre os elogios unanimes dos mais reputados mestres de Paris. *Detaille* correu a felicital-o pelo trabalho admiravel. Considerado *primus inter pares* entre os jovens artistas do seu tempo,» Rosalvo augmentava de labor e de enthusiasmo. Em 1898 o *Salon* acolhia nova e mais forte composi o, *La Charge*, «que polarisa qualidades excepcionaes de composi o, desenho e technica». Ap s uma convivencia de onze annos na Fran a, cujo meio tanto o estimulava e reconhecia-lhe os meritos, Rosalvo Ribeiro regressou   sua terra natal, que n o o comprehendeu. Para viver sujeitou-se a um concurso de desenho na Escola Normal, ensinava na Escola de Aprendiz Artifices e a particulares. Leccionava tambem linguas. Sobre o concurso escreveu Fernandes Tavares.

«O concurso foi brilhantissimo. Ninguem arguiu Rosalvo Ribeiro, mesmo porque nem um dos membros da banca examinadora poderia examinar o artista festejado. Rosalvo Ribeiro foi elle mesmo o examinador, escrevendo e falando sobre os pontos versados com aquella maestria com que soube sempre empolgar os auditorios».

Al ra os quadros citados, o notavel pintor executou: *Retratos*, *O pequeno tambor*, obra das melhores da pintura brasileira; *Rua da Bretanha*, *Avan ar!*, *Cabe a de bret o*, *A sentinella*, *No atelier*, *Cabe a de Velho*, *Crochet*, *Sans-souci*, *A' sexta* e *Noticia desagradavel*» (2).

(2) Em 1937, o dr. Rodrigo M. F. de Andrade campotentissimo Director do Servi o do Patrimonia Historico e Artistico Nacional, teve sob suas vistas varias photographias de quadros de Rosalvo Ribeiro, existentes no palacio do Governo em Macel . As photographias comprovavam a necessidade do Servi o tomar providencia immediata, afim de salvar as telas de breves destruic o, v st e

Os seus quadros mostram ser de um grande pintor, senhor absoluto dos segredos da sua arte. Vivesse noutra meio e sua nomeada seria como a de qualquer dos maiores pintores do Brasil. Com isso concordará o entendido que veja *La Charge*, ou *O pequeno tambor*. Além de pintar assumptos militares e *genero*, o eminente discipulo de Detaille e Bonnat era excellente retratista.

Não foi somente pintor, compositor e musico inspirado, tocando varios instrumentos, mas naturalista, poeta e *cuseur* fascinante.

O grande mestre alagoano falleceu em Maceió, a 29 de março de 1915, seu nome vivendo hoje completamente esquecido.

A Pinacotheca Nacional possui delle *Paisagens*—um quadro com quatro pequeninas «manchas», offerecido pelo saudoso joalheiro Luiz de Rezende. Nada mais.

Depois do maior pintor do Estado, surgem artistas como Joaquim Brigido e Carlos Leão Xavier da Costa, nascido a 8 de junho de 1881. Ambos receberam lições de Rosalvo.

Joaquim Brigido faz o retrato e a paisagem. Fixa os arredores de Maceió, os coqueiros do Sobral, as alvas dunas da praia do Zoo, o Poço, denotando muita intelligencia e sentimento. Deixou inacabado um retrato de Rosalvo Ribeiro. Morreu em 1917, com 47 annos de idade.

Carlos Leão, que apresentou os seus primeiros trabalhos em 1897, desenhava com habilidade. Pintava sobre vidro, por processo absolutamente seu. Tinha qualidades de artista, executando quadros de differen-

acharem algumas dellas estrogadas, principalmente *A' sexta, Garoto e Crochet*, que é obra feita com muita delicadeza e sentimento. O zeloso director do Serviço não demorou e officiou ao respectivo representante da região a que comprehendia Alagoas, pedindo entender-se com o governador Osman Loureiro, o que fez. Que providencias foram tomadas depois, ignoramos.

tes generos. Estudou em varios collegios, no Lyceu Alagoano e começou a expor aos dezeseis annos. Foi professor de desenho do Lyceu de Artes e Officios. Deixou numerosos trabalhos, dentre os quaes *Passagem de Cororobó*, *Um marinheiro*, *Pharol de Maceió*, *Perdona-te Domine*, *Trecho do Rio Mundahú* e consideravel numero de retratos. Ensinou desenho e pintura em varios collegios e collaborou largamente na imprensa. Atacado de gripe na noite de 6, falleceu na manhã de 11 de novembro de 1918.

Depois destes apparece José Paulino de Albuquerque Lins, nascido em S. Luiz do Quitunde a 20 de outubro de 1893, sendo filho de Francisco Accioly de Albuquerque Lins e d. Maria da Conceição de Albuquerque Lins. Fez o curso de preparatorios em Maceió, matriculando-se depois na Escola de Engenharia da Bahia, a qual abandonou por haver fallecido o pae. Executou entre outros, os seguintes quadros que denotam a sua inclinação para a paisagem: *Coração da Matta*, *Morros de Camaragibe*, *Bocca da Caixa*, *Ponta Verde*, *Capoeirão*, *Accendedor de lâmpoões*, *Margens do Manguaba*, *Lagoa de Antas*, *Margens do Camaragibe*, *Lesirias do Camaragibe*, *Paysagem do Parahyba*, *Ruínas em Bebedouro*, *Aterro de Jaraguá*, *Ponta do Sobral*, *Poente*, *Trecho de Caminho*, etc.

E' professor de desenho na Escola de Aprendizizes Artifices. E veem outros: Myriam Falcão Lima, que aqui foi alumna de Amoêdo e Marques Junior; Anna Sampaio Duarte, applicada e estudiosa e que pensionista do Estado, na Escola Nacional de Bellas Artes, teve por mestres Lucilio de Albuquerque e Modesto Brócos; João Moreira e Silva (3), de evidente inclinação, mas sem aprendizagem, auctor de *A rendeira*, *O vencido* e *O africano*; Maria Aline de Moraes Sar,

(3) Fallecido a 30 de dezembro de 1937.

mento, que faz a caricatura com immensa graça e ironia ; José Menezes, já laureado no *Salão*, onde vem expondo ; Luiz Vieira da Silva, Urania Costa, Maria Luiza Silveira, Jayme Mascarenhas, Eurico Maciel ; Julio e Aurelio Phydias e João Igreja, de Penêdo.

Na esculptura, afóra o amador Calheiros Gomes, conhece-se contemporaneamente Lourenço Peixoto, que não teve com quem aprender e faz o que é possível e o jovem Leonardo Vianna, pensionista do Estado na Escola Nacional de Bellas Artes, onde tem por mestre Corrêa Lima. Leonardo constitue a promessa de um bellissimo artista.

No Paraná

Não se poderá fazer o estudo das artes plasticas no Paraná, sem se levar em conta a actuação de Alfredo Andersen. Delle é que nasce a sua pintura, porque antes as tendencias artisticas, como em quasi todos os Estados, não encontravam meio sensivel de expansão e florescimento.

Ha quem cite Frederico Virmond, prussiano, miniaturista, chegado ao Paraná em 1818; Jessie e Willi e James; Iria Corrêa, sua discipula e Irmina Guimarães Misó

Segundo Silveira Netto, o estudo das artes plasticas teve inicio ali com a inauguração da *Escola de Artes e Industrias*, a 22 de junho de 1886, tendo sido fundada por iniciativa do pintor lusitano Mariano de Lima (1). Depois, em 1904 passou á Escola de artes applicadas e modelagem, dirigida por D. Maria de Aguiar.

Paulo de Assumpção, em 1889, após regressar do Rio onde fizera com Silveira Netto o 1.º anno de escultura na Imperial Academia de Bellas Artes, pensionados pelo Estado, funda com a pintora D. Candida Kleir, sua esposa, o *Conservatorio de Bellas Artes*, que é succedido pela *Escola Profissional* federal, ainda sob a direção de ambos.

Até aqui começos. Tentativas. Em 1892 chega á Curityba o eminente pintor norueguez Alfredo Andersen, natural de Kristiansand. Trata-se de um artista completo. Já desenhador apreciavel aos doze annos,

visita a Italia onde ia estudar architectura, a Inglaterra e os Estados Unidos, faz-se discipulo do scenographo e decorador Krogh, em Christiania; matricula-se, após concurso, em 1879, na Academia Real de Bellas Artes de Copenhague, torna-se professor, volta a cidade natal, trabalha, destaca-se, adquire recursos, realiza a primeira exposição em 1884 e inicia uma viagem de estudos em 1889.

Em 1891 está novamente na Noruega, no anno seguinte embarcando para nova viagem, vindo dar, por um accidente no navio, a Paranaguá, de onde seguiria para Buenos Aires. Visita Curityba e fica.

A terra paranaense exerce sobre elle irresistivel fascinação. Faz do Paraná a sua segunda patria.

Começa de trabalhar e de identificar-se com a gente e a terra. Trabalha. Ensina de maneira racional e efficiente.

Com elle nasce a pintura paranaense.

Andersen é um artista integral. Retratista, paisagista e pintor de genero. Radicado na sua segunda patria, interpreta-a com realidade e emoção.

Funda a Escola de Desenho e Pintura, como o Estado ainda não tivera e congrega para o aprendizado honesto todas as maravilhosas tendencias da formosa terra dos pinheiraes. E faz de quasi todos, artistas que se vão tornando nomes notaveis, após alguns annos de aperfeiçoamento na Europa.

Andersen, que recusa convites e beneficios fóra do Brasil, querendo ser a vida toda absolutamente nosso, não se contenta em revelar ao Paraná uma pleiade de artistas.

Expõe no Estado, na *Galeria Jorge*, do Rio, em 1918; concorre ao *Salão* nacional em 1916 e 1933, conquistando premios.

«Meticuloso observador da natureza, realista por indole, representa-a na tela com vigorosa força de ex-

pressão. Lida com maestria todos os generos da pintura: desenho perfeito e completa sciencia da côr. Magistral no retrato, grande artista, é um mestre classico a quem se deve o maior empenho ao gosto artistico geral no Paraná».

Presidiu a Sociedade de Artistas e realizou exposições collectivas de pintura, esculptura e architectura.

O Estado reconhece de tal forma o serviço que em mais de um quarto de seculo lhe presta, que o faz em 1921, *Cidadão de Curitiba*, exemplo unico no Brasil.

Alfredo Andersen falleceu a 9 de agosto de 1935 e ficou reconhecido como o «Pae da pintura do Paraná». Delle escreveu *Frederico Faria de Oliveira* :

«Aliás, Alfredo Andersen não era apenas o paisagista magnifico. Nos retratos, talvez, é que se expandia melhor toda a sua pujança artistica. De qualquer modo, com a morte do autor de tantos quadros soberbos, perdeu o Paraná a sua maior expressão pictural».

Deixou discipulos que são pintores notaveis como Fred. Lange de Morretes, que se aperfeçoou em Leipzig e Munich, tendo exposto no Rio com grande successo e sido premiado no *Salão* de 1927; Maria Amelia Assumpção, «a mais notavel pintora paranaense», no dizer de Silveira Netto e que no Lyceu de Artes e Officios carioca fez com exito uma exposição de naturezas mortas; *Theodoro de Bona*, que se aperfeçoou na Italia, tendo quadros nos museus de Veneza; Kurt Freisleben, Pedro Macedo, illustrador; Guido Viaro, Estanslau Traple, Thorstein Andersen, seu filho, O. Pernetta, Raphael Silva, O. Lopes; pintoras como I. Falce, E. de Mosco e S. Rabello, além de artistas que cedo morreram como Gustavo Kopp, João Guelfi e Annibal Achleder.

A esculptura no Paraná, como aliás tem acontecido nos demais Estados, não acompanha o surto ascensional da pintura.

Ao ensino tardio e defficiente, junta-se o numero limitado de tendencias.

Na Escola de Artes e Industrias, de Curityba, fundada, como dissemos acima, em 1886, as lições de modelagem — conta-nos Silveira Netto — foram frequentadas por João Turim, João Zaco Paraná, Mario de Barros, Aureliano Silveira e outros, distinguindo-se os dois ultimos nas caricaturas e desenhos de fantasia».

Turim, de origem italiana e Zaco, de origem poloneza, conseguem em 1906 uma pensão do Estado e partem para a Europa:

Antes de partir, Turim frequenta a Escola Nacional de Bellas Artes, onde se distingue pelo talento e pela modestia.

Em Bruxellas faz-se discipulo de V. der Strappen e Julio Contan e alumno effectivo da Academia de Bellas Artes de Paris.

Estuda ao lado de João Turim e expõem no Salon, obtendo premios. Após a guerra voltam ao Brasil, seguindo Turim para Curityba e Zaco para o Roi, onde trabalha conscienciosa e activamente. Revela qualidades classicas e perfeita comprehensão da sua arte. E' probo e brilhante.

Concorrendo ao Salão, consegue em 1924, com o bellissimo trabalho *O Semeador*, hoje numa praça de Curityba, grande medalha de prata e em 1928, pequena medalha de ouro, expondo *Amor materno*, *Menina com mascara*, *Prece*, *Cabeça de velho*, *Dyonisios* e *Sisyphos*.

Zaco Paraná é autor dos bustos de Elyseu Visconti (1933), do ex-ministro Francisco Sá, de Didi Caillet e de outros, dos grupos allegoricos da Camara dos Deputados, de varias e differentes trabalhos. E' esculptor que honra a arte paranaense,

João Turim, «estatuário e animalista, é autor de trabalhos notáveis». Delle se destacam: *La pietá*, *No Exílio* (premiado em Paris, em 1912), *Tiradentes* (menção honrosa de 1.º gráo no *Salão* em 1922), erguido em Curityba; *General Carneiro* (numa praça publica de Lapa), *Cão de caça*; hermas da professora Julia Wanderley e de Carlos Gomes e de *collaboração com Zaco Paraná* as de Emiliano Pernetta, Emilio de Menezes e Domingos Nascimento, na capital paranaense; numerosos animaes e baixos-relevos.

Entre os novos esculptores do Paraná destacam-se Daros, discipulo de Fred. Lange de Morretes e Celso Carneiro.

Artistas Sergipanos

As artes plasticas em Sergipe não podiam deixar de apresentar o mesmo augustoso panorama de quasi todas as demais unidades da Federação. Asphyxiando as melhores tendencias o mesmo desenteresse official, a mesma falta de comprehensão e de estimulo, a mesma ausencia de educação esthetica do povo.

As manifestações rebentam sensiveis á expansão neste ou naquelle ramo de arte ; mas se detioram ou se desorientam no amadorismo, á mingua de mestres e de escolas.

Como alguns Estados, a terra luminosa de Tobias, e Sylvio Romero trazia a gloriosa predestinação de dar á pintura nacional um grande pintor.

Deulhe Horacio Pinto da Hora, filho de Antonio Esteves de Souza e D. Maria Augusta da Hora e nascido a 17 de setembro de 1853.

Cedo despontou nelle a tendencia artistica, mostrando absoluta inclinação para a pintura, que procurou aprender, executando trabalhos que muito elogiavam.

Transportando-se para Aracajú, conseguiu do governo provincial uma subvenção e foi aperfeiçoar-se na França, estudando com Justin Lequieu, na Escola Municipal e na Escola de Bellas Artes.

Os progressos evidenciados durante as aulas foram consideraveis, em oito mezes merecendo o titulo de alum-

no modelo e o primeiro premio no concurso geral das escolas parisienses.

Em 1881 regressava a Sergipe e annos depois fazia uma exposição na Bahia, apresentando quarenta e tres telas, que a critica elogiou, destacando-o como um dos melhores pintores do tempo. No mesmo anno retornou á Europa, reencentando os estudos e conquistando novos premios (1876-1878).

Foi uma sensibilidade requintada, um verdadeiro artista que uma ardente paixão de amor destruiu na propria França, tendo morrido exclamando: *Loin de mon pays!*

Trabalhador, operoso, Horacio Hora que foi o maior pintor sergipano de seu tempo, deixou: *A Virgem*, copia do quadro de Murillo e existente na Cathedral de Aracajú; *Pery e Cecy*, inspirado no *Guarany*, de José de Alencar, pertencente ao Archívo Publico e Museu da Bahia, delie existindo em Sergipe uma copia feita pelo pintor sergipano Oséas Santos em 1920, por encommenda do governo estadual; *Miseria e Caridade*, na capella do Hospital de Caridade, de Estancia; *Folhas de outomno*, *As Bellas Artes* (natureza morta), *Rua Lafayette*, *Praia de Mangue Secco*, *Satyro e bacchante* (copia), além de numerosos retratos, paisagens, aquarella, oleo e carvão.

Horacio Hora morreu a 1.º de março de 1890.

Depois do eminente pintor e de Oséas Santos, surgiram outros, o maior e de mais renome sendo actualmente Jordão de Oliveira.

Vindo para o Rio, matriculou-se na Escola Nacional de Bellas Artes, tendo como professores Lucilio de Albuquerque, Rodolpho Chambelland e J. Baptista da Costa. Começando de expor no *Salão* obteve menção honrosa de 2.º gráo (1924), medalha de bronze (1926), pequena e grande medalha de prata (1928 e 1930) e Premio de viagem á Europa (1933).

No Velho Mundo, o jovem pintor viu museus, orientou-se, aperfeiçoou-se, apurando todas as suas qualidades artísticas. Quando regressou, expoz, mostrando ter aproveitado o premio, apresentando trabalhos que antes de chegar ao Rio mostrara norte, denotando todo o vigor de um colorista capaz de dar ao paiz um grande paisagista. Jordão de Oliveira faz o retrato e o genero com muito brilho.

Um jovem pintor sergipano discipulo de Jordão de Oliveira é J. Ignacio, bastante estudioso e trabalhador, do mesmo passo que Puresa Cardoso. Outro artista que se destaca é Autran Santana.

A esculptura esplende em Carlota de Camargo Nascimento Costa, alumna de R. Bernardelli. Dotada de grande sentimento artistico, com uma visão nitida da sua arte, appareceu no *Salão* (1933) como uma triumphadora, expondo *Desesperança* e *Femina* e depois *Jaguarary*, obras que vivem symbolos impereciveis, revelam imaginação, habilidade de modelado, sentimento e foga da banalidade brasileira esculptorica dos bustos.

E' nome que eleva Sergipe.

OS DE FÓRA

José Boscagli

Dos artistas que vieram de outras terras e se integraram no nosso meio, vivendo em communhão espiritual e fraterna connosco, imperdoavel seria esquecer o italiano José Boscagli. Retratista e paisagista, quando o vimos foi após uma longa permanencia nos sertões de Goyaz e Matto Grosso, em companhia do intrépido sertanista Candido Rondon.

Boscagli trazia de lá uma série de documentos inestimaveis ao estudo da ethnographia, representados nos retratos de indios Parecis e Nhambiquaras, que o soldado-catechizador ia attrahindo á civilisação. Pintados com boa technica, interpretados com fidelidade, esses trabalhos valem, sobretudo, como fixação característica da physionomia desta ou daquela tribu, com os seus costumes pittorescamente originaes.

Brasileiros e estrangeiros sabem levar em conta o valor da obra de José Boscagli, adquirindo-lhe télas para galerias e museus scientificos.

O operoso artista tem realisado varias exposições, mostrando ao lado dos seus aborigenes, paisagens e retratos que são do pincel de um verdadeiro pintor.

Gaspar Telles

Em 1913 chegou aqui Gaspar Telles, nascido em Fayal, nos Açores, Portugal. Estudara na Escola de Bellas Artes de Lisboa e no atelier de Eduardo Machado, mestre da scenographia lusitana e que o acolhera após a morte do paç. Gaspar aprimorou-se no desenho, fez-se artista de valor. Conquistou renome. Quando veio para o Brasil era chefe dos desenhistas da «Illustração Portugueza», da Empresa Editora do «Seculo», de Lisboa.

Desenhista, illustrador e aquarellista, incompreensivel retrahimento fel-o não conquistar destaque e renome. Só a custo appareceu. E fomos dos que o arrastaram a entrar em contacto com o nosso meio.

Gaspar Telles foi director artistico do «Correio da Manhã», fez cartazes como «Orestes», para o theatro da Natureza e o film nacional «O Guarany»; capas e illustrações para o «Fon-Fon», a «Illustração Carioca», a «Revista da Semana», a «Faladora», que dirigiu, e o «Futuro das Moças». Seus desenhos á bizzo de penna eram notaveis. Suas aquarellas, maravilhosas, como de verdadeiro mestre do genero. A natureza fizera de Gaspar Telles um artista, no que um artista possa reunir de intelligencia, de emoção e de bondade. Desenvolvendo sua actividade em nosso meio, ha apenas seis annos, falleceu repentinamente em dezembro de 1918, em Catumby.

Além das suas obras, deixou-nos um discipulo, Alberto Lima, director artistico da «Revista da Semana».

Corrêa Dias

Para fixar-se definitivamente no nosso ambiente, chegou ao Rio, em 1915, Fernando CORREIA DIAS de Araujo, natural de Penejoia (Portugal).

Desenhista, ilustrador, caricaturista, esculptor, decorador, ceramista e encadernador, Corrêa Dias allia-va sua mocidade á mocidade da sua arte jovialmente radiosa e vibrante á chamma de uma sensibilidade enternecedora.

Chegando após realizar em Lisbôa uma grande exposição de aquarellas, ceramicas e caricaturas encartadas de madeira, prolongou o seu exito expondo na A. B. I., no antigo edificio do «Paiz».

Em Portugal tinha dirigido a parte artistica das revistas «Agua» e «Rajada». Aqui, a sua arte subtil de illustrador conquistou logo admiração e não faltou escriptor carioca ou dos Estados que não procurasse ter um Ex-libris, um verso ou um livro feito ou illustrado pelo lapis primoroso de Corrêa Dias. Não o disputavam menos os jornaes.

Ceramista, voltou-se para a arte indigena de Marajó, estudando-a paciente e amorosamente, sentindo-a atravez dos seus symbolos e realisando ao depois a mais perfeita reconstituição e estylisação da arte marajouára, de que deixou no barro exemplares unicos e formosissimos.

Encadernador, executou encadernações de todos os volumes do Ministério das Relações Exteriores.

Durante vinte annos, o illustre portuguez trabalhou sem cessar, fez-se elemento nosso e creou uma arte nova e original — que só deixou de nol-a dar, quando a neurasthenia o matou a 19 de novembro de 1935.

Bruno Lechowski

Em 1926 chegou ao Paraná o pintor polonez Bruno Lechowski. Vinha talvez sem idéa de fixação, como o norueguez Alfredo Andersen. Pintou o Paraná, frio e brumal, com os seus verdes languidos e seu sol sem ardentias. Andersen ficou na sedução da terra ; Lechowski ampliou a sua ambição de conhecimento e percorreu S. Paulo, Minas, ficou no Rio, pintando, aquarellando a natureza nas horas e nos aspectos mais diferentes, afim de apprehender plenamente a nossa luz, o nosso verde, o nosso céu e o nosso mar.

Durante onze annos, Bruno Lechowski não tem feito mais do que ver, amar e pintar a natureza do Brasil, como se nessas tres coisas consubstanciasse todo o seu ideal no mundo.

Tem exposto varias vezes, como ainda agora, quando completa cincoenta annos de idade (1937) e executado milhares de estudos de côr, dos nossos campos e de aspectos das nossas cidades. Na Ilha de Paquetá viveu mezes transportando para o oleo e á aguatinta todos os deslumbramentos estivaes da Perola da Guanabara. E o que fez, num ou noutro genero, não é senão Paquetá com a sua luz propria, com as suas praias, os seus luares, o seu mar murmuroso, os seus jardins purpureamente floridos de buganvilles, a sua quietude e a sua poesia.

Bruno Lechowski serve á pintura brasileira com intelligencia e uma exaltada paixão de artista.

Helena Teodorowicz-Karpowska

Outro artista polonez que retivemos por pouco tempo, em 1935, foi Brandei, aguafortista distincto.

Já tão rapidamente não foi a permanencia de Helena Teodorowicz-Karpowska entre nós. Felizmente, porque se trata de uma pintora e artista de pleno conhecimento da sua arte e de rara sensibilidade.

Nascida em Wolyn (parte oriental da Polonia) e revelando evidente inclinação esthetica, estudou na Academia de Bellas Artes de S. Petersburgo, com o emerito professor Kardowski. Depois aperfeiçoou os estudos na Italia e na Hespanha e adquiriu o conhecimento da pintura classica, em que estructura a sua arte inteiramente pessoal. Desde 1920, Helena Karposwka expõe regularmente em Varsovia e Cracovia e tem tomado parte em exposições internacionaes, como membro da Associação dos Artistas Plasticos Wilnenses e da União Profissional dos Artistas Plasticos em Varsovia. Nessa cidade fez em 1932 uma grande exposição, para o Museu varsoviano tendo o governo adquirido varios trabalhos.

Laureada na exposição jubilar no Palacio das Bellas Artes de Cracóvia, recebeu depois uma medalha de prata de S. S. o Papa pelo retrato do Cardeal Marmaggi.

Os criticos do seu paiz escrevem sobre ella coisas assim :

«A technica e a construcção da Sra. Karpowska revelam um desenho exacto e audacioso, e uma grande preocupação da plastica. A composição é optima. Nos retratos e nas figuras, de extrema finura, sente-se que ella tem um certo constrangimento para com o modelo. Suas capacidades artisticas desenvolvem-se em grande escala. Trabalha com temperamento e fervor, o que denotam suas paisagens e aquarellas, feitas durante as viagens á Esthonia, Italia, Hespanha e Africa. Em suas relações com o universo sente-se o encanto da espontaneidade e um sentimento de serena e calma visão» (1).

Ou então :

«Em seus quadros, multiplos e de assumptos variados, a diversidade da factura e o modo de interpretar é phenomenal, original, impressionante. O expectador de suas obras, desde o primeiro quadro que contempla, sente-se invadido por uma emoção extranha ! Offusca a vista e é incrível, que os estudos de tanta diversidade na concepção e na forma sejam obra da mesma mão.

As creações dessa artista é como se fossem forças elementares, que impellem o expectador para mundos differentes.

São notaveis as vistas das cidades hespanholas. Os retratos de S. Emcia o Nuncio Marmaggi, do pae da pintora differem tanto do estudo «Lavadeiras», no colorido, na composição e na technica, que o expectador sente a necessidade de recorrer a autoridade do catalogo para certificar-se, que se tratam de trabalhos de uma mesma autora. Taes differenças mais se accentuam nas aquarellas e sanguineas».

Em 1936, vindo para o Brasil, a nossa terra causou-lhe o mesmo maravilhamento que prendeu o seu compa-

(1) Gózetka Waparska. Varsovia. 15 de maio de 1933.

(2) Wleciór Warszawski. Varsovia. 15 de maio de 1933.

triotra Bruno Lechowski. A luz brasileira despertou-lhe a mesma emoção fascinante e Helena Teodorowski-Karpowska procurou interpretar a nossa gente, principalmente a do interior, na faina agricola, nos seus costumes familiares e a nossa paisagem.

Retratista completa, figurista das melhores, fazendo o quadro a oleo com a mesma technica, a mesma intensidade vital e a mesma poesia com que interpreta as suas impressões na aquarella, no pastel e na sanguinea, a notavel pintora poloneza realisa uma obra de extraordinaria perfeição e extraordinaria belleza.

A exposição que realisou no Palacio Itamaraty para apresentação de numerosos retratos dos membros da Conferencia Pan-Americana de Buenos Ayres revelou plenamente as suas qualidades de pintora e de artista. No mez de junho de 1939 realizou uma exposição na Associação das Artistas Brasileiros, apresentando typos e costumes do Norte.

Ismailowitch

Dimitri Ismailowitch é dos pintores estrangeiros que se enfeitçaram pela nossa terra e nella se aclimaram. Russo, iniciou a vida artística depois da revolução vermelha de 1917. Após estudar nas escolas de bellas artes de Petrogrado, passou-se para Constantinopla, onde se demorou durante sete annos. Seguiu depois para a Grecia, onde a convite do governo executou varios trabalhos, realisando em Athenas algumas exposições. Percorreu em seguida varios paizes, vindo para o Brasil em 1927. Aqui tem realisado exposições e exercido o professorado particular, dando-nos discipulos que se destacam como dos melhores valores da arte moderna.

Singular retratista, infatigavelmente trabalhador, Dimitri Ismailowitch encantou-se pelo Brasil colonial, principalmente pelas nossas egrejas que vae fixando, como as de Minas, Bahia e Pernambuco. Busca as antigas e características, copiando-lhes as linhas architectonicas, dando as suas telas, ao mesmo tempo, um cunho de arte e uma expressão documental preciosa. Os nossos typos sertanejos e os nossos costumes provincianos, não têm merecido menos do pincel do eminente pintor russo, hoje completamente integrado na vida artística brasileira.

Colom

Francisco Puigdomeneck Colom, ou simplesmente, F. P. Colom, viveu longos annos no Brasil.

Nascido em Barcelona (Hespanha), em 1868, estudou na Academia de Bellas Artes local, revelando-se aquarellista e decorador primoroso. Com apenas vinte e dois annos deu para viajar, afim de conhecer novas terras e novas paisagens.

Chegou aqui e pelo genero da sua arte, não trabalhou como desejava. Era, porem, artista e não tardou que os seus meritos fossem reconhecidos. Impoz-se na decoração, sendo sua a da *Café*, no Largo da Carioca, a do *Café do Rio* e de varias residencias.

Expondo no *Salão*, onde obteve a pequena medalla de prata, em 1918, apresentou trabalhos admiraveis em aquarella e pastel. Bom desenhador, excellente colorista, de traço firme e boa technica, Colom executava a aguatinta com rara mestria e sensibilidade. Na exposição que realisou na Associação dos Empregados no Commercio reafirmou todas as suas qualidades artisticas, apresentando cento e tantos trabalhos nos quaes encantavam aspectos não só da sua patria, notadamente de Malhorca, Monsat e Cadaqués, como do Rio: *Morro de S. Carlos*, *Nuvens no Corcovado*, *Mangueiras*, *Dois Irmãos*, *Fazenda do Andarahy*, *Praia Funda*, *Lagôa Rodrigo de Freitas*, além de flores e fructos.

Prologando-lhe o catalogo, Alejo de Togares achava que elle sahia da vulgaridade dos aquarellistas que

actualmente não sabem dar a nota justa de côr, o que faz que a maior parte das vezes esta classe de obras esteja cheia de falsidades. Colom tem uma maneira especial de vêr á natureza que o distingue de todos os demais, sendo isso um estylo unico, proprio delle».

Aquarellista e decorador soberbo, Colom muito trabalhou e se distinguiu em nosso paiz, pela operosidade e pelo talento.

No dia 4 de julho de 1937, seriamente debilitado e enfermo, attendendo a um convite, foi á Escola Nacional de Bellas Artes, cujas escadas subiu penosamente. O excesso foi-lhe fatal. No andar superior, sentiu-se mal. Socorrido immediatamente, transportaram-no para a sua residencia á rua S. João Baptista, onde falleceu.

Lotte Benter Bogdanoff

Lotte Benter Bogdanoff, alemã, discipula da Academia de Cassel e do professor Bermewitz, surgiu no nosso meio como esculptora de alta estirpe. Sua arte é masculina e humana. Talhando a madeira ou o marmore, consegue tirar da materia inerte e bruta motivos que emocionam e extasiam. Varando o «hinterland» do Brasil, fixou um mundo de indios, como tem fixado a sociedade culta. O Salão deu-lhe medalha de bronze (1925), de prata (1926) e de ouro (1928). E' uma artista completa que fez do Brasil a sua segunda patria.

Paulo Gagarin

A imprensa noticiou ahi por volta de 1921, a chegada do Principe Paulo Gagarin, da morta dynastia dos Romanoff. Filho do Governador do Caucaso, estudára no Lyceu, depois na Universidade de Petrogrado, da qual sahira aos 23 annos para o serviço militar. Em 1911 fez parte da expedição russa á Asia Central (Altai). Foi enviado em fins de 1911 á França com o corpo expedicionario, tendo desembarcado após uma viagem de 100 dias pelo Transberiano, Mandchuria, Japão, Colombo, Djibuti, Suez, Porto Said, Mediterraneo e Marselha. Em 1912, participou da expedição á ilha de Java e em 1913 tentou uma viagem á volta do mundo... Em 1914, quando rebentou a conflagração européa, alistou-se voluntariamente na Escola Militar de Petrogrado, oito mezes depois sahindo official de artilharia pesada. Fez toda a campanha até 11 de novembro de 1918. Quando a revolução explodiu na Russia, aniquilando a dynastia reinante, Gagarin continuou a lutar com os aliados. Formou em seguida ao lado de Wrangel, combatendo os exercitos vermelhos. Ficando ao Deus dará, emigrou para a França e depois para o Brasil, onde chegou como copeiro do navio *Pelctas*, em novembro do anno acima citado, despertando demorados commentarios da reportagem maritima, que lhe recontava a vida de principe e os meritos de pintor.

Passado um anno, Paulo Gagarin expunha no *hall* da Associação dos Empregados no Commercio, não apresentando obra pouco acima da vulgaridade. Pro-mettia.

Fazendo-se pintor, Paulo Gagarin procurou a natureza, percorreu cidades, adaptou a visão ao ambiente e tem revelado que o contacto com as coisas nem sempre é inutil. Progride. Pinta com largueza e possui orientação muito pessoal, tudo que realiza sendo obra de persistente esforço e de uma teimosa procura de si mesmo na arte. E' d'elle proprio o depoimento: «Vim por *sympathia* pela terra. Aqui fiquei. A sociedade me recebeu com carinho. Senti bem, naturalizei-me brasileiro. Precisava, porem, trabalhar. E foi esta necessidade que me levou a fazer-me artista. Sou, porem, pintor devido ao ceu do Brasil, ao seu sol, ás suas côres. Foram os aspectos fantasticos da terra brasileira, que me despertaram o sentimento da pintura».

Nas exposições que já relizou mostrou conhecer bôa parte do nosso paiz, que é agora tambem seu. Figura no Salão e faz exposições individuaes. Paisagista, sua feição é para a pintura decorativa, de que nos tem dado sufficientes amostras.

Paulo Gagarin integrou-se plenamente no meio artistico brasileiro. E é um victorioso.

Pedro Campofiorito

Nascido em Roma, Pedro Campofiorito chegou ao Brasil muito joven, com vinte annos, aqui já residindo ha quarenta.

Até o anno de 1913 viveu em Belem do Pará. Por mais de dois lustros foi o decorador das tradicionaes festejos de N. S. de Nazareth e do carnaval paraense.

Vindo para o Rio começou de trabalhar, fazendo de inicio o quadro *O Cruzeiro do Sul*. Campofiorito foi alumno do Instituto de Belle Arti, de Roma, onde auxiliou Zeferino da Costa na execução dos cartões das decorações da Candelaria, como este tendo frequentado a Academia de S. Lucas.

Em 1937 realizou com exito uma apreciada *mostra* na Associação dos Artistas Brasileiros, expondo trabalhos a oleo e *afresco*.

Meinhard Jacoby

Escondidamente, entre as antiguidades de uma Galeria Erslinger que existiu á rua Almirante Barroso, em 1924 expunha o pintor austriaco Meinhard Jacoby. Discípulo de Jean Paul Laurens, Benjamin Constant e P. Hockens, o expositor evidenciava inteiro conhecimento da sua arte, forte e admiravelmente vivida, apresentando trabalhos a óleo, sanguinea, tempera e agua-forte.

Na Erslinger deixou ver que a natureza do Brasil o deslumbrara, resurgindo da sua palheta esplendidamente radiante e sentida. Era de nota -se a precisão, a justeza, o pittoresco e a poesia, com que o magnifico artista interpretava a nossa natureza e os nossos costumes, destacando-se os quadros *Roça de café*, *Córte de canna*, *Bananeiras*, *Vista sobre S. Christovão*, *Bambú* e outros. No retrato, Meinhard Jacoby era de extraordinaria mestria, confirmada depois no Salão, quando apresentou os do Sr. Julio Arp, do General Vidal e do ministro da Suíssa e na Galeria Jorge, fixando os ministros André Cavalcanti, Pires e Albuquerque e Hermenegildo de Barros e Evaristo de Moraes.

No salão de 1924, Meinhard Jacoby conquistava a grande medalha de prata e, no anno seguinte, a pequena medalha de ouro. Trata-se de um reputado artista, de uma individualidade de reconhecidos meritos. Depois de certa actividade e de admirações merecidamente

conquistadas, Meinhard Jacoby retirou-se para Mendes, Estado do Rio, onde vive, dedicando-se a pesquisas industriaes.

Outros artistas vieram de fóra no periodo de 90 até agora, demorando-se aqui, trabalhando connosco, ensinando. Alguns mesmo deixaram obras esplendidas nas quaes o nosso meio se reflete com justeza de côr e de detalhes.

Um delles foi Benjamin Parlagreco, nascido na Italia e chegado ao Rio em 1895. Era artista de pince-lada ampla e segura e agradavel colorido. No SALÃO de 1898 obteve medalha de ouro de 3.^a classe, figurando noutras exposições. Pintor de marinha e de paisagem, fez tambem o retrato. A Galeria da Escola possui delle *Bella Vista* (NAPLES) e *CAMINHO DO VESUVIO*.

Parlagreco falleceu nesta capital a 13 de maio de 1902.

Outro foi Carlos de Servi, tambem italiano. Ha varios annos vive entre nós, pintando, ensinando e expon-do nas exposições geraes, nas quaes conquistou meda-lha de ouro de 3.^a classe (1899) e grande medalha de prata (1912). Durante algum tempo permaneceu no norte, trabalhando, regressando depois ao Rio onde nin-guem ouviu mais falar nelle. Carlos de Servi é figuris-ta, retratista e decorador de merito.

Numa exposição que fez na Associação dos Empre-gados no Commercio, apresentou 86 quadros pintados no Rio, em Pernambuco, na Bahia, do Amazonas, in-clusive 36 pintados na Barra de S. João, terra de Casi-miro de Abreu e inspirados nos versos do languido poeta das *Primaveras*.

Em 1893, Virgilio Lopes Rodrigues, Eduardo Sá, Decio Villares e outros artistas cogitaram da fundação de uma Academia Livre de Bellas Artes. Para concre-

tisação da idéa, organisaram uma exposição que se realisaria nos baixos do Paço da cidade, hoje edificio dos Telegraphos. Enviou-se circular aos collegas que quizessem adherir á iniciativa, destinada a propulsionar as artes. Virgilio receberia os trabalhos. Um dia, veulhe ás mãos pequena tela fixando um trecho da Tijuac, admiravelmente pintado. Despertava admiração. Assignava-a Francisco Garcia Sant'Ollala.

Tratava-se de joven e talentosissimo pintor hespanhol. Nascido em Malaga, aprendera com Martinez de la Vega e na Academia de Bellas Artes, conquistando premios, sendo tambem pensionista do Estado. Certa vez lera num livro de escriptor nacional cousas tão maravilhosas sobre o Brasil, que para cá partiu. A bordo, encontrou-se com um patricio e fizeram camaradagem. Ao chegar, insistido pelo outro, fôra morar com elle. O amigo era um espectralhão. Vivia á custa das suas telas, que vendia nuna galeria da rua do Theatro, dando-lhe depois quanto entendia.

Sant'Ollala, que era pintor admiravel, tão bom paisagista como figurista, deixou o patricio e começou de trabalhar sosinho. Seus quadros impressionavam pela flagrante realidade, enquanto elle se fazia querer por excepçionaes qualidades de talento, de modestia e de bondade. Levado por um «protector», viu-se em dia em Varzea Alegre. Deram-lhe um barracão, em cuja porta pintou uma andaluza dançando e tocando castanholas. Em certa occasião, um cavalheiro do Rio que a vira, não se contivera e não se conteve enquanto a não comprou ao artista, arrancando a porta, que substituiu por outra.

Voltando para esta capital e vendo a miseria que com elle praticára o «protector», foi para um collegio da Tijuca, de onde enviou o quadro para a exposição que se não realisou, porque quando Virgilio chegára ao Paço, pela manhã, afim de enfeitar a sala de guirlandas

para a amostra, havia rebentado a revolta. Canhões postados no Caes do Pharoux aconselhavam os artistas a outras actividades...

Sant'Ollala fez-se, então, dos nossos. Trabalhava. Fazia cousas que hoje valem fortuna. Em 1894, concorrendo ao Salão, obtinha a medalha de ouro de 3.ª classe. Dessa época são os seus quadros «O pescador», adquirido para o Club dos Diarios, «A forja», «O poeta e o cantor», «Cascatinha» e muitos outros.

Sant'Ollala tinha uma paixão ardente pela nossa terra. Via-a com arrebatamento, amava-a com enternecimento. A nossa luz fascinava-o. Diante da nossa natureza fremia como um poeta pantheista. E esse amor transplantava para os quadros com a maior porção de sensibilidade.

Serriamente enfermo, depois de uma vida breve e cruelmente atormentada, Francisco Garcia Sant'Ollala recolheu-se á Casa de Saude Francisco Eiras, onde morreu a 4 de abril de 1895.

Em Virgílio Lopes Rodrigues encontrou o artista hespanhol um amigo de todas as horas. Não o abandonou nunca, amparou-o sempre. Levou-o a enterrar e ainda hoje o recorda com indisfarçavel emoção.

Alludindo aos artistas «de fora», não se pode esquecer Sant'Ollala. Elle foi dos mais brilhantes que pintaram o nosso ambiente e amaram a nossa terra.

Rio de Janeiro — 1938.

Notas

Ao ser inaugurado em 1909 o novo edificio da Escola Nacional de Bellas Artes, na Avenida Central, depois Rio Branco, vinda do edificio que lhe fizera Grandjean de Montigny e o carmatello já destruiu, como se o fizesse a qualquer edificio sem arte e sem historia, o director Rodolpho Bernardelli, querendo prestar homenagem á memoria dos artistas francezes da Missão Lebreton, enviou, por intermedio do reputado historiadador Affonso d'Escragnoille Taunay, descendente illustre de um dos emigrados de 1815, uma mensagem ao notavel pintor Léon Bonnat, director da Escola de Bellas Artes da França. Bernardelli recordava o nome e a obra dos membros da Missão escolhida pelo marquez de Marialva, salientando-lhe os serviços prestados ao Brasil e demonstrando «a solidariedade existente entre a arte nacional e a franceza, a que tanto se prende». A mensagem foi entregue a 30 de outubro de 1909, tendo Bonnat agradecido a homenagem prestada, muito mercidamente, por Bernardelli.

O «risco» do Passeio Publico é devido ao Mestre Valentim, que o fez por ordem do vice-rei Luiz de Vasconcellos. O logradouro, com o lindo terraço e os pavilhões lateraes decorados por Xavier das Conchas e José Leandro, foi aberto ao publico em 1783, passando

depois por varias transformações. Em 1806, o jardineiro-paisagista Francisco M. Glaziou reformou-o, no recinto, em frente á rua do Passeio, erguendo a propria residencia. Terminada a reforma em 1862, ainda hoje o famoso jardim soffre modificações dos entendidos e esthetas... Do tempo de Valentim guarda elle apenas a linda «Fonte dos jacarés» e os obeliscos «Saudade do Rio» e «Ao amor do publico». Um dia não restará nem isso...

A Sociedade Brasileira de Bellas Artes tem a sua expressão na vida artistica nacional.

Um grupo de artistas jovens fundou a 10 de agosto de 1910, o Centro Artistico Juventas. Nove annos depois de vida trabalhosa e fecunda, na séde provisoria no Lyceu de Artes e Officios, em assembléa memoravel, passou a chamar-se Sociedade Brasileira de Bellas Artes, sendo seu 1.º presidente o architecto Raphael Paixão, que o deixara de ser na Juventas. Cuidou-se do intercambio artistico do Brasil com a Argentina e o Uruguay, partindo para as duas republicas os pintores Georgina e Lucilio de Albuquerque; cria um movimento que trouxe como consequencia a lei contra o exodo de objectos antigos de arte; marasma e resurge de novo, em 1921, installada á rua Uruguayana, 22, tratando da repatriação dos restos mortaes de Manoel de Araujo Porto-Alegre, o que ocorre annos depois. E' presidente o dr. Bruno Lobo. Promove, a pedido, uma exposição de pintores austriacos, ainda em difficuldades em virtude da guerra. No anno seguinte, 1922, é considerada de utilidade pelo governo federal. Estabelece concursos e cuida de ter um órgão official. Em 1924 abre um concurso de «maquettes» para a decoração externa do edificio da Camara dos Deputado; José Marianno Filho, successor de Bruno

Lobo commissiona o architecto Nereu Sampaio, afim de colligir em S. João d'El-Rey documentos sobre a arte colonial, o que fazem tambem depois os architectos Lucio Costa e Nestor de Figueiredo; homenagea o pintor francez Guirard de Scevola, commemora brilhantemente o centenario da creação do ensino artistico no Brasil, inaugurando uma placa na Escola N. de Bellas Artes; soluciona a discordia entre as duas associações de architectos. A 4 de junho de 1925 inaugura o seu primeiro curso livre de modelo vivo; um anno depois apresenta suggestões á lei que regula a entrada de obras de arte no paiz, defendendo os interesses dos artistas brasileiros, pede ao governo que sejam creadas escolas de desenho em todos os Estados, suggere que nossas praças e jardins sejam ornamentados com esculturas de artistas *nacionaes* e aos *governadores* a creação de museus de arte. Festeja o 4.º centenario do fallecimento de Alberto Durer, inaugura no dia 11 de agosto de 1928, no Passeio Publico, a herma de Pedro Americo. Em 1929, a Sociedade passa horas difficeis, chegando-se a falar na sua dissolução, o que se não dá, elegendo-se presidente o pintor Marques Junior. Sem subvenção, com poucos socios, sem séde, a Sociedade reage. O esforçado presidente recorre ao professor Corrêa Lima, director da Escola, que lhe cede o angulo das ruas Porto Alegre e Mexico para nelle installar a Sociedade. Ha um sopro de vida nova. Enthusiasmo. Faz-se sala de exposições, restabelece-se o curso de modelo vivo. Em 1929 solicita ao Ministro da Fazenda a revogação das disposições que impunham taxas ás obras de arte, — pintura a oleo e aquarella — consideradas como adorno e seus autores como fabricantes. Apresenta ao Ministerio do Exterior, que lh'as solicitara, as bases de um concurso de baixos-relevos destinados á decoraçáo do novo Archivo e da Bibliotheca do Itamaraty e solicita ao governo de Pernambuco a manutenção de premio de dez

contos de reis, instituído pelo Estado ao melhor trabalho exposto por artista pernambucano. Em agosto de 1931 empossa-se a directoria presidida pelo escultor Humberto Cozzo. Do dr. Mario de Oliveira recebe a Sociedade além de vultoso donativo em dinheiro, uma mobília de estylo oriental; inaugura a sua galeria permanente, presta homenagem ao glorioso artista Antonio Parreiras, por occasião do seu jubileu (1933), inaugurando-lhe uma placa em sua residencia de Nictheroy e entregando-lhe uma mensagem illustrada por Armando Vianna. No mesmo anno assume a presidencia o escultor Corrêa Lima, que exerce o mandato até 1935. Reformou os estatutos, melhorou consideravelmente a sêde, realizou exposições, inaugurou no Passeio Publico, a herma de Rodolpho Bernardelli, fez a exposição commemorativa do jubileu da Sociedade (1935) e organisou uma «plaquette», em que resumiu a sua vida. Nestes 27 annos de existencia, tem a prestigiosa Sociedade Brasileira de Bellas Artes prestado os melhores serviços á arte nacional e aos artistas, máo grado á falta de auxilio por parte dos poderes publicos, que consentiram até na sua depredação e sahida violenta do edificio da Escola.

Presidiram-na depois o architecto Raphael Paixão e o pintor Euclýdes Fonseca.

Foi seu penultimo presidente o illustre pintor Jordão de Oliveira, que tudo fez para que a Sociedade, prestigiada e sem fraquezas, pteenchesse plenamente a sua finalidade.

Em agosto de 1938 empossou-se a ultima directoria, assim constituida:

Manoel Ferreira de Castro Filho, presidente; Cornelio Penna, vice-presidente; Jurandyr Paes Leme, 1.º secretario; Cadmo Fausto, 2.º secretario; Martinez Vidal, 1.º secretario e Manoel Santiago, 2.º secretario.

São em numero de 22 os medalhões *a fresco* de Henrique Bernardelli, collocados na fachada da Escola Nacional de Bellas Artes, graças á determinação do Presidente Epitacio Pessoa, e cuja ordem é a seguinte : á esquerda da entrada, na parte lateral do edificio, busto de D. João VI e o seu ministro o Conde da Barca. Em continuação, na parte da fachada que dá para a Avenida, da esquerda para a direita, os retratos de : Grandjean de Montigny, architecto do antigo edificio da Imperial Academia, depois Ministerio da Fazenda e agora destruido ; Nicoláu Taunay, J. B. Debret, Zeferino Ferrez, Marcos Ferrez, Feliz Taunay, Joaquim Lebreton, chefe da Missão Franceza e director da Academia e D. Pedro I. Do outro lado da porta central, seguem-se os retratos de D. Pedro II, Bethencourt da Silva, Pedro Americo, Victor Meirelles, Agostinho da Motta, Chaves Pinheiro, Antonio de Padua e Castro, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Maximiano Mafra e do lado lateral da fachada, Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant.

Nome que só uma vez vimos citado na chronica das nossas artes, é o de Bragaldi. Das exposições geraes esteve sempre ausente. De sua autoria são um painel da igreja do Bom Jesus do Calvario, representando a Santa Cruz e a decoração do tecto da ex-sala do Throno (hoje sala da Congregação do Museu Nacional), na residência da Quinta da Boa Vista, pintado em 1860 e sobre o qual ha esta referencia : «essa decoração é a mais rica de quantas existam nesta capital, e foi obra admiravel de Bragaldi — tão admiravel e com tal genio trabalhada que só poderá, talvez, soffrer confronto com a maravilhosa decoração que havia no tecto da Bibliotheca da antiga Academia Imperial de Bellas Artes».

Ignora-se quando chegou ou deixou o Brasil, como acontece com José Vedras, de quem ha um retrato na igreja de Bom Jesus, de José de Souza Barros, pintado em 1839 e Emilio Bauch, que pintou retratos da familia dos barões de Nova Friburgo e destes, era Cav. da Ordem da Rosa e figurou na exposição geral de 1860. De Bauch encontrou o dr. Pandiá H. de Tauthœus Castello Branco, illustre bibliothecario do Archivo Nacional, no escriptorio de uma empresa de terrenos nos suburbios, a oleographia de um esplendido panorama do Rio, pintado em 1840 e que se acha naquelle notavel estabelecimento.

A imprensa pernambucana reclamou varias vezes contra o abandono em que se encontrava (e talvez se ainda se encontre), a igreja dos Prazeres, erguida nas collinas dos Guararapes e «que assignal-a os feitos decisivos da guerra hollandeza. Em acção de graças pelos dois combates ali travados (1648 e 1649), o governador geral, Francisco Barreto de Menezes, edificou uma capella, cuja guarda confiou aos beneditinos, que em 1782 a transformaram em igreja. Dois grandes paineis representam os combates memoraveis. Um delles tem a seguinte legenda :

«Pequena representação da ventura que hoje logrou no Brasil seus naturaes, por especial favor da Virgem Maria Mãe de Deus, cheia de prazer, com que seu divino empenho moveu os animos dos antepassados nossos, que segundo a disciplina do governador geral Francisco Barreto de Menezes, á astuciosa intelligencia do mestre de campo João Fernandes Vieira, e ao valor do mestre de campo André Vidal de Negreiros, se viram nestes montes dos Guararapes copiosos rios de sangue, com que o barbaro hollandez pretendia destruir o pe-

queno numero que havia, porém, se viram em poucas horas com 3.000 homens mortos, e da nossa parte com 40, e assim foram destruidos, e nós triumphantes aos preparos de Maria, tudo lhe devemos, e a vós, ó Virgem Santissima, nos restaurastes, e cheios de jubilo vos damos mil louvores. Os herois portuguezes foram: 1. o general Francisco Barreto de Menezes; 2. mestre de campo, João Fernandes Vieira; 3. André Vidal de Negreiros; 4. governador dos indios, d. Antonio Filippe Camarão; 5.º governador dos pretos, Henrique Dias. E dos hollandezes; 6. O general Sigismundo; 7. o coronel Brinck; 8. Coronel Vaneles; 9. Coronel Hevert; 10. Coronel Guilherme Haustin; 11. Henrique Hass.

Feitos no anno de 1801, sendo o sr. d. abade o muito reverendo padre mestre ex-provincial frei Luiz da Assumpção, e administrador desta capella o muito reverendo padre mestre ex-definidor e terceiro provincial».

A do outro é esta:

«Aos 18 de fevereiro de 1649 se viram estes montes matizados de uma risonha primavera, com que se adoraram seus espaçosos valles, pois na pompa com que o tragoou o hollandez este dia, prodígios foram de sua ruina e annuncio de sua desditosa sorte.

Quando esperavam vencer cheios de alegria se achavam no tumulto de maior sentimento: os grandes favores da Mãe de Deus como que sua protecção nos mostrou, que marchando o barbaro hollandez com o numero de 12.500 homens, a da nossa parte entre brancos, indios e pretos, enchiam o numero de 2.600. Fortuna que só maginava os nossos corações, a nossa santissima fê, e com ella dirigindo os louvores a nossa Mãe Santissima; sahimos triumphantes e não vencidos: numero 1.º, general Francisco Barreto de Menezes; 2.º mestre de campo André Vidal de Negreiros; 4.º governador

dos indios, d. Antonio Felippe Camarão ; 5.º governador hollandez Segismundo ; 7.º coronel Vanderbrand e 8.º coronel Olaz.

Estes são os herois que a fama nos apresenta, aquelles libertadores da patria, estes perseguidores dos templos. A quem, se não vós, ó Divina Maria, devemos esta victoria ».

E rematava a imprensa :

«Pois bem : não só esses documentos valiosos, como tudo mais na igreja dos Guararapes, estão entregues ao mais lamentavel descaso. As legendas vao-se corroendo, o cupim ataca o madeiramento, os morcegos têm ali o seu habitat e as proprias alfaias se acham cobertas de pó». Taes paineis se encontram hoje sob a guarda do Instituto Historico de Pernambuco.

Theodoro Braga, que exerce o professorado na Escola de Bellas Artes, no Lyceu Franco-Brasileiro e no Mackenzie College de S. Paulo, onde reside no bairro de Pacaembú, numa casa que construiu toda em estylo marajouara, é autor de varias obras, dentre as quaes se destacam : *A fundação da cidade de N. S. de Belém, do Grão Pará* (1908), *O Município de Breves* (1911), *Apostilas da Historia do Pará* (1916), *Guia do Estado do Pará* (1916), *O Ensino do Desenho nas cursos tecnico-profissionais* (1925), *Diccionario Geographico, Historico, Ethnographico, Estatistico e Biographico do Estado do Pará* (1906-1930), *Problemas usuaes de desenho linear e geometrico* (1930), e duas séries de obras sobre arte decorativa e didacticas.

Em 19 de abril de 1938, falleceu o professor João Ludovico Maria Berna, cathedratico jubilado da Escola Nacional de Bellas Artes e decano dos architectos brasileiros. Nascido no Rio em 1862, filho do esculptor da Casa Imperial, José Berna, foi discipulo de Bethencourt da Silva e obteve o premio de viagem á Europa, após concurso, em 1887. O maior premio da Academia obteve-o com o projecto do Palacio do Forum, que se não executou. Lecionou tambem no Lyceu de Artes e Officios e militou na imprensa. Coube-lhe a satisfação de construir em 1900, o mais alto edificio da cidade, o do *Jornal do Brasil*, empregando, pela primeira vez, o cimento armado, pelo que mereceu remoques e elogios.

Depois de entregues á Companhia Editora Nacional os originaes deste livro, perderam as artes plasticas os artistas seguintes, que nelle figuram: o laureado esculptor Antonino de Mattos, 7 de dezembro de 1938; em 4 de julho de 1940, Benevenuto Berna, filho do esculptor italiano José Berna que veiu ao Brasil em 1874, nascido nesta cidade, na antiga rua da Ajuda, em 1868 e decano dos nossos esculptores; em Napoles, a 11 de janeiro de 1939, o joven pintor paulista Antonio de Padua Dutra, nascido em 1916, pensionista do Conselho de Orientação Artistica de S. Paulo e em cuja memoria o Salão Paulista de Bellas Artes de 1939 expoz: *Minha mãe*, *Menina de sitio*, *Desconfiada*, *Natureza morta*, *Rosinha improvisada* (agua-forte), *Egreja do Espirito Santo* (Florença) e *Ponte vecchio* (Florença); o professor Lucilio de Albuquerque, em 19 de abril de 1939, deixando uma obra fulgurante e consideravel; José de Carvalho Del Vecchio, pincelista consciencioso, em 31 de julho de 1940 e em 3 de agosto de 1940, o pintor Giuseppe Gargalhoni, italiano, radicado ha longos annos em nosso paiz.

BIBLIOGRAFIA

- ACCACIO FRANÇA. — *Diário Official*, da Bahia. — Edição especial do Centenario. 2 de julho de 1923.
- AFFONSO D'ESCRAGNOLE TAUNAY. — *Houve realmente, em 1816, uma missão artistica?*
- AMADOR BUENO. — *Pintores e Escultores*. — «Jornal do Brasil». 7 de setembro 1922.
- ARAUJO VIANNA. — *Das artes plasticas no Brasil*. — (1915).
- «Brasil Artístico». — Rev. da S. P. das Bellas Artes. — Rio, 1911.
- ARCEU GUIMARÃES. — *As artes plasticas no Brasil e Sereia Scandinava* (1934).
- AYRES GAMA. — *Noções de Bellas Artes*. — Recife, 1893.
- BARÃO HOMEM DE MELLO. — *Escriptos*. — (1875).
- BARÃO DE RAMIZ GALVÃO. — *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*. — (1881).
- FELIX FERREIRA. — *Bellas Artes*. (1885).
- GEORGIO VASARI. — *Analyse critica da «Batalha de Campo Grande» e do «Combate de Riachuelo»*. (1872).
- GONZAGA DUQUE. — *Arte Brasileira*. (1888).
- IDEM. — *Contemporaneos*. (1929).
- H. CUNHA MELLO. — *Apointamentos de historia da arte brasileira e a Pinacotheca de Bellas Artes*, em publicação na revista «Bellas Artes». — Rio, 1937.
- Bellas Artes, em 28 de maio de 1937.
- JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. — *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*.
- Jornal do Commercio* de 27 de novembro de 1927. — Rio.
- JOSÉ CESAR BORDA. — *Quivindo o depoimento de uma geração*. — «Diario da Manhã». — Recife, 6 de junho de 1937.

- LAUDELINO FREIRE. - *A pintura no Brasil*. - «Jornal do Comercio», de 5 de março de 1916.
- MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. - *Memorias sobre a antiga Escola de Pintura Fluminense*. - Rev. do Instituto Historico. (1845).
- MANOEL BANDEIRA. - *Um grande artista pernambucano*. - «Anuario Pernambucano» (1934).
- MANOEL QUERINO. - *Artistas bahianos*. - (1923).
- MARIO DE ANDRADE. - *O Aleijadinho e Alvares de Azevedo*. - S. Paulo, 1935.
- MELLO MORAES FILHO. - *Artistas do meu tempo*. (1904).
- MOREIRA DE AZEVEDO. - *Pequeno panorama* (1867) e *O Rio de Janeiro*, 1877.
- MOREIRA DE VASCONCELLOS (A) - *Diccionario Biographico dos Artistas Brasileiros*. - Inedito.
- MOTTA MAIA. - *O Conde de Motta Maia*. (1937).
- NEGUEIRA DA SILVA. - *Pequenos estudos sobre arte e Artistas de Hoje*. (1925).
- NOTICIA do Palacio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro. (1852).
- RANCEL S. PAIO. - *A Batalha dos Guararapes, seu autor e seus criticos*. (1880).
- RICARDO SEVERO. - *Da architectura colonial brasileira*. - «O Estado de S. Paulo», - 7 de setembro de 1922.
- RONALD DE CARVALHO. - *As artes plasticas no Brasil*. - «Estado de S. Paulo» de 22 de setembro de 1922.
- VICENTE LICINIO CARDOSO. - *Philosophia da Arte*. (1935).
- WALDEMAR GEORGE. - *Lasar Segall*. - Paris.

INDICE

Prefacio	11
Origens	15
Pirtores holandezes	20
A Escola Fluminense	26
A Missão Lebreton e a Imperial Academia de Bellas Artes	39
Ermilio Taunay, Cicarelli, Correia de Lima, Bernardelli, Barandier, Francisco Moreaux, Augusto Muller, Buvelot, Luiz Stalloni, Reis Carvalho, Viriato de Freitas, Hildebrand e João Baptista Borely	56
Barros Cabral, Mendes Carvalho, Mello Côrte Real, M. Mafra, N. Bautz, Freire, J. M. Heaton, Crumholz, Antonio Nery, Alves de Britto e Caetano Ribeiro	65
Grandjean Ferreira, Poluceno Manoel, Delphim da Camara, Tirone, Rocha Fragoso, A. Souza Lobo, A. J. da Rocha, Agostinho da Motta, Taglibue, Piccozzi, Biard e Carlos do Nascimento	69
Nicola J Facchinetti, Arsenio Silva, Viner, Henrique Fleiuss, E. de Martini, Perret, Leoncio Vicira, Steffen, Carlos da Lacerda e Angelo Agostini	76
Zeferino da Costa, Almeida Junior, Rodolpho Amêdo, Decio Villares, Aurelio de Figueiredo e Benedicto Calixto	86
Manoel de Araujo Porto-Alegre	105
A. R. Duarte, Thomaz Driendl, Treidler e Jorge Grimm	115
Discipulos de Grimm	119
Victor Meirelles e Pedro Americo	123
II. Bernardelli, J. M. de Medeiros, Pedro Péres, Belmiro de Almeida, F. Monteiro, Pereira Reis e Irineu de Souza	138

P. Weingartner, Estevam Silva, Emilio Rouéde, Leopoldino de Faria, Pagani, Isley Pacheco, G. James, Franco de Sá, Villaça, Nunes de Paula e Francisco Carlos Pereira	144
M. Brócos, Canyzares, Ernesto Papf, A. Petit, Felix Bernardelli, Bandeira e Christophe	150
Raphael Frederico, P. Alexandrino, G. Dall'Ara, Luiz de Freitas e Valle	154
João Baptista da Costa, Elyseu Visconti, Roberto Mendes, Oscar Pereira da Silva, Virgílio Lopes Rodrigues e Daniel Bérard	159
Fiuzza Guimarães, Arthur Lucas, Eugenio Latour, Lucilio de Albuquerque, F. Machado, Helios Seelinger, Jorge Mendonça, Evencio Nunes, Isaltino Barbosa, R. Chambeland, H. Malagutti, João e Arthur Thimoteo da Costa e Manoel Madruga	166
H. Cavalleiro, Eduardo Bevilacqua, André Vento, Raul Deveza, Hermogenes Marques, Dias Junior, A. Vianna, Manoel Faria, M. Santiago e Argemiro Cunha	180
Baptista da Costa e Antonio Parreiras	191
Pedro Bruno, Navarro da Costa, L. Fanzeres, C. Chambeland, Berdon, G. Bicho, C. Oswaldo, L. Gotuzzo, Paula Fonseca, Marques Junior e Domenech	203
Almeida Junior, Oswaldo Teixeira, Garcia Bento, Vicente Leite e Puga Garcia	219
Arte moderna	227
Pintura feminina	235
Arte decorativa	244
A esculptura	254
Architectura	278
Medalhistas	287
A Escola Bahiana — <i>Hontem e Hoje</i>	297
A arte em Minas Geraes	316
Arte pernambucana	326
A pintura e a esculptura em Alagoas	338
No Paraná	348
Artistas sergipanos	353
Os de fóra	356
Notas	375
Bibliographia	385



Café, de Candido Portinari.

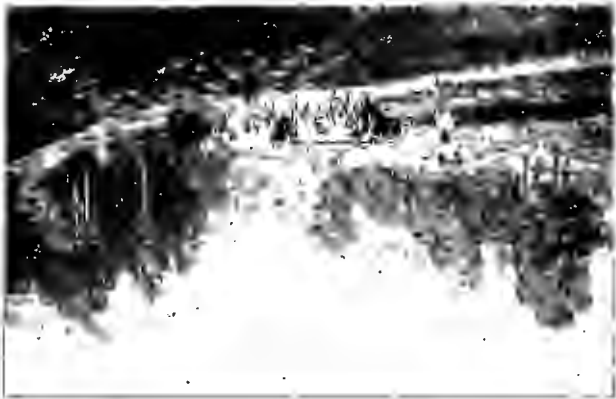


José Martí de Melloiros (1845-1925).
Museo Nacional de Bellas Artes



O último suspiro, de Rodolfo Amoedo.
Museu Nacional de Bellas Artes.

Fim de jornada, de J. Baptista da Costa — (1895-1920).





Sapncarciras engalanadas, de J. Baptista da Costa — (1865-1926).



Gorimpo, desenho para o afresco de Candido Portinari,
no Ministério de Educação e Saúde.



"Mater", de Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Bellas Artes.



O derrubador brasileiro, de Almeida Junior — (1850-1899).
Museu Nacional de Bellas Artes.



H. Bernardelli, por Sarah Villela de Figueiredo